OBRAS
POETICAS.

OBRAS
POETICAS

DE

FRANCISCO DIAS GOMES:

MANDADAS PUBLICAR

POR ORDEM

DA ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS,

A BENEFICIO

DA VIUVA E ORFAÕS DO AUTHOR.

LISBOA

NA TYPOGRAPHIA DA ACAD. R. DAS SCIENCIAS.

ANNO DE 1799.

Com licença de S. A. R.

ARTIGO

EXTRAHIDO DAS ACTAS

DA

ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS

DE 18 DE OUTUBRO DE 1797.

DETERMINA *a Academia Real das Sciencias, que as* Obras Poeticas de Francifco Dias Gomes, *que foraõ julgadas dignas da luz publica, fe imprimaõ á fua cufta, e debaixo do feu Privilegio a beneficio da Viuva e Orfaõs do Author. Em fé do que paffei a prefente Certidaõ. Secretaria da Academia Real das Sciencias aos* 20 *de Setembro de* 1799.

FRANCISCO DE BORJA GARÇÃO STOCKLER
Secretario da Academia.

BRE-

BREVE NOTICIA

DA VIDA, E OBRAS DO AUTHOR.

FRANCISCO DIAS GOMES Author das Poesias, que hoje sahem á luz publica neste volume, nasceu em Lisboa no anno de 1745. Fôraõ seus Pais Fructuoso Dias, Commerciante de mercearía, e Vicencia Gomes, pessoas de mui regular e honesto procedimento, e assaz cuidadosas da educaçaõ moral de seus filhos. (*) Como este annunciasse desde muito

(*) Do disvelo que a Mãi de Francisco Dias Gomes tivera na sua educaçaõ moral, e mesmo na sua instrucçaõ litteraria, nos deixou elle hum authentico testemunho no Canto II. do Poema das Estações do anno, do qual adiante fallaremos; e suposto que a passagem, aonde assim o pratica, seja algum tanto extensa, como este Poema por fallecimento do Author ficou incompleto, e he muito provavel que a parte d'elle, que deixou acabada, jámais saia á luz publica por meio da impressaõ, transcreveremos aqui as Oitavas, em que elle penetrado dos mais vivos sentimentos de ternura filial tributa á memoria de sua Mâi este sincero sinal do seu reconhecimento. O Poeta no mencionado Canto do seu Poema tratando da enxertia das arvores fructiferas, quando chega a fallar dos camoezes, fructo que o termo de Obidos, e especialmente o Reguengo Grande produz em muita abundancia, e de excellente qualidade, lembrado de que neste mesmo Paiz sua Mãi nascèra, e morrèra, exclama assim:

me-

menino diſpoſições taõ favoraveis para a cultura das letras quanto ſe póde inferir das Elegias XIII, XIV, XV, e XVI; a primeira

---

Oh Pomo ſalutifero e innocente,
Nos amenos vergeis, que té produzem
Aquella alma naſceu pura, excellente,
De quem meus triſtes dias ſe deduzem:
Seu geſto amavel reſplendor fulgente
Das Virtudes, que aos aſtros me conduzem,
Entre as ſagradas ſombras ſe educáraõ,
Das quaes claro ornamento ſe oſtentáraõ.

No voſſo gremio, oh ſombras deleitoſas,
Livres do Mundo avaro em paz deſcançaõ
As adoradas cinzas ſaudoſas,
Por quem meus olhos de chorar naõ cançaõ:
Que as minhas ſaudades pezaroſas
Noite e dia me aſſaltaõ, nem ſe amançaõ,
Nem deſcem de ſeu auge hum leve ponto,
Por mais que chore lagrimas ſem conto.

E que a taõ vivo exceſſo ſe elevaſſe
A minha inexoravel deſventura,
Que os olhos maternaes me naõ deixaſſe
Com pia maõ fechar... aſpera e dura!
Ah! tanto alli chorára que exhalaſſe
A triſte vida em fim de magoa pura,
E por ti com voz flebil e cançada
Chamára ſem ceſſar, Mãi adorada.

Nas Virtudes, que tanto cultivaſte,
E que em ti ſanto asylo conſagráraõ,
A minha alma ſollicita educaſte,
E ſeus raios benignos me illuſtráraõ,
Tu ao Templo das Muſas me guiaſte,
Que no fogo da gloria me inflammáraõ,
E que me prometêraõ claro aſſento
No Templo do immortal Merecimento.

das

das quaes compoz tendo 14 annos de idade, e naõ dez como elle por inadvertencia affirma

---

Por ti fui da ignorancia libertado,
Que o profundo ſaber em nada eſtima,
Antes perſegue com rancor irado,
Que nem ſempre ſe vê quem o reprima.
Se eu ſou das Santas Muſas inſpirado,
Se poſſo alguma couſa em proſa, ou rima,
Tu terás, cara Mãi, perpetua vida,
E em meu Canto ſerás aos Ceos erguida.

Mas naõ foi eſta a unica vez que Franciſco Dias empregou os ſeus talentos Poeticos em celebrar as virtudes de ſua Mãi. Entre os ſeus papeis encontrei hum Soneto, que em louvor d'ella eſcrevêra no dia anniverſario do ſeu naſcimento. Naõ he certamente hum modello no ſeu genero, mas ſendo mais hum teſtemunho do amor filial do noſſo Poeta, para com ſua Mãi, naõ ſe nos eſtranhará, que o tranſcrevamos tambem neſta Nota. He o ſeguinte:

Com doce canto, angelica harmonia
As Virtudes eſtaõ no Ceo cantando,
Teu naſcimento alegres celebrando,
Oh Cara Mãi, teu natalicio dia.

Penetradas de altiſſima alegria
Teu juſto Coraçaõ, teu geſto brando
Nas azas do Louvor vaõ levantando:
Celeſte ſom, divina melodia!

Padre celeſte, dizem, Santo, Santo
Mais que todos os Santos ah! deſterra
Do peito de Vicencia a dor, e o pranto.

Pois que em ſua alma tanto bem ſe encerra,
Conſerva-lhe da vida o fragil manto
Para morada noſſa lá na Terra.

no preambulo das Notas á mefma Elegia, (*) feu Pai o foi educando com o deftino de o habilitar para os empregos da Magiftratura Civil. Com efte intento o fez applicar a todos os eftudos menores, que o Senhor Rei D. Jofé havia eftabelecido na fua reforma da Inftrucçaõ Nacional, e que ao depois no Eftatuto dado por aquelle Monarca á Univerfidade de Coimbra vieraõ a fer os preliminares de quafi todas as Faculdades, de que ella fe compoem, e que efpecialmente o faõ das duas Faculdades Juridicas.

Francifco Dias fez eftes eftudos pela maior parte nas Efcolas da Congregaçaõ do Oratorio, á excepçaõ da Rhetorica e Poetica, que eftudou debaixo da direcçaõ do Profeffor Regio Pedro Jofé da Fonfeca, procurando com difcernimento naõ ordinario na fua idade ouvir fempre as lições d'aquelles Meftres, que na opiniaõ geral eraõ reputados por mais benemeritos.

Quando apenas tinha começado o eftudo do primeiro anno de Leis na Univerfidade, hum Tio do feu mefmo nome, homem abona-

(*) O anno em que aconteceu o trifte fucceffo, que o Author menciona no preambulo das Notas á Elegia XIII, foi o de 1759: e como elle nafceffe no de 1745 em o mez de Março, como confta da Certidaõ do feu Baptifmo, he fem duvida, que tinha 14 annos; e que fó por inadvertencia podia affeverar pofitivamente o contrario.

do,

do, e que como tal gozava de grande authoridade na ſua Familia, o deſviou da honroſa carreira, para que ſeu Pai o havia deſtinado. Eſte homem, que deveras ſe intereſſava pela felicidade dos ſeus parentes, e que fazia conſiſtir a propria nas commodidades da vida e no ſocego do eſpirito, naõ podendo comprehender, que a cultura d'eſte foſſe capaz de facilitar aos ſeres racionaes huma nova ordem de prazeres deſconhecidos dos ignorantes, procurou convencer o Pai do noſſo Poeta, de que devia antepôr o eſtabelecimento ſeguro e tranquillo de ſeu filho, poſto que humilde, a hum genero de vida, em que os proveitos, por quanto honroſo elle ſeja, ſaõ de ordinario eſcaſſos e incertos, e em que a conſciencia ſe acha frequentemente expoſta a combates perigoſos.

Fructuoſo Dias, que deſtituído como ſeu irmaõ de todos os conhecimentos, que naõ ſaõ ſimples reſultado da pratica ordinaria do Mundo, ignorava como elle, que na ordem das couſas humanas houveſſe outros bens além da ſatisfaçaõ das neceſſidades fyſicas, com facilidade ſe deixou perſuadir de hum conſelho taõ acommodado á ſua maneira de penſar, como conforme aos ſeus immediatos intereſſes, e Franciſco Dias foi para logo mandado retirar de Coimbra. O fio de ſeus eſtudos públicos ſe interrompeu aſſim para ſempre: e como ſeu Tio juntamente com o conſelho da mudança de

b ii deſti-

deſtino ſe offereceſſe a cooperar para formarlhe hum eſtabelecimento mercantil da meſma natureza do de ſeu Pai, a futura eſperança da Toga ſe lhe mudou de repente na adminiſtraçaõ de huma loja de mercearia, aonde os ſeus talentos, ſem outro exercicio que a ſimples prática das operações mais communs da Arithmetica ordinaria, ſe naõ ſe achaſſem já aſſàz deſenvolvidos e fortificados para reſiſtir a ſemelhante golpe, deviaõ eſmorecer totalmente, ou ſer como as plantas exoticas, que tranſplantadas para clima e terreno improprio ficaõ reduzidas a huma vegetaçaõ infecunda, ou quando muito capaz ſómente de fructos contrafeitos e meſquinhos.

Porém ſe eſta mudança de ſituaçaõ executada em tempo, em que o eſpirito, e o goſto do noſſo Poeta ſe achavaõ já aſſaz conſiſtentes, naõ foi baſtante para fazello retrogradar inteiramente, nem por iſſo deixou de ter ſenſivel influencia nos ſeus ulteriores progreſſos. O continuado uſo de occupar o entendimento com idéas communs, baixas, ou frivolas abate ſobremaneira as faculdades intellectuaes, e limita de tal ſorte os vôos da imaginaçaõ, que toda a compoſiçaõ, em que ſe requer elevaçaõ e força de ſentimentos, delicadeza de combinações, viveza de imagens, ou amenidade e cultura conſtante de eſtylo, ſe reſentem mais ou menos da groſſaria, e bai-

baixeza dos exercicios habituaes do eſpirito: o qual, ſendo obrigado a esforços continuos para alevantar-ſe acima da ſua esfera ordinaria, naõ póde deixar de moſtrar-ſe cançado, e de approximar-ſe a ella de quando em quando.

Franciſco Dias, que perfeitamente conhecia eſta verdade, e que ſe via forçado pelas ſuas circunſtancias a perſiſtir em hum modo de vida taõ oppoſto ao exercicio feliz dos talentos, que deſde os primeiros annos começára a cultivar, pertendeu oppôr huma barreira conſtante aos funeſtos effeitos do trato continuo das gentes rudes. A leitura aſſidua das producções poeticas dos homens de genio, que nos tempos antigos haviaõ illuſtrado a Grecia e Roma, e que depois do renaſcimento das Letras na Europa começáraõ a polir, e alumiar a Italia, a França, e outros Paizes diverſos, entre os quaes o noſſo Portugal naõ deſmerece ſer com alguma eſpecialidade nomeado, foi o expediente, que elle eſcolheu para eſte effeito.

Eſte era talvez o unico meio efficaz, a que o noſſo Poeta podia recorrer para impedir, que na ſua alma ſe extinguiſſe de todo o fogo, que as Muſas haviaõ nella ſoprado. A eſte recorreu elle effectivamente em todos os intervallos de deſcanço, que o laborioſo exercicio da ſua vida lhe permittia; e d'aqui lhe proveio a vaſta erudiçaõ, que poſſuia neſte Ramo

da

da Litteratura, e da qual apparecem veſtigios naõ raros nas Notas das ſuas Elegias, e Odes, e na ſua Analyſe, ou Comparaçaõ das Obras de Camões, Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, e Caminha. Mas ſe a continuada leitura, contraſtando poderoſamente com o trato frequente das peſſoas groſſeiras, obſta ao pernicioſo contagio da ſua rudeza aſſim na maneira de penſar, como na maneira de expreſſar os penſamentos, ella tem o grande inconveniente de acoſtumar o eſpiriro a ſeguir ſempre na ſua marcha as pizadas alheias.

He huma obſervaçaõ conſtante, que tenho feito no decurſo da minha vida e eſtudos, que os homens muito eruditos ſaõ raras vezes originaes. A imitaçaõ he o talento univerſal da eſpecie humana, ou antes huma diſpoſiçaõ conſtante, de que a Natureza dotou todos os homens, para ſupprir nelles a falta do inſtincto, que concedeu aos outros animaes, e por iſſo com alguma propriedade lhe podemos chamar o inſtincto dos ſeres racionaes. Habituados deſde os primeiros inſtantes da noſſa exiſtencia a obedecer a eſta lei imperioſa da Natureza, fortificada cada vez mais pelo habito da ſogeiçaõ, que lhe preſtamos, já voluntariamente, já forçados da authoridade de imperitos educadores, ſó grandes forças ſaõ capazes de deſviar-nos da direcçaõ, que ella tende continuamente a dar ao noſſo eſpirito,

Ha

Ha com tudo huma Epoca na vida humana, em que efte parece recobrar em toda a plenitude os primitivos direitos, que lhe faõ concedidos por outra lei naõ menos poderofa, pela lei da racionalidade, e he juftamente quando o defenvolvimento das faculdades intellectuaes, animado pela prefença das primeiras paixões da adolefcencia, põe em fermentaçaõ a maffa das idéas até allí adquiridas, as quaes apprefentando-fe como de fi mefmas ao entendimento em combinações totalmente novas, lhe communicaõ as primeiras faifcas da vaidade, fazendo-lhe conhecer em fi pela primeira vez a força productiva de novos conceitos. Entaõ he chegada a crife, que deve decidir fe o homem ha de fer original e fublime, ou perpetuamente imitativo e rafteiro. D'efta crife deve aproveitar-fe o educador habil para procurar durante ella ao mancebo, a quem dirije, fituações novas, e circunftancias urgentes, que o obriguem a refolver por fi mefmo os problemas mais proprios a defenvolver-lhe plenamente os talentos, que elle tiver annunciado defde os primeiros annos, fem que para o acerto, e perfeiçaõ das fuas refoluções fe lhe offereçaõ prototypos, que chamando-o á obediencia da lei da imitaçaõ, o privem da liberdade de fer inventor, ou o conftranjaõ nimiamente no exercicio d'ella.

Foi na prefença d'efta melindrofa crife, que

que Fructuoſo Dias interrompendo a ſerie dos eſtudos de ſeu filho, e ſogeitando-o a hum genero de vida groſſeiro e rude, o poz na neceſſidade de procurar na leitura frequente dos bons modellos o unico preſervativo, que podia oppôr aos peſſimos effeitos da communicaçaõ contínua das peſſoas da infima plebe, com quem diariamente lhe era forçoſo tratar; e d'eſte modo perdeu elle huma grande parte da originalidade, ou talento de invençaõ, de que ſe deſcobrem ainda alguns viſos nas poucas producções, que nos reſtaõ da ſua primeira mocidade. Taes ſaõ as Elegias II, VI, XIII, XIV, XV, e XVI, e a Carta que vai no fim das Elegias, aonde ſe notaõ raſgos de imaginaçaõ, e ſenſibilidade taõ vivos, como ſe naõ encontraõ com facilidade nas ſuas compoſições de idade mais madura, quando o ſeu eſtylo ſe achava já perfeitamente formado, e quando elle já poetava com a maior regularidade. A eſte numero pertencem tambem quaſi todas as Odes, que eſcreveu em verſo ſolto, das quaes fazia mui pouco caſo á excepçaõ da ſegunda, que ao depois corrigio, e annotou largamente, e que na realidade ſaõ eſcritas em eſtylo bem menos correcto, que as outras ſuas compoſições. Nós com tudo a pezar d'eſtes, e de outros alguns defeitos, julgamos conveniente incorporallas na preſente Collecçaõ, naõ ſó pelo motivo já ponderado de annunciarem mais alguma

novi-

novidade na invençaõ, mas tambem para que se note como esta qualidade foi diminuindo nas Obras do nosso Poeta á medida, que a leitura assidua o hia fazendo erudito, e roborando nelle o habito da imitaçaõ; e para que os Poetas Moços aprendaõ a desconfiar do merito das suas primeiras composições, a pezar de alguns rasgos de genio, que nellas brilhem, e reconheçaõ quanto a reflexaõ e o estudo da Lingoa saõ necessarios para corrigir, e aperfeiçoar o estylo.

Neste ponto se esmerou Francisco Dias com o maior disvelo, e lucrou sem dúvida muito mais, do que perdeu da parte da invençaõ, talento que difficultosamente teria constituido o principal merecimento das suas Obras, ainda que elle tivesse vivido huma vida mais compativel com a cultura das Letras. As traducções do Cantico de Zacharias *Benedictus Dominus Deus Israel*, e do Salmo *Miserere mei Deus*, com que termina a Elegia á Paixaõ de Christo: a traducçaõ do Cantico de Moyses depois da passagem do mar vermelho; a de huma parte da primeira das Odes Pythicas de Pindaro inserta nas notas da Ode I.; e sobre tudo a do Cantico de Ezequiel, que vai nas notas da Ode VII. saõ a prova mais decisiva d'esta verdade, e fazem lamentar, que o nosso Poeta naõ applicasse alguma parte do tempo, que deu á composiçaõ de seus Poemas, em trasladar na Lingoa

Portugueza algumas das Producções de maior vulto assim dos Poetas da antiguidade, como dos mais famosos dos modernos.

A differença entre as citadas traducções, e as suas composições originaes he immensa pelo que respeita á força e propriedade dos pensamentos, á grandeza das imagens, e a tudo quanto constitue a dignidade dos Poemas, relativamente á grandeza dos seus objectos; a pezar de conhecer-se pela semelhança do estylo serem humas e outras escritas pela mesma maõ. Com tudo devo dizer em obsequio da verdade, e por honra do Author, que as suas Composições Poeticas, e as annotações que elle mesmo lhes fez saõ, quanto a mim, o mais perfeito, ou talvez o unico modello, que nestes ultimos tempos se tem entre nós publicado, digno de appresentar-se aos olhos de quem pertende escrever com elegancia, e pureza no Idioma Portuguez. Pelo menos saõ certamente bem poucos os escritos do nosso tempo, que neste artigo se possaõ mostrar isentos de nodoa: e naõ sei que haja hum só, o qual seu Author tomasse o trabalho de annotar, como Francisco Dias, com tantas e taõ bem escolhidas observações criticas sobre a indole particular da nossa Lingoa, e sobre as diversas elegancias e maneiras de expressar, que determinaõ, por assim dizer, o seu caracter.

A elegancia, e pureza saõ com effeito as virtudes, que mais sobresahem nas compo-

si-

fiçóes d'efte Efcritor, e que realmente as fazem dignas de mui particular apreço, principalmente em hum tempo, em que os rapidos progreffos do efpirito humano em todo o genero, tendo feito indifpenfavel a frequente leitura dos Livros Eftrangeiros, tem dado occafiaó, a que peffoas deftituidas do conhecimento e eftudo filofofico de noffa Lingoa materna, tenhaó introduzido nella, por meio de milhares de traducçóes impuras, e acceleradamente feitas, huma prodigiofa quantidade de termos e frazes perigrinas, que fem aperfeiçoalla, nem enriquecella, a tem notavelmente adulterado.

O genero de Poefia, a que Francifco Dias fe deu com mais efficacia, e para o qual moftrou fempre maior propenfaó, foi a Elegia. E na verdade como os fentimentos, de que o coraçaó humano he capaz, nem todos faó igualmente fogeitos á influencia das inftituiçóes fociaes, hum genero de Poema, cujo objecto faó as paixóes e affectos, que a natureza fez menos dependentes da diverfidade da educaçaó, e da maneira particular de viver de cada individuo, era entre todas as compofiçóes fentimentaes juftamente aquella, em que hum homem occupado quafi toda a vida nos exercicios menos proprios para dar elevaçaó ao efpirito, podia mais facilmente diftinguir-fe. As Elegias, que d'elle nos reftaó, faó unicamente

as XVII, que se achaõ impressas nesta Collecçaõ (*). O seu merecimento he assaz desi-

(*) He muito provavel, que Francisco Dias compozesse algumas Elegias mais além das XVII aqui mencionadas. Em algum dos seus borrões, de que naõ encontrei exemplar tirado em limpo, achei da sua letra a nota do numero das emendas, com que fôra trasladado para a *grande Collecçaõ*: o que me faz crer, que o author tinha com effeito colligido, se naõ todas, grande parte das suas Obras em livro, ou cadernos, aonde as lançava depois de dar-lhes a ultima lima, o que tornando inuteis os primeiros borrões, fazia tambem superfluo o cuidado da sua conservaçaõ, e facilitava que elles de todo chegassem a extinguir-se. A esta conjectura acresce a certeza, que tenho de haver me sido por elle confiada a copia de huma Elegia mui digna de ser impressa, da qual naõ encontrei entre os seus papeis o minimo vestigio. Esta Elegia tinha por objecto o louvor da Poesia, em quanto se considera como hum meio efficaz de perpetuar a memoria dos homens, e de levar á mais remota posteridade os nomes dos que a cultivaõ com distincçaõ. O author tinha trabalhado este poema com grande disvello, e o contava entre as suas melhores composições: e como eu desejasse fazer o seu merecimento conhecido de huma Pessoa de grande authoridade e respeito, a quem as Letras saõ por extremo devedoras em Portugal, e a quem a Poesia mereceu sempre muito particular predilecçaõ, pedi, e obtive de Francisco Dias a permissaõ de communicar-lhe aquelle Manuscrito, como effectivamente communiquei; aconteceu porém, que elle se confundisse de tal sorte entre os papeis d'esta grande Pessoa, que por mais diligencias, que sobre isso se tem feito, naõ tem sido possivel encontrallo até ao presente.

Francisco Dias, a quem eu havia mostrado algumas producções poeticas da minha primeira mocidade, julgou por ellas, que o meu nome devia tambem ter lugar naquelle Poema entre os nomes dos Poetas Portuguezes ainda vivos, cujas Obras elle tinha para si, que mereceriaõ distincçaõ e apreço nos seculos, que estaõ para vir.

gual;

gual; mas esta desigualdade naõ provém tanto da diversa natureza dos assumptos, como da diversidade dos tempos, em que fôraõ compostas, e de que nem todas chegáraõ a receber a ultima lima da maõ de seu author. As que se podem reputar como correctas saõ a I. II. V. VII. VIII. X. XII. XIV. XV. e XVII. Das Odes sómente a I. II. VI. e VII. devem ser olhadas como perfeitamente acabadas. Parece que Francisco Dias sentia bem, que os seus talentos eraõ muito menos proprios para este genero de Poesia, e por isso foi menos sol-

---

O pequeno louvor, que elle repartio alli comigo, fez que o terceto, aonde de mim fallava, me ficasse de memoria. Era o seguinte:

Nem ficarãõ tambem ao tempo occultos
De S . . . . os talentos singulares,
Que promettem fazer-lhe altos insultos.

Naõ he pelo que elle tem de lizongeiro para o meu amor proprio, que eu o transcrevo aqui. Assaz tenho mostrado, que naõ presumo possuir os talentos poeticos, que Francisco Dias me suppunha, interrompendo por mais de de dez annos a cultura d'elles: e assaz o mostro ainda agora mesmo naõ receando publicar aqui o juizo de hum homem taõ entendido, que a naõ ser exaggerado, me constituiria responsavel á minha patria de haver deixado murchar em flor dotes de espirito, com que podéra honralla, e engrandecella. O meu reconhecimento he quem sómente me determina a transcrever aqui este terceto, como hum indice seguro para se reconhecer algum dia quem he o verdadeiro author d'este Poema, se elle por ventura vier ainda a apparecer separado da grande Collecçaõ, aonde supponho, que tambem deve existir.

lici-

licito em corrigir, e aperfeiçoar as composições, que a elle pertencem.

Naõ fôraõ porém sómente a Elegia, e a Ode os Poemas, em que elle exercitou a sua penna. Os Generos de Poesia mais difficeis pela natureza dos seus assumptos, e os mais trabalhosos pela sua extensaõ naõ deixáraõ de ser por elle tentados. O seu animo ousado, e a sua constancia superior a todo o trabalho, o levaraõ a emprehender a composiçaõ de duas Tragedias, de hum Poema Epico, e de hum Poema juntamente descriptivo e didatico, o qual sendo o mesmo, quanto ao titulo, que os Poemas de Tompson, e Saint-Lambert, reunia no seu plano o objecto particular d'estes juntamente com o das Georgicas de Virgilio, e do Poema dos Mezes de Roucher.

As duas Tragedías, a primeira intitulada Electra, e a segunda Iphigenia, achando-se já publicas pela impressaõ, me dispensaõ de dizer sobre ellas outra alguma cousa, senaõ que o author as offereceu em diversos tempos ao concurso do premio de Poesia, que a Academia Real das Sciencias annualmente propoem sobre este genero de Composiçaõ, e que nenhuma foi por esta Sociedade julgada digna do laurel Academico.

O Poema Epico tinha por objecto a conquista de Ceuta, e era intitulado Henriqueida. Titulo vicioso, pois que naõ era derivado

nem

nem do lugar, nem da natureza da acçaõ, nem do nome da Perſonagem, que fizera a primeira figura na ſua execuçaõ. D'eſte Poema ſenaõ achou entre os ſeus papeis mais do que o ſegundo Canto, e algumas Oitavas de outro, que de nenhuma ſorte fazem lamentavel a perda do reſto, ſuppoſto que tambem naõ deſdouraſſem o credito de ſeu author ſe appareceſſem no publico.

O Poema das Eſtações do anno tambem eſcrito em Oitava Rima devia conſtar de vinte-quatro Cantos, mas d'eſtes ſómente deixou eſcritos os ſeis relativos á Primavera, e treze Oitavas do Canto ſetimo, que era o primeiro dos ſeis pertencentes ao Eſtio. Eſta Obra, naõ menos difficil que as precedentes, era com tudo pela natureza do ſeu aſſumpto a mais acommodada á eſtenſaõ dos conhecimentos do author, e a menos dependente, para a felicidade da ſua execuçaõ, do caracter peſſoal d'elle; e por iſſo tambem ſeria de todas a que lhe teria dado maior nome entre os Poetas Portuguezes, ſe a morte o naõ tiveſſe ſurprehendido antes de havella conduzido ao ſeu ultimo termo.

Em Proſa nos naõ conſta, que Franciſco Dias eſcreveſſe ſenaõ tres Obras. A primeira he a Analyſe, e combinações Filoſoficas ſobre a locuçaõ e eſtylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha, e Camões, impreſſa no IV. Tomo das Memorias de Littera-

tura

tura Portugueza, publicadas pela Academia Real das Sciencias, e com a qual o author concorreu ao Programma de Lingoa Portugueza, proposto pela mesma Academia para o anano de 1792. Memoria cujo distincto merecimento lhe obteve o premio promettido. A segunda he outra Memoria, que o author semelhantemente enviou ao concurso do anno de 1794, sobre a comparaçaõ, que a Academia havia proposto, da Historia de D. Joaõ de Castro por Jacintho Freire de Andrade, e da Vida de D. Paulo de Lima escrita por Diogo de Couto. Esta Obra supposto naõ obtivesse o premio, foi com tudo julgada digna de muito louvor, e provavelmente seria laureada pela Academia, se naõ tivesse concorrido com ella outra de taõ distincto merecimento, que talvez faz mais glorioso a Francisco Dias o louvor, que obteve sendo vencido nesta occasiaõ, do que o premio alcançado sem o concurso de hum taõ digno contendor. (*) A terceira he huma Dissertaçaõ sobre o bom Gosto na Poesia, na qual se contém muitas reflexões judiciosas sobre esta materia, e em que a erudiçaõ do Author se patenteia naõ menos evidentemente, que nos outros seus escritos. Se estes naõ saõ de taõ subido me-

(*) O P. M. Fr. Francisco de S. Luiz, Monge Benedictino, e hoje Correspondente da Academia.

reci-

recimento, que o devaõ fazer contar entre os Homens de Letras da primeira ordem, nem por iſſo deixaõ de o caraterizar, attentas as circunſtancias da ſua vida, por hum homem extraordinario.

Ao contraſte, que perpetuamente exiſtio entre o ſeu modo de viver e a propenſaõ natural do ſeu eſpirito, ſe deve attribuir o naõ ter elle figurado mais diſtinctamente nem pelas Letras, nem pela importancia da ſua fortuna. Eſta foi ſempre taõ eſcaſſa, que talvez naõ chegou jámais ao gráo de huma honeſta mediocridade. Mas que outra couſa podia eſperar-ſe, que aconteceſſe a hum homem, a quem o modo de penſar de ſeus parentes deſviára logo na primeira flor da mocidade da direcçaõ, que a natureza lhe havia indicado, como a unica que lhe convinha ſeguir? Commerciando por neceſſidade em hum trato pouco extenſo, e poetizando por inclinaçaõ ás Muſas, ſem quietaçaõ, nem applauſos, que deſſem energia ao ſeu eſtro, era impoſſivel que jámais chegaſſe a ſer nem Negociante rico, nem Poeta original: taõ honrado porém nas ſuas tranſacções mercantís, como diſvelado em polir as ſuas Compoſições poeticas, acabou com os creditos de homem verdadeiro, e de Eſcritor puro, e correcto.

A obſcuridade da ſua vida, e o ſeu Genio naturalmente encolhido e modeſto o reti-

veraõ longe da communicaçaõ da maior parte dos homens de Letras do ſeu tempo. Naõ deixou com tudo de contar alguns d'eſtes em o número dos ſeus amigos. Os nomes de quaſi todos ſe achaõ conſignados nas ſuas Obras, aonde ſe póde vêr a maneira por que elle os conſiderava.

No meio dos ſeus trabalhos e afflicções, conſervou a mais inteira independencia, concentrando em ſi os ſeus diſgoſtos de maneira, que era difficil aos ſeus amigos poder penetralos, e muito mais ainda conſeguir d'elle, que conſentiſſe em que lhe forneceſſem meios de os adoçar. Ao exceſſo d'eſta auſteridade, que naõ ouſo chamar virtude, ſe póde talvez attribuir a ſua morte acontecida em idade ainda aſſaz vigoroſa, para dever ſer olhada como huma perda para a Litteratura Portugueza. Huma febre epidemica graſſou em o fim do veraõ do anno de 1795 no meio da ſua familia. Todas as peſſoas d'ella fôraõ ſucceſſivamente cahindo enfermas d'aquelle terrivel mal; e Franciſco Dias ſem implorar auxilio eſtranho era juntamente o enfermeiro, e o Medico dos ſeus doentes. Até que finalmente enfermou elle meſmo, e obſtinando-ſe em naõ querer outro conſelho mais que o proprio, nem outra aſſiſtencia ſenaõ a da ſua mal convalecida familia, deixou aggravar a moleſtia a ponto de naõ poder reſiſtir-lhe. O dia 30 de Setem-

tembro do ſobredito anno de 1795 foi o ultimo da ſua vida: a qual terminou com a meſma reſignaçaõ e conſtancia, com que ſoffrera os trabalhos, que quaſi ſem ceſſar o acompanharaõ.

A Academia Real das Sciencias ſempre deſejoſa de honrar a memoria dos homens de Letras, e aſſaz ſenſivel ao deſamparo em que ficava a familia de hum, que taõ fervoroſamente cuidára em fazer-ſe diſtincto por ellas, lançou maõ da occaſiaõ, que ſe lhe offerecia, de unir a beneficencia com a vulgarizaçaõ das luzes, mandando ſe fizeſſe por ſua conta, e debaixo do ſeu privilegio a preſente ediçaõ das Obras Poeticas do defunto Franciſco Dias a beneficio da ſua Viuva, e de dois filhos e huma filha menores, a quem de direito pertence o fructo dos ſeus trabalhos, e vigilias.

ELE-

ELEGIAS.

ELEGIA I.

A'S MUSAS.

QUAL Náo de hum Magalhães aventureiro (1)
Pelos immensos mares conduzida
Para fazer hum gyro ao mundo inteiro;

Vôa dos largos ventos compellida,
Quando montando vai hum promontorio,
Assim desapparece a curta vida.

Claras acções, nome inclito e notorio,
Arcos, Estatuas, Porticos, Trofeos,
Tudo consome o tempo transitorio.

Dissolvidos da vida os frageis véos,
Obeliscos, pyramides naõ fazem
Voar a fama eterna até aos Ceos.

Da idade os vivos impetos desfazem
Monumentos firmissimos de gloria,
Que em solto pó sem nome occultos jazem.

Só vós Filhas eternas da Memoria,
Musas, Divinas Musas gloriosas,
Do tempo alcançais inclita victoria.

Vós do abismo das sombras tenebrosas,
Das voragens do negro Esquecimento
Tirais as obras raras, e famosas. (2)

Por

Por mais, e mais que s'erga o penſamento (3)
Para fazer acções eſclarecidas,
E com fama ſubir ao claro aſſento;

Sem vós, Nynfas de Jove procedidas,
Seraõ no eſquecimento ſepultadas
As fadigas mais nobres, e ſubidas.

Lá vai fendendo as ondas levantadas
Do atlantico Oceano o invicto Gama (4)
A pezar das tormentas irritadas.

Lá vai Cabral, vai Caſtro, que ſe inflamma (5)
Em commetter acções de força extrema,
Que merece o louvor da illuſtre Fama.

Já voltaõ com victoria alta e ſuprema,
Noticia dando d'outros novos Mundos,
Aſſumptos dignos de immortal Poema.

Mas ſe com voſſos canticos jucundos
Lhes naõ dais nome eterno, jazeráõ
Nos abiſmos lethargicos profundos.

Vós contra a furioſa inundaçaõ
Do diluvio dos tempos ſois reparo
Com as obras de altiſſima invençaõ.

E por mais que combata o Tempo avaro
Contra as virtudes dos ſublimes peitos,
Vós lhes dais fama egregia, e nome claro.

Vós ſois as que inſpirais altos conceitos
Ás nobres fantaſias, que ao Ceo voaõ
Longe do vulgo envolto em vís defeitos.

Em

Em todo o mundo eternamente ſoaõ
Voſſos prodigios, voſſa illuſtre gloria,
Com que os gentís talentos ſe coroaõ.

Vós, que com fraze ruſtica, e irriſoria
Vituperais as Muſas conſagradas,
Peitos, que deſprezais clara memoria;

Almas de inſania barbara agitadas,
Vêde das caſtas Deozas glorioſas
Mil, e mil maravilhas ſublimadas.

Allí com proporções miraculoſas (6)
Reſpira o bronze, e o marmore animado
Exprime as paixões n'alma poderoſas.

Ao impulſo ſubtil, e delicado (7)
Do cinzel obedece a maſſa informe: (8)
Eis hum Heroe, hum Deos alto adorado. (9)

Hum grande genio eternamente dorme, (10)
Se o naõ tiraõ as Muſas vigilantes
Do lethargo, onde jaz pezado, e enorme.

Subi, claros Eſpiritos preſtantes, (11)
Erguei-vos do profundo eſquecimento
Coroados de luzes radiantes.

Dai vulto, e fórma ao voſſo penſamento;
Que Apollo a téla d'ouro vos eſtende: (12)
Moſtrai as forças do inclito talento.

Dai vida ás côres: já nos ares pende
A Fama illuſtre, que com mil louvores
A obras immortais vos move, e accende.

Moſtrai das ſantas Deozas os favores,
Vós emulos gentís da natureza,
Co'a illuſaõ, co'a magica das côres. (13)

Em varia tinta com ſubtil deſtreza
O número augmentai das exiſtencias, (14)
Deleitando, e movendo em ſumma alteza. (15)

Oh das Muſas excelſas influencias,
Que conhecer naõ póde o vulgo ignaro (16)
Agitado de fervidas demencias!

Lá nos Ceos reſplendece o lume claro,
Que incita os nobres Filhos de Uranía (17)
A obras dignas de louvor preclaro.

Muito ſe eleva a ſua fantaſia
Sobre as azas do Cálculo ſublime (18)
Guiada da immortal Filoſofia.

Novas verdades altamente exprime;
E poſto que huma, ou outra ſe lhe eſconda
D'alta inveſtigaçaõ nunca ſe exime.

Os ares peza: allí calcúla, e ſonda (19)
O movimento eterno dos Planetas: (20)
Qual pezo á maſſa enorme correſponda. (21)

Seguindo vai os rapidos Cometas
Por huma elipſe immenſa, aniquilando (22)
O ſuſto das Corôas inquietas.

Lá vem qual bella Aurora levantando,
Coroada de gloria e mageſtade,
A' gentil Clio o geſto venerando. (23)

Ante

Ante ella o aſtro eterno da Verdade (24)
Tecendo illuſtre téla hiſtoriada
Canta os faſtos do Mundo a toda a idade.

Allí em throno excelſo collocada
A proſpera Fortuna dos Imperios
Se oſtenta de triunfos illuſtrada.

Tambem ſoaõ da terra os hemisferios
Co'a ruina dos thronos ſepultados
N'um abiſmo de horriveis vituperios.

Sublimes documentos conſagrados (25)
Á paz, á gloria das Nações do Mundo
Ao vivo allí ſe moſtraõ retratados.

A Oratoria Eloquencia lá no fundo
Dos peitos mais rebeldes á razaõ
Vence as vontades com valor facundo.

Já prende com ſagaz inſinuaçaõ:
Já com fervido impulſo a alma fulmina (27)
Armada de efficaz perſuaſaõ.

Ella nos corações manda e domina, (28)
E aquelles arrebata, accende, e abraza,
Em quem receio torpe mais ſe affina.

Do expreſſivo pincel a viva braza (29)
Os feitos pinta dos Varões, que habitaõ
Do claro Olympo a omnipotente Caſa.

Já doma as tempeſtades, que ſe agitaõ, (30)
Quando do vulgo ignobil os furores (31)
N'um grande povo a hoſtil diſcordia excitaõ.

Os

Os movimentos d'alma interiores, (32)
Medo, eſperança, amor, prazer, e pranto
Por ella ſaõ dos corações ſenhores.

Ó Muſica celeſte, ó nobre encanto, (33)
Que os ſentidos me prendes brandamente
C'os harmonicos ſons do doce canto,

Tu molles affeições ſuavemente (34)
Infundes na minha alma, que adoece
Co' as doces inflexões da voz doente.

Porém ſe aſpero affecto ſe encruece (35)
Em furioſa e viva ſynfonia,
O meu coraçaõ duro ſe enfurece.

Que novo impulſo, e fervida ouzadia (36)
Meu eſpirito impelle, e de improvizo
Me levanta da terra a fantazia!

Eu já nos ares pendo: já divizo (37)
Outros Céos, outro Sol mais refulgente,
D'outra mais alva Aurora o geſto, e o rizo.

Já vejo o Pindo, e a placida corrente
Da immortal Hypocrene. Apollo, e as Muſas
Ouço cantar. Ouvi, profana gente:

Vós que com goſto vedes n'alma intruſas
As torpes affeições, e o penſamento
Nutrís de idéas baixas, e confuſas;

E que levados do furor ſedento (38)
De lucro infame, e ſordido intereſſe
As obras naõ prezais de alto talento;

Vós,

Vós, que amando ocio inutil, que entorpece
Os nobres dotes d'alma, deſprezais
Fadiga illuſtre, que immortal florece: (39)

Neſta hora ſer profanos naõ temais; (40)
Que Apollo gracioſo vos concede (41)
Ver ſeus claros prodigios divinais.

Vêde, ſe ver quereis, como deſpede
A mente á Poeſia conſagrada
Seu vôo eterno ao Ceo, donde procede.

Na Regiaõ excelſa, e dilatada
Origem das ſublimes invençóes,
Se vê de gloria ingente coroada.

Os impulſos, as nobres ſenſaçóes,
Os extaſis Divinos, fórma, e eſſencia
Daõ ás doces, e amaveis illusóes. (42) (43)

Entaõ idéas mil d'alta exiſtencia (44)
Formaõ n'um todo auguſto, e mageſtoſo
Plano immortal d'altiſſima eloquencia. (45)

Eis hum conſtante eſtudo poderoſo (46)
Para dar vida a hum marmore lhe inſpira
Policia em gráo ſupremo, e glorioſo. (47)

Ergue-ſe ao Ceo, immenſa luz reſpira (48)
D'alta doutrina o monumento eterno,
Contra o qual longa idade naõ conſpira.

Divina Poeſia, a quem no interno, (49)
A quem no fundo d'alma adoro, e ſigo,
Potentiſſimo influxo, dom ſuperno;

Tu

Tu és meu refrigerio, e doce abrigo:
No furor das tormentas que me agitaõ,
Tu me és benigna eſtrella, e porto amigo. (50)

N'um abiſmo de dôr me precipitaõ
Meus duros males; mas teus raios ſantos
Do lethargo mortal me reſuſcitaõ.

Entaõ ao ſom confuſo dos meus prantos
Succede a doce, e angelica harmonia,
O ſagrado preſtigio dos teus cantos. (51)

Quando choras em flebil Elegia: (52)
Quando na Scena Tragica trovejas (53)
Com mageſtade, e fervida energia: (54)

Quando, porque com fama illuſtre ſejas,
Em mageſtoſa e altiſſima Epopéa (55)
Erguer-te aos aſtros nitidos forcejas: (56)

Entaõ conceber fazes viva idéa
Dos prodigios das Muſas, do que póde
No coraçaõ de hum Vate a luz Febéa.

Se em vaõ voſſo alto influxo naõ me acode,
Se me illumina, e torna em claros dias
As trevas, que a Ignorancia em mim ſacode;

Eſtas ſaõ as mais arduas ouzadias, (57)
Deozas do Pyndo, que com fama, e gloria
Inſpirais ás ſublimes fantaſias.

Mas de ſubita flamma tranſitoria
Reſultado naõ ſaõ: de tempo, e eſtudo (58)
Saõ fructos dignos de immortal memoria.

Inge-

Engenho, arte, ſciencia, e mais que tudo (59)
Goſto ſubtil, meditaçaõ profunda (60) (61)
Contra o tempo lhe tecem firme eſcudo.

Trabalho, e correcçaõ pura, e jucunda (62)
Formaõ taõ glorioſos monumentos
Numa imaginaçaõ viva, e fecunda:

Que aquelles repentinos movimentos (63)
De lutulenta enchente ao vulgo grata, (64) (65)
Naõ ſaõ das Irmãs nove altos protentos.

Só de nocturnos fosforos de ingrata (66)
Pallida luz ſaõ fatuos reſplendores, (67)
Cujo ſer ao naõ ſer naõ ſe dilata. (68)

Muſas, que me inſpirais nobres furores, (69)
Que de meu duro, e aſpero deſtino
Mitigais as cruezas, e os rigores:

Vós emblema ſymbolico, e Divino (70)
Do ſanto influxo, com que o Motor Summo
Sublima hum peito de ſeus premios digno:

Vós traſſumpto mental, alto reſumo (71)
De conceitos eternos, pego immenſo,
Onde a luz da Virtude he norte, e rumo:

Vós a quem templo auguſto, altar, e incenſo,
Vida, e meus penſamentos conſagrára,
Se o conſentíra em fim meu mal intenſo:

No fundo abiſmo, e eſcuridade avara,
Em que triſte me vejo ſepultado,
Do Pindo me enviai voſſa luz clara.

Valei-me, ó Deozas, e em taõ duro eſtado
Mandai ſobre a minha alma o fogo ardente
Do voſſo ſanto influxo conſagrado:

Por que me poſſa oppôr claro, e fulgente
Co'a luz do peſſoal merecimento
Contra o furor hoſtil da cega gente:

Que num combate eterno, e violento
De iniquas opprefsões, de magoas duras
Agitado ſe vê meu penſamento.

Voſſo Vate illuſtrai. Voem ſeguras
De aſſalto infame de cruenta inveja
Com fama ao Ceo ſuas idéas puras:

Para que o mundo errado note e veja
Voſſos prodigios altos e ſubidos,
Que tanto eſcurecer tenta, e forceja:

Que os engenhos de vós favorecidos
Como Aſtros luminoſos reſplendecem,
Por mais que andem nas trevas envolvidos. (72)

Deozas, cujos influxos me enriquecem,
Deozas, meu ſó prazer, minha ſó gloria,
E por quem meus eſpiritos florecem:

Dai-me do Fado eſcuro alta victoria:
Fazei, que cante em placido remanſo
Com voz digna de nome, e de memoria.

Eu vos prometto, ſe hum tal bem alcanço,
De nunca celebrar aſſumpto infame, (73)
Que eu já da minha idéa arrojo, e lanço.

Nem

Nem que o Parnaſſo invoque, e o Pindo chame
  Para cantar grandeza vã, ſem feitos (74)
  Dignos, que o meſmo Apollo os louve, e acclame.

Conſagrarei ſómente os meus conceitos
  Ás Virtudes, á Patria, á clara Fama
  Das proezas dos ſeus heroicos feitos,
  Se a voſſa influiçaõ, Muſas, me inflamma.

NOTAS.

A Antiguidade para inſtrucçaõ do Público inventou a Fabula, que he huma Collecçaõ de allegorias, que commumente repreſentaõ entes metafyſicos perſonalizados, para deſte modo ficar a intelligencia delles mais adequada á capacidade dos póvos rudes, e groſſeiros. A maior parte das perſonagens mithologicas ſaõ emblemas allegoricos; como, por exemplo, Venus em Heſiodo he a allegoria da Natureza. Venus he a Deoza de formoſura, a qual ceſſa de ſer amavel, ſe naõ he acompanhada de Graças: a formoſura gera o amor: o amor tem ſettas, que traſpaſſaõ os coraçóes; traz os olhos vendados, porque cega o entendimento para naõ ver os defeitos do objecto amado; tem azas, porque vem depreſſa, e depreſſa ſe vai. A Sabedoria he concebida no cerebro de Jupiter debaixo do nome de Minerva: a alma do homem he hum fogo Divino, que a meſma Minerva, ou Sabedoria moſtra a Prometheu, que ſe ſerve deſte fogo Divino para animar o homem. De maneira, que pela maior parte as Fabulas da antiguidade encerraõ documentos de grande doutrina, o que he evidente aos olhos da boa Filoſofia. Da meſma ſorte as Muſas ſaõ ſymbolos allegoricos, que repreſentaõ os eſtimulos, que excitaõ o homem ao eſtudo conſtante das Sciencias e Artes de genio, inſeparaveis das inveſtigaçóes da mais ſublime Filoſofia. Logo taõ favorecido das Muſas he hum grande Poeta, como hum grande Geometra; devendo-ſe entender, como já diſſe, pelas Muſas o amor das Artes e Sciencias, as quaes tem entre ſi hum nexo proprio, que as ata, e une, fazendo-as deduzir humas das outras por meio de huma analogia, naõ forçada, mas legitima, e natural; o que ſe deixa vêr da raiz Grega do meſmo nome Muſa, que traz a ſua origem do verbo μαω, que ſignifica inveſtigar com vehemente applicaçaõ. As Muſas pois, como Entes repreſentativos do fogo celeſte, que excita no coraçaõ do homem o amor das letras, ſaõ o aſſumpto deſte Poema, o qual diſcorrendo por aquellas faculdades, que fazem maior vulto no ſyſtema litterario, quaes ſaõ a Eſcultura, a Pintura, a Mathematica, a Hiſtoria, a Eloquencia, a Muſica, e a Poeſia,

ſia, nas partes que tem de mais força, e commoçaõ, ſem ſeguir a direcçaõ de huma arvore encyclopedica, mais propria de hum eſcrito didatico, do que da nobre liberdade da Poeſia ſublime, que apartando de ſi a ſugeiçaõ ſervil das Eſcolas, tem por objecto excitar a cultura das Artes, e Sciencias, que tanta gloria daõ ás Naçóes, onde mais ſe cultivaõ.

Eu naõ ſei, que eſte argumento tenha ſido tratado em Poema de maior extençaõ, tanto pelos antigos, como pelos modernos; e ainda que ſe achem algumas Odes em Horacio, ou em qualquer outro dos Poetas poſteriores, que das Muſas tratem, eſtas naõ constituem a unidade abſoluta daquelles Poemas, que della manifestamente carecem, porque declinaõ para outro aſſumpto, ſem intereſſe, nem tom filoſofico. He verdade que de Joaõ Baptista Rouſſeau existe huma Epiſtola ás *Muſas*, a qual ſendo huma imitaçaõ mediocre da Satyra nona de Boileau, a mais excellente de todas as que este grande Poeta compoz, longe de tratar das excellencias do eſpirito bem cultivado, ſymbolizadas naquellas existencias ideaes conhecidas debaixo da denominaçaõ Muſas, ſómente ſe ſerve deste vocabulo para tratar couſas relativas ás ſuas emulaçóes litterarias, e intereſſes particulares, que nada intereſſaõ o Leitor, que della nenhuma instrucçaõ recebe.

Este argumento pela ſua ſublimidade pedia maiores forças de engenho, e luzes mais univerſaes, que as minhas, mas ſupprirá em parte esta falta a belleza do Idioma Portuguez, que pela ſua cópia, e harmonia fez, com que a medianía do meu engenho teceſſe hum artefacto mental, que quando lhe naõ augmente a gloria, lhe naõ diminúa o credito. Achar-ſe-haõ talvez neste Poema lances de eloquencia bem pouco, ou nunca uſados nas Lingoas de Heſpanha, pela novidade do aſſumpto, e das materias que trata: ſe nelles fui feliz, pertence aos homens de gosto decidillo. Se me naõ engano, o maior merecimento desta compoſiçaõ, ſe he que nella póde haver algum, conſiste no movimento dos affectos, que naõ ſendo eſperados, ſuſpendem o Leitor, e fazem a compoſiçaõ intereſſante, e conveniente pelo tom apaixonado, proprio do genero elegiaco.

(1) Fernando de Magalhães, Fidalgo Portuguez, foi hum dos maiores Argonautas do grande Oceano, o qual mostrando-se aggravado d'ElRei D. Manoel, se passou para Castella, em cujo serviço executou a primeira viagem á roda do Globo, com pasmo, e admiraçaõ de todo o mundo, por ser empreza nunca imaginada até áquelles tempos. Nesta estupenda viagem descobrio na ponta mais meridional da America o famoso Estreito, que ainda hoje conserva o seu nome. Este methodo de compôr, começando por huma comparaçaõ, naõ he alheio da razaõ; pois entra logo a dar formal evidencia, e força ao discurso. Horacio principia a Ode IV. do Liv. IV., por duas comparações. Ovidio começa a Elegia X. do Liv. I. dos Amores com tres. Propercio dá principio a terceira Elegia do Liv. I. por tres comparações, e á undecima do Liv. II. por quatro. Os modernos tambem usaõ algumas vezes de igual methodo. Petrarca por huma comparaçaõ começa o Soneto XIV. da primeira parte das Rimas. Joaõ da Casa tambem começou por huma comparaçaõ a bella Cançaõ, que principia:

Come fugir per selva ombrosa e folta

Gracilasso assim principiou o affectuoso Soneto XIV. Assim tambem Camões nos belissimos Sonetos XLIII, e LXXX. Em fim este artificio de composiçaõ dá muita viveza ao discurso, elevaçaõ, e gravidade, além de ser por sua clareza mui adequado para a instrucçaõ; e por isso vemos que os Apologos de Esopo, Locman, Fedro, e Pilpay, estaõ escritos com este artificio, para que a doutrina, que encerraõ, se manifeste mais á ignorancia daquelles, a quem moralizaõ.

(2) O verbo *tirar* significa *puxar com força*: esta he a legitima, e verdadeira energia deste verbo. Camões na Est. 110 do Canto X. da Lusiada:

Dezeja o Rei que andava edificando
Fazer delle madeira, e naõ duvida
Poder tirallo *a terra com possantes*
Forças de homens, de engenhos, de Elefantes.

E Vieira Tom. IV. fol. 110 » Christo na Officina de José » *tirava* com as suas proprias mãos pela serra. »

(3) Verso, que exprime o esforço do vôo, e que pin-

pinta a acçaõ de ſubir mais difficil, que a de deſcer. Eſta elegancia he muito do genio do idioma. Vieira Tom. IV. fol. 195 » Mas como as couſas da gloria ſaõ taõ diver-» ſas de tudo o que ſe vê, taõ levantadas ſobre tudo o » que ſe imagina, por *mais*, e *mais*, que ſe diga del-» las ſempre ſe diz menos. »

(4) Vaſco da Gama Argonauta Portuguez, mui conhecido no mundo por ſer o primeiro, que montou o Cabo da Boa Eſperança, e paſſou á India.

(5) Pedro Alvares Cabral, tambem famoſo Argonauta Portuguez, o primeiro que paſſou á India depois do Gama, em cuja viajem deſcobrio o Braſil. Mr. Robertſon, grande hiſtoriador Inglez, quando na ſua Hiſtoria da America faz menção deſte Heroe diz, que do deſcobrimento do Braſil claro ſe moſta, que ainda que Chriſtovaõ Colon nunca tentaſſe deſcubrir a America, ſempre ſeria deſcoberta pelos Portuguezes. Poſto que D. Joaõ de Caſtro naõ foſſe deſcobridor, com tudo a ſua gloria naõ he menos reſplendecente do que a dos Heroes precedentes, porque além de elle ſer quem primeiro ſondou os principaes portos do mar vermelho, de que compoz hum Roteiro em Latim, ſendo ao depois Vice-Rei da India obrou acções de tanta heroicidade, e virtude, que a ſua reputaçaõ naõ tem que invejar aos Heroes da antiguidade.

(6) Huma das Artes mais favorecidas das Muſas he a Eſcultura, a qual foi levada ao ſeu maior auge pelos Gregos, de quem a recebêraõ os Romanos nos tempos antigos, os quaes tambem fôraõ nella eminentes. Os modernos depois da reſtauraçaõ das letras a cultiváraõ muito; mas os Italianos fôraõ os que a eleváraõ a maior perfeiçaõ, ſendo Miguel Angelo Buonarota, e o Cavalleiro Bernin os que nella mais ſe aſſignaláraõ. Todo este lugar he imitado de Virgilio no Liv. VI. da Eneida. *Reſpira o bronze, e o marmore animado* he propriamente o que o meſmo Poeta diſſe nos ſeguintes dous verſos:

Excudent alii ſpirantia mollius æra:
Credo equidem, vivos ducent de marmore vultus.

Eſta paſſagem do Poeta Latino tambem foi imitada pelo gran-

grande Voltaire no Livro fetimo da Henriquiada, o qual fem difcrepar feguio a mefma norma na operaçaõ imitante, pelo modo feguinte:

La toile eft animée, et le marbre refpire.

(7) *Subtil*, *e delicado* he confequencia imitativa do adverbio *mollius* na allegada paffagem de Virgilio.

(8) *Cinzel*, he inftrumento com que os Eftatuarios tratrabalhaõ. Vieira no bello Sermaõ do Efpirito Santo Tom. III. pag. 419.... toma o maço e o *cinzel* na maõ, » e começa a formar hum homem. » Se o amor proprio me naõ illude, o eftilo defte, e do feguinte verfo, vai dando, affim como o cinzel, hum ar de vida á maffa informe: defte epitheto ufou o mefmo Orador no dito Sermaõ pag. 419. » Arranca o Eftatuario huma pe« dra deffas montanhas, tofca, bruta, dura, informe. » A qual paffagem imitou elle da Cançaõ nona do grande Camões: cujo lugar he o fegunte:

Junto de hum fecco, fero, efteril monte
Inutil, e defpido, calvo, e informe.

He certo que fem a liçaõ dos bons Poetas nunca poderá hum Orador ter eftilo animado, e vehemente. Ufou o Vieira de quatro epithetos, os quaes ficáraõ apartados do feu fugeito, e defatados de conjunções, para exprimir com propriedade no defalinho do eftilo a rudeza da materia bruta: o ultimo dos adjectivos he confequencia dos precedentes; notando cada hum de perfi huma qualidade diftinctiva no fugeito.

(9) Efta paffagem tem femelhança com outra do Orador Vieira no dito Sermaõ do Efpirito Santo, Tom III., pag. 419, e tranfcreverei aqui todo o lugar, para que aquelles que tem em pouco o noffo idioma vejaõ a cópia, e a força de que he dotado. » Toma (o Eftatuario) » o maço, e o cinzel na maõ, e começa a formar hum » homem, primeiro membro a membro, depois feiçaõ, » por feiçaõ, até a mais miuda: ondea-lhe os cabellos, » aliza-lhe a tefta, rafga-lhe os olhos, affila-lhe o na» riz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, tornêa-lhe » o pefcoço, eftende-lhe os braços, efpalma-lhe as mãos, » divide-lhe os dedos, lança-lhe os veftidos: aqui def» prega, allí arruga, acolá recama; e fica hum homem

» per-

» perfeito, *e talvez hum Santo que se póde pôr no altar.* »
Todas as Lingoas tem suas energias, e suas bellezas particulares; com tudo para se traduzir esta passagem em qualquer dos Idiomas cultos da Europa, havia de custar a achar elegancias, que correspondessem a estas: *ondear cabellos*, *assilar nariz*, *avultar faces*, *espalmar mãos*, e *lançar vestidos.*

(10) Dado o engenho, he necessario estimulo, que o excite, o qual he hum fogo celeste, hum desejo de gloria, que eleva o homem de genio á maior perfeiçaõ nos artefactos mentaes. Este ardor do perfeito, e do sublime, he o agente que poem em movimento as idéas para hum fim taõ glorioso. Muitos sugeitos possuem talentos capazes de grandes composiçóes, mas por falta destes estimulos ficaõ confundidos no vulgar dos talentos mediocres. As Musas pois saõ emblemas representativos desses estimulos, que obrigaõ o Sabio a huma applicaçaõ constante ás Artes de genio, pela qual se elevaõ á maior perfeiçaõ possivel naquellas materias, a que a inclinaçaõ determina o seu entendimento. Dizem que a Rima he contraria á clareza da expressaõ: talvez que a esses, que tanto declamaõ contra ella, e a desterraõ das suas Poesias, custasse bem a exprimir em verso solto com força, e perspicuidade igual á destes tres versos. A sobredita sentença he huma especie de preparatorio para fallar na Pintura.

(11) O merecimento da Pintura anda em igual parallello com o da Poesia, porque ambas tem o mesmo fim, que he a imitaçaõ da natureza: ambas ensinaõ, movem, e deleitaõ; e hum grande Pintor tem igual assento no Parnasso, que hum grande Poeta. Esta admiravel arte sempre foi estimada de todas as Nações cultas; e posto que nenhumas pinturas tenhamos dos antigos Gregos, e Romanos, com tudo temos muitos motivos para julgar que elles fôraõ eminentes nesta preciosa arte, ao menos pela parte, que diz respeito ao desenho, fundados naõ só no que diz Plinio, e outros Authores antigos, mas tambem na summa correcçaõ das estatuas, que daquelles tempos existem; porque he verosimil, que nesta parte a mais essencial da Pintura tivessem igual cuida-

do os Artifices Pintores, que os Estatuarios. Os Italianos fizeraõ renascer, como a todas, esta bella Arte, e a chegaraõ á maior perfeiçaõ, sendo os principaes que nella se assinaláraõ Rafael de Urbino, Miguel Angelo Buonaroti, Ticiano, e Corregio. Em Portugal tambem se cultivou esta arte, principalmente do Reinado de D. Manoel para cá. Os mais famosos dos nossos Pintores fôraõ Graõ Vasco, que floreceu pelos tempos de D. Joaõ III. Teve muita elevaçaõ nos seus pensamentos, e muita viveza de expressaõ: foi admiravel no colorido, e se naõ tivera alguma cousa do Gothico, seria hum consummado artifice. Gaspar Dias, contemporaneo do antecedente, foi Discipulo de Rafael, e de Miguel Angelo, teve grande correcçaõ de desenho, foi notavel em exprimir paixões, teve suavidade de pincel, pelo que he reputado Rafael Portuguez. Bento Coelho, que floreceu no principio deste seculo, teve mui viva imaginaçaõ: naõ se conhece Pintor que tanto pintasse como elle, o que foi causa de se descuidar algum tanto da correcçaõ. A maior parte das Igrejas antigas de Lisboa estaõ cheias de pinturas deste grande Mestre, do qual existem quadros de grande número de figuras todas com expressaõ proprias do assumpto, fazendo partes interessantes daquelle todo, no que mostra ter possuido a Poetica da sua Arte em gráo sublime. E se a Naçaõ Portugueza fôra mais cuidadosa em celebrar os grandes homens, que em Portugal tem illustrado as Artes, este notavel Artifice seria conhecido de todas as Nações cultas. Francisco Vieira, eximio Pintor de nossos dias, estimado com summo aplauso nas Academias de Roma, donde foi membro, e onde estudou, foi hum prodigio de composiçaõ, de correcçaõ, e de expressaõ de affectos. Quasi todas as pinturas da Igreja de S. Francisco de Paula, saõ deste grande Mestre. O famoso painel de Santo Agostinho na Portaria do Convento da Graça de Lisboa naõ tem preço. De outros muitos Pintores podéra eu fazer mençaõ se m'o permittíra a brevidade destas notas. Ao presente florecem excellentes Artifices, que nos vaõ enriquecendo de singulares pinturas. Ha em Lisboa duas Escolas públicas de desenho, das quaes se esperaõ grandes engenhos; e he verosimil,

que

que os documentos dos dous respectivos Mestres façaõ recuar o progresso de hum colorido pouco modesto, que ao presente reina, em favor do adiantamento na correcçaõ do desenho, e na invençaõ.

(12) Com huma semelhante elegancia começa o grande Tasso hum Soneto:

Gran luce in breve tela il buon pittore.

(13) He certo que o verdadeiro merecimento da Pintura está no engano, que faz, dando muitas vezes causa a que se creia realidade o que só he ficçaõ; e isso mesmo he effeito da exacçaõ do desenho, e da harmonia das côres. Foi notavel o certame entre Parrasio, e Zeuxis. Pintou este humas uvas taõ ao proprio, que provocavaõ os passaros a comellas, Parrasio pintou por cima dellas hum véo, e vindo depois Zeuxis, mandou que tirassem o véo, para se vêr a pintura, de modo, que hum enganou as aves, e o outro o mesmo Artifice seu competidor. Quem quizer leia o Capitulo decimo do Liv. XXXV. da Historia Natural de Plinio, onde além do caso referido, verá muitos primores da Pintura, assim como o seu nascimento, progresso, e perfeiçaõ. Este verso talvez que seja novo no Idioma Portuguez.

(14) He tambem hum effeito da illusaõ, ou da excellencia da imitaçaõ fazer existir novas entidades. Perguntando o Emperador Adriano ao Filosofo Epicteto, que cousa era a Pintura, este lhe respondeu, que era verdade falsa, porque appresentava cousas, que naõ existiaõ. O pensamento parece novo; eu naõ tenho lembrança de o ter visto em Escritor algum.

(15) Estes fins tem a Pintura igualmente com a Poesia, e ainda a Musica, o que deve ser em gráo supremo; porque estas artes naõ soffrem mediania.

(16) *Vulgo ignaro* he elegancia muito propria da lingoagem poetica. Veja-mos como della se serviraõ os grandes Mestres. Virgilio no Liv. I. da Eneida v. 153.... *Saevitque animis ignobile vulgus.* E no Liv. II. v. 798... *miserabile vulgus.* Horacio na Ode I. do Liv. III. — *Odi profanum vulgus.* — Ariosto no VII. Canto do Furioso... *non bisogna — Ch'io ponga mente al vulgo scioco, e ignaro.* — Fileremo na Serva, C. III. *A chi fra il vulgo ignaro sa*

ſoggiorno — Chi tuti ſiam ſuggetti al vulgo ignaro. — Fulvio Teſti n'uma Ode *mihi* fol. 34. — *Ronchi, deh tu che fuor del volgo ignaro.* — Camões na Epiſtola a D. Conſtantino de Bragança Eſt. 4. — *Contra a tençaõ, que a plebe ignara tem.* — E na Eſt. 18. — *Naõ vos temais, Senhor, do vulgo ignaro.* — Ferreira na Ode I. — *Fuja daqui o odioſo, profano vulgo* ... e na V. — *Fuja o vulgo profano.* — Manoel da Veiga, Ode I.... *vulgo errado* — Garçaõ Ode I. *Fuja o profano vulgo.* Eſtas elegancias naõ ſaõ indices de ſoberba poetica: quanto maior, e mais illuſtrado he o engenho, tanto menos idéas tem de ſuperioridade; porque o ſabio eſtá ſempre perſuadido, que as virtudes ſaõ o producto legitimo, e natural do exercicio das Letras. Serve-ſe a Poeſia deſtas expreſsões, como côres viviſſimas para pintar a ignorancia que deſpreza as Artes, e Sciencias. Deſta ſorte plebe, ou vulgo ignorante, errado, ignobil, errante, profano &c., exprime naõ aquella claſſe de gente laborioſa, e util, a quem a Soberba score ocioſa chama vil, mas ſim aquelles que ſepultados na mais profunda ignorancia naõ estimaõ as artes, nem os que a ellas ſe daõ. Veja-ſe número 40.

(17) *Urania* he a Muſa, ou ſymbolo que repreſenta a Sciencia Mathematica. *Filhos de Urania* he expreſſaõ ſemelhante a outra de Mr. de Voltaire na bella Ode aos Mathematicos, que fôraõ ao Circulo Polar, e ao Equador determinar a figura da terra:

Que ſont tes vrais enfans, ó celeſte Vranie?

(18) Sem o ſoccorro da Sciencia do Calculo e da Geometria, naõ ſe póde dar hum paſſo ſeguro em Aſtronomia.

(19) Todo este terceto está tecido de fraſes naõ muito uſadas pelos Poetas de Heſpanha; deſigna pois a Mathematica mais ſublime, analyſando os mais notaveis fenomenos da natureza, quaes ſaõ o pezo do ar, o movimento dos Planetas, a ſua figura, pezo &c. *Os ares peza*, he elegancia imitada da dita Ode *Et qui peſes les airs.*

(20) *Alli calcúla, e ſonda.* — *O movimento eterno dos Planetas* — Combine-ſe esta paſſagem com outra ſemelhante de Mr. de Voltaire na meſma Ode, e julgue-ſe quaes fôraõ mais felices nesta pintura, as Muſas Francezas, ou as Portuguezas. O lugar he o que ſe ſegue:

Qui

Qui mesures des Cieux la carriere infinie.

21 *Qual pezo á massa enorme corresponda* — Imitaçaõ do seguinte lugar da mesma Ode de Voltaire

. . . . *Et ces rares Esprits*
Fixent la pesanteur, la masse, e la figure
De l'Univers surpris.

O epitheto *enorme* significa neste lugar, grande, pesado, immenso.

(22) Este terceto he imitaçaõ da seguinte passagem de huma carta de Mr. de Voltaire á Marqueza de Chastelet sobte a Fysica de Newton:

Cometes, que l'on craint à l'egal du Tonnerre
Cessez d'épouvanter les peuples de la Terre,
Dans une ellipse immense achevez votre cours,

A Sciencia Mathematica he da mais conhecida utilidade, e certeza, porque se funda em o conhecimento de verdades positivas. Os progressos, que ella tem feito na Europa, fizeraõ desterrar o medo, que as gentes concebiaõ ao aspecto de qualquer Cometa. Esta Sciencia naõ deve os seus maiores progressos aos Portuguezes; com tudo, quando ella começava a renascer na Europa, appareceu entre nós o grande D. Henrique Filho de ElRei D. Joaõ I., que cultivou as Sciencias Mathematicas, e as fez cultivar em Portugal. Dellas se servio muito para a navegaçaõ: por meio dellas fez muitos descobrimentos, e foi causa de todos os mais, que depois se fizeraõ de tantas, e taõ dilatadas regiões, com pasmo, e admiraçaõ de todo o Mundo. O celebre Pedro Nunes, que existio no seculo decimo sexto, ainda he contado no número dos grandes Mathematicos. Este grande homem trabalhou muito para facilitar a Navegaçaõ: inventou diversos methodos de determinar a Latitude, e huma divisaõ dos instrumentos, que servem para medir a altura dos astros, divisaõ que ainda conserva o nome do seu appellido: delle existem Obras muito estimadas dos Sabios.

(23) Clio symbolo da Historia, ou a Musa que a ella preside.

(24) A verdade he a alma, e a mais essencial virtude da Historia. O verbo *historiar*, que em si tem grande energia, e naõ he usado por ignorancia, he antiquissimo no Idio-

Idioma Portuguez, com tudo alguns o tem por novo. Fernaõ Lopes o primeiro Historiador Portuguez, usa delle varias vezes, e bastará apontar o seguinte exemplo no Prologo da II. Parte da Chronica de D. Joaõ I. Ora » leixando noos a abastança dos muitos louvores por cau- » sa de brevidade, que alguns que ante noos fizerom *his-* » *toriar* largo &c. » Vieira na Historia do Futuro pag. 132 nos dá o seguinte exemplo do verbo *historiar*. » D. Joaõ » de Palafoz, na sua Historia Real Sagrada, escrita mais » para contradizer o novo Reino de Portugal, que para » *historiar* o de Saul. » E no Tomo IX. pag. 4. » Sup- » posto pois que no caso do presente Evangelho temos » *historiado* o Rosario. » O verbo *historiar* tem muita clareza, e força, porque exprime huma proposiçaõ completa que se naõ póde supprir com outro verbo, porque o naõ ha, vendo-se sempre a maior parte dos que escrevem na precisaõ de se expressar por huma circumlocuçaõ, que enfraquece o estylo, o que costuma succeder por causa da pobreza de expressões, a que os reduz o pouco, ou nenhum estudo, que fazem do Idioma: a observaçaõ profunda que nelle fez o Orador Vieira o conduzio manifestamente a escrever com summa correcçaõ, e por isso a sua proza he a mais pura e elegante de todas as prozas Portuguezas.

(25) A Historia costuma ser huma narraçaõ veridica de factos prosperos, e adversos, de cuja liçaõ podem os Principes tirar grandes documentos para o governo dos Póvos.

(26) He tanto o que tem escrito antigos, e modernos a respeito da Eloquencia, que seria diminuto quanto della se houvesse de dizer. Os escritos de Aristoteles, Cicero, Quinctiliano, e Longino, saõ as verdadeiras fontes do bom gosto nesta materia.

(27) Parece natural, que depois de o Orador por meio de huma subtil insinuaçaõ se apoderar da benevolencia do Juiz, comece a tocar a sua alma por meio dos affectos, que tambem devem hir acompanhando os argumentos, sobre que se funda a efficacia da persuasaõ. Esta insinuaçaõ ou sagacidade, com que o Orador se apossa do animo do Juiz, tem seu verdadeiro lugar no exordio,

dio , quando a caufa , ou por fi , ou por alguma circumstancia he odiofa ao mefmo Juiz.

(28) Neste terceto fe indica aquella parte da Eloquencia , a que os Rhetoricos chamaó *Genero deliberativo* , onde fe encontraó os maiores , e mais vehementes rafgos da Eloquencia fublime , propria do governo republicano : efte foi o genero em que mais refplendeceu a facundia de Demofthenes. O famofo Sermaó do Vieira contra as armas de Hollanda , he o mais notavel monumento de Eloquencia, que nefte genero poffue a Lingoa Portugueza.

(29) Neftes tres verfos fe expoem o Genero demonftrativo, o qual pede huma expreffaó mui viva, mas nunca Poetica , como fe ufa modernamente entre nós. Huma expreffaó de fogo , que inflamme os coraçóes dos ouvintes para imitar as acçóes do Heroe , que fe louva , e celebra ; por iffo me fervi da metafora *braza de pincel*, como fe diceffe , o fogo da expreffaó , que anima , e dá vida. Naó me lembro de ter vifto em Efcritor algum outra frafe femelhante a efta. A metafora tem feu imperio na Poefia. Ella he hum fupplemento á falta de termos proprios ; porque as Lingoas naó tem tantas palavras como nós temos de idéas ; em taes cafos a imaginaçaó coftuma focorrer efta falta , e fuppre por meio de imagens , e idéas acceffórias, as palavras , que a Lingoa naó póde fornecer , e fuccede que eftas imagens e idéas accef-forias occupaó mais agradavelmente o efpirito , e fazem o difcurfo mais vivo , e energico : como por exemplo , quando fe diz de hum homem dormindo , que elle eftá fepultado em fomno , efta metafora diz mais que fe diffeffe fimplefmente , elle dorme. Ponhamos hum exemplo de Virgilio , e para maior clareza feja da verfaó de Joaó Franco Barreto em o Livro II da Eneida Eft. 66.

Accommetem com furia denodada
A terra em fomno , e vinho fepultada.

Note-fe , primò , que *fepultada* tem hum fentido todo novo , e differente do feu fentido proprio : fecundò , *fepultada* , tem efte novo fignificado por eftar junto a fomno , e vinho , com os quaes nunca poderia eftar unido em fentido proprio ; porque fó por huma nova uniaó de termos tomaó as palavras fentido metaforico. Nefte fentido

tido pois se deverá talvez entender a seguinte passagem de Horacio na Poetica:

Dixeris egregie notum si calida verbum
Reddiderit junctura novum.

Mui bem farás, se a huma voz já conhecida, ajuntares outro significado, fazendo-a por isso nova. Apontarei hum exemplo de Mr. du Marsais, que foi o primeiro, e unico talvez, que fez esta taó judiciosa, como subtil observaçaó. *Luz* só se ajunta em sentido proprio ao fogo, ao Sol, e a outros corpos luminosos; porém aquelle que primeiro unio *luz* ao entendimento, deu a *luz* hum sentido metaforico, e fez huma palavra nova por meio do novo sentido, que lhe deu. Assim o confirmaó os seguintes exemplos, além de outros muitos, que se poderiaó apontar. Camóes na Est. 21. da Lusiada Cant. III.

Esta he a ditosa patria minha amada
Áa qual se o Ceo me daa, que eu sem perigo
Torne com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz *allí commigo.*

Aqui se vê, que *luz* está significando *vida* por virtude de metafora. Vieira Tomo IV. pag. 496.... » Os ma-» gos levando a *luz* da Fé do Oriente para o Occidente. » Lume da razaó, lume do juizo, lume do entendimento &c. saó metaforas, que fazem ser a palavra *lume* outro diverso termo unido á razaó, juizo, e entendimento. Deste modo se augmentaó as Lingoas com muitas frases, e elegancias, que as fazem copiosas, e flexiveis para tudo o que houverem de expressar: e quem melhor se servir da metafora, será o mais puro e variado nos seus escritos, como se observa em Virgilio, e em Voltaire.

(30) O primeiro que comparou os tumultos populares ás tempestades do mar foi Homero no segundo livro da Iliada, verso 144.

Κινήθη δ' ἀγορὴ, ὡς κύματα μακρὰ θαλάσσης.

Mas eu propriamente imitei a celebre passagem de Virgilio no Liv. I. da Eneida v. 145. Nesta opperaçaó ficáraó seis hexametros Latinos, quasi como resumidos em tres hendecasyllabos Portuguezes, prova de que o nosso idioma he capaz de todo o laconismo racional. O lugar de Virgilio he o que se segue:

Ao

Ac, veluti magno in populo cum sæpe coorta est
Seditio, sævitque animis ignobile vulgus;
Jamque faces, et saxa volant: furor arma ministrat:
Tum pietate gravem, ac meritis, si forte virum quem
Conspexere silent; arrectisque auribus adstant:
Ille regit dictis animos, et pectora mulcet.

De modo, que sendo o imitado huma verdadeira comparaçaõ, a cópia contrahio grande parte da extensaõ do original em legitima metafora: e que he esta senaõ huma comparaçaõ laconica? De igual modo de fallar usou Cicero na Oraçaõ a favor de Millaõ. *Equidem cæteras tempestates, et procellas in illis duntaxat fluctibus concionum, &c.* Camoens na Carta a D. Constantino de Bragança:

Demosthenes lançado das tormentas
Populares....

(31) *Vulgo ignobil* se esta clausula vos parecer imitaçaõ muito restricta, supposto o accidente *ignobil* nimiamente Latino, e por consequencia nada Portuguez, no Livro das Origens da Lingoa Portugueza por Duarte Nunes de Leaõ, achareis exemplo do mesmo adjectivo. E ainda que o naõ houvera, a natureza da composiçaõ, o privilegio da Poesia, e da imitaçaõ me dariaõ toda a authoridade para qualquer innovaçaõ de estylo propria da Syntaxe Portugueza.

(32) Neste terceto se expressa o Genero Judicial, onde tem mais lugar os affectos, especialmente nas peroraçoẽs. A respeito da doutrina dos affectos, veja-se Aristoteles, que foi quem melhor analysou as affeiçoẽs do coraçaõ do homem.

(33) A Musica tambem he huma Arte imitadora da natureza, porque exprime affectos. Ella teve principio com o homem, ou já por imitaçaõ do Canto das aves, ou por aquella innata propensaõ, que todo o homem tem para o Canto. Se dermos credito ao que os antigos nos dizem dos effeitos, que a Musica fazia n'alma de alguns Heroes, como na de Alexandre, já ella tinha chegado a grande auge entre os Gregos. Ella sempre foi companheira inseparavel da Poesia, e assim como esta consagrada á Religiaõ. Na Italia he onde ella mais tem florecido: o celebre Pargolessi, reputado o Rafael

da Musica, foi quem a levou á maior perfeiçaõ. As nações que nella mais se tem distinguido saõ a Italiana, Portugueza, e Castelhana. Divide-se pois a Musica em varios ramos, dos quaes o mais principal, e interessante he o que acompanha a voz, e exprime o significado. Tem havido Sabios taõ escrupulosos, que no seu conceito, só este mereceu o nome de Musica, e a tudo o mais chamáraõ hum motim harmonioso. Desta opiniaõ foi o celebre *Fontenelle*, o qual fallando da Sonata, que nada ao seu parecer expressava, dizia: *Sonata que me queres*? Com tudo a Sonata deve ser reputada huma especie de musica, assim como a que acompanha a Dança, e por isso util porque he expressiva. A Musica está presentemente reduzida a huma arte de dizer difficuldades, de que já *Rousseau*, e *d'Alembert* se queixáraõ. Com tudo naõ levemos as cousas ao extremo. A Musica naõ deve tomar andamentos taõ velozes, que naõ deixe gostar as suas inflexões harmoniosas; nem taõ vagarosos, que influaõ tedio, e lancem a alma em hum lethargo, e froxidaõ affeminada.

(34) Este terceto indica os affectos brandos, como amor, tristeza, compaixaõ &c., os quaes costuma exprimir a Musica com tons mais suaves, e os communica ao espirito com andamentos mais vagarosos.

Camões fallando d'ElRei D. Fernando no Canto III. da Lusiada Est. 139, diz:

Ou foi que o coraçam sogeito e dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez, e fraco ———

E no Canto VI. Est. 96.

Naõ cos passeos molles, e ociosos.

Aponto estas authoridades para que se observem os usos translatos do adjectivo *molle*.

(35) Odio, ira, furor, saõ affectos duros, que tambem o Canto exprime. Deve a Musica expressar estas paixões com harmonia mais brilhante, e andamentos velozes, imitativos dos effeitos, que ellas costumaõ produzir. Em taes casos os recitados obrigados saõ de hum maravilhoso effeito, e quasi que se tem constituido lugar commum, e fonte de combinações musicaes.

(36)

(36) Parece-me que todos estes enthusiasmos estaõ no seu devido lugar. Elles saõ hum proprio expressado daquellas sensações sublimes, que se apossaõ da alma, quando se engolfa nas delicias da composiçaõ poetica.

(37) Tódas estas expresões saõ allegoricas, e dizem relaçaõ ao grandiloquo da lingoagem Poetica, que excepto na Comedia, e na Satyra, em tudo o mais he differente do commum fallar do vulgo.

(38) A pezar de me parecer esta expressaõ mui bella, e significativa, eu a vì censurar por hum douto, e naõ sei porque, pois naõ deu razaõ alguma do seu reparo. Esta elegancia tem semelhança com a celebre de Virgilio no Livro III. da Eneida, *Auri sacra fames*: a qual passagem foi imitada pelo divino Camões no Canto VIII. Est. 96 da Lusiada, da maneira seguinte:

Veja agora o juyzo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre
Póde o vil interesse, e sede imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

Além disso, eu vejo-a taõ congruente com a boa Grammatica, que naõ posso duvidar da sua pureza. A ambiçaõ, o dezejo de accumular riquezas sempre foi julgado da Filosofia por hum furor hydropico, que quanto mais tem, mais appetece; como se vê na seguinte passagem da bella Ode II. do Livro II. de Hracio:

Crescit indulgens sibi dirus hydrops
Nec sitim pellit, nisi causa morbi
Fugerit venis . . . . .

isso mesmo se vê expressado com energia naõ vulgar a todas as lingoas em *furor sedento*. O epitheto *Sedento* pinta neste lugar acçaõ permanente, e faz as vezes de participio do presente: exemplo em Camões, Lusiada Canto III. Est. 116.

Nam matou quarta parte o fero Mario
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as agoas co sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento.

A falta de bom gosto faz censurar as delicadezas da arte; e applaudir muitas vezes o que merece ser vituperado.

(39) Consta este verso de dous membros, o segundo

dos quaes augmenta ſobre o primeiro. Combinando-ſe eſta com a ſeguinte paſſagem de Camões, na Eſt. 99. do Canto V. da Luſiada:

Aas Muſas agradeça o noſſo Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos ſeus na Lyra nome e fama
De toda a illuſtre, e bellica fadiga.

Vê-ſe, que a daquelle Poeta he admiravel pela harmonia; e a minha ſe algum merecimento póde ter, ſerá pelo laconiſmo.

(40) Allude ao uſo antiquiſſimo da iniciaçaõ dos myſterios de alguma Divindade. Foi eſta pratica introduzida ſabiamente pelos antigos Legisladores da India, donde ſe eſpalhou por toda a Aſia, e Egypto, e daqui veio á Grecia. Deſte modo pertendêraõ atalhar a deſeſperaçaõ, em que podiaõ cahir os facinoroſos arrependidos, fazendo tirar frućto ſaudavel dos ſeus remorſos. Chamavaõ-lhe myſterios, ou ſegredos, porque ſó eraõ manifeſtos aos arrependidos, que ſe iniciavaõ, ou cathequizavaõ naquelles myſterios, ou dogmas, de que elles naõ podiaõ revelar a menor parte. Naõ ſó criminoſos ſe iniciavaõ, mas tambem os que naõ paſſavaõ por taes, como Filippe, Pai de Alexandre, que ſe foi iniciar nos myſterios de Samothracia com a dama Olympia, com quem por conſentimento de ſeu Irmaõ Arriba ſe caſou, como conta Plutharco no principio da Vida de Alexandre Magno. Naõ ſe ſabe em que conſiſtiaõ os myſterios da religiaõ dos Bramenes da India, porque eſtes nunca admitíraõ aos ſeus dogmas ſénaõ os da ſua geraçaõ; e querendo o Emperador Mahmoud Akebar ſabellos, por mais eſtratagemas que uſou, nunca o pôde conſeguir. Sabe-ſe com tudo, que os da Grecia ſe fundavaõ na crença de hum Deos unico, e da vida vindoura; e em todas as partes, onde eſtes myſterios ſe celebravaõ em Thebas, Samothracia, ou no Templo de Ceres em Eleuſis, &c. ſe cantava o hymno de Orfeu, pela maneira ſeguinte:

Andai pelo caminho da Justiça,
Contemplai Demiurgo unico Deos,
Que existe só por si, de quem depende
Todo o vivente, que no mundo existe,
Que delle bebe o halito da vida;
Quem nunca visto foi da mortal gente,
Quem no fundo dos nossos corações
Tudo vê, tudo observa, e tudo sabe.

Representavaõ-se alguns destes mysterios de noite em hum como theatro, onde appareciaõ os iniciados nus da cintura para cima, flagellando-se mui asperamente, dando suspiros, e ais sentidos, acompanhados de muitas lagrimas. Destes espectaculos se apartavaõ os naõ iniciados, a quem chamavaõ profanos, que segundo as interpretações, que lhe daõ Festo, e Varraõ, eraõ assim chamados por naõ serem addictos á religiaõ do templo, onde se celebravaõ aquelles mysterios, ou porque ficavaõ excluidos da parte de fóra junto ao Templo. Como os Poetas se consideraõ Sacerdotes das Musas, como Divindades symbolos das Artes de Genio, por isso costumaõ usar deste termo, chamando profanos aquelles, que naõ exercitaõ as Artes, nem dellas fazem apreço; daqui veio principiar Horacio a bella Ode I. do Liv. III.

Odi profanum vulgus, et arceo.

Do mesmo modo, e com o mesmo sentido, começa Claudiano o seu Poema do Roubo de Proserpina, onde depois da proposiçaõ diz:

. . . . *Gressus removete profani,*
Jam furor humanos nostro de pectore sensus
Expulit, et totum spirant præcordia Phœbum.

nesta passagem imitou a Virgilio, quando no Liv. VI. da Eneida, versos 258, poem na boca da Sybilla a seguinte expressaõ:

. . . . *Procul, o procul este, profani,*
. . . . *totoque absistite luco.*

Assim como tambem se exprimio no Liv. XII. versos 779.

. . . . *Honores*
Quos contra Æneadæ bello fecere profanos.

(41) Neste verso está o adjectivo *gracioso* adverbialmente, e significa agradavelmente, sem custo, sem difficuldade.

dade. Fernaõ Lopes Chronica de D. Joaõ I. » Vendo os » Reys taes rendas , e cizas...... moſtravom ao povo » neceſſidades paſſadas , ou que erom por vir , e pediom-» lhas *graciosamente* por dous, ou tres annos. » Eſte ſignificado no dito adjectivo he frequente nos antigos , do qual ſe naõ ſerve o commum dos Eſcritores deſte ſeculo, porque naõ examinaõ a força deſta , nem de outra qualquer voz nos diverſos ſentidos , que os bons Authores lhe deraõ ; daqui vem a raridade extrema de obras eſcritas neſte tempo com correcçaõ , e elegancia , porque raros ſe applicaõ ſeriamente ao eſtudo da Lingoa. Além de que, ſe em lugar de *gracioſo* , eſtiveſſe outro termo de mais culto ſignificado , ficaria a expreſſaõ languida, e ſem força. Joaõ Pinto Ribeiro , Eſcritor bem culto, e vizinho dos noſſos tempos, uſou deſta voz com o meſmo ſignificado, a fol. 5 da ſegunda parte das ſuas obras : » Tratou aquelle Rey de ſe apoderar da peſſoa do Du-» que de Barcelos , que cativára com ſeu Rey , e com » côr e piedade de parenteſco , effeituou dar-lho *gracio-» ſamente* o Rey barbaro. » Inda que os exemplos ſejaõ de adverbios, eſtes ſempre tem a meſma energia dos ſeus poſitivos. Vieira, Tom. IX. pag. 469. » Foi taõ grandioſo » o Rei...... que lhe perdoou *gracioſamente* toda a divida. »

(42) Eſte terceto exprime aquellas ſuaves commoções , que a alma ſente , quando levada da contemplaçaõ ſublime ſe entrega á contemplaçaõ Poetica. Na bella Ode, em que o Conde Fulvio Teſti excita ſeu Filho ao eſtudo da Poeſia, ſe vê huma ſemelhante paſſagem , ainda que com diverſas translações , expreſſadas neſtes dous belliſſimos endecaſyllabos :

Ben di propizia ſtella amico lume
Impeti eccelſi in gentil cor infonde.

Quando a fantaſia ſe ſente poſſuida do mais vivo enthuſiaſmo , experimenta ſenſações taõ ſublimes , que quaſi tranſportada noutra esfera , vendo couſas muito acima do commum penſar , entra no laboratorio de hum novo tecido de idéas , que parecendo no acto da ſua criaçaõ inſubſiſtentes por falta de nexo , ſe vem a realizar por virtude de huma diſpoſiçaõ filoſofica , que unindo todas as partes analogas fórma hum todo perfeito. Os aballos com

com que o enthuſiaſmo accende a fantaſia, e poem em movimento as mais nobres potencias d'alma, daõ fórma, e exiſtencia *ás doces e amaveis illusões*: iſto he, á fabula, ao tecido ſymbolico, com que a mais ſublime Poeſia coſtuma alumiar o eſpirito humano.

(43) *Amaveis illusões.* Com razaõ amaveis, porque naõ ha prazer, que ſe poſſa equiparar com o da compoſiçaõ, eſpecialmente ſe o artifice ſe reconhece verdadeiramente inſpirado. Naõ he ſó o louvor, quem lhe dá eſte conhecimento, porque eſſe muitas vezes he producto de admiraçaõ repentina, mais naſcida do ſentimento, do que de ſolida inſtrucçaõ nos myſterios da Arte; mas ſim o eſtudo da natureza, a liçaõ dos melhores Authores, o grande número de conhecimentos Litterarios, e a Sciencia individual de todos os preceitos da Arte maduramente analyſados pela mais exacta dialetica. He a Poeſia, aſſim como a Pintura, que quanto mais illude, tanto he mais ſublime e perfeita; porque como ambas eſtas precioſas Artes fundaõ todo o ſeu merecimento na mais exacta imitaçaõ da natureza, claro eſtá, que quanto mais nos enganaõ, iſto he, quanto mais nos intereſſaõ inſenſivelmente por meio de alguma paixaõ, entaõ fazem o ſeu effeito, e chegaõ ao maior auge de commoçaõ. Eſta elegancia he de Horacio na Ode IV. do Liv. III.

. . . . . . *An me ludit amabilis*
Inſania . . .

Já n'outro lugar adverti, que as imitações deſte genero devem ſer feitas por via de reminiſcencia para ſe executarem com liberalidade idonea, para haverem de ficar proprias, e quaſi nativas do idioma, em que eſcritas fôrem. Eu naõ inculco eſtas obſervações como meſtre, pois conheço a curta eſfera das minhas luzes; mas para ſe executarem as ditas imitações com gentileza, convém primeiro ler, e estudar com a maior attençaõ o Author, ou Authores mais dignos de ſer imitados, e cuja compoſiçaõ for mais analoga ao genio de quem compoem; de modo que ſe entre primeiramente no conhecimento do eſpirito, com que deduz as ſuas idéas, em ſegundo lugar da elegancia, com que as annuncia; e depois hir formando por lembrança remota a ſua imitaçaõ; de maneira

ta, que esta no tecido das idéas, e na belleza do expressado fique propria do pensar da naçaõ, para quem escreve, e da elegancia do idioma, em que compoem.

(44) As idéas elevadas concorrem muito para formar hum todo grande, e magestoso: isto se deve principalmente applicar para a Tragedia, e para a Epopéa, onde com mais vehemencia resplendece a força do sublime, e onde existe a maior gloria de todos os talentos poeticos, pela difficuldade da execuçaõ, pelo qual motivo parece que só a Poesia sublime deve ser reputada verdadeiro producto de Divino influxo.

(45) Esta elegancia he toda nova na nossa poesia.

(46) Sem estudo, e sciencia naõ se póde bem escrever na Poesia; por isso lá disse Horacio na Poetica:

Scribendi recte sapere est et principium, et fons.

(47) Pelo termo *policia* se deve entender aqui a emenda na invençaõ, na disposiçaõ, nos pensamentos, e na dicçaõ de qualquer poema. A significaçaõ original desta voz he abstracçaõ do verbo *polir*, donde ella procede, e por translaçaõ tem sido admittida a varias significaçoẽs para supprir a falta de termos, ou para variar o estylo. Pergunta Mr. de Voltaire nos conselhos, que dá a hum Jornalista, que he o mesmo que hum Gazeteiro Litterario, se o termo *policia* deve entrar em verso? E deixa a questaõ indecisa. No idioma Portuguez naõ só he admittido este vocabulo no commum fallar, mas em todo o genero de Eloquencia da prosa, e do verso, como vemos praticado varias vezes em Camões, e em Vieira, dos quaes basta apontar os dous seguintes exemplos. Lusiada. Canto VI. Est. 2.

Segundo a policia *Melindana*

Vieira, Tom. V. pag. 366 » .... e occupada tambem Mar» tha..... nas prevençóes, e *policias* da meza, em que » havia de servir, e regalar a taõ Soberano hospede &c. »

(48) *Immensa luz respira*: he elegancia mais propria da Lingoa Latina do que da Portugueza. Eu naõ me lembro de a ter visto em Escritor nosso; com tudo julgo, que se naõ arreda do systema do Idioma: primò por ser de facil intelligencia; secundò, por ser pura, por ter o verbo *respirar* a mesma natureza no nosso Idioma, que no Latim,

que

que he ſer commummente neutro, e tomarſe algumas vezes activamente. He imitaçaõ de Lucrecio no Liv. V.

Et Diomedis equi ſpirantes naribus ignem.

De ſorte, que o meſmo he dizer *immenſa luz reſpira*, que *immenſa luz diffunde*. A audacia da translaçaõ eſtá conſtituida no verbo *reſpirar*, em lugar do qual podéra eu ſervir-me do verbo *eſpirar*; mas além de ficar frio, formava ſentido equivoco. As translações ſenſatas enriquecem os idiomas, e os fazem mais bellos: este he o maior privilegio dos que eſcrevem em lingoa vulgar.

(49) Aqui entra a commoçaõ dos affectos, que he o mais difficultoſo de executar, e o que deve fazer mais intereſſante esta qualidade de poema.

(50) Benigna estrella, *porto amigo*, ſaõ figuras muito uſadas dos grandes Poetas. Petrarca no Soneto 203.

Quanto mai piove da benigna ſtella.

Fulvio Teſti na Ode acima allegada n.º 42.

Ben di propizia ſtella *amico lume.*

Camões na Est. 47 do Canto VI. da Luſiada.

Onde as forças magnanimas provara
Dos companheiros, *e* benigna estrella.

Estas elegancias, que exprimem com decencia, e ſublimidade as conſolações, e os deſcanços taõ appetecidos de todos aquelles, que cultivaõ as Artes, ſaõ proprias da noſſa Lingoa, e tiradas da navegaçaõ, a que ſempre ſe deu a Naçaõ Portugueza. *Porto amigo*... como diſſe o grande Taſſo no principio de hum dos ſeus mais bellos Sonetos:

Nobil porto del mondo, *e di fortuna.*

Até na proſa he admittida esta elegancia, como ſe vê no Orador Vieira tom. VI. fol, 17... » Em huma taõ lar- » ga, temeroſa, e eſcura navegaçaõ, quem poderia che- » gar ao *porto do Ceo*, ſe naõ foſſe guiado de lá por aquel- » la *benigniſſima eſtrella*? »

(51) Conforme ao que já diſſemos, que a Poeſia, e a Pintura, ſaõ Artes illuſorias, que nos affeiçoaõ o eſpirito, ſem termos relações reaes com aquelles caſos, que nos movem.

(52) De todos os poemas monologos o mais difficil, e intereſſante he a Elegia. Ella pede muita perſpicuida-

de, pureza, e elegancia; mas o que a faz mais custosa de executar he o manejo dos affectos, e a moral pura, que deve inspirar. Para se cumprirem estes preceitos com perfeiçaõ, he necessario grande engenho, e muito saber; e pode-se affirmar, que quem desempenhar no genero elegiaco, estará apto para a grande poesia Epica, e Tragica. Quando a Elegia tem grande commoçaõ de affectos, o seu estylo deve ser mais submisso; porque a dor naõ se costuma exprimir com sublimidade estudada. Isto assentado, note-se, quanto a nossa Lingoa he capaz de pintar com o colorido mais vivo e conveniente, como se póde ver no picturesco deste verso, tecido de vogaes breves, e consoantes liquidas, cuja disposiçaõ faz o estylo tenue, proprio deste poema, quando exprime affectos. Nas combinações harmonicas da clausula *flebil Elegia* consiste o merecimento artificial da expressaõ, que he mais para sentir, do que para analysar. Mas estas bellezas saõ effeitos da harmonia da Lingoa, e naõ de engenho.

(53) Tambem este verbo todo he fantastico, porque pinta á imaginaçaõ, e ao ouvido: á primeira pela metafora constituida no verbo *trovejar*; e ao segundo em o feliz concurso de consoantes asperas imitativas do som, que exprimem em *tragica trovejas*: genero de harmonia muito particular ás Lingoas Grega, e Latina, cujo estudo só póde ministrar semelhantes combinações harmoniosas aos espiritos dotados de engenho e gosto, para enriquecerem, e fixarem a harmonia do Idioma, como foi o grande Camões. O estylo da Tragedia deve ser sublime, e fortemente apaixonado; por isso me servi metaforicamente do verbo *trovejar*, assim como Horacio fallando de Pindaro na Ode II. do Livro IV. o comparou em simile formal a hum rio, que com as grandes chuvas vai de monte a monte. Esta expressaõ denota os grandes rasgos de eloquencia, que deve resplendecer na Tragedia.

(54) A razaõ pede, que o sublime no poema tragico ande sempre acompanhado de força significativa, que isso quer dizer energia. A differença, que ha na sublimidade da Ode, e na da Tragedia, consiste em que o sublime

blime desta deve sempre ser de conceito claro, e o daquella pela audacia dos seus tropos póde talvez ser escuro; e com razaõ, porque na Tragedia nunca falla o Poeta, e na Ode elle he quem sempre falla.

(55) Parece que o proprio assento do sublime he a Epopéa, o qual consiste na invençaõ, e no expressado, inda que tenha seus intervallos; porque nella humas vezes falla o Poeta, e outras naõ, e pode se affirmar, que a Epopéa he hum composto de Tragica, e Lyrica sublime, posto que algumas vezes se demore em pinturas icasticas, isto he, proprias da Comedia.

(56) Este verso está como fatigado para haver de pintar o custoso da acçaõ de subir pelo concurso das consoantes asperas *rr*, e *tt*, e pelo esdruxulo *nitidos*, posto depois de astros, e ultimamente pelo verbo *forcejar* collado no fim do verso: assim como fez Virgilio, o mais destro de todos os Mestres da antiguidade neste genero de pintura, em o seguinte verso da IV. Georgica:

Illi inter se se magna vi brachia tollunt.

Todos os grandes Poetas modernos como Ariosto, Tasso, Voltaire, e Camões executáraõ estas pinturas com muita destreza, de que naõ apontarei exemplos senaõ deste ultimo, por serem de mais utilidade. Na famosa prosopopéa do Cabo da Boa Esperança se vê o seguinte exemplo:

. . . . *quando huma figura*
Se nos mostra no ar robusta, e vallida.

E na Estança 87 do Canto IX.

No qual hua rica fabrica se erguia.

A belleza da pintura no primeiro verso consiste nas cesuras do meio, e no fim do ultimo hemistichio: começa a belleza *no ar* sem contracçaõ, e nos dois epithetos do fim, em que parece, que a figura se vai erguendo visivelmente. No segundo exemplo se vê a imitaçaõ na dureza constitituida em *hua* pela contracçaõ das duas vogaes, e pela suppressaõ do *m*; vê-se tambem no esdruxulo *fabrica*.

(57) Os Poemas de maior difficuldade saõ, sem contradicçaõ alguma, aquelles onde os affectos entraõ de necessidade; quaes a Elegia, como preparatorio para os

Poemas de grande fabrica, a Tragedia, e a Epopéa. Quem neftes for infigne, ferá refpeitado pelo mais reputado engenho; por ferem obras, que pedem o maior esforço do entendimento humano.

(58) Os Poemas fublimes naõ podem fer executados fenaõ por engenhos verdadeiramente fabios. Póde qualquer ignorante fazer hum Soneto menos máo, huma Cançaõ, e ainda huma Ode; mas Tragedias, Epopéas, e outros Poemas de grande eftençaõ, fó coftumaõ fer defempenhados pelos engenhos mais fabios, e fublimes.

(59) A primeira condiçaõ para fer bom Poeta he ter engenho, por iffo com muita razaõ começa Boileau a fua admiravel Poetica, com a feguinte doutrina:

C'eft en vain, qu'au Parnaffe un téméraire Auteur
Penfe de l'Art des Vers atteindre à la hauteur,
S'il ne fent du Ciel l'influence fecrete,
Si fon Aftre en naiffant ne l'a formé Poete.

Os quaes verfos querem dizer pouco mais ou menos, o que exprime a debil imitaçaõ, que fe fegue:

Em vaõ pertende ao cume do Parnazo
Hum temerario Author erguer feus vôos,
Se naõ fente do Ceo fecreto influxo,
Se o feu deftino o naõ formou Poeta.

A Arte he neceffaria ao Poeta para dar fórma natural, e elegante aos feus affumptos. Horacio na Poetica poem em duvida, fe acafo fe poderia fazer hum Poema digno de louvor fómente com o adjutorio do engenho? O noffo Ferreira imitando-o, agita outra igual queftaõ, e ambos fe moftraõ mais inclinados á arte, do que ao engenho, talvez porque defte fôraõ menos favorecidos. Muito fe tem efcrito fobre efta materia: eu tenho para mim, que o engenho he fupperior á arte, e efta por fi fó nunca fez obra de gofto, quando aquelle tem produzido compofições muito dignas de apreço. O grande engenho póde fupprir as faltas da arte, que muitas vezes prende o esforço, com que elle opéra os rafgos da maior fublimidade.

(60) Veja-fe a Differtaçaõ fobre o Gofto.

(61) Sem grande meditaçaõ naõ póde haver obra de engenho perfeita, e acábada. O maduro penfar vai pou-

co e pouco desenvolvendo as idéas, e tirando-as do cahos, em que a imaginaçaõ as concebe no primeiro instante, em que o genio se sente agitado.

(62) A correcçaõ he de muito trabalho: sem ella naõ he nada a Poesia; porque a imaginaçaõ naõ póde repentinamente conceber com perfeiçaõ. Conforma-se isto com a economia da natureza, e ainda mesmo na criaçaõ dos Corpos Fysicos: ella naõ gera de repente as grandes arvores, que em se formar gastaõ o tempo proporcionado á sua grandeza. Logo todo o Poeta amante da gloria de necessidade deve ser muito severo na lima. Esta foi sempre a pratica de todos aquelles, que mais se distinguíraõ na mais admiravel de todas as Artes, qual he a Poesia. A emenda deve ser pura na invençaõ, aliviando o seu plano de eloquencia poetica de episodios, e ornamentos estranhos do assumpto, restituindo-lhe a sua verdadeira simplicidade, para que fique mais intelligivel ao Leitor. Deve ser pura na elocuçaõ, para que a frase tenha elegancia continua, e harmonia, e seja por consequencia clara, e agradavel.

(63) Falla-se aqui dos improvizadores. Se o improvizar podesse ser exacto na invençaõ, na elocuçaõ, na harmonia, na rima &c. com razaõ deveria ser a mais estimada, e brilhante de todas as Artes; e o Poeta, que tal dom tivesse, seria reputado por hum homem divino, podendo com verdade dizer de si *est Deus in nobis.* Mas isso he o que justamente parece impossivel encontrar-se, e se por ventura existisse algum improvizador com todas as qualidades de hum bom Poeta sedentario, elle seria o mais raro fenomeno, com que se deveria illustrar a historia do espirito humano. Talvez que a Poesia assim principiasse no Mundo; mas como nella se naõ deve applaudir senaõ o perfeito, he mui verosimil, que esta fosse a causa do silencio dos antigos a respeito dos seus improvizadores, dos quaes nenhuma memoria nos deixáraõ: e ainda que o Padre Quadrio aponte algum, naõ dá provas concludentes da sua existencia. Os improvizadores com tudo tem alcançado alguma estimaçaõ entre as Nações modernas, entre aquellas especialmente, cuja poesia consente mais licenças, que he o mesmo quasi que per-

permittir defeitos; como a Italiana, Castelhana, e Portugueza; naõ ſendo aſſim a Naçaõ Franceza, a mais correcta, e ſenſata na Poeſia, a qual jámais coroou os ſeus improvizadores com applauſo notavel. Os mais celebres de que tenho noticia entre os Italianos, onde tem existido o maior número delles, ſaõ *Mario Filelfo*, *Bernardo Accolti de Arezzo*, *Panfilo Saſſo*, *San Filippe Neri*, e *Joaõ Antonio Gelmi*, que florecêraõ nos ſeculos decimo quinto, e decimo ſexto. Os Castelhanos tiveraõ muitos, dos quaes alcançou grande reputaçaõ o celebre *Canhizares*, que ſó póde ſer estimado de huma Naçaõ, cuja ignorancia em bellas letras naõ ceſſa de applaudir *Quevedo*, *Gongora*, e *Calderon*. Quem mais fama teve entre nós foi o notavel (*) *Malhaõ* de Obidos, que falleceo ha pouco tempo. Eu nunca o pude ouvir, mas ſei de peſſoas intelligentes, e deſapaixonadas, que muitas vezes o ouvíraõ, que a ſua affluencia, e velocidade de metrificar era tal, que a todos cauſava admiraçaõ, posto que conhecidamente abundaſſe em defeitos de metro e Lingoa; e forçoſamente aſſim havia de ſer, porque a Poeſia foi ſempre em todas as Lingoas de mui custoſa execuçaõ, pelo grande número de difficuldades, que tem de vencer nas ſuas operações. He bem verdade, que hum improvizador póde com facilidade grangear fama, já com a illuſaõ da declamaçaõ, já com a conſideraçaõ, que fazem os ouvintes, de que os defeitos, que offerece aquelle furor repentino, merecem deſculpa. Além de que estes

(*) Antonio Gomes da Silveira Malhaõ, de quem o Author aqui falla, e que faleceu na flor da mocidade, foi dotado de hum muito grande talento poetico, e poſſuio o dom de improvizar em gráo muito deſtincto. Aos dotes do eſpirito unia os do coraçaõ. E ſe a morte o naõ tiveſſe roubado taõ cedo ás letras, teria ſem duvida ſido hum dos Poetas, de que a Naçaõ Portugueza poderia gloriar-ſe. Os poucos verſos, que compoz nos ultimos mezes da ſua breviſſima vida, e que exiſtem impreſſos com os de ſeu Irmaõ Franciſco Manoel Gomes da Silveira Malhaõ, abonaõ aſſaz eſta affirmativa. Quem os ler com o intento de examinar o pezo, que ella merece, deve advertir, que eſtes verſos ſaõ as primeiras compoſições ſedentarias de hum Mancebo apenas entrado na carreira de eſtudos, que convinha ao deſenvolvimento dos ſeus talentos, e á correcçaõ do eſtylo pouco puro de hum improvizador.

taes

taes naõ costumaõ evaporar a ſua metromania, ſenaõ em auditorios, onde ſe achaõ raras peſſoas intelligentes, nem a velocidade da recitaçaõ póde dar lugar a analyſes. N'uma palavra ſe o improvizar merece alguma couſa, iſſo abſolutamente ſerá o mais infimo dos merecimentos da Poeſia. Vós Poetas naõ vos deixeis illudir de hum applauſo vaõ, e paſſageiro, fructo da ignorancia. *Homero*, *Sofocles*, *Euripedes*, *Virgilio*, *Horacio*, *Arioſto*, *Camões*, *Taſſo*, *Boileau*, *Racine*, *Voltaire*, o grande *Voltaire*, Authores, onde ſe encerra tudo quanto ha de grande, de prodigioſo na Poeſia, compozeraõ com muito vagar, e emendáraõ com a maior ſeveridade, ſem o que naõ ſeríaõ talvez couſa alguma no mundo litterario.

(64) Eſta paſſagem he imitaçaõ de hum lugar da Satyra quarta de Horacio, na qual cenſurando a incongruencia da compoſiçaõ do Poeta. Lucilio diz:

> . . . . *In hora ſæpe ducentos*,
> *Ut magnum, verſus dictabat, ſtans pede in uno.*
> *Cum flueret lutulentus &c.*

O adjectivo *lutulento* he todo novo; ao menos naõ me lembro de o ter jámais viſto em Eſcritor Portuguez. A liberdade de innovar palavras he ſó concedida áquellas peſſoas, que por excellentes obras, que tenhaõ compoſto, adquiríraõ authoridade para enriquecer o Idioma de termos, e fraſes novas. Eſtas qualidades naõ ſe achaõ em mim, eu o confeſſo; porém naõ deixarei de ter algumas razões, que me authorizem a eſte reſpeito. Em primeiro lugar, todo o Poeta, que procura eſcrever com a maior correcçaõ poſſivel, tem jus para inventar vozes, e elegancias com aquella deſtreza, e cautella, que permitte a natureza da compoſiçaõ; porque a grande liberdade, com que o póde executar na Epopéa, o naõ deve fazer na Ode, e muito menos na Elegia, e na Ecloga. He eſta licença permittida ao Poeta pelas grandes difficuldades, que encontra no fio da compoſiçaõ. Iſto aſſentado, digo; porque razaõ pondo eu toda a deligencia em eſcrever com a correcçaõ, e emenda poſſivel ás minhas forças, me naõ ſerá concedido innovar alguma palavra, ou elegancia, ſendo expreſſiva e ſonora? Se me dizem que o Poema Elegiaco naõ ſoffre innovaçaõ na fraſe: reſ-

pon-

pondo, que ſendo a Elegia genero de compoſiçaõ capaz de toda a vehemencia poetica, naõ ſó pelo movimento dos affectos, mas ainda pela viveza do enthuſiaſmo, como vêmos em Tibullo, Propercio, e Ovidio, naõ exclue abſolutamente eſtas licenças, nem os antigos nos deixáraõ preceitos poſitivos a eſte reſpeito, e o que della diz Horacio na Poetica, he ſó relativo ao metro, e naõ aos penſamentos, nem ao eſtylo, que por iſſo meſmo que he apaixonado, deve naturalmente ſer mais ſublime, e por conſequencia admittir novidade na expreſſaõ, eſpecialmente ſendo do genero mixto, cuja variedade nos Epiſodios requer eſtylo proporcionado á materia de cada hum delles, como neſte poema ſe moſtra. Eſte procedimento naõ he alheio da razaõ, que he a primeira, e unica regra que deve dirigir o Poeta, que depois de eſtar cabalmente inſtruido nos documentos, com que a meſma razaõ, ou filoſofia ſe propoz dirigir os vôos do Genio, regeita os chamados preceitos, que o capricho dictou mais para prender, do que para auxiliar a fantaſia. Raro he o Poeta Portuguez, que naõ introduziſſe vozes, e expreſsões novas. *Jeronymo de Corte Real* nos dois Poemas grandes, que compoz em Idioma Portuguez, innovou termos, e clauſulas eſtranhas, e ainda ninguem o cenſurou diſſo, poſto que naõ tenha bellezas, que lhe deſſem authoridade para iſſo; porque além de ſer ſequiſſimo na invençaõ, he no eſtylo taõ frio, e deſpido de nervo, que raramente deixa de ſer languido, e abatido. O meſmo fez o Author da *Malaca Conquiſtada*, Poema que tem tido ſeus panegyriſtas, a pezar dos defeitos, que desfiguraõ o plano da invençaõ daquella Epopéa, das frequentes incorrecções da ſua dicçaõ, e do pouco conhecimento, que teve o ſeu author das ceſuras, que conſtituem a harmonia metrica do Idioma. *Vaſco Mauſinho de Quevedo* tambem he bem confuſo na invençaõ do ſeu *Affonſo Affricano*; mas como teve algum vigor no eſtylo, mais energia, e viveza nas ſuas pinturas, todos o louvaõ, todos fechaõ os olhos a muitas palavras, e conſtrucções novas, que introduzio. Que direi da *Elegiada* de *Luiz Pereira de Caſtro*? Sendo aquelle poema a obra mais infeliz, que appareceu em Portu-

Portugal no ſeculo de quinhentos, a qual mais deshonra a Naçaõ, do que a acredita, iſſo naõ obſtante foi impreſſo novamente por hum Profeſſor Regio de Lisboa; e, ou por idolatria aos eſcritos daquelle ſeculo, ou por cegueira, naõ vîmos o menor reparo ás muitas, e indiſcretas innovações, que fez no eſtylo, que ſe acha inundado dos mais enormes vicios de locuçaõ. Logo por que razaõ naõ terei eu a meſma liberdade huma ſó vez, uſando della com toda a poſſivel circumſpecçaõ, para que o termo innovado ſe naõ arrede da natureza do Idioma? Além de que innovar termos, e elegancias he privilegio dos que procuraõ eſcrever com correcçaõ nas Lingoas vulgares, o que naõ he concedido aos que eſcrevem nas mortas, que naõ podem ſem barbarizar ſahir dos limites de huma ſyntaxe permanente, cuja natureza he em muita parte eſcondida aos modernos. O privilegio de innovar naõ ſó aos Poetas he concedido, mas tambem aos Oradores, poſto que eſtes naõ tenhaõ tantos obſtaculos que vencer. Vieira naõ deixou de innovar baſtante; mas dos que ſe arrogáraõ eſſe privilegio, elle foi quem o executou com mais juizo, e goſto. O meſmo Orador no Sermaõ das Cadeias de S. Pedro innovou o adjectivo *infenſo* do modo ſeguinte.... » Emperadores daquella » ſempre *infenſa*, e venenoſa Metropole. » A paginas 235 do Tomo IV. uſa duas vezes do termo *citharedo*. No Sermaõ de Santa Thereſa paginas 282 do Tomo IV. adoptou a ſeguinte elegancia toda de conſtrucçaõ Latina, e que ſómente póde ſer entendida dos doutos naquelle Idioma:...... » *vacando ſómente a Deos, e a ſi.* » No Tomo X., paginas 153 trouxe do Latim o verbo *dirimir*, que ſignifica *apartar*..... » Em quanto a differença das cô» res naõ *dirime* a irmandade. » Do meſmo modo innovou a paginas 164 o verbo *diſgregar*, tambem Latino pelo modo ſeguinte: » Dizem que da cór preta he proprio unir » a viſta, e da branca *diſgregalla*, e deſunilla. » Tambem a paginas 165 uſa de *diſgregativo* nome adjectivo derivado do meſmo verbo, e inventado abſolutamente por elle, pois o naõ tem a Lingoa Latina. » Que muito lo» go, que ſendo taõ *diſgregativa* a côr branca, naõ cai» baõ na meſma Congregaçaõ os Brancos com os Pretos? »

Em fim poderia allegar-ſe infinitamente ſobre eſta materia, naõ ſó dos Oradores, mas tambem de Hiſtoriadores. O que por ultimo digo he, que ſendo permittido aos Authores da proſa uſar de palavras, e elegancias novas com tanta liberdade, por que razaõ o naõ poderei eu fazer huma vez, ſendo a compoſiçaõ poetica de tanta, e taõ difficultoſa execuçaõ? De todos os tempos a Poeſia foi quem polio os Idiomas, quem lhe deu cópia, força, e harmonia.

(65) *Ao vulgo grata.* Só ao vulgo ignorante póde agradar a furia dos improvizadores; porque como naõ tem idéa de perfeiçaõ na Poeſia, acclama aquelles movimentos inſenſatos, quê ſe lhe inculcaõ como o mais perfeito daquella admiravel Arte. Exemplo deſte adjectivo, tomado na ſua original ſignificaçaõ ſe acha em Camões no Canto IX. da Luſiada, Eſtança III.

De que tinha proveito grande, e grato.

(66) *Fosforo* he termo Grego, e ſignifica *couſa reſplendecente.* Naõ ſei, que eſta voz foſſe conhecida dos noſſos paſſados, mas julgo, que ſe póde uſar della, viſto que nas Eſcolas de Filoſofia he muito uſada. Neſte meſmo verſo eſtá o adjectivo *ingrato* tambem no ſeu original ſignificado.

(67) *Fatuos reſplendores.* Em lugar de *fatuos* poderia eſtar *falços*, ficando a fraſe mais propria da elegancia Franceza, mas do modo que eſtá, fica mais poetica. Eſta expreſſaõ, que exprime aquelles furores produzidos pela imaginaçaõ, que naõ he alumiada pelo engenho, nem dirigida pela ſciencia, he taõ pouco uſada de noſſos Poetas, que parece nova. A força da metafora tem o ſeu throno na Poeſia.

Fatuos reſplendores. He o que commummente dizem os Latinos *ignes fatui*, como foi a chama, que ſe vio arder na cabeça de Aſcanio, ſegundo Virgilio no II. da Eneida verſ. 683, ſobre o que ſe póde conſultar Plinio Hiſtoria Natural Liv. XXXVI. Cap. 27.

(68) *Cujo ſer ao naõ ſer &c.* Eſte modo de fallar ſendo mui energico, naõ he uſado da elegancia moderna, que ſó adora as clauſulas antiquadas, com tanto que ſe achem nos quinhentiſtas. O Orador Vieira, o mais culto de to-

dos

dos os authores da profa Portugueza, ufou varias vezes defta elegancia, de que apontarei alguns exemplos. No Tomo IV., paginas 337..... » Em qualquer outro con» demnado fôra melhor *o naõ fer que o fer.* » Defta mefma elegancia fe ferve duas vezes na mefma pagina. No Tomo VI. paginas 484 » Fallando Deos com » Job quando ainda dormia, ou jazia na fepultura do *naõ* » *fer*, *&c.* »

(69) Aqui principiaõ os affectos, que ou mais, ou menos faõ neceffarios ao poema elegiaco.

(70) Ja hum Litterato idolatra dos quinhentiftas me cenfurou em certa occafiaõ o adjectivo *fymbolico*, pofto que muito energico, e fummamente harmonico, dizendo que nunca fôra ufado dos noffos Claffícos. Bem Claffico he o Orador Vieira, que no Tomo V. paginas 506 fe fervio do mefmo termo da maneira feguinte. » Que fun» damento cuidais teve a Filofofia *fymbolica* das Fabulas, » para fingir, que os Gigantes fizeraõ guerra ao Ceo. »

(71) *Alto refumo do conceito eterno.* Parece, que o dom divino da Poefia foi hum dos mais fublimes caracteres, com que Deos quiz moftrar, que o Ente racional era huma emanaçaõ immediata da fua Omnipotencia; e com razaõ, porque qual he a Arte mais amavel, mais fublime, e celefte do que a da Poefia? Ella enfina, e deleita pelo modo mais encantador. O verdadeiro Poeta mereceu em todos os tempos a maior eftimaçaõ, porque o dom, que recebeu do Ceo, a fciencia, e as virtudes, que deve poffuir, fem o que naõ ha, nem póde haver Poeta bom, o conftituem quafi hum milagre da natureza. Os primeiros Poetas, que exiftíraõ, empregáraõ os feus talentos em louvar o Summo Ente, e em enfinar o genero humano, taes fôraõ Moyfés, Orfeo, Homero, Hefiodo, David, e os antigos Profetas. Hum grande Poeta entre os Gregos era huma dadiva do Ceo, entre os Romanos hum prodigio, e em Portugal......, Tal era a eftimaçaõ, que os Arabes faziaõ de hum bom Poeta, que quando apparecia algum Varaõ infigne na Poefia, todos os Tribus enviavaõ Embaixadores a dar os parabens ao Tribu, onde elle nafcêra, pela felicidade de poffuir hum fugeito taõ favorecido do Ceo, que tanto o

illuſtrava com o ſeu naſcimento. A Italia moderna coroou *Petrarca*, e o meſmo eſtava para fazer a *Taſſo* no dia, em que morreu. Ao celebre *Adiſſon* fizeraõ os Inglezes Secretario de Eſtado por haver compoſto a bella Tragedia de Cataõ; a *Alexandre Pope* enchêraõ de riquezas por traduzir a Illiada, e largamente premiáraõ ao Poeta *Micle* por traduzir a Luſiada de Camões. Os Francezes além da grande eſtimaçaõ que fizeraõ dos bons Poetas, levantáraõ a *Mr. de Voltaire* em a ſua vida huma Eſtatua de marmore, executada pelo celebre Pigale, o maior Eſtatuario de toda a Europa neſte ſeculo, a qual foi collocada na Salla da Academia Franceza, que he o mais auguſto Corpo de Sabios, onde ſe cultivaõ com o maior eſplendor as bellas letras. Em Portugal hum Poeta he objecto de riſo, e pouco lhe falta para o naõ ſer de infamia.

(72) *Por mais que andem nas trevas envolvidos.* O grande Camões, iſto he, o maior homem de Portugal, viveu ſempre na maior miſeria, do fundo da qual ſe fez notavel pelo ſeu engenho; e jazendo os Craſſos do ſeu tempo, que tanto o deſprezáraõ, no mais profundo eſquecimento, o ſeu nome he pronunciado no mundo com admiraçaõ, e reſpeito.

(73) He preceito de Ariſtoteles, fundado na razaõ, que o Poeta, que proſtitue o dom, que recebeu do Ceo, celebrando aſſumptos infames, deixando os louvores de Deos, das Virtudes, e acções boas, naõ merece o nome de Poetà, nem ſe lhe deve conſagrar o menor applauſo.

(74) A liſonja nunca deve manchar a penna do verdadeiro Poeta, ainda a titulo de grangear Mecenas. Hum grande engenho, fortificado com as luzes da boa Filoſofia naõ tem preciſaõ de Mecenas, nem de protecções. Os meios para viver honeſtamente naõ ſaõ taõ diminutos, que naõ appareçaõ facilmente a qualquer ſugeito deſpido das preoccupações, que tem as almas pequenas em perpetua eſcravidaõ.

ELE-

ELEGIA II. (*)

Na morte de hum meu amigo.

Bom Luiz, que ao ſereno Ceo voaſte,
Onde á viſta de Deos o premio gozas
Da Virtude, que tanto exercitaſte.

Livre das apparencias enganoſas,
Com que o vaõ mundo enlêa a gente humana;
As moradas habitas luminoſas.

Já contemplando a Eſſencia ſoberana,
Que de nada tirou todo o creado,
Naõ te lembras de minha dor inſana.

Inſana dor, que o peito magoado
De te perder, amigo, eternamente
Naõ ceſſa de affligir-me. Oh triſte eſtado!

O meu pezar cruel naõ me conſente,
Que occulte n'alma a dor de te perder,
Alma gentil, eſpirito excellente.

Se alguma couſa póde merecer
Em taõ corrupto ſeculo a Virtude,
Que nunca em ti ceſſou de apparecer:

(*) Deſta Elegia naõ ſe achou mais que hum borraõ; e de duas notas, que nelle exiſtiaõ da letra do Author, ſe via, que elle a puzera em limpo em Janeiro de 1778, e que a emendára em ſetenta e quatro paſſagens.

Eu

Eu te fico, qu'em mim jámais ſe mude
O firme preſuppoſto de louvar-te,
Que o mundanal preſtigio naõ me illude. (1)

Vós outros, que ſeguís Bellona e Marte,
Ceſſai de m'oſtentar voſſas proezas, (2)
Que outro rumo me leva a melhor parte.

O ſom das armas, bellicas emprezas,
Nada influem agora em meu conceito,
Envolvido em peſares, e triſtezas.

Naõ arranca a lizonja do meu peito
Fingidos ais, e mentiroſos prantos,
De huma alma vil viliſſimo defeito.

Santas Deozas do Pindo, ſe os meus cantos
A aſſumpto vil ſe derem por accaſo,
Naõ me inſpireis voſſos influxos ſantos. (3)

A minha fama ſeja em negro vaſo
Do torpe eſquecimento ſubmergida;
Nem mais de mim ſe conte, ou dito, ou caſo.

Ah! que eſtando a minh'alma confundida
Num abyſmo de dor, e de triſteza
Naõ dou ao pranto a voz enternecida!

Da ſan Virtude a candida pureza
Na tua alma ſe via retratada,
Veſtida de benigna natureza.

Naõ ſe moſtrava indomita, e apagada
Em teu coraçaõ puro, mas ſerena,
Bem como a mais ſerena madrugada.

Já-

Jámais no ardor do eſtio a ſombra amena (4)
Tanto alegre naõ foi aos olhos meus,
Cançados de chorar taõ grave pena.

Santos ſinaes, que imprime a maõ de Deus
Nos juſtos peitos, por que o mundo veja
Alguns dos attributos ſantos ſeus.

Para que note a tacita peleja,
Que hum hypocrita auſtero lhe fomenta,
Que aſſaz por illudir lida, e forceja.

Cada vez que a memoria me apreſenta
Tuas raras virtudes, caro amigo,
Mui vivamente a minha dor ſe augmenta.

Tu ſervias de porto, e doce abrigo
Á miſera indigencia: oh quantas vezes
Taboa lhe foſte em ſeu cruel perigo!

Naõ que as horas paſſaſſes, dias, mezes
Nos braços da opulencia, nem ſentiſſes
Da ſorte avara os aſperos revezes.

Nem que ſempre em prazeres exiſtiſſes
A' ſombra de aureos tectos, que adorado
De Clientes ſem número te viſſes.

Sempre em pobre tugurio, e humilde eſtado
Teus dias ſe paſſáraõ, dando á vida
Duro trabalho, ruſtico, e cançado.

Quem nunca ſente a idéa compellida
De immodica ambiçaõ, pouco lh'importa (5)
Vida viver eſcura, e abatida.

Com

Com grande força d'animo ſupporta
Os golpes da Fortuna, e co'a Virtude,
Que he ſeu unico bem, ſó ſe conforta.

E por mais que as deſgraças amiude
Sobr'elle a iniquidade, nunca eſperem
Que das *vias de Deos* ſe arrede, ou mude. (6)

Os que ſer liberaes ſaber quizerem,
E cultivar as Artes, e Sciencias
No ſeio da pobreza pertenderem:

Naõ ſe levem de falſas apparencias;
Ouçaõ de ti fallar, ponderem, ſondem,
Alma gentil, teus dotes, e excellencias.

As obras aos deſejos correſpondem,
Quando tem na Virtude fundamento;
Verdades puras a ninguem s'eſcondem.

Porém quando me ſobe ao penſamento,
Quanto em ti me roubou a crua morte;
Oh como, caro amigo, me lamento!

Em meus deſgoſtos tu m'eras conſorte;
E na cruel tormenta das paixões
Da juvenil idade guia, e norte.

Livre de infames vís preocupações,
Que abatem tanto a humana fantaſia,
Era a tua alma limpa de illusões.

Que em ti morava a ſan Filoſofia;
E ao ſom da branda lyra, que tocavas,
Vinha cantar a doce Poeſia.

Oh

Oh ſacra Deoſa, allí ſó celebravas
As virtudes, e os feitos glorioſos
Dos heroes, que ás eſtrellas levantavas.

Da vil Liſonja os eccos mentiroſos
Naõ incenſavaõ vís degenerados
Ramos d'antigos troncos generoſos.

Oh felices momentos bem gaſtados
Os que em formar o eſpirito ſe empregaõ
Ao amor das Sciencias conſagrados!

Cegos deliraõ eſſes, que ſe negaõ
Aos nobres exercicios de Minerva,
E ſó a ocio inerte, e vil ſe entregaõ.

Deſtes o nome inutil ſe preſerva
De illuſtre gloria, e a palma naõ merece,
Que a Fama para ti guarda, e reſerva.

Para ti, claro eſpirito, florece
Nova immortal coróa, illuſtre premio,
Com que o merecimento ſe eſclarece.

Se eu naõ jazêra em fim no eſcuro gremio
Da triſteza, á memoria tua erguêra
Em claro eſtylo hum perennal proemio.

Que em mim tambem ſe accende, e reverbera
O raio ſanto do divino Apollo,
E a ſacra furia, que me inflamma, e altera.

Teu nome iria d'hum a outro polo
Taõ rico de louvor illuſtre, e claro,
Quanto eu de dor, com que o meu peito aſſollo.

Pintára em culto verſo, novo, e raro
Taõ vivamente as tuas qualidades,
Que eternas foſſem contra o tempo avaro.

Hir-ſe-hiaõ indo os annos, e as idades;
Mas as tuas virtudes naõ ſe iriaõ
Dos corações dos homens, das vontades. (7)

Ellas por toda a parte voariaõ,
E mil ſantos eſtimulos potentes
No mais robuſto peito accenderiaõ.

Entaõ veriaõ as corruptas gentes
Da verdadeira, e ſolida amizade
Os nobres atributos excellentes.

Oh crua ſorte! oh fera iniquidade!
Oh dura condiçaõ do meu deſtino,
Que me opprime com tanta crueldade!

Triſte de mim, que me conſumo, e fino,
E naõ acho a meu mal algum remedio,
Que em vaõ me queixo, e clamo, e deſatino.

Ah! caro amigo, em taõ pezado aſſedio
Me poz a tua morte, que da vida
Tenho já concebido horror, e tedio.

Depois que ví a luz amortecida
Dos olhos teus, perdí as eſperanças
De amizade vêr mais pura, e ſubida.

Que naõ vejo ſenaõ deſconfianças,
Criminoſas cautelas, e maldades;
Ingratidões infames, e eſquivanças.

Vêm-

Vêm-ſe continuamente inimizades ;
Filho naõ ha por pai , nem pai por filho ;
Tudo ſaõ neſta vida falſidades.

Fóra os coſtumes vaõ do uſado trilho ;
E da amizade as condições ſagradas
Se naõ exiſtem , naõ me maravilho.

Digaõ , que ella inda habita eſtas moradas ,
Qu'eu tal naõ creio , exiſtirá talvez
Lá no mundo das fabulas ſonhadas.

Miſera condiçaõ humana ! Oh trez
Oh quatro vezes venturoſo aquelle ,
Que de taõ máos influxos ſe desfez !

Quem as paixões indomitas repelle ,
E ſó ſe eleva a vós , Muſas do Pindo ;
Se o ſagrado furor o obriga , e impelle !

Deoſas , por quem as azas ſacodindo
Inda algum dia irei Cyſne canoro
Com fama eterna os ares dividindo ;

A voſſa protecçaõ , Nynfas , imploro
Em tantas ſem razões do mundo avaro ;
E recebei-me em voſſo ſanto Côro.

Entaõ farei , cantando o nome claro
Do bom Luiz , que a Fama pregoeira
Ao mundo o moſtre com louvor preclaro ;
Symbolo da amizade verdadeira.

NOTAS.

(1) *Mundanal*: d'eſte epitheto ſe acha exemplo em Fernaõ Lopes no Cap. I. da Chronica d'ElRei D. Joaõ I.

(2) Eſte verbo *oſtentar* foi mui uſado dos Seiſcentiſtas na ſignificaçaõ de moſtrar, o que pela maior parte lhé fazia o eſtylo ſecco, e empollado.

(3) Eſte meſmo penſamento tenho no primeiro Canto de hum Poema, mas por differentes palavras, que combinadas daõ a conhecer a abundancia de termos, e doçura de fraſes da noſſa Lingoa.

Se alguem nimiamente obſervante dos preceitos da arte condemnar as duas apoſtrofes acima, por ſerem pouco proprias do eſtylo Elegiaco, veja a Elegia V. do Liv. II. de Tibullo, Tibullo o mais perfeito modello no genero Elegiaco, e nella verá no curto eſpaço de 12 verſos quatro apoſtrofes; e em todo o dito Poema hum eſtylo mui grande, e mageſtoſo, e dicçaõ Poetica em gráo ſuperior, o que aſſaz me deſculpa.

(4) Advirta-ſe, que *jámais*, adverbio de tempo, neſte lugar naõ ſe deve reputar por Galliciſmo, pois ſó a indiſcreta frequencia o conſtitue tal, ſendo, como he, uſado dos noſſos Authores, como Gomes Eannes, Camões, Gabriel Pereira de Caſtro, e Ferreira.

(5) *Pouco lhe importa*: eſta expreſſaõ parecerá talvez pouco Poetica, por ſer vulgar, o que naõ obſtante, a deixei ficar; em primeiro lugar em attençaõ á ſentença, em ſegundo, porque me pareceu eſtar em ſeu lugar, pois naõ ha palavra ou fraſe, que Poetica naõ ſeja, ſendo com deſtreza empregada.

Neſte meſmo terceto uſei de propoſito de hum verſo froxo, por me adaptar á natureza da couſa, que pertendo exprimir

Vida viver eſcura, e abatida

he verſo abatido aſſim como a vida do meu Heróe; que aliàs podéra dizer:

Vida viver miſerrima, e abatida

e ficava mais harmonioſo, mas naõ taõ pictoreſco. A fraſe *vida viver* poderá ſer aſſumpto de cenſura a quem naõ ſouber, que eſte genero de conſtrucçaõ naõ he

alheio

alheio da nossa Lingoa, cuja Syntaxe he mui semelhante á da Latina. *Vivere vitam* he frequentissimo em Plauto; e Cicero na IV. Verrina Cap. 47 tem *vivere vitam suam*: e sendo este Author taõ circumspecto, naõ duvidou dizer na Epist. 16. do Liv. IX. das Familiares, *amavi amorem tuum*. Fernaõ Lopes, Padre da Historia, e periodo Portuguez, diz no Cap. 30 da II. Parte da Chronica d'ElRei D. Joaõ I. *Estando ElRey em Abrantes ... entrou em conselho elle, e o Condestabre, e os outros ... se poeria batalha a seus imigos, ou usaria de guerra guerreada.* O insigne Poeta Simaõ Machado na I. Parte da Comedia de Dio pag. 7. vers. diz:

Vida que vive sem vida.

No Catecismo Romano traduzido em Portuguez, obra de purissimo e elegantissimo estylo, impresso em 1590 fol. 396 vers. se acha: *Regamos tambem a Deos, que nam morramos morte supitanea.* Duarte Nunes de Leaõ, que procurou escrever com cultura, diz na Chronica de D. Affonso Henriques pag. 147 da ultima ediçaõ: *A peleja começou, e foy muy travada e pelejada.*

(6) *Vias de Deus*: este modo de fallar he do Salmista no I. Salmo ... *et in via peccatorum non stetit.* Ferreira no Soneto 41 usa d'esta elegancia d'este modo:

Anjo enviado a apparelhar as vias
Do Cordeiro de Deos ....

(7) *Vontades*: por animos, espiritos. Exemplos em Fernaõ Lopes &c. (*)

(*) Aqui se achavaõ interrompidas as notas e observações do Author, as quaes, sem dúvida, na Cópia, que tirou em limpo, deviaõ ser muito mais extensas.

ELE-

ELEGIA III.

Á MORTE DA MUITO EXCELLENTE PRINCEZA D. MARIA FILHA DO MUITO ALTO E PODEROSO REI D. JOSÉ.

OH que vozes triſtiſſimas! que prantos!
Que gritos cheios de triſteza, e magoa!
Que clamores! que laſtimas! que eſpantos!

Ah! converta-ſe em fonte a ardente fragoa,
Qu'eu n'alma tenho, e ſaia noite e dia
Dos triſtes olhos meus hum rio d'agoa!

He morta, os eccos ſoaõ á porfia,
Do grande Rei Joſé a illuſtre filha,
Princeza ſem igual, gentil Maria.

Ah! que naõ lhe valeu ſer maravilha
D'angelica belleza, extrema, e rara,
A quem o meſmo Amor ſe rende, e humilha.

Cedeu á força em fim da morte avara
De perfeições o mais rico theſouro,
Com que eſta noſſa idade ſe adornava.

Naõ me corôem mais de verde louro;
Pois que de todo diſſolvida vejo
Da mais perfeita vida a téla d'ouro.

Chorar eternamente eu ſó deſejo;
Que em tanta magoa todo o ſentimento
Naõ ſerá exceſſivo, nem ſobejo.

Para

Para que quero ter contentamento
Vendo já convertido em cinza fria
De perfeições o mais gentil portento ?

Quem de graças jámais, e cortezia
Hum taõ perfeito exemplo vio no mundo,
De discripçaõ honesta, e d'alegria ?

Quem taõ gentil semblante, alvo, e jucundo,
Tantas Virtudes raras, e perfeitas,
E quem tanto saber alto, e profundo ?

Pois que a taõ viva dor estais sujeitas,
Oh Lusitanas Gentes, naõ sejais
De chorar longamente satisfeitas.

Dai ao mundo certissimos signais
Da dor qu'em vossos tristes peitos mora;
Vozes confusas, gritos, prantos, ais

Desde que apparecer a roxa Aurora,
Até que o Sol se esconda no Oceano;
Naõ cessem de se ouvir em qualquer hora

E a tanto chegue a dor do cruel damno,
Que vos fez o rigor da morte crua,
Que acabeis de desgosto acerbo, e insano.

Ou nunca em vós se apague, e se destrua
A memoria de taõ gentil Princeza
Em quanto o Sol der luz á branca Lua;

Da sua morte a dor tanto em mim peza,
Que satisfeito fôra, se me vîra
Lançado n'um abismo de tristeza.

Des-

Desde entaõ para sempre a gente ouvira
Em miseravel pranto convertida
A rouca voz da minha triste Lyra.

Mas para que he já ter cançada vida
Entre tantos desgostos, e pezares,
Em lagrimas, e choros consumida?

Quem vio suas Virtudes singulares,
Naõ tem qu'esperar mais, senaõ chorar
Eternamente lagrimas a pares.

Pois vio a fera morte em flor cortar
A mais mimosa, e mais gentil bonina,
Com que o sereno Ceo se quiz ornar.

Naõ foi de ti a terra, naõ foi digna
De ti, alma gentil, e generosa,
Que tu mortal naõ eras, mas divina.

Por ti do Téjo a praia deleitosa,
Por ti choraõ as Graças, e os Amores:
Ecco por ti suspira lastimosa.

Os campos esmaltados de mil côres,
Os valles, e os frondosos arvoredos
Por ti lançaõ tristissimos clamores.

Choraõ por ti os concavos rochedos,
E os cavernosos montes por ti lançaõ
Taõ temerosos gritos, que põe medos.

As frescas fontes de chorar naõ cançaõ
A tua morte, oh Nynfa, nem chorando
As mesmas feras sua dor amansaõ.

As aves vaõ teu fado lamentando
Com flebil canto, e vozes pezarofas,
Com fom confufo, trifte, e miferando.

Pelas verdes ribeiras deleitofas
Sobre as luzentes urnas de cryftal
Eftaõ chorando as Nynfas faudofas.

Naõ he muito, que feja univerfal
A dor de haver perdido huma tal vida,
Efpirito magnanimo, e Real.

Huma prefença angelica, e fubida;
Hum brando accolhimento augufto, e nobre;
Hum pejo, huma Virtude efclarecida:

Tudo aquí nefte marmore s'encobre
Para nunca o tornarmos, a vêr mais;
Porque mais noffa dor s'augmente, e dobre.

Lançemos todos gritos defiguaes
Sem nunca defcançar, té que acabemos
Á força de exhalar foluços, e ais

De dor intenfa, e viva ao mundo demos
Signaes taõ conhecidos, e evidentes,
Que toda a gente os tenha por extremos.

Tenhaõ-nos por extremo eftranhas gentes,
Que nunca viraõ fua formofura,
Nem fuas qualidades excellentes.

Trifte de mim! ah! trifte, e fem ventura!
Pois vendo já fem vida o gentil peito,
Naõ morro de trifteza afpera, e dura!

Eu conceber naõ poſſo no conceito
O grande mal, que ſinto, para o qual
Eſte meu coraçaõ he vaſo eſtreito.

Tanto ſe aviva em mim a dor fatal,
Que por muitas mil lagrimas, que chore,
Para abrandalla nada em fim me val.

Nunca das freſcas ſombras ſe namore
A triſte Filomela, nem cantando
O ſoccorro do Ceo benigno implore.

Seccai, fontes, jámais ireis regando
Dos florecentes prados a verdura,
Com voſſas brandas agoas murmurando.

Com tigo ſe nos foi noſſa ventura,
Alma digna de Imperio, do Ceo digna,
Cume d'alta Virtude, e formoſura.

Oh quanto a ſorte nos naõ foi benigna,
Pois d'entre nós taõ cedo te levou,
Divina formoſura, alma divina!

De tanto bem a morte me privou,
Qu'eu naõ ſei como em mal taõ penetrante
A ſempiterno pranto me naõ dou.

Ah! nunca deſte valle ſe levante,
Deſte valle de pranto, e de miſerias,
A voz da minha cithara ſonante.

Pois que tudo na vida he vil materia,
E ſeus goſtos, e ſeus contamentos
Paſſaõ ligeiros, mais que ſombra aeria.

A mi-

A minha Muſa envolta em mil tormentos,
De funebre cypreſte coroada,
Naõ ſôe ſenaõ miſeros lamentos.

E com preſença meſta, e deſolada
Taõ vivamente chore o acerbo caſo,
Que s'ouça em todo o mundo a voz cançada

Naõ ſe ergaõ mais nas grutas do Parnazo
Alegres cantos: chorem tanto as Muſas,
Que de lagrimas enchaõ grande vaſo.

Nem ao longo das agoas circumfuſas
Jámais cantem Virtude, e Formoſura,
Aſtros nas mundanaes trevas confuſas.

Gentileza, e Virtude juſta, e pura,
Ai de mim! já de todo ſe apartáraõ;
Que tudo nos roubou a morte eſcura.

Fôraõ-ſe em fim, com tigo ſe apagáraõ,
Com tigo, oh alma bem-aventurada,
Taõ altas qualidades ſe acabáraõ.

Ninguem me diga já, que deſgraçada
Naõ he a amarga vida, que vivemos
Neſta infeliz, e miſera morada.

Hum bem permanecente nunca o vêmos:
Mal apparece a Aurora da ventura
No meſmo inſtante, ah! triſtes, a perdemos.

Treſpaſſados de dor, e de amargura
Paſſamos noſſos dias triſtemente,
E ſempre para nós he noite eſcura.

Pois inda bem ſe naõ moſtrára á gente
O mais perfeito, e raro ajuntamento
De belleza, e Virtude alta e excellente;

Miſeros! d'entre nós em hum momento
D'entre nós s'apartou, oh triſte caſo!
Aſſaz ligeiro mais que o levè vento.

Pois já que em flor cortou o duro acaſo
A Nynfa mais gentil, que o Téjo vio,
Como em ſuſpiros, e aìs me naõ abrazo!

O vivo lume aſſim ſe conſumìo,
O lume dos ſeus olhos taõ formoſos
Entre as ſombras da morte s'encobrio!

Naõ quero ver já dias luminoſos:
Quero paſſar a vida deſcontente
Sepultada em deſgoſtos pezaroſos.

Quem podéra exprimir taõ vivamente
O ſeu pezar, que em toda a gente viſſe
Mui viva dor igual á dor, que ſente.

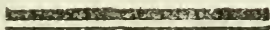
E quem maior triſteza inda ſentiſſe,
Que o deſejo igualaſſe, e aſſaz ergueſſe
A flebil voz, que lá no Ceo s'ouviſſe.

E tanto com ſeus aìs enterneceſſe
O Santo Córo do Celeſte aſſento,
Que em meu ſoccorro á terra deſcendeſſe.

Nynfas gentís do liquido elemento,
Vós as do ſeio Arabico, e do Gange
Dai moſtras de pezado ſentimento.

E ſe

E ſe a força de Amor vos naõ conſtrange
A dar o peito ao magico veneno,
Que tudo doma, e vence, e tudo abrange;

Entrai na larga foz do Tejo ameno,
E chorai ſobre o geſto amortecido,
Já noutro tempo angelico, e ſereno,
E agora em ſombra triſte convertido.

ELEGIA IV.

Na morte do muito alto, e muito poderoso

REI D. JOSÉ I.

Venhaõ aqui os choros, e os lamentos,
Os triſtes prantos, e as crueis triſtezas,
Lagrimas, e ſoluços violentos.

Chorai mil vezes, Gentes Portuguezas;
Pois que vedes desfeitas, e apagadas
As altas, Luſitanicas Grandezas.

Dos voſſos peitos ſaiaõ magoadas,
Enternecidas vozes de amargura,
De ſentimento acerbo acompanhadas.

Chorai a voſſa triſte deſventura:
Aſſás merece pranto verdadeiro
O bem, que vos roubou a ſorte eſcura.

Morreo o Grande REI, JOSÉ PRIMEIRO,
Triſtes, ah! longamente derramai
Choros ſem fim, ſem termo derradeiro.

Dos voſſos meſtos peitos exhalai
Sentidos ais, e vozes laſtimoſas
Ao ſurdo vento, ah! triſtes enviai.

Retumbem pelas ſerras cavernoſas
Da viva dor os miſeros accentos,
Sôem nas curvas praias arenoſas.

Derra-

Derramem ſentidiſſimos lamentos
Os altos Promontorios, lá diſtante
Vôem nas azas dos velozes ventos.

Ouça-ſe o ſom confuzo muito avante
Da foz do Amazonas, e do Nilo,
Da Gangetica praia reſonante.

Naõ deixe o negro Ethiope de ouvî-lo
Lá nos deſconhecidos Orizontes,
Adonde nunca o Sol muda de eſtilo.

Nos mais ignotos, e afaſtados montes
Triſtes vagando chorem triſtemente,
Chorem fluidos rios, vitreas fontes.

Os apartados mares do Oriente,
Penetrados de vivo ſentimento,
Bramem com grave ſom, meſto, e doente.

As redeas largará do negro vento
De puro triſte o filho de Sergeſta
Eſquecido do mando, e regimento.

Os montes ſentiráõ a força infeſta
Da deſatada, fera tempeſtade,
Os eſtendidos campos, e a floreſta.

Negará Febo ao mundo a claridade
Dos ſeus formoſos raios refulgentes,
Envolto em tenebroſa eſcuridade.

As Virtudes mais altas, e excellentes,
Que clarificaõ tanto hum Regio peito,
E que adorado o fazem ſer das gentes:

As

As nobres condiçőes de alto conceito ;
Proprias de Heróes, ſem Ti, ó Grande REI,
Jazem núas de abrigo , e de reſpeito.

Ah ! como triſtes prantos naő darei
A taő ſentida dor , a perda tanta !
Como lagrimas mil naő verterei !

Tanta agoa de meus olhos ſaia , quanta
Convém a dor taő viva , e penetrante ;
Que o magoado peito me quebranta.

O triſte ſom aos Aſtros ſe levante ,
A piedade mova os moradores
Do claro Olympo, e a Jupiter tonante.

Ai de mim ! quantos ais, quantos clamores ,
Quantos choros , e gritos ſe derramaő !
Quantos pezares , quantas crueis dores !

Por Ti as Artes choraő, por Ti clamaő
As Sciencias, que tanto levantaſte,
Por Ti, Sublime REI, continuo chamaő.

Oh quam grandes emprezas conſummaſte !
Ellas ſempre no mundo viviráő ,
Por mais, e mais que o tempo as dome, e gaſte.

Que affugentaſte a vãa Superſtiçaő ,
Que teus Povos puliſte ſabiamente
As geraçőes futuras cantaráő.

Tu fizeſte o Commercio floreſcente
N'um , e n'outro Emisfério , dividindo
Velociſſimas Náos o mar ingente.

Entre

Entre tormentas mil caminho abrindo,
As riquezas auriferas trouxeraõ
Do Gange Oriental, do cálido Indo.

De novo refpeitadas fe fizeraõ
As gloriofas Quinas Portuguezas,
Que fempre illuftre affumpto á Fama deraõ.

Naõ tanto por belligeras emprezas,
Nem por armas fanguineas, arrifcadas,
Nem por mar, e por terra altas proezas.

Naõ por vaftas Provincias conquiftadas,
Nem por victorias grandes, e famofas,
Nem por Nações ferozes fubjugadas.

Mas por altas Virtudes gloriofas,
Mais, que os troféos guerreiros levantados
No campo das batalhas fanguinofas.

Puros coftumes aos Varões ornados
De verdadeira gloria merecida
Os fizeraõ das gentes eftimados.

A candida verdade, a fé fubida
A Geraçaõ de Lufo levantáraõ
Com claro nome, e fama efclarecida.

Tuas raras virtudes lhe infpiráraõ
Taõ nobres, e fublimes qualidades,
Sublime REI, de Ti as imitáraõ.

Naõ tem poder os tempos, e as idades
Neftes mais perduraveis monumentos,
Que Obelifcos foberbos, e Cidades.

Eſtes ſaõ os mais altos penſamentos ,
Que póde conceber hum Regio Heróe ,
D'altas idéas , ſólidos intentos.

Tudo o tempo desfaz , tudo deſtróe ;
Mas naõ a magoa triſte de perder-te
Nos Luſos peitos , onde tanto dóe.

Elles naõ ceſſaráõ já mais de erguer-te
Ás Eſtrellas do Ceo , que no ſeu gremio
Quizeraõ dignamente receber-te.

Eſte he o merecido , e juſto premio
Dos Grandes REIS , que intrepidos ouſáraõ
Deſpertar da liſonja o vaõ proemio.

Que tanto com ſeus feitos illuſtráraõ
O ſeculo feliz , em que vivêraõ ,
Que de ſi nome illuſtre cá deixáraõ.

Mas do deſtino avaro naõ poderaõ
Tuas acções livrar-te , oh REI , que aſſás
A todos os ſeus fados os eſperaõ.

Porém eternamente vivirás
Na memoria dos homens , e ás eſtrellas
Sobre as azas da Fama te erguerás.

Já no ſereno Ceo feliz entre ellas
Com aſpecto benigno reſplendeces ,
Adornado de luzes as mais bellas.

Já com Teus reſplendores eſclareces
O largo mundo , e lá do claro aſſento
Os Luſitanos Póvos favoreces.

Nel-

Nelles já ſe diviſa hum movimento,
Que eſpiritos ſublimes lhes inſpira,
Dignos de Heróes de altivo penſamento.

Delles a clara Fama inda naõ tira
Os olhos, porque os ſeus illuſtres feitos
Cante, por onde quer que vaga, e gira.

Se acaſo naõ ſaõ vãos os meus conceitos,
De entre elles outra vez renaſceráõ
Varões em tudo egregios, e perfeitos.

Delles novas proezas voaráõ
Por toda a terra, e ſeus Troféos antigos
De novo pelo mundo ſe ergueráõ.

E vencendo mil horridos perigos
Mais famoſas faráõ ſuas victorias,
Sugeitados ferozes inimigos.

Naõ ſeráõ ſombras vãs, e tranſitorias
Suas acções illuſtres, e famoſas,
A todo o mundo claras, e notorias.

Renaſceráõ memorias glorioſas
Do quanto em fim podéraõ ſeus Avós
Com ſublimadas obras valeroſas.

Mas eu, que lamentando o golpe atroz
Da féra morte, envolto em choro amargo,
Como levanto mais a triſte voz?

Se eu tanto em meu pezar me eſtendo, e alargo,
Que envolvido nas ſombras da triſteza,
Apenas me levanto do lethargo.

Trifte ! como naõ tomo por empreza
Chorar noites, e dias triftemente
O damno, que em minha alma tanto peza ?

Oh tu, que lá no Ceo refplendecente,
Gozando eftás d'aura ferena, e fanta
Ante a face de Deos Omnipotente :

Tu, que em prazer eterno, e gloria tanta,
Do trato mundanal defenvolvido,
Em nada tens feu refplendor, que encanta;

Agora vendo eftás como accendido
O roxo Sol as terras alumia,
Por feu natural curfo conhecido.

E como a branca Lua os Aftros guia
Pelo fereno Ceo vaga, e luzente
Entre as fombras da noite humida, e fria.

Ornada de verdura florefcente,
De rios, felvas, fontes cryftallinas,
Vês a rotunda terra, e o mar tumente.

As caufas por que as ondas Neptuninas
Sobem pelas ribeiras deleitofas,
Reveftidas de candidas boninas.

E como as tempeftades procellofas
Se fórmaõ, convertendo em noite efcura
O claro dia as nuvens tenebrofas.

Todas te eftaõ patentes: clara, e pura
Com o Divino lume a mente humana
Tudo penetra em Deos firme, e fegura.

He

He vãa ſciencia, eſteril, e profana
Toda a mais, a que os homens ſe dedicaõ,
Vaidade o ſeu ſaber, e furia inſana.

Em vaõ ſe cançaõ pois, em vaõ ſe applicaõ;
Cegos! que em ſeus eſtudos mentiroſos
Aereas illusões ſó nelles ficaõ.

Mas Tu, que, livre já dos trabalhoſos
Vãos cuidados do mundo, eſtás gozando
Dos eternos deſcanços glorioſos:

Se acaſo o pranto acerbo, e miſerando
Dos miſeros mortaes ſe ouve, e ſe attende
Lá no Supremo Côro venerando:

E ſe ao paſſar o termo, que ſe eſtende
Entre a vida mortal, e immortal vida,
Onde todo o poder ſe humilha, e rende,

Naõ perdeſte a memoria merecida
Dos Luſitanos Póvos, que regeſte
Com ſantas Leis, e Paz aurea, e ſubida:

Pois que com tua morte nos puzeſte
Em taõ pezada, e miſera triſteza,
Quando da baixa terra ao Ceo te ergueſte;

Com ſupplica efficaz, e prece acceza
Em vivo amor de pura caridade
Roga ao Supremo Author da Natureza.

Roga pois, que por larga, e longa idade
Nos conſerve as Eſtrellas luminoſas,
Em quem deixaſte a Regia Mageſtade.

Por

Por que em tantas miſerias pezaroſas
Sejaõ noſſo bem ſó, noſſa alegria,
Fim de noſſas fadigas trabalhoſas.

Que a pezar da Fortuna, que deſvia
Qualquer alto principio, que aos humanos
Puras felicidades annuncia:

Throno de ſãos coſtumes Soberanos
Nelles o mundo veja: claro exemplo
De Grandes REIS para futuros annos.

Vivos Lumes no ſempiterno Templo,
De excellentes Virtudes coroados
Já de cá REIS Sublimes vos contemplo.

Aos Luſitanos Póvos deſſolados,
Nova gentil Aurora, lhes promettes
Serenos dias, alvos, e dourados.

As tempeſtades horridas ſubmettes,
E os furioſos ventos affugentas,
Novas grandes emprezas accommettes.

Aſtréa já na terra repreſentas
Dando a todos juſtiça inteira, e dando
Extremo fim a maximas cruentas.

Á viſta do teu geſto claro e brando,
Do mar o dilatado Senhorio
Submette a branca Thetis a teu mando.

Para Ti voaráõ do centro frio
Lá da aurifera America os Theſouros
Á larga foz do Téjo, illuſtre rio.

Por

Por Ti, com rosto alegre, novos Louros
Os Portuguezes Póvos cortaráõ
Entre bombardas, e horridos pelouros.

Do mundo á mais ignota Regiaõ,
Por entre mil Triunfos, e Victorias,
Teu sempre Augusto Nome levaráõ.

E deixaráõ de si claras memorias,
Dando assumpto com seus illustres feitos
A grandes, e honorificas Historias.

Poráõ por Vós, SENHORA, os firmes peitos
A trances de maior difficuldade,
Nunca jámais vencidos, nem sugeitos.

Dai mostras da Real Benignidade:
Dai-lhe, AUGUSTA RAINHA, alto favor
De Generosa Liberalidade.

Esta faz renascer nobre fervor,
Que a grandes cousas move o peito humano:
Naõ ha sem ella audacia, nem valor.

Ella fará Teu nome claro, e ufano
Em doutas escrituras levantadas,
Em magestoso estylo soberano.

Por mais que as horas corraõ apressadas,
Em quanto forem do luzente Apollo
As Olympicas casas visitadas,
Voará desde hum pólo a outro pólo.

ELEGIA V.

Na morte do muito excellente Poeta PEDRO ANTONIO CORRÊA GARÇAÕ.

CHORAI, amigos, vós a morte eſcura
Do bom Garçaõ, que naõ veremos mais: (1)
Cubrí-vos de triſteza horrida, e dura.

Com pranto acerbo, e vozes deſiguaes (2)
Sobre o funebre marmore lançemos (3)
Mil ardentes ſuſpiros, e mil ais.

Eſpirito ſublime, em ti perdemos
Quem ao templo das Muſas nos guiaſſe,
Quem voar nos fizeſſe aos Ceos ſupremos. (4)

Ah! quem de chorar nunca deſcançaſſe,
E de ſeus olhos triſtes, e ſaudoſos (5)
Tanta agoa como o Téjo derramaſſe!

Quem nos cantará verſos ſonoroſos?
Quem fará ſuſpender as curvas ondas?
Quem porá freio aos ventos furioſos?

Já naõ veremos mais, que tu reſpondas
A ſeus accentos, Ecco, dos rochedos,
Onde o fado te obriga a que t'eſcondas.

Nem veremos correr os arvoredos
Por ouvirem ſeu canto alto, e divino;
Nem moverem-ſe os montes, e os penedos.

Pelas

Pelas margens do Tejo cryſtallino
Naõ veremos Apollo, e as ſantas Muſas;
Que em tanto mal nos poz noſſo deſtino.

Iraõ chorando as Tagides confuſas
Os danos, que lhes fez a crua morte,
A morte, que a ninguem recebe eſcuſas.

Ella vai derribando d'igual ſorte (6)
As caſas dos Paſtores, e os caſtellos,
Aonde tem os Reis ſeu mando, e Côrte.

Tantas mortaes fadigas, e diſvelos,
Tantos goſtos do Mundo aquí vem dar:
Ah! quem nunca chegára a conhecellos!

Quem terá goſto já de celebrar
Amaryllidas bellas, e jucundas? (8)
Quem ha de gentís Cloridas cantar?

As capellas de conchas rubicundas
Nas arenoſas praias, e nos prados
As grinaldas de roſas pudibundas;

Naõ eſtaráõ pendentes dos copados
Louros, para cingir a nobre fronte
Dos que ſaõ pelas Muſas inſpirados.

Nem quem doce cantando mais ſe affronte (9)
Por merecer o premio, e clara fama
Nos jogos paſtorís em valle, ou monte.

E ſe por dita aquella illuſtre flamma,
Que immortaliza as obras glorioſas,
E tanto pelo mundo ſe derrama;

Fizer que cá nas praias deleitoſas
Do claro Téjo ſe ouça o grave canto
De Virgilio, e de Horacio, almas famoſas:

Obra tua ſerá, ſe acaſo tanto
Se elevarem os Cyſnes Luſitanos,
Que ſe eſcutem no Ceo ſereno, e ſanto.

No Téjo, e Douro eſtava ha longos annos (10)
A boa Poeſia deſprezada,
E ſeus doces encantos ſoberanos.

Sua preſença pura, e delicada,
Seus vivos olhos, ſuas tranças de ouro
Da mageſtade ſua deſpojada.

Triſte no geſto junto ao ſacro louro,
Onde cantou Camões os Luſos feitos
Inſpirado do Ceo, e Febo louro.

Dalli via arrojando os baixos peitos
Mil paſſaros paluſtres, derramando
O rouco canto envolto em mil defeitos.

Naõ quando a roxa Aurora levantando
Vem no horizonte lucido o ſemblante,
Os nocturnos vapores deſterrando:

Nem quando mais ſe eleva o Sol brilhante,
Ou quando lá nas ondas de Anfitrite
Deſce, deixando atraz o monte Athlante:

Mas quando Jove quer ſe precipite
Do ſummo Olympo a noite tenebroſa,
E o moxo ſobre os impios tectos grite;

Entaõ

Entaõ com voz horrenda, e pezarosa (11)
Os fundos valles, e os ventosos montes
Faziaõ aturdir, e a selva umbrosa.

Naõ amavaõ o som das vitreas fontes,
Nem nas azas do Zefyro voava
Seu canto aos estrangeiros horizontes.

As Nynfas pelo bosque affugentava; (12)
E o mais rustico Satyro espantado
Com as mãos nos ouvidos se embrenhava. (13)

D'herva naõ se cobria o fertil prado,
Nem de boninas candidas, e bellas
Era na primavera matizado.

Naõ luziaõ as nitidas estrellas;
Porque immundos vapores levantados
Offuscavaõ a luz brilhante d'ellas.

Os soltos vicios eraõ celebrados: (14)
E tu, Virtude, só, deserta, e nua
Soffrias seus ultrajos infamados.

Pallida se tornava a branca Lua,
E os luminosos astros se offuscavaõ,
Penetrados de dor acerba, e crua.

Os doces roxinoes naõ celebravaõ
Lá no fundo de hum bosque a madrugada,
Ao som das claras fontes, que manavaõ.

Em fim veio Garçaõ, e libertada (15)
Do triste bando foi dos máos poetas
Do Téjo a rica praia celebrada.

Entaõ com vozes doutas, e difcretas
Imitou-fe Virgilio, e o que cantou
Nos Olympicos jogos os Athletas.

Veio a Filofofia, que enfinou
A conhecer o bom, o honefto, e o jufto,
Que hum fanatico error nos occultou.

Livres de temor pallido, e de fufto
Entoáraõ as Mufas os feus cantos,
Como no tempo do famofo Augufto.

Mas o deftino avaro, que de tantos
Males opprime o trifte peito humano,
Sem fe fartar de lagrimas, e prantos;

Urdindo-lhe fatal, e extremo dano,
Naõ confentio, que o genio alto, e facundo
Mais fe elevaffe a Apollo foberano.

Em tenebrofo carcere profundo
A morte lhe cortou a doce vida,
Digna d'outro deftino, e melhor mundo. (16)

Vai-te, oh alma fublime, aos Ceos erguida,
Em paz te vai do mundo perigofo,
De fuas illusões folta, e defpida.

Lá no Reino do Todo poderofo,
Sublime affumpto a fempiternos hymnos
Accenderá teu eftro harmoniofo.

Nós entregues a mundanaes deftinos, (17)
Nefte mar de miferias triftes, duras,
Luctando com os noffos defatinos:

Cá

Cá neſtas carregadas eſpeſſuras,
D'antes com tigo alegres, e formoſas,
Chorando iremos noſſas deſventuras.

Choraõ-te as ſelvas altas, e frondoſas;
Os ſurdos montes choraõ-te, e os rochedos
Por ti derramaõ lagrimas ſaudoſas.

E lá por entre os denſos arvoredos,
Onde cantavas teus ſuaves verſos,
E a quem manifeſtavas teus ſegredos,

Soaõ os ais confuſos, e diſperſos
Dos Satyros grandevos, protectores
Dos gados contra os máos lobos perverſos.

Nem já moſtraõ capellas de mil côres
Ás Nynfas pelos boſques, nem cantando
Suas penas lhes pintaõ, ſeus amores.

Os penedos eſtaõ por ti chamando,
E ſobre as claras urnas de cryſtal
Eſtaõ as brancas Nayadas chorando.

Choraõ o fero damno, e o taõ fatal
Deſtroço, que em ti fez a Parca dura,
Contra a qual rogo, ou dadiva naõ val.

Vós que habitaes a ruſtica eſpeſſura,
Formoſiſſimas Nynfas, vós Paſtores,
Que apaſcentaes na humida verdura:

E vós, Faunos, agreſtes amadores,
Na praia, onde ao mar largo o Tejo ſaĩ
Hum tumulo lhe erguei de louro, e flores.

Na

Na mais patente rocha lhe gravai
Hum funebre epitafio, que declare
Seu trifte cafo a quem paffando vai.

E tanto a dor intenfa avive, e acclare,
Que quem ler o fucceffo laftimofo,
O lugubre lugar naõ defampare,
Sem triftes ais, fem pranto lacrimofo.

NOTAS.

(1) Eu nunca puz duvida finalizar verſos em agudos, quando eſtes naõ offendem a harmonia, nem o ſentido da oraçaõ. Aſſim o uſáraõ todos os Italianos, e Portuguezes de maior fama, *Dante*, *Petrarca*, *Arioſto*, e *Taſſo*, *Ferreira*, *Bernardes*, e *Camões*: e antes quero errar com eſtes, do que acertar com os ſequazes da cultura moderna.

(2) Parece, que he propria de quem ſe lamenta a confuſaõ das vozes; porque as operaçóes da dor coſtumaõ proceder tumultuariamente, por cuja cauſa uſei do termo *deſiguaes*, e naõ por conſtrangimento da rima, a qual raramente obriga a licença a quem junta ao engenho huma cabal intelligencia do idioma, em que compoem. Neſte meſmo ſentido uſou delta palavra o elegantiſſimo Eſcritor Fr. Heitor Pinto no ſeu admiravel Dialogo da Tranquillidade da vida Part. II. cap. 20. fol. 105 verſo. » Ouviam-ſe naquella caſa plantos de grande ſentimento » ſahidos das entranhas de muitas peſſoas, que com el» les repreſentavam ſua *deſigual* paixam. »

(3) Neſte verſo eſtava *frigido* em lugar de *funebre*, de que naõ quiz uſar, por me parecer pouco, ou nada uſado; pois o eſtylo da Elegia deve ſer extremamente correcto, e puro: e eſta he huma das condiçóes, que conſtituem eſte genero de poema de difficil execuçaõ, e por iſſo talvez pouco uſado neſtes noſſos tempos, em que tudo ſaõ methodos de abbreviar difficuldades, e vencellas ſem trabalho, e tempo. Emendei, e fiz o ſeguinte verſo:

Sobre a funebre campa derramemos.

Inda aſſim me naõ agradou; por eſtar abaſtecido de vogaes longas, naõ proprias da dor, a quem deve acompanhar hum eſtylo medio.

(4) Eſte verſo eſtava organizado deſte modo: *E aos Celicolas altos, e ſupremos*, ao qual, por me parecer mais proprio da mageſtade da Epopéa, ſubſtituí eſte, que deixei eſtar, o qual além de me parecer mais proprio do aſſumpto, o julguei mais energico, principiando pelo meſmo monoſyllabo, com que o de cima começa.

(5)

(5) Coſtumavaõ os noſſos antigos frequentemente naõ contrahir o *a* no termo ſaudoſo: quem eſtiver coſtumado a eſta harmonia, tire a ſegunda conjuncçaõ ao verſo, e cantar-lhe-ha como dezeja; porque d'ambos os modos o terei por bom.

(6) Imitaçaõ de huma celebre paſſagem de Horacio na Ode IV. do Liv. I. que ainda ſe naõ pôde traduzir com belleza igual á do Original, por mais esforços, que os maiores engenhos de toda a Europa tenhaõ para iſſo feito; mas eſta he huma das originaes pinturas, que os grandes engenhos coſtumaõ produzir, ſeja qual for o idioma, em que eſcrevaõ, intraduziveis permanecem, honra da lingoa, e gloria da fantaſia, que as concebeu: foſſemme lá traduzir Virgilio, e Horacio eſte verſo de Camões:

Que o peito accende, e a côr ao geſto muda?

Eſta paſſagem tambem he famoſa em Malherbe, o melhor Lyrico dos Francezes, na qual ampliou o imitado, ſobre que os Criticos Francezes tem dito muito; a paſſagem he a ſeguinte da Ode VI.

Le pauvre en ſa cabane, où le chaume le couvre;
Eſt ſujet à ſes loix;
Et la garde, qui veille aux barrières du Louvre;
N'en défend pas nos Rois.

O noſſo Vieira tambem imitou eſta paſſagem no Sermaõ das Exequias de D. Maria de Attaide Tom. IV., cuja imitaçaõ he taõ parecida com a de Malherbe, que dá moſtras, de que o dito Viera a vîo, como ſe póde vêr na ſeguinte paſſagem: » Tem-ſe accreditado a morte com » o vulgo de muito igual pelo deſpeito, com que piza » igualmente os Palacios dos Reis, e as cabanas dos » Pastores. Que os Palacios dos Reis, por mais cercados » que estejaõ de guardas, naõ poſſaõ reſiſtir ás execu- » çóes da morte, bem o experimentou esta vida. »

(7) Uſei de propoſito neste verſo da palavra *caſa* no ſeu verdadeiro, e original ſentido, que na Lingoa Latina conſerva, de donde paſſou para a noſſa; por iſſo naõ me quiz ſervir de choça, nem de cabana, nem tugurio; porque, huma vez que ſe diga qualquer destas, fica ſendo ocioſo o termo, que indique ſer morada de gente hu-

milde, quaes saõ os Pastores; além de que o mesmo Horacio disse *pauperum tabernas* para dar mais vigor ao colorido da sua pintura; e me parece, que o modo, com que desta palavra *casa* me servi, me fez o estylo mais grave, e decente, imitando aos grandes mestres, que em semelhantes casos fizeraõ o mesmo: hum delles foi Virgilio na Ecloga II. v. 29 dizendo:

O tantum libeat mecum tibi sordida rura,
Atque humiles habitare casas . . . . . .

Explicando Servio a palavra *casa*, diz: *casas, quæ mapalia dicuntur*: e *mapalia*, diz *Festo*, que he termo Carthaginez, que significa *casas sem ordem*, que os Pastores de Africa costumaõ fazer pelos desertos. Torcato Tasso na sua *Amintas*, o poema mais bem escrito, que no seu genero possue a Lingoa Italiana, sem se achar constrangido da rima, naõ duvidou dizer no Prologo da dita peça:

Però spesso celandomi, e fuggendo
L'imperio nò, che in me non hà, ma i preghi,
Ch'an forza, porti da importuna madre,
Ricovero nei bosqui, e *nelle* case
Delle genti minute.

(8) *Amaryllidas*, *Cloridas* no caso obliquo sem necessidade de rima he novo na Lingoa Portugueza; porque se Fernaõ Alves do Oriente se servio de *Clorida*, e *Dorida* n'uma Ecloga do primeiro livro da sua *Lusitania Transformada*, foi mais por servir ao consoante *solida*, que por augmentar as graças do Idioma, de que algum tanto se esqueceu, usando de frequentes Toscanismos, e clausulas humildes, que fizeraõ o seu estylo incorrecto, e lodoso, além do que com pouca attençaõ á natureza dos sobreditos nomes, poz a inflexaõ obliqua no caso recto. Considerando eu, que Amarillis, e Cloris no plural se equivocavaõ, conservando a mesma terminaçaõ, que guardaõ no singular estes dous nomes, me servi delles na sua original declinaçaõ, no que evitei a confusaõ do estylo, e accrescentei nova melodia ao Idioma. Ferreira, e naõ sei se Bernardes, tambem disseraõ *Fylida*, mas como nome proprio de homem por elles invertado, de que só se serviraõ no singular, pelo que naõ conservou a natureza dos nomes Gregos proprios de incremento,

que correſpondem aos da terceira declinaçaõ dos Latinos.

(9) O verbo *affrontar*, vem do nome *fronte*: o ſeu verdadeiro ſignificado he oppôr-ſe á alguma couſa, como ſe ſe diſſeſſe *oppôr fronte a fronte*: por translaçaõ contigua ſignifica diſputar, e ultrajar por translaçaõ remota: na ſignificaçaõ de oppôr-ſe, ou combater, em que aqui eſtá, ha muitos exemplos nos noſſos Authores, naõ tenho por hora á maõ mais que eſte de Fernaõ Alvares do Oriente *Luſit. Transf.* Liv. II. fol. 289. » Em quanto o noſſo » cavalleiro com os outros ſe *afrontava.* »

(10) A Elegia tambem tem os ſeus Epiſodios, mas breves, e deduzidos do aſſumpto. A todos, os que tem noticia da noſſa Hiſtoria Litteraria, he notoria a miſeravel depravaçaõ de goſto, a que chegou a Poeſia no Reinado d'ElRei D. Joaõ V., a abſoluta ignorancia dos preceitos da Arte, e o nenhum eſtudo da Natureza, nem da Lingoa.

(11) Na verdade que neſte tempo naõ ſe attendia a doçura, melodia, e ſuavidade da expreſſaõ: o eſtylo inchado, a que entaõ ſe dava o titulo de ſublime, era o que mais reinava: como ſe póde vêr nas Obras do famoſo Conde de Tarouca, do Abbade de S. Bade, nas do Conde da Ericeira, e Alexandre Antonio de Lima, que mais merecem o nome de verſificadores, que de Poetas.

(12) *Affugentava*, iſto he, o *canto*, que he o nominativo d'eſta oraçaõ. Neſte poema encontraõ-ſe algumas liberdades, que pareceráõ incoherencias, como v. g. alguns nominativos, e vocativos pouco claros, e alguns tercetos que finalizaõ em inciſos &c. o que ſe originou da pouca deſtreza de engenho, e de fazer eſte poema aos poucos e poucos, ſem poder ter o que eſtava compoſto diante dos olhos.

(13) Boileau excellentiſſimo Poeta Francez tem huma paſſagem, que me exitou a eſta pintura no II. Canto da ſua inacceſſivel Poetica:

Mais ſouvent dans ce ſtyle un rimeur aux abois
Iette là, de dépit, la Flute, et le Hautbois;
Et ſollement pompeux, dans ſa verve indiſcrette
Au milieu d'une Eglogue entonne la Trompette.
De peur de l'écouter Pan fuit dans les Roſeaux,
Et les Nymphes d'effroi ſe cachent ſous les eaux.

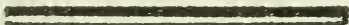
(14)

(14) Teſtemunha o poema de Caetano Joſé de Soutomaior Corregedor do Rocio, intitulado a *Martinhaida*, obra cheia de pinturas cynicas da mais infame proſtituiçaó.

(15) Boileau Canto I. da Arte Poetica: *En fin Malherbe vint &c.* he certo, que eſte grande homem contribuio muito para introduzir o bom goſto da Poeſia em Portugal, onde eſtava quaſi apagada a memoria dos grandiſſimos Poetas, que tanto illuſtráraó a Lingoa Portugueza no Seculo de quinhentos.

(16) Mr. de Voltaire Canto II. da *Henriade*:

Digne de plus de vie, et d'un autre deſtin.

(17) *Mundanal* he epitheto muito expreſſivo, e de grande ſuavidade, mui uſado de Fernaó Lopes, excellente Author noſſo na Chronica d'ElRei D. Joaó I.

ELEGIA VI.

MORREU Marilia: oh caſo acerbo, e eſcuro!
A mais formoſa Nynfa d'eſtes prados
Sentio da crua morte o golpe duro!

Triſtes fôraõ teus fins, triſtes teus fados;
Pois na mais tenra flor da mocidade
Fôraõ, Nynfa, teus dias acabados.

Tocou a maõ da negra enfermidade
As vivas roſas de teu lindo geſto,
Seccas ficáraõ: dura crueldade!

Quem tuas graças, e teu riſo honeſto
Na vida contemplou, mui vivamente
Rompe em miſero pranto manifeſto.

Tua alma pura, candida, e innocente,
Que he mais que formoſura, bem merece
O pranto univerſal de toda a gente.

Oh quem dos olhos ſeus eſtar podeſſe
Tantas, e tantas lagrimas vertendo,
Que em fonte perennal ſe converteſſe!

Naõ fôra grande exceſſo, oh Nynfa, vendo
Quantos celeſtes dons em ti havia,
Que nos roubou da morte o golpe horrendo.

Por ti no verde prado florecia
A par do branco lyrio a gentil roſa
Ao longo d'alva fonte, que corria.

Por

Por ti a bella Aurora mais formoſa
O aureo geſto erguia no horizonte,
De vêr tua belleza cubiçoſa.

Por ti continuo ouvia o valle, e o monte
Os ruſticos cantares dos Paſtores
Á ſombra eſcura, ou junto á freſca fonte.

Por ti ſe matizavaõ de mil côres
Os campos reveſtidos de verdura,
Que á tua morte agora daõ clamores.

O roxinol com voz mui doce, e pura,
Sem nunca deſcançar, por ti cantava
No mais interior da ſelva eſcura.

Se algum paſtor ao vento a voz mandava
Ao ſom da doce avena, ou ſanfonina
Teu peregrino geſto celebrava.

Choremos todos nós noſſa mofina:
Chore, oh Nynfa, por ti o monte, e o valle,
Por ti o campo, e a fonte cryſtallina.

O ſom dos ais o duro monte aballe:
Saia dos noſſos olhos tal corrente,
Que as enchentes de hum rio imite, e iguale.

Comtigo, oh bella Nynfa, alma innocente,
Morreu Amor, morreu a formoſura!
Que faremos ſem ti, miſera gente? (1)

Triſtes de nós quaõ pouco tempo dura
O bem, que num momento foge, e vôa!
Já para nós naõ póde haver ventura.

Nin-

Ninguem ao ſom da frauta a voz entôa
Nas feſtas paſtorís em valle, ou monte:
Só triſte pranto neſtes campos ſôa.

Naõ ha paſtor, que o ſeu pezar naõ conte
Penetrado de dor, e ſentimento
Ao ſurdo monte, á ſelva, e á freſca fonte.

Cortou da morte o golpe impio, e cruento
A téla dos teus dias, e ficaſte
Qual tenra flor cortada ao Sol, e ao vento.

Em miſera triſteza nos deixaſte,
E para o Ceo, que quiz comtigo ornar-ſe,
Gentil Donzella, para o Ceo voaſte.

Naõ ceſſe, oh nova Deoſa, de invocar-ſe
Teu ſacro numen; e teu nome ſanto,
Bella Nynfa, naõ deixe d'exaltar-ſe.

Novo altar, novo culto, e novo canto
Devotos os paſtores te dediquem:
Naõ s'ouça mais o ſom do flebil pranto.

Saudoſas memorias de ti fiquem
Entre nós outros, e com mil louvores
Tuas virtudes, Nynfa, ſe publiquem.

Vós Nynfas d'eſtes prados, vós Paſtores,
Se Marilia eſtimaſtes, ſe algum dia
Lhe teceſtes grinaldas de mil côres;

Se com ſuave, e doce melodia
Celebraſtes a ſua formoſura,
Cheios d'alto prazer, e de alegria;

De flores, e odorifera verdura
Hum tumulo lhe erguei, onde gravado
Tal epitafio esteja em frase pura:

» O gesto de Marilia delicado,
» Mui mais gentil, do que a vermelha Aurora,
» Aquí verás em cinza transformado.
» Detem-te, oh tu que passas, lê, e chora. »

NOTA.

(1) Este verso he de Fabio Galeota excellente Poeta Italiano, na sua Ecloga de Amaryllis, e Elpida; o qual truxe para a nossa Lingoa para mostrar, que ella he capaz das mesmas graças, que a Italiana, e outra qualquer das polidas da Europa. O verso Italiano he o seguinte, o qual naó tem nem mais graças, nem mais doçura que o nosso:

Che farem senza te misera gente.

ELE-

ELEGIA VII.

NA MORTE DE HUM MEU FILHO QUE FALLECEU MININO.

Nuno minino, oh Nuno, oh alma, oh vida (1)
Da vida de teus pais! fructo gentil
Naſcido de affeiçaõ pura, e ſubida.

Nuno, aſſim nos deixaſte em penas mil;
Em triſteza, em pezar, em pranto eterno, (2)
Entregues a deſgoſto acerbo, e hoſtil?

Ah! naõ ſe abranda noſſo mal interno,
Inda com a certeza de que gozas
No Ceo prazer ſem fim, alto, e ſuperno.

Envolvidos nas ſombras horroroſas
Da pobreza cruel, que horrenda, e fera
Nos inunda de dores amargoſas:

Noſſa alegria, noſſo prazer era
Contemplar de teu geſto tenro, e bello
As graças, a innocencia, que amor gera.

Em vaõ foi para ti noſſo diſvelo,
E paternaes cuidados; pois ſentiſte
Da morte horrivel o aſpero flagello.

Oh pranto, oh magoa, oh dor acerba, e triſte,
Que em nós ha de exiſtir eternamente
No meſmo ponto, em que ella agora exiſte!

Doce

Doce pupillo! oh planta florecente!
Oh bello lyrio d'horto deleitoſo
Cortado antes de tempo triſtemente!

Da morte o furor impio, e rigoroſo (3)
Antes em nós cruel ſe enfurecêra,
Do que em ti, tenro infante, taõ formoſo.

A tua gentileza florecêra
Com dotes mil d'alma innocente, e pura,
Qual bonina gentil na primavera.

Fôras prazer dos teus, gloria, e ventura:
Por ti ſuſpiros, e ais derramariaõ
As Nynfas penetradas de ternura. (4)

Por ti das cavas grutas chamariaõ
As Nayadas das fontes, e as Napéas
Por ti, por ti continuo clamariaõ.

As mais formoſas Nynfas das arêas
Te cubiçavaõ já para guiares
Suas danças gentís, ſuas coréas.

Para ti claros dotes ſingulares
Apparelhava Apollo, com que honráras (5)
Teu ſeculo feliz, teus patrios lares.

Mas ah! que para ti curtas, e avaras
Voáraõ triſtemente as leves horas,
Das quaes, ſe tu vivêras, triunfáras.

Acerba dor, que tanto nos devoras!
Se nos livraſſes de taõ triſte vida,
Branda comnoſco, mais benigna fôras.

De nós, em vil pobreza aborrecida,
Cheios de magoa eterna, e de ſaudade,
He mais, que a vida, a morte appetecida.

Naõ póde haver maior calamidade,
Nem caſtigo do Ceo mais vivo, e urgente (6)
Para quem he propenſo á piedade;

Que vêr do ſeu amor caſto, e innocente
Hum ſuave penhor victima triſte
Da furia da cruel morte inclemente.

Oh alma da noſſa alma, que partiſte (7)
Cá deſta confuſaõ do mundo avaro,
E com ſereno vôo ao Ceo ſubiſte!

Pois que, dos noſſos olhos lume claro,
Nem da noſſa miſeria, e pobre vida
Podeſte ſer eſteio, e doce amparo;

E adornado de gloria eſclarecida
A Deus, Anjo entre os Anjos, mil louvores
Entoas com voz pura, e mui ſubida:

Ah! pede-lhe, Anjo puro, que os rigores
Da penetrante magoa de perder-te
Em nós abrande, e ſeus crueis furores.

Ou deſta vil miſeria, onde ſe verte
Largo rio de lagrimas eternas,
Nos leve, oh caro filho, cedo a vêr-te
Nas moradas angelicas ſupernas.

NO-

NOTAS.

Parece, que este aſſumpto ſeria ſufficientemente tractado em hum Soneto; mas como a dor he de ſua natureza palavroſa, naõ parecerá eſtranho, que elle forneceſſe para poema de maior extenſaõ. Fiz toda a diligencia, para que nesta poeſia tanto os penſamentos, como a dicçaõ foſſem conformes ao ſujeito. O amor paternal he o mais perfeito, e exceſſivo de todos; por iſſo naõ ſe deve eſtranhar a demaſia nas ſuas lastimas, e prantos, quando ſe vê privado para ſempre do objecto, em que ſe nutre; do que estamos todos os dias vendo mui notaveis exemplos, e no-lo atteſtaõ as historias de todos os tempos. Das Sagradas Letras consta, que Varões mui aſſiſtidos do eſpirito de Deus choráraõ amargamente a morte de ſeus filhos. Do cap. 18 do Liv. II. dos Reis ſabemos, que David chorou publicamente a morte de ſeu filho Abſalaõ, naõ obstante ter-ſe-lhe rebellado, e andar com elle em guerra. Ouvia Job com muita reſignaçaõ a noticia da perda de ſeus gados, e ſementeiras; mas tanto que ouvio a da morte de ſeus filhos, entaõ parece, que perdeu o ſoffrimento: lança-ſe por terra, e raſga os vestidos. Em fim a natureza em ſemelhantes ſituações cobra por força hum tributo, que naõ póde refutar todo o poder da mais reflectida e filoſofica constancia, ou já obstinaçaõ, em taes caſos, em que a natureza clama pelo que irrefragavelmente lhe he devido.

(1) As repetições ſaõ proprias do estylo pathetico. David no cap. 18 do Liv. II. dos Reis ſe exprime: *Fili mi Abſalon, Abſalon fili mi.* Note-ſe que neste lugar, aſſim como quaſi em todo o poema, fiz mais uſo de palavras de vogaes breves, quaes ſaõ *ee*, *ii*, *uu*; e o meſmo fiz nas rimas, ſendo a maior parte dellas mais ſurdas, e menos ſoantes; e evitei o uſo de participios do preſente, e do pretérito dos verbos em *ar*, por naõ cahir no vicio da inchaçaõ, porque naõ o pedia o aſſumpto, como adiante mostrarei em a mudança, que fiz de hum lugar por ſerem as rimas mui ſoantes.

(2) As conjunções nesta figura *Congeries*, quando entra na expreſſaõ de affectos, naõ ſaõ convenientes mór-

mente na ultima parte da dita figura, para mais vivamente pintar a perturbaçaõ do affecto: esta figura tambem póde ser gradaçaõ, a qual, para ser mais bella, deve ir sempre em augmento, como nesta se vê, pois o termo *pezar* he mais forte que *tristeza*, e mais que aquelle *pranto eterno*. Mas nem sempre observáraõ esta ordem os melhores engenhos; porque nem todas as occasiões o permittem.

(3) Este pensamento occorre a todos os pais na força da paixaõ, que nelles excita a morte dos filhos. David penetrado de dor pela morte de seu filho Absalaõ dizia no lugar allegado: *Fili mi Absalon, Absalon fili mi: quis mihi tribuat ut ego moriar pro te, Absalon fili mi, fili mi Absalon.*

(4) Nem da voz *ternura*, nem do adjectivo *terno*, pude jámais achar nos nossos quinhentistas exemplo algum, sómente em a traducçaõ das Georgicas de Leonel da Costa se acha *terneza*. Vieira em varios passos usa de *ternura*, de que só aponto este exemplo, que vem no Tom. II. fol. 290. *Porque sobre a* ternura *de mulher, tinha a piedade de mãi*; mas a authoridade deste escritor vale tanto, como se fosse hum dos melhores do seculo de quinhentos.

(5) Naõ deve parecer estranho neste poema o uso dos termos *Napeya*, *Nayada*, *Apollo*; pois saõ tomadas como vozes symbolicas, e naõ como entes, e deidades gentilicas, das quaes me servi para fazer a minha composiçaõ mais grave, e amena, e para evitar o tedio de huma lamentaçaõ fria, e secca. Neste lugar saõ as rimas de som mais aberto, e os versos contém mais número de vogaes longas, como saõ os *aa*; porque o estylo algum tanto s'ergue mais aqui, do que nos outros lugares anteriores.

(6) *Vivo, e urgente.* Cam. Lusiada Cant. X. Est. 48:

Nem vendo-se num cerco duro, e urgente.

Depois de ter concluído este poema vî, que esta passagem tinha seis rimas mui sonantes, e que faziaõ o estylo algum tanto inchado nas palavras, por cuja causa mudei do modo, que ficou. E para que se veja a differença, que havia, e note, quem for curioso deste genero de

estu-

estudos, a variedade, com que se póde exprimir qualquer pensamento na Lingoa Portugueza, que alguns Portuguezes taxaõ de pobre; porque a ignorancia delles de tal modo lhes obtusa o entendimento, que naõ lhes permitte conhecer a pobreza do seu discurso; transcreverei o dito lugar:

Naõ póde haver maior calamidade
Nem castigo do Ceo mais penetrante
Para quem he dotado de piedade;
Que vér do seu amor puro, e constante
Hum suave penhor victima triste
Da crueza da morte fulminante

Este ultimo verso tambem se póde expressar:

De hum golpe atroz da morte fulminante.

E por outro modo he mudando *atroz* em *hostil*.

(7) Esta elegancia he mui antiga na Lingoa Portugueza, e mui propria expressaõ do genio mavioso, e penetrado de saudade. Conhecida he em todo o Portugal a affectuosa, e saudosissima cantiga

Oh vida da minha vida
Ja minha vida lá vai &c.

que he, se me naõ engano, de Bernardim Ribeiro, a qual imitou o Bernardes.

(8) . . . . *com voz alta, e mui subida.* Camões no bello Soneto 43 tem a mesma expressaõ do modo seguinte:

O Cisne quando sente ser chegada
A hora, que poem termo aa sua vida,
Musica com voz alta, e mui subida
Derrama pela praia inhabitada.

A força do verbo *entoar* he mui notavel: significa ainda mais do que o verbo affinar, de que usaõ commummente os musicos; he pois a significaçaõ deste verbo, cantar com som accorde, e harmonioso.

ELEGIA VIII.

Na morte do Doutor Jacintho Ignacio Rebello de Saldanha.

Oh Muſa, que em ſom triſte e peſaroſo
Largamente choraſte a morte eſcura
Do grande Rei Joſé, Heróe famoſo.

Tu, que do bom Luiz a deſventura
Com pranto enternecido lamentaſte
Poſſuida de dor, e de amargura.

Tu, que ſempre á verdade conſagraſte
Teus canticos celeſtes, e altamente
A cantar as virtudes me enſinaſte.

Agora com voz flebil, e doente
Chora o claro mancebo virtuoſo
Saldanha, o bom Saldanha, alma excellente.

Mas em teu mal acerbo, e laſtimoſo
Os indices da dor, que a alma te opprime,
Naõ ſejaõ pranto eſteril, e ocioſo.

De quando em quando as lagrimas reprime,
E de Filoſofia alta illuſtrada
Grandes verdades em teu canto exprime.

Chora, ſim, com voz triſte, e taõ cançada
Do meu caro Saldanha a dura morte,
Que venha a ſer de todos lamentada.

Mas

Mas em quadro immortal a alma conforte
De virtudes fublimes traça, e pinta
Para á gente fervir de regra, e norte.

Faze, oh Deofa, que nunca fique extinta
Sua memoria, e que o mais duro peito
Pena igual, á que fentes, tambem finta.

Mas quem póde pezar no feu conceito
De hum taõ fabio varaõ a falta eterna,
Sem que fe veja em lagrimas desfeito.

Morreu Saldanha!.. oh Ceos!.. que dor interna
Em mim fe ateia!.. E nunca mais veremos
Hum peito, onde habitava alma taõ terna?

Foi-fe o noffo remedio: ah! que faremos!
Em ti, caro Saldanha, abrigo, e amparo,
Em ti virtude, em ti tudo perdemos.

Longe do vulgo o teu engenho raro
No Sanctuario augufto das Sciencias
Foi educado por Apollo claro.

Elle das mais fublimes influencias
Teu efpirito ornou, e o fez thefouro
De mil egregios dotes, e excellencias.

Por iffo em pouco tinhas mando, e ouro;
E fó prefavas vêr a fronte ornada
Das capellas de báccaro, e de louro.

Por Minerva a tu'alma era illuftrada,
Quando em doutos efcritos retratavas
Sua innocencia candida eftimada.

Nel-

Nelles com larga cópia illuminavas
Dos abufos hoftís o cáos horrendo,
Ou o merecimento fublimavas.

Vós, que efcreveis, vós que ides combatendo
O tyrannico imperio da ignorancia,
Por ganhar fama, e nome alto, e eftupendo:

Se hum fumo vaõ de tumida jactancia
Puzer acafo os voffos penfamentos
Em trifte effervefcencia, e diffonancia;

Que devendo empregar voffos talentos,
Para gloria da humana fantafia,
Em uteis, e fublimes argumentos,

Trateis affumptos de infima valia
Por dar provas d'engenho ao vulgo errante,
Agitados de eftolida oufadia:

Antes que a voraz chamma fe levante,
E eftrague as mais illuftres faculdades,
Que fazem voffo efpirito preftante.

Oh vede as preciofas qualidades,
Por que o fabio Saldanha em feus efcritos
Póde ter nome em todas as idades.

Dai ás voffas fentenças, voffos ditos
Força, intereffe igual, pezo, e valor,
E ganhareis louvores infinitos.

Manes do bom Saldanha... oh magoa!.. oh dor!...
Attefto o Ceo; jámais infame affumpto
Em meus efcritos teve alto explendor.

Sem-

Sempre iſto ſeguirei, por munto e munto
Que da Ignorancia o Goſto opprimido ande,
Que em Portugal jaz languido, e defunto.

Oh Patria! oh Gloria! oh Fama illuſtre, e grande!
Deoſas, que me inſpirais, nunca vereis,
Que outro eſpirito em mim domine, e mande.

Vós que da terra humilde ao Ceo me ergueis,
Que em minha alma excitais claros intentos,
Vós norma me dareis, regras, e leis.

Mas que eſtima, e valor tem os talentos
Sem o eſplendor auguſto das virtudes,
Que ſó daõ immortaes contentamentos?

Futil vaidade eſteril, ah! ſe illudes,
Tú ſó podes fazer eſtrago enorme
Nos corações eſtolidos, e rudes.

O eſpirito, onde habitas, jaz, e dorme
Dos aſpides da inveja devorado,
Sem gloria, que para elle he ſombra informe.

Mas deſſa chaga infame vulnerado
O nobre coraçaõ do bom Saldanha
Nunca jámais ſe vio atormentado.

Taõ triſte enfermidade naõ ſe entranha,
Onde o merecimento reſplendece
Com ſciencia, que o vicio expelle, e eſtranha.

Oh ſerena Modeſtia ! oh quem podeſſe,
Deoſa , de ti cantar taõ dignamente ,
Que todo o mundo em fim te conheceſſe !

Quem no douto Saldanha felizmente
Te vio brilhar como aſtro luminoſo
No moral , e no fyſico igualmente ;

Naõ penderá incerto , e duvidoſo
Da exiſtencia do teu Nume ſagrado ,
Nem o terá por vaõ, e fabuloſo.

Que de teu ſacro influxo illuminado
Nas acções , nos affectos , nos coſtumes
Era por ti regido , e moderado.

Se o louvor o elevava aos altos cumes ,
Onde a gloria corôa os ſabios peitos ,
Que ſaõ do mundo ornato , e claros lumes ;

Se hum pouco ſe alteravaõ ſeus conceitos ,
Logo acudias , logo os ſerenavas ,
Logo os fazias á razaõ ſugeitos.

Qual no negro furor das ondas bravas
Rege o Piloto experto a nau potente ,
Tal ſeus nobres affectos moderavas.

Oh amavel Modeſtia , amor da gente ,
Reſultado ſublime de alto eſtudo ,
Que ao meu Saldanha foi aſtro fulgente.

Elle

Elle o tomava por invicto escudo
  Contra os vapores crassos da ignorancia,
  O mais infeliz mal de hum peito rudo.

Eu o vejo em activa vigilancia
  Socegado altamente meditando,
  Naõ movido de lucro, e vã jactancia.

Naõ por ter nome illustre, e venerando,
  Mas para libertar da morte intensa
  Ao tristissimo enfermo miserando.

A sua salutifera presença
  Nos infernaes abismos precipita
  A negra fome, a pallida doença.

De lá contra elle a Inveja clama, e grita:
  Em vaõ sobre os seus louros gloriosos
  O veneno mais aspero vomita.

Mas elle com estimulos honrosos
  Ás Sciencias severas se applicava,
  Por confundir seus brados odiosos.

Cujo rigor austero temperava
  Co'a nobre applicaçaõ das Bellas Artes,
  Que elle taõ felizmente cultivava.

Aquellas com quem tu, Febo, repartes
  Com larga cópia mais dos teus encantos,
  Claras em tudo inextimaveis partes:

A nobre Poeſia, os doces cantos
Da Muſica ſuave no ſeu peito
Derramavaõ dons inclytos, e ſantos.

A memoria retrata em meu conceito
Saldanha a voz unindo ao ſom da lyra
Com magiſterio altiſſimo, e perfeito.

Allí o canto harmonico reſpira
Suaves commoções, que a alma agitada
Purgaõ do hoſtil furor da cruel ira.

Da branda melodia arrebatada
Dos amigos a amavel companhia
He de affectos intenſos penetrada.

Quaes contemplaõ entaõ na fantaſia
De taõ ſublimes dotes a excellencia,
E de tantas virtudes a harmonia.

Quaes quizeraõ allí á competencia
Imitallo com gloria; mas em fumo
Se reſolve taõ inclyta apparencia.

Ai de mim, que em vaõ tento, em vaõ preſumo
Incluir taõ illuſtres qualidades
Em hum taõ pobre, e miſero reſumo!

Muſa, que nas crueis calamidades
De teus cantos os funebres aſſumptos
Tiras das ſepulchraes eſcuridades;

Dá,

Dá, oh Deosa, alma, e vida aos meus transsumptos,
Onde do bom Saldanha os dotes pinto,
Os dotes d'alma em quadro eterno juntos:

Traça em rasgo immortal, claro, e distinto
A sua liberal munificencia,
Que para tanto em mim forças naõ sinto.

Sepultado em miserrima indigencia
Vejo o affligido enfermo, já da morte
Sentindo quasi a derradeira urgencia.

Em torno delle a misera consorte,
E os tenros filhos seus ao Ceo clamando
Sem humano soccorro, que os conforte.

Oh triste, oh caro, oh doce esposo, oh quando
Em ti punhamos nossa confiança
Em estado nos deixas miserando!

Que faremos sem ti? Nossa esperança,
Nosso bem, nosso amparo, e nossa gloria
Comtigo se acabou: cruel mudança!

Mágoa eterna teremos na memoria:
Triste de nós! Passou nossa ventura,
Como sombra de nuvem transitoria!

Ninguem tem compaixaõ da sorte dura,
No desamparo acerbo, em que jazemos
Lançados num abismo de amargura.

Mas

Mas já que humano auxilio em fim naõ temos,
Em tanto mal ao moribundo eſpoſo
Salvai, oh Ceos, de taõ crueis extremos.

Eſcutai-nos benefico, e amoroſo,
Eſcutai noſſos ais, noſſos clamores,
Vós ſois omnipotente, e piedoſo.

Por taõ ſantos, e altiſſimos favores
A vós, Senhor, com jubilo humilhado
Entoaremos hymnos, e louvores.

Aſſim exclama; e já como enviado
Saldanha vem da Summa Poteſtade,
De virtudes angelicas ornado.

Tal depois da nocturna tempeſtade,
Aos triſtes navegantes vem raiando
Da rubicunda Aurora a claridade.

Já com doces palavras confortando,
Medicinal auxilio attento applica
Ao mal cruel do enfermo miſerando.

Eis do furor da morte livre fica
O peito afflicto, que do bom Saldanha
Altos louvores mil canta, e publica.

Vós, a quem ſaber inclito acompanha
Na Medica Sciencia, obrai como elle,
Se pertendeis louvor, e gloria eſtranha.

Fo-

Fome execranda de ouro, que compelle
O peito avaro a perfida vileza,
Oh nunca vos commova, nem diſvelle.

Por ſoccorrer a miſera pobreza,
Na choça humilde entrai da meſma ſorte,
Que nos paços reaes de alta grandeza.

Oh triſtes, que ſoffreis o duro corte
Da deſgraça cruel, vós indigentes,
Chorai do bom Saldanha a eſcura morte.

Vinde inundar de lagrimas ardentes
O tumulo, onde jaz, e noite e dia
Chamem por elle os eccos deſcontentes.

Sombra do caro amigo, em quem eu via
Nobre aggregado de virtudes raras,
Flamma immortal, que as almas allumia.

A ti conſagro aquí nas ſantas aras
Da mais pura amizade alta memoria
De tuas acções nobres, e preclaras.

Se meus verſos te podem dar victoria
Dos combates do tempo, eternamente
Será ſabida a tua triſte hiſtoria.

E verá nelles a futura gente
Tuas claras virtudes, penetrada
De jubilo, e reſpeito reverente.

Mas

Mas ſe de novas furias agitada,
    Seu reſplendor excelſo, e luminoſo
    Pertender offuſcar a Inveja irada;

A ti com rogo aceſo, e fervoroſo
    A ti, ſabio Stockler, peço que ampares
    Tanto merecimento glorioſo.

Febo te ornou de dotes a milhares:
    Ah! do amavel Saldanha, oh douto amigo,
    As virtudes proteje ſingulares.

Sepultadas na noite do jazigo
    Naõ durmaõ c'o cadaver ſomno eterno;
    Vivaõ ſalvas por ti de hoſtil perigo.

Tú podes em eſtylo alto, e ſuperno
    Dar-lhes perpetua vida, e gloria uſana:
    Podes precipitar no negro inferno
    O cruento rancor da Inveja inſana.

ELE-

ELEGIA IX.

Na morte do Princepe D. José.

E Já morreu! ..... e nunca mais veremos (1)
O Princepe José, nossa esperança! . . .
Em mal taõ vivo, e urgente... ah!... que faremos!

A desgraça, ai de nós! nunca descança
De affligir-nos com males a milhares,
Que sobre nós cruel fulmina, e lança. (2)

Os seus egregios dotes singulares
Com elle em fim já para o Ceo voáraõ....
Quem naõ chorará lagrimas a mares!

As nossas esperanças se exhaláraõ: (3)
As nossas esperanças, que desgraça!
Comtigo, Augusto Princepe, acabáraõ.

Apenas se mostrou a gentil graça
Do teu amavel gesto, a sorte dura
Te fez beber da Morte a negra taça.

Tal ás vezes levanta a fronte pura
No vermelho horizonte o Sol brilhante,
De improvizo se esconde em sombra escura.

Sombra de cujo seio fulminante (4)
Rompem com furia horrenda as tempestades,
Que dessolaõ a terra em breve instante.

O Em-

Embora mil, e mil calamidades
  Sobre nós fulminasse o Ceo irado
  Contra nossos delictos, e maldades;

Mas naõ fosses da vida despojado
  Na aurora dos teus dias tristemente,
  Naõ nos faltasses, Princepe adorado.

Serias nosso Rei justo, e clemente: (5)
  Tú eras já nosso prazer, e gloria,
  Beneficencia, amor da Lusa gente.

A Fama já de ti com voz notoria
  Tanto cantava, que as acções famosas
  Recolhia em seus Fastos a Memoria.

E segundo as idéas luminosas,
  Que lhe dava a Sciencia do futuro
  Pelo aspecto das obras gloriosas;

» Virás a ser, conforme conjecturo, (6)
  Ella escrevia, » Tito Lusitano, (7)
  » Se naõ te for contrario o fado escuro.

» Teu gesto amavel, e teu peito humano (8)
  » Promettem, que serás, Princepe Augusto,
  » Gloria dos teus, amparo soberano.

» Com vivo esforço, e animo robusto (9)
  » Defenderás teus póvos dos furores
  » De algum poder estranho, fero, e injusto.

« Terás em nobre estima os Lavradores, (10)
  » E Artifices fabrís, e os que dos mares
  » Tentaõ com peito intrepido os horrores.

« Aquel-

» Aquelles grandes genios ſingulares (11)
» Luzes do mundo, honra da humanidade, (12)
» Que naõ temem do tempo hoſtís deſares,

» Em ti premio teraõ, e dignidade: (13)
» Em ti ſereno aſylo, e porto amigo
» Contra o negro furor da tempeſtade.

» Já mais temeráõ damno, nem perigo
» Sciencias, e Artes, de quem nobre amparo,
» De quem ſerás Apollo, e manſo abrigo.

» No mundo te farás famoſo, e claro
» Por Leis, por juſtas Leis, com que regidos (14)
» Teus póvos ſejaõ com favor preclaro.

» Honrarás os talentos mais ſubidos,
» Que muitas vezes jazem triſtemente (15)
» No abiſmo da miſeria confundidos.

» Mas ai!.. que eſcuto!.. ó Ceos!.. Que ſuſto urgẽte (16)
» Os ſentidos me occupa! Que clamores!....
» Que voz me aterra flebil, e doente!....

» A minha alma inundai, crueis horrores....
» Já naõ exiſte o Princepe ſublime,
» Digno de imperio, de inclytos louvores.

» Eſta dor, ai de mim! Naõ ſe reprime.....
» Aonde eſtás, oh Princepe adorado,
» Pura imagem, que em mim tanto ſe imprime?

» Como aſſim me deixaſte em triſte eſtado?
» Como da minha viſta te auſentaſte?
» Aonde te acharei, Princepe amado?

» De viver entre nós naõ te dignaste .....
» Tu com tuas virtudes singulares,
« Princepe Augusto, para o Ceo voaste.

» Chorando tristes lagrimas a pares
» Ficaõ teus póvos com tristeza, e pranto
» Num pelago de dores, e pezares.

» Eu já te preparava historia, e Canto; (17)
» Tudo desconcertou a cruel morte:
» Só para te chorar a voz levanto.

» A celebrar acções ninguem me exhorte
» Á vista do teu caso lastimoso,
» Da tua escura, e deploravel sorte. » (18)

Disse: o buril eterno, e glorioso
Da maõ lhe cahe; e sem vigor, e alento
Adormece em lethargo pezaroso.

Oh tu, que em gloria estás no ethereo assento,
Recebe, Alma gentil, nossos clamores,
Fruto do nosso amargo sentimento.

Fruto das nossas mais que acerbas dores,
Que nos causou a tua ausencia eterna,
Que nos sepulta em medos, e terrores.

A nossa dura magoa, e dôr interna
Cada vez mais, e mais se accende, e aviva (19)
Em a perda, que tanto nos consterna.

Desta calamidade se deriva
Hum mal, e outro mal, que eternamente
Da esperança mais inclyta nos priva.

Naõ

Naõ efpere vêr mais a Lufa gente
Teu doce accolhimento, augufto, e nobre, (20)
E humanidade em gráo mais eminente. (21)

O efplendor da virtude naõ fe encobre:
Tu com gefto benigno recebias
O virtuofo, o fabio, o humilde, o pobre.

Tu com maõ liberal do abifmo erguias
Todo o merecimento efclarecido,
Que aos golpes da Defgraça expofto vias.

Em ti fe via em ponto o mais erguido
A liberalidade generofa,
Virtude propria de animo fubido.

A noffa dôr fe faz mais poderofa (22)
Confiderando as nobres qualidades
Da tu'Alma illuftrada, e gloriofa:

Que os pezares, e as duras tempeftades, (23)
Em que nos poz a tua trifte morte,
Valem por muitas mil calamidades.

Triftes!... Que dôr!... Que penetrante corte!
Penfar, que para fempre te perdemos,
Alma digna de imperio, e melhor forte!

Mas ah! para que faõ tantos extremos? (24)
Tu naõ morrefte; teu fereno gefto,
Tuas virtudes n'alma impreffas temos.

Quem teve em gráo fubido, e manifefto (25)
Taõ altas qualidades, fempre exifte.
Ah! ceffe o pranto mifero, e funefto.

Mas

Mas á força da dôr, e magoa trifte,
Por mais que o penfamento fe levante,
O coraçaõ fenfivel naõ refifte.

Naõ he filofofia alta, e preftante,
A que infenfivel faz hum peito auftero
Contra os golpes da forte fulminante.

Naõ he valor, fegundo confidero,
Naõ moftrar em dor viva fentimento,
Mas dureza de efpirito fevero.

Em tanta magoa, em mal taõ violento (26)
He forçado chorar: Princepe amado,
Recebe noffo mifero lamento.

Tu, que vivo em teu feio magoado
As lagrimas dos triftes recebias,
Dos triftes poftos em cruel eftado:

Tu, que do alheio mal te condoías,
Tu, que os meftos gemidos da indigencia (27)
Em teu benigno peito recolhias:

Tu, que com liberal beneficencia (28)
As Artes, e os talentos amparavas,
Que hiaõ já tendo nobre competencia:

Tu, que as puras virtudes tanto amavas, (29)
A quem no fundo d'alma reverente
Aras, e facrificios confagravas......

Mas para que ergo a voz trifte, e doente?
Se tu já naõ refpondes, fe efcondido
Jazes na fria campa eternamente.

Oh

Oh quem tivera engenho taõ ſubido,
Que em grandiloquo verſo te fizeſſe
Para ſempre no mundo conhecido!

Póvos, em quem a dôr mais ſe enfurece
De ver voſſa eſperança em flor cortada, (30)
Que para vós em fim já naõ florece;

Vinde aqui com voz miſera, e cançada
Sobre o funereo tumulo exhalar
A voſſa magoa, e dor viva, e pezada.

Oh ſe viſſeis com gloria ſingular (31)
Do extincto Princepe á memoria Auguſta
Monumentos as Artes levantar!

Com idéa elevada nobre, e juſta
Alma, e vida a Pintura lhe daria,
E graça, e manſidaõ ſabia, e venuſta. (32)

A ſublime Eloquencia elevaria
Em ſeu louvor a voz grave, e ſonora,
Suas claras acções celebraria.

Exprimiria a dor, que ſe evapora
Com ſoluços, com lagrimas, com gritos,
Quando o eſpirito enfermo geme, e chora. (33)

Mas oh ſe com louvores infinitos
Foſſem por ti, Divina Poeſia,
Seus dotes para ſempre em bronze eſcritos!

Tu d'alma potentiſſima energia, (34)
Lume, força, e vigor do penſamento,
Gloria gentil da humana fantaſia.

Tu ſumma quinta eſſencia do talento,
Do ſublime talento da palavra
Levanta-te da terra ao ethereo aſſento.

Novas vias teu vôo moſtre, e abra: (35)
Do meu Princepe os dotes ſingulares
Com raſgos immortaes deſenha, e lavra.

Se cortas novas ondas, novos mares,
Se já tomas as laminas luzentes,
Ceſſem gritos, e ais, ceſſem pezares,
Ouçaõ ſempre ſeu nome as Luſas gentes.

NOTAS.

O Princepe D. José fallecido a 11 de Setembro de 1788, he infelismente o assumpto deste Poema. Os seus talentos, e virtudes o accreditavaõ pelo mais estimavel de todos os Princepes de seu tempo. A sua morte taõ apressada causou geral consternaçaõ, e foi celebrada por todos os Poetas, e Oradores de conhecido nome. Anno e meio quasi depois da sua morte compuz esta Elegia, movido unicamente da veneraçaõ, que sempre consagrei ao merecimento em qualquer qualidade de pessoa, quanto mais na de hum Princepe taõ amado, e celebrado de todos, posto que eu naõ fosse delle conhecido, nem sonhado. Esta razaõ poderá desculpar a minha temeridade, que me obrigou a tratar hum assumpto, em que todos os engenhos, que sobre elle se exercitáraõ, tanto em prosa, como no verso, naõ podéraõ de modo nenhum conseguir, segundo affirma o juizo universal da Naçaõ, prova manifesta da grande difficuldade de tratar affectos. As composições, onde entra o pathetico, fôraõ sempre de custosa execuçaõ; por isso vêmos em todas as Nações mui poucas Tragedias excellentes, excepto entre os Francezes, que como dotados de genio particular, e de huma notavel subtileza de gosto, possuem grande número de Tragedias as mais perfeitas, em o qual genero excedem a todos os antigos, e modernos. Para todos os generos de Poesia se requer dom especial, mas muito mais para tocar o coraçaõ por meio da pintura das paixões, e sobre tudo na Elegia Portugueza pela grande difficuldade do seu metro. Essa talvez seja a causa, por que rarissimas Elegias perfeitas se encontrem na immensidade dos Poetas Italianos, e na Lingoa Castelhana só se veja huma menos má em Garcilaso, a pezar da idolatria, que os Castelhanos consagraõ ás do seu Herrera, e em Portuguez só as tres primeiras de Camões saõ dignas de toda a consideraçaõ; e posto que alguns celebraõ as tres de Bernardes, que andaõ nas *Rimas Sacras*, ellas tem tantas desigualdades, e negligencias, que segundo o meu entender, naõ merecem o nome de perfeitas. Em fim

escrever neste genero, he o mesmo que dançar na corda bamba, com grilhões nos pés.

(1) Este principio suppoem antecedencia de discurso: naõ deixa de ser proprio para exercitar o pathetico, e juntamente artificioso; esse he o motivo por que parecerá novo a quem ignorar, que esta operaçaõ mental foi usada dos antigos, e modernos. Horacio assim começa a Ode XXXVI. do Liv. I., e a V. dos Epodos. Este methodo de composiçaõ tambem he conhecido de algum dos nossos Escritores: o grande Orador Vieira assim dá principio ao bellissimo, e admiravel Sermaõ primeiro do tomo primeiro. » E se quizesse Deus, que este taõ illus» tre, e taõ numeroso auditorio sahisse hoje taõ desen» ganado da prégaçaõ, como vem enganado com o » Prégador. » Suppondo antecedencia de discurso assim começa o mesmo Orador o grande, e prodigioso Sermaõ do Juizo universal no Tomo III., no qual resplendece com a maior vehemencia a terribilidade sagrada, com que a Eloquencia Evangelica costuma fulminar os corações dos ouvintes. » Abrazado finalmente o mundo, e reduzido a » hum mar de cinzas tudo o que o esquecimento deste » dia edificou sobre a terra. » Este modo de principiar supponho-o muito artificioso. Os maiores Escritores Francezes tambem usáraõ delle algumas vezes, e mesmo no tom apaixonado.

(2) *Fulmina* he idéa geral, *lança* designa idéa particular, como se dissesse fulmina, e lança sobre tal, e tal Naçaõ, ou sobre tal, e tal pessoa. Logo parece, que a idéa expressada pelo verbo *lança* faz, com que naõ esteja o mesmo verbo sómente para servir á rima.

(3) Esta expressaõ he assaz Poetica, segundo penso, sem com tudo destruir a simplicidade do estylo, cousa que sempre me propuz seguir nos meus escritos. Além de que os tons verdadeiramente poeticos nunca fôraõ contrarios á mesma simplicidade. Dois generos ha de simplicidade, huma de idéa, outra de estylo. Simplicidade de idéa julgo eu ser a deducçaõ natural dos conceitos, todos referidos á idéa geral, em que se funda o assumpto. Simplicidade de estylo a enunciaçaõ natural, mas elegante, e nobre dos mesmos conceitos, ou idéas. O meio, que

se

ſe deve uſar em cada huma deſtas para conſeguir o ſeu fim, contém doutrina mais extenſa, que naõ cabe na brevidade deſtas obſervações: em outro lugar tratarei eſta materia com a curioſidade poſſivel ás minhas forças. O verbo *exhalar* eſtá aqui ſignificando deſvanecer, evaporar &c.

(4) *Sombra* por nuvem; effeito pela cauſa, genero de Metonymia aſſaz conhecido dos Rhetoricos, e muito uſado na Poeſia.

(5) Eu tenho para mim, que as obras deſta qualidade nunca devem ſer huma lamentaçaõ ſimples, deſpida de inſtrucçaõ, o que ſe póde executar ſem offender a veroſimilhança, e de outro modo faz huma compoſiçaõ ſecca, e inutil; porque a dor na ſua expreſſaõ traz naturalmente reflexões muito ſenſatas, e cheias de filoſofia do coraçaõ, o que ſe obſerva a cada paſſo com peſſoas ainda meſmo ignorantes. A juſtiça, e a clemencia ſaõ os dois pólos, em que ſe deve firmar o moral de hum bom Monarca. Deſta doutrina, ſegundo tenho por noticia, era notavel Orador o Princepe D. Joſé, e as peſſoas cordatas, que o tratáraõ, aſſentáraõ firmemente, que ſe chegaſſe a ſer Rei, havia de ter todas as precioſas qualidades, que ſe requerem para fazer a felicidade dos póvos.

(6) Eſte Canto, ou Vaticinio da Memoria, acho que naõ ſerá deſaprovado pelas peſſoas, que conhecem, que a ficçaõ ſenſata he a alma da Poeſia. Julgo, que a expreſſaõ eſtá executada com toda a decencia, e vivacidade poſſivel ás minhas forças.

(7) O Emperador Tito foi as delicias de Roma, e em quanto o mundo for mundo ſerá ſymbolo daquella amabilidade, que deve ter hum Rei, que pertender occupar igual aſſento nos faſtos do univerſo.

(8) O Princepe D. Joſé além das virtudes, de que era ornado, ſe fazia recommendavel pela ſua gentil preſença;

(9) Os epithetos empregados neſte verſo ſaõ tranſlações muito proprias da Poeſia de Horacio, de Tibullo, e Virgilio; porque parece que deviaõ eſtar *vivo* para *animo*; *robuſto* para *esforço*. Eſte genero de Cathacrezi ſendo uſado a propoſito faz hum maravilho-

ſo effeito na Poeſia, como ſe póde obſervar nos allegados Poetas.

(10) Eſte verſo parece nimiamente ſimples; naõ ha duvida, mas quero ſacrificar a elegancia a hum documento, que tanto favorece a claſſe dos Cidadãos mais neceſſarios, e proficuos á Republica. Eſte terceto exprime as tres baſes, em que ſe eſtriba a ſubſiſtencia, e o eſplendor do Eſtado, de hum Eſtado tal como o de Portugal, que pela ſua ſituaçaõ local, e natureza de ſeu terreno de neceſſidade deve ſempre conſervar no maior vigor a agricultura, as manufacturas, e a navegaçaõ. Eſta verdade he taõ viſivel, que ainda nos tempos, em que a Europa eſtava ſepultada na maior ignorancia, o grande Rei D. Diniz animou tanto a agricultura, que veio a merecer o titulo de Lavrador, que no meu conceito he cem vezes mais glorioſo do que o de Conquiſtador, de invicto &c. com que a adulaçaõ tem lizongeado a muitos Monarcas, que diſſo fizeraõ gloria eſpecial. O meſmo Rei para animar a navegaçaõ em hum Reino, que tantos, e taõ excellentes portos tem no Oceano, fundou o grande pinhal de Leiria, em que gaſtou immenſas ſommas, e mandou vir de Suecia a melhor qualidade de pinhaõ, para que as madeiras foſſem mais proprias para a conſtrucçaõ naval. E para prova de que a verdadeira riqueza he a da terra, eſte grande Monarca, e outros anteriores, e poſteriores a elle fizeraõ grandes eſtabelecimentos, tentátaõ grandes emprezas, que acabáraõ, e deixáraõ além diſſo grandes theſouros. França, Italia, Alemanha, Inglaterra, e todo o Norte ſem poſſuir minas, poſſuem grandes riquezas, e ſeus póvos vivem com maior commodidade em virtude do trabalho, e da induſtria, unicos mananciaes da felicidade publica.

(11) O Principe D. Joſé tinha a mais decidida inclinaçaõ pelas letras, e pelos ſabios; porque elle o era na realidade. Hum Rei para felicidade ſua, e dos ſeus póvos deve favorecer muito as letras; porque ſem ellas nenhuma boa adminiſtraçaõ póde haver, nem gloria nacional. Além de que, o moral ſempre foi ſuperior ao fyſico a pezar das relações, que entre ſi tem; e os Reinos, onde mais florecem as letras, ſaõ os mais proſpe-

ros,

ros, e felices, o que por si he taõ evidente, que naõ necessita de provas.

(12) He certo que os homens sabios saõ sem contradicçaõ alguma a mais distincta gloria do genero humano, quando cooperaõ com escritos sublimes para illustrar a moral do homem.

(13) O exercicio das letras pede grande applicaçaõ, e fadiga, que necessariamente occupaõ grande parte do tempo, que o commum da gente emprega em grangear a sua subsistencia, por isso precisaõ os que ás letras se appliçaõ grandes protecçóes, que naõ só lhes facilitem meios de viver com socego, e commodidade para continuarem as suas louvaveis applicaçóes, mas que os amparem das oppressóes, que lhes costuma suscitar a inveja sempre inimiga declarada do merecimento. A isto allude o ultimo verso deste terceto:

Contra o negro furor da tempestade.

(14) Leis justas, isto he, adaptadas á razaõ illustrada pela mais illuminada Filosofia, saõ o maior beneficio que hum bom Rei póde fazer aos seus póvos. Nas Leis deve apparecer aquelle espirito de humanidade, e indulgencia discreta, que tanto abona as luzes deste seculo; a isto se refere a clausula *com favor preclaro.*

(15) Naturalmente saõ os talentos mais distinctos muito sugeitos á miseria; porque dominados dos objectos sublimes, que lhe occupaõ o entendimento, naõ se entregaõ de modo algum ás baixezas, por meio das quaes os espiritos humildes, e interesseiros costumaõ commummente chegar á opulencia. As suggestóes, as vilezas, as calumnias, e todo o mais resto de monstros moraes, que quasi sempre constituem o infame aggregado da prevaricaçaõ do homem opulento, saõ para o verdadeiro sabio objectos os mais dignos da sua execraçaõ.

(16) Eis-aqui porque eũ tenho dito, que a Elegia he ensaio da Tragedia, especialmente no pathetico. Quem bem mover affectos no Poema Elegiaco, muito melhor o poderá fazer no Tragico, onde a fantasia naõ encontra tantos obstaculos de locuçaõ. Eu bem sei, que nisto me tenho affastado da pratica dos nossos quinhentistas, em tudo religiosamente seguidos pela superstiçaõ dos moder-

modernos. Mas sem incorrer em desvanecimento, affirmo na minha consciencia, que excepto o grande Camões, elles naõ me offerecem no essencial da Poesia, cousas dignas de imitaçaõ. Isto simplesmente dito parecerá heresia da razaõ, mas tempo virá, em que eu trate esta materia com maior exame, e prove com toda a evidencia a certeza de huma asserçaõ tida por absurda no conceito de todos os litteratos modernos.

(17) Este modo de expressar foi muito da Poesia Toscana. Petrarca, nos Triunfos, e Tasso na Jerusalem dizem:

De Poema dignissimo, e de historia
De historia digno, e d'immortal poema.

Por final, que numa das Cartas poeticas tras o mesmo Tasso huma bem curiosa analyse destes dois versos.

(18) Aqui termina o Canto, ou Vaticinio da Memoria. Naõ me compete dicidir, se os affectos, com que finaliza, estaõ na sua verdadeira proporçaõ, segundo o plano da invençaõ, segundo a deducçaõ das idéas, e segundo a expressaõ.

(19) Pintura talvez legitima de successaõ no fysico, ou no moral.

(20) A affabilidade, com que o Princepe D. José recebia a todos, era tal, que captivava, e enchia de satisfaçaõ a quantos lhe fallavaõ. Esta mesma virtude consta, que era hum dos preciosos dotes da bella alma do grande Frederico Rei de Prussia, e do amavel Emperador José, que ha pouco falleceu.

(21) A humanidade he outra preciosa qualidade, que deve resplendecer n'um animo verdadeiramente Real, que sendo della privado naõ póde ser dotado de clemencia, que taõ necessaria se faz a hum Monarca, que deve reger seus póvos como Pai. A melhor elegancia, que se encontra em todas as Obras do celebre Poeta Ferreira, he a de que usou na Carta a D. Joaõ III. *Rey homem.* A fragilidade ainda mais do que a prevaricaçaõ faz cahir os homens em absurdos: ora quando elles saõ daquelles, que pedem castigo exemplar, a clemencia de hum Rei homem, isto he, que conhece o quaõ fragil he a pobre natureza humana, póde entaõ exercer a sua bene-

beneficencia, sem offender o caracter de justo, moderando a pena muitas vezes arbitrada por Lei antiga, concebida com pouco, ou nenhum espirito filosofico.

(22) A liberalidade, he a mais amavel, e brilhante de todas as virtudes moraes. Ella he propria de hum Rei, que com ella tudo conseguirá. A liberalidade nunca póde empobrecer o Rei, visto que elle derramará a opulencia em todos os seus Estados, e animará a industria nacional, fonte inexhaurivel de riquezas.

(23) He certo, que o Princepe D. José tinha adquirido muitas luzes pela excellente educaçaõ, que teve, e pela summa applicaçaõ, com que cultivava todo o genero de letras.

(24) *Alma digna de imperio.* Elegancia de Petrarca, que com facilidade se encontra nas suas Poesias vulgares.

(25) Esta he a felicidade de huma grande personagem decretada para governar póvos, a quem tantas virtudes daõ huma existencia eterna nos coraçoes dos mesmos póvos. Ainda agora he lembrado, e lembrará o Princepe D. Theodosio, que por tantas, e taõ sublimes qualidades de espirito, que possuhia, era o idolo da Naçaõ Portugueza. O mesmo ha de acontecer ao grande Princepe D. José, cuja memoria será eterna. O sentido do ultimo verso deste terceto, he como o do seguinte verso de Enio, approvado por Cicero no tractado de *Senectute*:

Nemo me lacrimis decoret, neque funera fletu
Faxit . . . .

Non censet lugendam esse mortem, quam immortalitas consequatur. Accrescenta o grande Orador.

(26) De igual pensamento se servio Camões numa das suas Canções desta maneira

. . . . . *que a quem lhe doe*
Forçado lhe he gritar, se a dor he grande.

(27) Os effeitos da caridade do Princepe D. José eraõ de tal modo, que se naõ podiaõ esconder.

(28) He notoria a liberalidade, com que protegeu, e á sua custa mandou educar sugeitos de conhecidos talentos, cuja pobreza, os tinha na impossibilidade de os cultivar; factos saõ estes, que se provaõ pela existencia dos mesmos sugeitos, que delle recebêraõ manifesto parrocinio,

nio; algum dos quaes se naõ saõ já, viráõ a ser honra da Naçaõ Portugueza.

(29) Virtudes, e costumes ainda nenhum Pincepe teve em gráo taõ sublime como o amavel D. Josè.

(30) *Em flor cortada* : elegancia muito frequente em Bernardes, e Ferreira extrahida dos antigos. Se todas as elegancias, que estes Poetas trouxeraõ para o idioma fossem de igual natureza, certamente seriaõ tidos pelos engenhos de maior gosto; mas a triste Filosofia do seculo, em que viveraõ, lhes naõ consentio ser mais ajustados com as maximas do bom Gosto, e nesta parte fôraõ taõ excedidos do grande Camões, que á vista delle ficaõ sem nenhum esplendor.

(31) Aqui se figura huma nova scena. As Artes mais sublimes, e brilhantes, quaes a Pintura, a Eloquencia, e a Poesia em huma supposiçaõ fantastica, cada huma segundo as suas faculdades á roda do tumulo do Principe D. José, erguendo monumentos á sua memoria. A ficçaõ tem seu imperio na Poesia. Esta mesma de que aqui uso, julgo que está no seu verdadeiro lugar sem ferir as decencias elegiacas; conformando-se ao mesmo tempo com a magestade do assumpto.

(32) Tambem estas qualidades adornavaõ o fysico, e o moral do Princepe D. José. O adjectivo *venusto* he de notavel energia; trouxe-o o grande Camões do Latim para o Portuguez com admiravel delicadeza, fallando na Lusiada da inclinaçaõ, que Augusto tinha para a Poesia dizendo:

Octavio . . . .
Fazia versos doutos, e venustos.

(33) As paixões saõ verdadeiramente enfermidades do espirito, por isso digo *espirito enfermo.*

(34) A Poesia he o maior esforço do pensamento do homem. A Poesia he quem pulio as lingoas, quem lhes deu elegancia e força, e quem ensinou o homem a ter elevaçaõ de idéa. Este, e o seguinte terceto estaõ tecidos de elegancias pouco vulgares na Poesia Portugueza.

(35) Expressaõ semelhante á de Tibullo na Elegia III. Livro IV.

Parce meo juveni, si quis bona pascua campi
Seu collis umbrosi devia montis, aper.

ELE-

ELEGIA X.

NA MORTE

DE MR. DE VOLTAIRE.

JÁ se extinguio em fim a luz sublime,
A luz, que o mundo tanto illuminava, (1)
Que inda agora a ignorancia abate, e opprime. (2)

Quem no immortal Parnaso dominava,
E quem Artes, e altissimas Sciencias
Com excelsos escritos illustrava.

Esse aggregado immenso de excellencias,
Essa alta fantasia, que deu vida (3)
A tantas, e taõ nobres existencias.

Quem no templo da Gloria alta, e subida
Coroado se vio com mil louvores (4)
Da illustre voz da Fama esclarecida.

Aquelle astro, que as trevas, e os furores
Do cego Fanatismo sanguinoso, (5)
Precipitou nos infernaes horrores.

Esse prodigio augusto, e magestoso,
Que talentos taõ nobres, e brilhantes
Em gráo supremo teve, e glorioso.

Quem confundio com raios fulminantes
O sanguineo furor da negra Inveja, (6)
Seus venenos, seus impetos possantes.

Ah! ſe a minha alma celebrar deſeja
Os ſublimes talentos glorioſos,
Que ella tanto imitar, tenta, e forceja:

Se privada de auxilios poderoſos (7)
Rompe as nuvens, que a cercaõ triſtemente,
E ás vezes ſe ergue aos Aſtros luminoſos;

Vós lhe dareis aſſumpto alto, excellente,
Manes do grande, do immortal Voltere (8)
Gloria do Pindo, honra da humana gente.

Por mais que o mundo creia, e conſidere (9)
Que em Portugal triunfa a Ignorancia,
E as Artes mais gentiz inſulta, e fere.

Vereis naſcer com perennal fragancia (10)
As flores do Parnaſo junto ao Téjo,
E Apollo produzir nova elegancia.

Satisfareis allí voſſo deſejo
Vendo ás Muſas erguer Templos, e Altares (11)
Com Sacrificio, e público Feſtejo.

Que nem ſempre os engenhos ſingulares
Haõ de opprimidos ſer na Luſa terra, (12)
Com deſprezos, e humillimos deſares.

Nem ſempre lhes fará ultrajo, e guerra (13)
Midas de ſenſo eſtolido adornado
De eſplendor, que a ignorancia naõ deſterra.

Se no Templo ás Sciencias conſagrado
Ouſa erigir-ſe alto Cenſor de Apollo,
Vós o vereis dallí precipitado.

Entaõ

Entaõ ſerá o Téjo outro Pactolo,
E voará taõ alto a ſua fama,
Que de hum pólo ſe eſtenda a outro pólo.

Aquelles, em quem mais Febo ſe inflamma,
Tomaráõ bom Voltere por modello
Teus eſcritos, que o mundo tanto acclama.

O tranſumpto immortal, ſublime, e bello (14)
Do grande Henrique, Heróe, claro, e famoſo
Imitaráõ com vívido deſvello.

Com os olhos no quadro glorioſo
Se elevaráõ, qual Aguia ao Ceo ſe eleva
Co' a viſta no Sol vivo, e luminoſo.

A Fama illuſtre, que publíca, e leva
As obras immortaes por todo o mundo;
E que em louvallas ſó ſe nutre, e ceva;

Com voz ſublime, e com louvor facundo
Os guiará da Gloria ao Templo eterno,
Em triunfo letifico, e jucundo.

Teráõ allí applauſo ſempiterno,
Sem temer da Inveja o brado horrendo,
Vómito infame do mortal Averno.

Vós que eſcreveis, vós que ides combatendo (15)
O tyrannico imperio da Ignorancia,
Por ganhar fama, e nome alto, e eſtupendo,

Se hum fôgo vaõ de tumida jactancia
Puzer acaſo os voſſos penſamentos
Em triſte efferveſcencia, e diſſonancia; (16)

Que devendo empregar voſſos talentos,
Para gloria da humana fantaſia,
Em uteis, e ſublimes argumentos;

Trateis aſſumptos de infima valia, (17)
Por dar provas de engenho ao vulgo errante;
Agitados de eſtolida ouſadia: (18)

Antes que a voraz chamma ſe levante,
E eſtrague as mais illuſtres faculdades,
Que fazem voſſo eſpirito preſtante;

Oh vede as precioſas qualidades,
Por que o grande Voltere em ſeus eſcritos
Ha de ter fama em todas as idades.

Dai ás voſſas ſentenças, voſſos ditos
Força, intereſſe igual, pezo, e valor, (19)
E ganhareis louvores infinitos.

Manes do bom Voltere.... oh mágoa!... Oh dor!...
Atteſto o Ceo: jámais infame aſſumpto
Em meus eſcritos teve alto eſplendor.

Vós meu norte ſereis por munto, e munto
Que da ignorancia o Goſto opprimido ande, (20)
Que em Portugal jaz languido, e defunto.

Oh Patria, oh Gloria, oh Fama illuſtre e grande! (21)
Deoſas, que me inſpiraes, nunca vereis
Que outro eſpirito em mim domine, e mande.

Vós que da terra humilde ao Ceo me ergueis, (22)
Vós que em mim concitaes claros intentos,
Norma vós me dareis, regras, e leis.

Mas

Mas que enchente de excelſos penſamentos
Naõ ſai daquella immenſa fantaſia,
Fonte inexhauſta de gentís talentos!

A maſſa das idéas á porfia
Em movimento altiſſimo ſe agita;
Eis novos ſeres de alta jerarchia.

Allí *Mafoma*, em cujo peito habita (23)
O fraudulento engano, em mil furores
A crédula ignorancia precipita.

No peito humano inſpira altos horrores,
O negro, e abominavel *Fanatiſmo* (24)
Pintado allí com deteſtaveis côres.

De intenſo amor no doce parociſmo (25)
Geme a terna *Zaíre*, a alma captiva
Do mais illuſtre, e amavel heroiſmo.

Todos lamentaõ ſua ſorte eſquiva;
De a vêr morrer ás mãos do hoſtil ciume
Todos choraõ com dor amarga, e viva.

De Apollineo artificio o claro lume (26)
Quanto em *Roma Salvada* ao vivo exprime
Grandes affectos, hum, e outro coſtume!

Allí fulmina, allí abate, e opprime
A eloquencia de Cicero os furores
Da vil traiçaõ, do deteſtavel crime.

Tú, *Semiramis*, moſtras os horrores, (27)
O ſupplicio de huma alma criminoſa
Movida de remorſos vingadores.

Sobre ti a Vingança rigorosa
Sai do seio dos mortos, e castiga
Teu crime occulto em sombra tenebrosa.

O heroismo de amor, que accende, e obriga (28)
A nobre excesso hum animo elevado,
Que a soberba despotica profliga;

Em *Tancredo* se vê taõ retratado,
Que move a compaixaõ o peito humano
Dos mesmos sentimentos penetrado.

Bruto com duro aspecto, quasi insano (29)
Seu Filho á liberdade sacrifica,
De amor da patria exemplo soberano.

Oh quanto allí se mostra, e se publíca,
Ornada dos mais nobres sentimentos,
A grande Poesia, excelsa, e rica. (30)

Jámais com taõ sublimes pensamentos
Dictou sábia Melpomene na scena
Altos, e proveitosos documentos.

Da gentil amizade a face amena, (31)
E de amor filial o pio excesso
Pinta *Orestes*, que o crime hostil condena.

Eu tenho, e terei sempre n'alma impresso (32)
O augusto moral, que a grande *Alzira*
Encerra em seu magnanimo progresso.

Allí nos ditos d'Alvares respira
A constante virtude, que combate,
E de Gusmaõ refreia a cruel ira.

Cla-

Claro assumpto, que o tempo naõ abate,
Assumpto que só teve alta existencia
Na fantasia do divino Vate.

Quem Voltere te deu Arte, e potencia (33)
Para fazer de *Merope* hum portento,
Hum prodigio de tragica eloquencia?

Que divindade do Celeste assento
Para traçar taõ inclyta pintura
Te illuminou o altivo pensamento?

Que urgentes situações, que moral pura,
Que conflicto de affectos, que interesse
Naõ domina na acçaõ de alta estructura!

Allí o amor materno resplendece;
Contra a innocencia inerme, e perseguida
A tyrannia allí naõ prevalece.

Tú da tragica scena esclarecida
Sempre serás, oh *Merope*, honra, e gloria,
A pezar da Inveja enfurecida. (34)

Oh como se me imprimem na memoria
Os fastos dos Heróes assignalados,
Que deixáraõ de si taõ longa historia!

Por ti fôraõ com fama sublimados
Por ti, grande Voltere, eternamente
Seráõ em todo o mundo celebrados.

O soberbo valor do Heróe potente, (35)
Carlos, novo Alexandre, excelso vôa
Pasmo da terra, alto terror da gente.

Lá donde de continuo Boreas sôa
A gloria illustre se ergue, e o claro nome
Do *Grande Pedro* altissimo apregoa. (36)

Tudo a idade voraz traga, e consome;
Mas taõ nobres acções, taõ claros feitos
Nunca esperem jámais, que o tempo dome.

Com vivas côres de immortaes conceitos
A Historia os pinta, para cuja fama
Saõ do Universo os ambitos estreitos.

Oh Deosa excelsa, por quem sempre clama
Hum coraçaõ de gloria ambicioso,
Que em grandes obras só seu peito inflamma!

Eu já te vejo em throno glorioso
Revestida de augusta Magestade,
Que em teu gesto se ostenta luminoso.

A' viva luz da candida verdade
Gravas em aurea lamina acções claras,
A quem dás immortal celebridade. (37)

Rompendo nuvens de illusões avaras,
Traças o Genio invicto, que commette
As emprezas mais arduas, e preclaras. (38)

Que os elementos horridos submette;
Já no seio das ondas novo emporio (39)
A' industria humana alto louvor promette.

E já com valor inclyto, e notorio
A Russiana quilha os mares fende, (40)
E doma o bravo vento tormentorio.

O He-

O Heroe ſublime, a quem ſe humilha, e rende
Todo o Septentriaõ, as Artes chama, (41)
E ſua maõ benefica lhe eſtende.

A Induſtria com ellas ſe derrama;
E armado de viril actividade
O Commercio ſagaz ſe excita, e inflamma. (42)

Da Policia ſe oſtenta a dignidade (43)
Nas regiões, onde antes habitava
O ocio inerte, a hoſtil barbaridade.

Onde tanto a Ignorancia dominava,
Que com vara cruenta em ſomno eterno
O entendimento humano ſepultava.

Se em tanta altura os vôos meus governo, (44)
Como, oh *Grande Luiz*, te naõ contemplo
Rei grande, e digno de louvor ſuperno?

Alli te vejo em mageſtoſo templo
Da mais brilhante gloria coroado,
Servindo a Reis de ſoberano exemplo.

O guerreiro Germano debellado:
Tantas por terra, e mar claras victorias:
E o Pirata em ſeu ninho fulminado. (45)

Naõ ſaõ, inda as mais vívidas memorias,
Com que ſe illuſtra o eterno monumento,
Que te erigem taõ inclytas hiſtorias.

Dar a infelices nobre accolhimento: (46)
A hum grande Imperio dar Rei digno, e juſto (47)
Contra tanto poder fero, e cruento;

R Hon-

Honrar as Mufas, que fem medo, ou fufto (48)
Fizefte, que ás eftrellas fe elevaffem,
Mais liberal do que Alexandre, e Augufto;

Fazer com que as Sciencias fe illuftraffem
Erguendo-lhes auguftos Sanctuarios, (49)
Com que todo o Univerfo illuminaffem; (50)

Nunca feraõ troféos imaginarios, (51)
Que á gloria fe erguem, que do tempo avaro
Naõ receia os impulfos temerarios.

Se em toda a Europa achárаõ nobre amparo
Todas as Artes, todas as Sciencias,
A ti fe deve, efpirito preclaro. (52)

Ornado das mais nobres excellencias
Na grande penna do immortal Voltere
Já tens, oh Rei, eternas exiftencias.

Oh vê como ella voa, e os aftros fere;
E de teu Succeffor á illuftre gloria (53)
Entre elles louvor inclyto profere.

Triunfando nos braços da victoria
O Heroe de Fontenoi, jufto, e clemente (54)
Vence, perdoa, e deixa alta memoria.

Oh fublime Voltere, alma excellente,
Homero, e Livio, e Sofocles da França! (55)
Oh do Bom Gofto Oraculo eminente!

Se em pagina immortal vive, e defcança
Hum efpirito ás Artes confagrado,
Digno mil vezes de inclyta lembrança;

Tu

Tu ſerás ſempre vivo, e celebrado
Em teus doutos eſcritos pelo mundo,
E com louvor eterno premiado.

Sagradas cinzas de hum Heroe fecundo
Em tantas producções do entendimento,
Do entendimento altiſſimo, e profundo.

Quem taõ cheio tivera o penſamento
D'eſſa mais que ſublime poeſia,
Que vos fez ſer na vida alto portento!

Pintára entaõ com vivida energia
As virtudes, as nobres qualidades
Da mais illuſtre, e excelſa fantaſia.

Luctando com as duras tempeſtades, (56)
Veria o mundo a miſera innocencia
No ſeio das hoſtís calamidades.

E a tua liberal beneficencia,
Genoroſo Voltere, egregio amparo
Dando-lhe em tanto mal, e dura urgencia.

Veria a crua Inveja, monſtro avaro, (57)
Movendo as furias horridas do Averno
Contra o merecimento illuſtre, e raro.

Peſte infame do mundo, tu no interno,
Tu no ſeio infernal te precipitas,
Por naõ ver o eſplendor do Heroe ſuperno.

Contra o Cyſne immortal clamas, e gritas;
Em vaõ ſobre os ſeus louros glorioſos, (58)
O veneno mais aſpero vomitas.

Em vaõ negros incendios horrorosos
Evaporas da tumida garganta,
Quando os eccos diffunde numerosos.

Quando c'o grande Newton se levanta (59)
Para os mysterios ver da Natureza,
De quem com puro accento narra, e canta.

Mas em taõ triste, e misera baixeza
Pobre de influxos do sagrado Pindo,
Como me elevo a taõ sublime alteza?

Naõ vais, claro Voltere, aos Ceos subindo
Em teus doutos, e altissimos escritos
A pezada ignorancia confundindo?

Naõ te vez com applausos infinitos
Nos marmores, e bronzes animado
Pelos Fidias mais destros, e peritos? (60)

Naõ foste tu na Scena coroado? (61)
E no templo das Artes mais subido (62)
Naõ foste, como oraculo aclamado?

Naõ és, nem serás sempre conhecido
Pelo maior prodigio na grande Arte (63)
De escrever em estylo alto, e polido?

Se no mundo naõ cessaõ de louvar-te:
Se já seguro tens, que em toda a idade
Naõ deixará ninguem de celebrar-te:

Com tudo acceita, oh tu da humanidade
Orador efficaz, o humilde culto,
Puro dom da mais candida vontade.

Com doloſo artificio nelle occulto
Da liſonja o peſtifero veneno,
Exiſtencia naõ tem, fórma, nem vulto.

O eſplendor da virtude excelſo, e ameno
Das Sciencias, das Artes, dos talentos,
Me levantaõ da terra ao Ceo ſereno.

Do centro dos combates violentos,
Com que a ſorte me opprime, a ti dedico
Eſtes pobres, e humildes penſamentos.

Eu á tua memoria os ſacrifico:
Por que teus dons ſe imitem mais ſubidos (64)
Ah! Como poſſo aquí canto, e publico.

Claros tributos mil te ſaõ devidos;
Oh ſe dignos de ti na fantaſia
Foſſem por mim com gloria concebidos!

Se algumas vezes de inclyta ouſadia (65)
Agitado altamente me levanto
Nas azas da ſublime Poeſia;

Se de ter Goſto em proſa, ou doce Canto
Alguem me louva, quando a voz deſato;
E as Virtudes gentís celebro, e canto;

Ao ſacro influxo, ao nutrimento grato
Da ſublime liçaõ de teus eſcritos
Devo a gloria de eſpirito ſenſato.

Vós horas, vós momentos infinitos
Empregados n'um taõ excelſo eſtudo,
Conſolaçaõ nos mundanaes conflictos;

Vós

Vós vigilias, e vós ſilencio mudo,
Tugurio humilde, aſylo conſagrado
Ás Artes, aos coſtumes mais que tudo;

Sede-me teſtemunhas, que illuſtrado
O meu engenho foi cento, e cem vezes (66)
Co'a leitura de Author taõ ſublimado.

Nelle unidas ſe vêm ſem mancha, ou fezes (67)
Quantas graças mil Vates illuſtráraõ,
Gregos, Latinos, Italos, Francezes.

Nelle os raſgos de Cicero exaltáraõ (68)
Os Varões, que no Campo de Mavorte
Pela Patria ſeus dias acabáraõ.

Seu genio vôa do Equador ao Norte,
E os ſabios, que do globo a fórma indagaõ, (69)
Canta, e ſalva das leis da dura morte.

Por todas as esferas correm, vagaõ
Seus illuſtres talentos, que na Scena
Os brutos vicios ferem, que alma eſtragaõ. (70)

Allí ſeu genio altiſſimo os condena
Com tom ſuave, comico, e faceto
A perpetua irriſaõ, infame pena.

Eſconde o ſeſtro máo o vil aſpecto
Ao reſplendor amavel da Virtude,
Que em eſtylo ſe exprime alto, e diſcreto.

O Filho Prodigo a quem cega, e illude (71)
A negra ſuggeſtaõ do vicio infando,
Já faz com que do mal ſe arrede, e mude.

Em

Em pobre eſtado triſte, e miſerando
Se proſtra aos pés do caro Pai, que humano
O recebe em ſeus braços venerando.

Allí o avaro Irmaõ, peito inhumano, (72)
Dos aſpides da Inveja devorado
Contra elle freme com rancor inſano.

Quem vêr quizer hum quadro conſummado,
Contemple a formoſiſſima, *Eſcoceza*, (73)
De mil virtudes ſymbolo adorado.

Oh com que dignidade, e gentileza
Deſpreza o vil Frelon em Comico Acto,
Novo caracter de infima vileza.

Aſſim repelle hum Sabio ás Muſas grato, (74)
Da conſtante virtude defendido,
O furor da calumnia impio, inſenſato.

Quem no teu geſto amavel, e polido, (75)
Adoravel *Nanina*, ler pudeſſe
Os dotes do teu animo ſubido!

A innocencia, a modeſtia em ti florece:
Mas ai de mim!.... Oh Ceos!.... Vai-ſe... Nanina...
Já Nanina, ai de mim! deſapparece!

Tu da ſoberba indomita, e ferina (76)
Foges, alma gentil, mental figura
Da innocencia angelica, e divina.

Mas de teu geſto a luz ſerena, e pura
Já reſplendece em fim, já de meu peito
A triſteza deſterra, e a magoa dura.

Oh

Oh producçaõ de altiſſimo conceito,
Da Scena Comica ornamento, e gloria,
E modello o mais inclyto, e perfeito.

De teu eſpirito a brilhante hiſtoria
Tanto, claro Voltere, ſe dilata,
Que naõ cabe em taõ miſera memoria.

Em vaõ minha voz ſe ergue, e ſe deſata
Para de ti cantar a menor parte,
Que apenas com ſom timido relata.

Se os talentos tiveſſe, engenho, e Arte
Do creador da Tragica Franceza, (77)
Podéra dignamente celebrar-te.

De ti, grande Cornelio, digna empreza
Fôra louvar hum genio, que igualmente
Foi comtigo da gloria á ſumma alteza.

Quem pezou os teus ditos ſabiamente,
Quem o abiſmo ſondou dos teus talentos,
Arte, vôos, vigor alto, e potente.

Quem de teus mais ſublimes penſamentos
Traçou o mappa immenſo, onde o Bom Goſto
Dicta ao Genio os mais ſabios documentos.

Pois que Apollo me eſconde o aureo roſto,
E para tanta empreza naõ permitte,
Que eu tenha em fim meu animo diſpoſto;

Do ſabio D'Alambert a voz ſe excite; (78)
Louve o grande Voltere; e aos ſeus clamores
Hum, e outro prodigio reſuſcite,
Prodigio digno de immortaes louvores.

NO-

NOTAS.

Os homens insignes nas Letras merecêraõ em todos os tempos geral estimaçaõ. Neste seculo, o mais illustrado de todos os seculos, nada deve interessar mais do que hum genio privilegiado, que em si unio o maior número de conhecimentos Litterarios, e a indole mais universal para a cultura das Artes, que mais honraõ o espirito humano. Este sem contradicçaõ alguma se achou em o grande Voltaire, (*) espirito singular por tantas, e taõ notaveis circumstancias, quaes nunca o mundo vio n'um só sugeito, levadas ao maior gráo de perfeiçaõ, de que he capaz o entendimento humano. Nasceu este grande homem na Era de 1694, taõ debil, que ninguem esperava, que vivesse muito; de modo que naõ foi possivel baptizallo senaõ passados muitos mezes depois de seu nascimento. Com tudo para gloria do genero humano, e para augmento das Artes, elle teve a felicidade de viver 85 annos, e alguns mezes, carreira na verdade prodigiosa para hum corpo taõ fraco, e laborioso, que mais que nenhum outro Sabio escreveu Obras, que pedem o maior esforço da fantasia do homem. De idade de 19 annos compoz o seu Edipo, famoso assumpto tragico tratado com tanta gloria pelo celebre Sofocles, e a pezar do de Cornelio, taõ decantado nos Theatros da França, o de Mr. de Voltaire teve hum sequito prodigioso. Logo depois entrou no projecto de dar huma Epopéa á França, o que conseguio com tanta gloria, quanta era a impossibilidade, que figurava á Naçaõ Franceza, de vir a ter na sua Lingoa huma obra reputada em todos

(*) No titulo desta Elegia, e nestas Notas assentámos de conservar ao appellido de *Voltaire* a sua original orthografia contra a opiniaõ do Author; por nos persuadirmos, que entre as razões, que elle teve para alteralla, sómente poderia ser valiosa a de evitar aos Leitores ignorantes da Lingoa Franceza hum erro de pronunciaçaõ; e como este só podesse ser de alguma attençaõ no verso, especialmente no fim por causa da rima, foi tambem sómente no Corpo da Elegia, que tivemos respeito á sua opiniaõ particular, da qual em todos os outros lugares, aonde a expressada razaõ naõ podia valer, nos desviámos.

os tempos pela maior, e mais difficultofa producçaõ da fantafia. O que parecerá bem eftranho, he que, depois de ter compofto a Henriquiada, e varias Tragedias, nas quaes entrava a de Bruto, taõ digna da admiraçaõ de toda a Europa, alguns dos mais diftinctos Sabios da França, taes como Fontenelle, e la Motte, aconfelháraõ Mr. de Voltaire, a que feguiffe outro genero de Poefia, e deixaffe o Tragico, que de nenhuma fórma era o feu. A ifto refpondeu elle com Zaire, o maior prodigio da compofiçaõ terna, e maviofa, que fe conhece. Taõ falliveis faõ os juizos dos homens, ainda dos mais illuftrados, quando fe deixaõ arraftrar pela fuggeftaõ das paixões! Em fim efte grande homem moftrou-fe em tudo taõ infigne, que os feus proprios inimigos, aquelles mefmos a quem a inveja naõ confentia relevarem-lhe as mais leves maculas, naõ podéraõ deixar de o pôr no lugar, onde o feu merecimento o havia forçofamente de collocar. Foi geral a eftimaçaõ, de que gozou em todo o tempo, que viveu; porque tudo, quanto houve de grande, e de Sabio em França, Inglaterra, Italia, Alemanha, e em todo o Norte, lhe tributou os maiores, e mais diftinctos obfequios. » O favor de muitos Princepes, e Miniftros de Eftado, o » Commercio, e o efpirito de ordem, eis-aquí as fontes » da fua opulencia: » diz Mr. de la Harpe (no Refumo Hiftorico da vida defte grande homem), e continúa: » mas » obfervemos, que elle teve a preciofa vantajem de naf- » cer com hum patrimonio honefto; e que nunca fe vio » obrigado a dever a fua fubfiftencia ao feu trabalho. »

Fundou na terra de Ferney huma colonia, que veio a fer muito florecente pela fua protecçaõ: allí eftabeleceu a fua affiftencia, e fez reedificar a Igreja da fua Parochia, em cujo frontefpicio poz efta infcripçaõ:

Deo erexit Voltaire.

O que tambem contribuhio muito para a fua celebridade, foi a correfpondencia, que teve com o grande Frederico Rei de Pruffia, Monarcha digno dos maiores elogios, naõ fó pelas fuas acções Militares, como pelos talentos Litterarios, com que augmentou os feus dominios, e illuftrou feus Póvos, fendo ao mefmo tempo o Heróe, e o Cantor da fua Naçaõ. Teve Mr. de Voltaire a gloria nun-

nunca vista de vêr impressa a sua Henriquiada com hum excellente, e judicioso prologo composto por este grande Rei: acontecimento digno dos fastos da Litteratura, e que faz huma das mais brilhantes Epocas na Historia do Espirito humano.

Podia-se com tudo formar huma Bibliotheca do que se tem escrito pro, e contra este celebre Escritor, que soffreu os maiores attaques da mais negra inveja, cujos clamores cedèraõ em fim ao maior de todos os merecimentos Litterarios.

Veio por ultimo da sua vida a París sua patria: as honras, que ahí recebeu d'ElRei, da Academia Franceza, e no Theatro, saõ taõ públicas, que escuso relatallas: com tudo hirei apontando algumas circumstancias da vida deste grande Sabio por estas notas, que servirão como de illustraçaõ ás passagens do texto, que dellas necessitarem, para ficarem de mais facil intelligencia ao Leitor, que póde consultar o que anda escrito a este respeito nas Obras de Mr. de la Harpe, de Palissot, e outros.

A liçaõ das Obras deste grande Genio me fez conceber delle as mais vantajosas idéas; e para satisfacçaõ do meu espirito compuz este Poema em seu louvor. O meu intento foi mais esforço de ignorancia, que a tudo se atreve, do que vôo de genio digno de escrever de hum sabio, a quem o silencio da minha admiraçaõ faria maior elogio, do que tudo quanto disse delle neste Poema, o qual a pezar da diligencia, que puz, naõ pôde sahir menos extenso do que ficou, e por isso, além de outros defeitos, merecerá a censura dos doutos; com tudo fiz todo o possivel, para que a frase ficasse poetica, pura, e culta: e que os versos fossem os mais correntes, e harmonicos, que podesse produzir o meu curto engenho. Talvez que neste Poema se achem muitas cousas nunca expressadas com dignidade, e clareza no nosso idioma, que acostumado a pinturas de amor, ou á mais sublime narraçaõ de acontecimentos historicos, parece que recusa dessenhar as producções mentaes, e em certo modo despreza entrar no ellaboratorio intellectual, onde se forjaõ os mais sublimes monumentos, em que se funda a gloria do espirito humano. E como nem nos nossos antigos,

nem nos modernos achasse modello, que me servisse de norma naõ só na invençaõ, mas tambem no estylo, segui nisto o que me dictou a razaõ, pondo em uso tudo quanto me póde suggerir o exemplo dos mais illuminados Escritores das nações estranhas, onde com tanta gloria se tem tratado os assumptos mais dignos do genio, e das luzes do seculo. A' vista do que tenho exposto naõ devem causar admiraçaõ os defeitos desta Poesia; porque além de naõ haver em mim as qualidades necessarias para tratar taõ grande argumento, ella foi composta na maior tempestade de cuidados, que nunca faltaõ a quem he destituhido de protecções. Ao menos póde-se tirar huma utilidade da leitura desta obra, que he o estimulo para os futuros engenhos haverem de executar obras, pelas quaes mereçaõ louvores mais bem concertados, do que estes, que aqui dedico á memoria do maior Poeta do Universo; para tratar do qual parece, que era preciso, por assim dizer, huma nova lingoagem, ou idioma ainda mais flexivel do que o Portuguez. Isto para sugeito de taõ poucas forças, como eu, necessariamente havia de ser immenso obstaculo para fazer huma composiçaõ, que houvesse de ter merecimento; além da qualidade do metro ser o mais difficil, que se conhece na Europa; e para fazer juizo de tantas obras com dignidade poetica, e com clareza, e brevidade, se he que taõ preciosas virtudes se encontraõ neste Poema, foi sem dúvida necessario o maior esforço da fantasia, e só o póde avaliar quem tiver tratado materia de igual natureza. Naõ se acharáõ neste Poema cousas novas, cousas dignas de admiraçaõ; mas tambem se naõ encontrará a mais leve licença de estylo, ou metro. Eu entendo por licença de estylo, naõ só todas as transgressões grammaticaes, que o uso, ou a ignorancia tem adoptado, mas tambem certas formulas de expressar exquisitas, como por exemplo: *vozes mudas de alta saudade — luzes de papel pobre, e pequeno — vestir de toga os montes — dialeticas de neve* — e outras muitas expressões desta natureza, que se encontraõ na *Laura de Anfrizo* do Poeta Veiga, e em outros de naõ pequeno nome. Por licença de metro, entendo a falta de exacçaõ nas cesuras, nas simulcadencias, as diereses frequentes,

que

que fazem o eſtylo frouxo, e tiraõ o eſpirito á harmonia, as contracções forçadas, como *ſprito* por *eſpirito*, *crôa* por *coroa*, *imigo*, por *inimigo*, *prigo* por *perigo*, *offrecer* por *offerecer*, e muitas mais de que eſtaõ cheios, naõ ſó os antigos Poetas Portuguezes, mas tambem os melhores dos modernos, como o Garçaõ, e o Quita, podendo eſtes muito bem evitar eſſe defeito, porque compuzeraõ a maior parte das ſuas obras em metro ſolto. Mas eſtas liberdades, poſto que fôraõ admittidas pela impotencia de metrificar com bizarria, devem-ſe com tudo disfarçar, quando ſe achaõ empregadas em compoſições, cujas bellezas viſivelmente excedem os defeitos.

(1) *Luz*, quer dizer neſte lugar vida. Eſta metafora he muito uſual nos authores da antiguidade. Cicero no Cap. 4. do Livro II. das Queſtões Tuſculanas diz: *Tamen objiciebatur interdum animo metus quidam, et dolor, cogitanti fore aliquando finem hujus* lucis, *et amiſſionem omnium vitae commodorum.* Do Latim o trouxe Camões para o Portuguez, quando faz dizer a Vaſco da Gama na Luſiada Canto III. Eſtança 21:

Acabe-ſe eſta luz *ali comigo.*

(Veja-ſe huma longa obſervaçaõ, que a eſte meſmo reſpeito fiz em as notas da Elegia ás Muſas num. 29). Neſte meſmo verſo eſtá o verbo *illuminar* ſeguindo a meſma translaçaõ do ſeu abſtracto, querendo dizer o ſeguinte: Que ao mundo todo dá vida pela luz da ſabedoria; porque parece, que a ſciencia he a verdadeira vida do homem. O ignorante naõ vive, naõ exiſte ſenaõ em hum eſtado de morte, porque as ſuas idéas naõ ſaõ animadas pela celeſte luz da ſabedoria.

(2) He certo que aquellas obras ſublimes, de que mais ſe abonava o grande Voltaire, ſaõ, e ſeráõ em todos os tempos perpetuos obſtaculos contra a ignorancia, pelo ſem número de principios annunciados com o maior encanto da dicçaõ do verſo, ou da proſa.

(3) *Deu vida a exiſtencias.* Parece eſta fraſe hum tanto ſubtil; porém metaforicamente póde huma couſa exiſtir ſem ter vida, como por exemplo: *Tancredo*, *Adelaide*, *Marianne &c.* exiſtiaõ por fama, porém naõ com a vida, que Mr. de Voltaire lhes deu por meio de artificio poetico.

co. Inda póde ſer mais neſte ſentido, como he dar vida a aſſumptos, que nunca exiſtiraõ ſenaõ na fantaſia, qual foi *Alzira*, e ainda *Zaire*, Tragedias de pura invençaõ.

(4) Ninguem recebeu em vida tantos louvores como eſte grande homem. As maiores Perſonagens da Europa lhe tributáraõ elogios. O grande Frederico Rei de Pruſſia fez Poeſias em ſeu louvor. Eſtanisláo Rei de Polonia, Sogro de Luiz XV. o elogiou; o Papa Benedicto XIV., muitos Princepes de Alemanha, França, Inglaterra, e os maiores Sabios da Europa o honráraõ com os mais diſtinctos applauſos.

(5) Mr. de Voltaire foi quem mais contribuhio neſte ſeculo para extirpar os furores do Fanatiſmo. Ninguem com mais energia, do que elle, fulminou os principios erroneos de huma doutrina, que fundada nos mais perigoſos ſofiſmas aconſelhava o regicidio, opiniaõ funeſta ao ſocego dos Póvos, inimiga da pública felicidade, e taõ oppoſta aos principios mais ſimpleces da razaõ humana, que ſó eſpiritos allucinados pelos furores do Fanatiſmo a poderiaõ abraçar: com tudo ſaõ muito frequentes os exemplos, que a Hiſtoria nos offerece da pratica de taõ atroz opiniaõ, principalmente em os ſeculos da ignorancia, verdadeira origem de quaſi todas as públicas calamidades.

(6) Se ninguem recebeu maiores, e mais diſtinctos louvores que Mr. de Voltaire, tambem ninguem ſoffreu maiores attaques da inveja, e da maledicencia do que elle, contra cujos talentos forçoſamente havia de vomitar as mais infames calumnias, com que os eſpiritos mediocres, e baixos coſtumaõ brindar em todos os tempos os grandes genios.

(7) Sejaõ-me deſculpadas eſtas perſonalidades, que devem ſer reputadas mais como deſafogo do genio, do que indices de vaidade.

(8) Muitos dizem, que *Manes* naõ he Portuguez; as conſtrucçóes vicioſas, as proprias de outro idioma, que de nenhum modo podem entrar no plano grammatical da noſſa Lingoa, ſaõ as que ſó podem conſtituir barbariſmos, e naõ huma, ou outra palavra introduzida de novo para augmentar o idioma, e variar o eſtylo. Mas em Vieira,

e em

e em Joaõ Franco Barreto na Encida ſe acharaõ exemplos, que naõ tranſcrevo por naõ os ter á maõ.

(9) Sem vergonha o naõ digo; he taõ deſacreditado o conceito, que as nações eſtrangeiras fazem das noſſas luzes, que nos reputaõ quaſi barbaros; eu naõ duvido que haja niſto exceſſo, mas infelizmente vêmos por caſos de pública notoriedade, que a ſua opiniaõ naõ deixa de ter fundamento. Em primeiro lugar vêmos, que os maiores homens, que mais honráraõ a naçaõ com eſcritos ſublimes naõ ſó naõ fôraõ premiados, mas publicamente vexados. Camões, o maior Poeta da Heſpanha, o unico, a quem o grande Taſſo temia na Europa, como elle publicamente confeſſava; Camões, eſſe raro engenho, de quem a Lingoa Portugueza recebeu todas as graças, força, e harmonia, de que tanto ſe abona, e que a pezar da mediocridade dos talentos, dos que modernamente a trataõ, naõ deixa de ſe moſtrar viſivelmente; Camões em fim, eſſe grande homem, ſem o qual naõ haveria Poeſia Portugueza, a que miſerias ſe naõ vio reduzido em todo o tempo, que viveu! Sendo elle hum dos Heroes mais valeroſos, que paſſáraõ á India, o qual por deſcanço das armas compunha obras immortaes, nunca lhe foi poſſivel achar hum aſylo, onde repouſaſſe, e ſe naõ foſſe o auxilio de hum pobre Indio, em quem a força da mais pura amizade fez tanta impreſſaõ, que deixando as delicias da ſua terra o acompanhou até á morte, terminaria certamente com mais brevidade huma vida, de que tanta gloria reſultou á ſua patria, que taõ inſenſivel foi ao merecimento do mais illuſtre de todos os ſeus Filhos. Sabem todos, que das eſmolas, que aquelle amavel Indio grangeava, quando naõ tinha trabalho honeſto, em que ganhar, ſe ſuſtentava o grande Camões, taõ digno dos maiores applauſos, taõ celebrado dos ſabios da Europa; o grande Camões em fim acabou a ſua taõ miſera, e cançada vida na mais extrema, na mais infeliz miſeria. Fernaõ Lopes de Caſtanheda, expreſſamente mandado á India para eſcrever a Hiſtoria das Conquiſtas, e acções memoraveis, que a Naçaõ Portugueza allí executou, acabou ſeus dias ſendo Bedel em Coimbra. O Orador Vieira, eſſe grande homem, que tanto ſervio á patria com ſeus talentos, e fadigas, eſſe ge-

genio ſublime, que enſinou aos Portuguezes a eſcrever em proſa, a qual até ao ſeu tempo tinha hum andamento equivoco entre a força, e a frieza, a mageſtade, e a baixeza, cuja indole elle ſoube fixar por meio de elegancia contínua, e harmonia propria do ſeu genero, que trabalhos, que perſeguições naõ ſoffreu! D. Franciſco Manoel de Mello, homem de tanto preſtimo nas armas, e taõ inſigne nas letras, paſſou muita parte dos ſeus dias prezo na Torre de Belém, donde ſaõ datadas as mais das ſuas Cartas, que correm impreſſas. O Garçaõ, inſigne reſtaurador da Poeſia Portugueza nos noſſos tempos, acabou a vida no fundo de huma prizaõ, motivada por cauſa de ſi taõ futil, que he vergonha expreſſalla. Outros muitos exemplos poderia apontar, ſe a brevidade deſte eſcrito mo permittiſſe. Eu julgo, que a Naçaõ Portugueza padece enfermidade moral a eſte reſpeito; porque he taõ clara, taõ patente a frieza, com que accolhe qualquer homem ſabio, que naõ ſó parece inſenſibilidade, mas deſprezo. Iſto ſe moſtra por muitas circumſtancias: primeiramente tem taõ pouco credito os doutos, que o commum da gente os tem por extravagantes, dando-lhes denominações irriſorias, ſegundo as faculdades que profeſſaõ; e poſto que a neceſſidade obrigue a tributar algum reſpeito ao Medico, e ao Juriſconſulto, naõ deixaõ com tudo de lhes teſtemunhar a ſua indifferença, logo que ceſſa a dependencia. A palavra *Mathematico* deſigna hum homem vaõ, a de *Filoſofo* hum ſugeito deſconcertado em tudo, e a de *Poeta* hum delirante, hum rematado louco, a quem a fortuna conſtantiſſimamente caſtiga com a mais exceſſiva miſeria. He geral a opiniaõ, que todo o ſaber, por mais agigantado que ſeja, he couſa vã, he couſa digna do maior deſprezo, ſe naõ conſegue haveres, e ſe naõ vive na opulencia. Jámais ſe vê hum pai, que faça applicar ſeus filhos aos eſtudos, que naõ vá com o ſentido poſto no intereſſe. O amor do ſaber ſó por ſaber, gloria verdadeira das almas ſublimes, eu nunca o ví na minha patria: ſim, eu naõ fallo com rancor, a verdade he quem unicamente dirige a minha penna, ella da maõ me caia para ſempre, ſe o ſanto influxo da verdade naõ anima neſta hora as minhas faculdades intellectuaes. Quaõ differen-

ferente pensaõ as nações illuminadas nesta materia! Em França os talentos litterarios grangeaõ indefectivelmente honras, e subsistencia. Em Inglaterra o mesmo he ser insigne nas letras, que viver em opulencia. José Addisson em premio da sua Tragedia de Cataõ foi creado Secretario de Estado. Alexandre Pope traduzio na Lingoa Ingleza a Illiada em verso, toda a Inglaterra subscreveu para a impressaõ, e obteve mais de cento e vinte mil cruzados. Quantas vezes recusou o celebre Metastasio titulos, e distinções as mais honorificas, quaes as de Conde? Quantos sabios se naõ viraõ honrados, e premiados pelo grande Frederico, Rei de Prussia, por todos os Princepes de Alemanha, e Norte, pelos Papas, e Princepes, e Grandes de Italia? A grande Catharina, que taõ dignamente empunha o Sceptro da Russia, e que com tanta gloria vai constrangendo agora a soberba Ottomana quasi a deixar as bellas Provincias, que occupa na Europa, em huma carta escrita por seu proprio punho ao Sabio d'Alembert, lhe dizia estas palavras memoraveis: » Se naõ vindes para a minha Côrte, porque naõ » quereis largar a conversaçaõ dos vossos amigos, vinde, e » trazei-os todos com vosco; vós gozareis de quarenta mil » cruzados de renda cada anno, e eu os farei todos feli- » ces. » O Grande Frederico fez Camarista da chave dourada a Mr. de Voltaire com nove mil cruzados cada anno, fóra a bella Estatua, que lhe erigio de porçolana de Saxonia com esta inscripçaõ: *Immortali.* A mesma Imperatriz da Russia lhe fez hum presente das mais magnificas pelles, e huma preciosa caixa polida por suas proprias mãos, ornada com o seu retrato, e vinte brilhantes. Da indifferença, e desprezo, que em Portugal se mostra ás letras, nascem consequencias perniciosas: em primeiro lugar degradaõ o caracter da Naçaõ, que naõ obstante ser dotada de bastante elevaçaõ de espirito, a ignorancia a faz atroz, e baixa. Do desprezo das Sciencias procede a immoralidade, a falta de amor patriotico, o desgosto da virtude, a cobardia, consequencia da baixeza, e da cobiça, excitada pelos continuos discursos, onde por huma cadeia enorme de sofismas se estabelecem principios, que abatem o espirito, e apregoaõ

huma douttrina erronea , que envilece a alma , pondo por base da moral do homem esta maxima detestavel ; que *sem riqueza naõ póde haver virtude* : principio digno da execraçaõ do homem justo , principio que derruba , e confunde toda a ordem civil , moral , e fysica da Sociedade.

(10) Todo este terceto está cheio de translações absolutamente poeticas. O termo *fragancia* he hum dos mais significantes da nossa Lingoa , posto que naõ usado dos Quinhentistas. Vieira , que tem por si só tanta authoridade como todos os prosistas anteriores a elle , usa deste vocabulo pelo modo seguinte no Tom. X. pag. 182 : » A Virgem Maria. . . . mandou ao vento Austro , que » viesse , para que o mesmo jardim exhalasse com maior » abundancia a *fragancia* , e suavidade dos seus aromas » : e a paginas 183. » Chama o Austro , e . . . Aquillo , a » que cada hum segundo suas qualidades com o calor , e » movimento das rosas excitem nellas maior *fragancia.* » Este vocabulo he o Latino *flagrantia* , que significa ardor : porque o ardor excita , como diz o allegado Orador, os effluvios dos corpos aromaticos , daqui por abusaõ , por extensaõ , em fim por catachrese o tomamos em nossa Lingoagem pelo proprio cheiro. Por flores do Parnaso , se deve entender todas as bellezas , todas as maravilhas poeticas , de que he capaz o engenho bem cultivado. Apollo he o symbolo do Genio, nova elegancia, nova lingoagem : sim isso póde acontecer no Idioma Portuguez , onde a expressaõ de sentimento , e de filosofia ainda se naõ desenvolveu com a energia , de que he capaz.

(11) O estudo das Bellas Letras além de aperfeiçoar a Lingoa , pule o engenho , e tira a rudeza á Naçaõ. Isto naõ se póde conseguir senaõ pelo estabelecimento de Academias , que tenhaõ toda a authoridade para fazer admittir como decisões os mais puros documentos do bom Gosto : desta maneira cooperou a Academia Franceza para se diffundirem as luzes com tanta gloria por toda a França.

(12) Veja-se a Nota *9*.

(13) Allegorias poeticas , que designaõ os ignorantes , que naõ amando interiormente as Artes se atrevem a promul-

mulgar decisões do que ignoraõ, julgando, que a opulencia, de que gozaõ, tudo lhes permitte.

(14) A Henriquiada he ſem contradicçaõ alguma o maior monumento de Poezia Franceza. Conſtantiſſimamente aſſentavaõ todos os Sabios da França, que era impoſſivel dar-lhes hum Poema Epico na ſua Lingoa; tanto aſſim, que indo Mr. de Voltaire conſultar ſobre a Henriquiada a Mr. Malezieux, homem de grande imaginaçaõ, e immenſa litteratura, eſte lhe diſſe: » Vós » emprehendeis huma obra, que naõ he para a noſſa Na» çaõ: os Francezes naõ tem cabeça Epica; e quando » vós eſcreverdes taõ bem como Racine, e Boileau, » far-vos-haõ muito favor ſe vos lerem. » Quando o engenho ſe deſcobre, quando o engenho perſuade o conhecimento interior do homem, elle vôa, elle ſe eleva, e a pezar de tudo, conſegue os ſeus fins. Aſſim aconteceu ao grande Voltaire na compoſiçaõ da Henriquiada, Poema immortal, Epopéa a mais bem conduzida; e ſe me perguntaſſem o que ſinto della, relativamente ás que lhe precedêraõ, diſſera, que a Henriquiada he a Epopéa mais digna de ſer lida; que ella ſobre todas he a que mais inſtrue, e deleita, inda meſmo a pezar da idolatria, que ſe conſagra aos Epicos de Grecia, e Roma. O maravilhoſo deſte Poema he o mais racional, e filoſofico de todos quantos Poemas lhe precedêraõ; baſta dizer, que a Henriquiada he admiravel pela invençaõ, pela narraçaõ, pela arte de ligar os acontecimentos, e de os preparar por hum modo natural; pelos coſtumes, pelos affectos, pelas deſcripções, pela elegancia, pela harmonia, e por outras muitas circumſtancias. Mereceu eſte Poema, que Mr. de Marmontel, agora Secretario perpetuo da Academia Franceza, lhe fizeſſe hum excellente prologo; outro lhe fez o grande Rei de Pruſſia, que naõ he de menor merecimento; novo facto, que tanto honra a Poeſia, e as letras em geral.

(15) Os onze tercetos, que ſe ſeguem, andaõ impreſſos n'uma Elegia á morte do Dr. Jacintho Ignacio Rebello de Saldanha, eu porém os tranſportei para eſte, por me parecer o que nelles digo mais apropriado a hum Eſcritor como Mr. de Voltaire, que pelo ſeu ſuperior

merecimento ſerá verdadeiramente famoſo em todas as idades.

(16) Conſta-me, que ſahindo o dito Poema á luz houve quem cenſurára a palavra *effervefcencia*, dizendo, que naõ era pura ; porque a naõ tinha o noſſo Idioma. Já diſſe, que a introducçaõ legitima de termos eſtranhos nunca ſe deve reputar impureza, que ſó póde exiſtir pela adopçaõ de conſtrucções vicioſas. Eſſe he o privilegio de quem eſcreve em lingoa vulgar, poder enriquecer o idioma, e dar variedade ao eſtylo. Naõ ha duvida, que eu nunca vî exemplo deſte vocabulo nos noſſos Claſſicos, mas ſendo muito uſado pelos Authores Francezes, cuja lingoa he aſſaz conhecida na noſſa terra, naõ deve cauſar eſtranheza fazer-ſe delle uſo : além de que eſta palavra he de ſignificado facil, e he ſonora, e poſto que naõ exiſta na Lingoa Latina, exiſtem as ſuas origens, cujos ſignificados ſaõ notorios, ainda aos que a naõ ſabem. He poſſivel, que eſta liberdade faça maior vulto, do que a introducçaõ dos adjectivos *auriverde*, *boquirubra*, e outros muitos, que em alguns eſcritos ſe encontraõ ?

(17) Naõ ha Naçaõ culta, cuja Poeſia preſentemente ſeja mais digna de deſprezo pelo futil dos ſeus exemplos, do que a Portugueza, a qual vemos quaſi reduzida ao Soneto, e á Decima : annos, e gloſas futeis os argumentos mais debatidos.

(18) Porque o epitheto *eſtolido* tambem poderá ſer notado de pouco Portuguez, authorizemo-lo ſempre com o Padre Vieira, que delle uſou no tom. XII. pag. 132, e em outros lugares „ : . . . . com hum ſacrilegio taõ *eſtolido*, „ inaudito, e barbaro &c. „

(19) Sem eſtas condições naõ pode haver eſcrito digno de ſer lido.

(20) Verſo, que exprime a oppreſſaõ com alguma propriedade. O termo *Goſto* no meſmo ſignificado, em que o tomaõ os Francezes, já o vêmos taõ introduzido, ha mais de trinta annos em Portugal, que ſe deve reputar proprio do Idioma no ſentido de bom Goſto ; de modo que, quer ſe diga *Goſto*, quer *bom Goſto* em Artes tudo he o meſmo, nem ſe duvida da identidade dos ſignifi-

gnificados, que neſte ſentido naõ requerem modificaçaõ.

(21) O eſtylo deſte verſo tem ſemelhaça com o ſeguinte da ſegunda Eneida:

O patria, o Divûm domus Ilium inclyta bello.

(22) A belleza, e a harmonica diſpoſiçaõ deſte terceto me parece ter ganhado muito com as mudanças, que nele pratiquei. O eſtado, em que elle ſe acha na Elegia já mencionada, he o ſeguinte:

Vós que da terra humilde ao Ceo me ergueis,
Que em minha alma excitaes claros intentos,
Vós norma me dareis, regras, e Leis.

A differença he aſſaz notavel.

(23) Huma das mais excellente Tragedias, que ſe tem viſto na ſcena, he a de *Maſoma*, aſſumpto nunca tratado dantes: com razaõ o Poeta intitulou eſte Poema *Fanatiſmo*; porque alli ſe vêm patentes as ſuggeſtões, com que eſte monſtro comette as ſuas mais crueis atrocidades. Que ſcena, que admiravel ſcena naõ he a de Zopiro, e o meſmo Maſoma! Em fim eſta Tragedia tem merecido o applauſo de toda a Europa. Foi dedicada ao Papa Benedicto XIV. Saõ na verdade dignas de ſe lêr as cartas deſte grande Pontifice ao author, e as reſpoſtas.

(24) He neſta Elegia que pela primeira vez uſei do termo *fanatiſmo*, o qual tem mais extenſo ſignificado, do que a voz *ſuperſtiçaõ*. Eſte vocabulo he Francez, eſtá adoptado em todas as Lingoas ſábias da Europa, e deve-ſe uſar delle, viſto eſtar ſervindo, naõ ſó no commum da converſaçaõ, mas tambem em eſcritos, pelo que he geralmente conhecido, e ainda applicado em ſentidos figurativos, que enriquecem o Idioma.

(25) He *Zaire* ſem contradicçaõ alguma a Tragedia mais inſigne em ternura, e ſentimento, que ſe conhece; ella foi feita em contrapoſiçaõ do Polyeucte de Cornelio, a quem infinitamente excede. O Poeta a compoz em dezenove dias, couza que ſó parece poſſivel ao grande genio de Mr. de Voltaire. Eu naõ fallarei nas partes eſſenciaes do Poema Dramatico; porque eſſas ſempre fôraõ obſervadas por eſte grande Poeta, como couſa religioſa, e ſagrada. O amor neſte Poema faz huma parte integrante da acçaõ, e he tratado como deve ſer; porque

que a lingoagem, de que se serve, he a propria, com que a natureza se explica nas grandes paixões, e todas as vezes que este affecto naõ fôr assim tratado, fica a acçaõ sem interesse, fica episodica, e desordenada. A moral, o heroismo, a filosofia, a elegancia, a mais encantadora harmonia, tudo concorre para Zaire ser tida pelo mais interessante monumento de Poesia Tragica, que naõ tem exemplo nos antigos, nem nos modernos.

(26) Vendo os invejosos a grandissima reputaçaõ, que Mr. de Voltaire hia adquirindo no genero tragico, suscitáraõ Mr. de Crebillon, que havia trinta annos, que naõ compunha. Tinha este notavel Tragico dado principio muitos annos antes ao seu Catilina, que por satisfazer á pertençaõ dos emulos de Voltaire, acabou, e aperfeiçoou com o intento de mostrar ao publico como se deviaõ compôr Tragedias, e tudo acompanhado de ditos pouco favoraveis ao credito do novo Poeta, que longe de se mostrar aggravado, tratou este mesmo assumpto debaixo do titulo de *Roma salvada*. Oh! quanta admiraçaõ causou este á vista do primeiro Poema! Além do de Crebillon naõ ser muito bem conduzido, o seu estylo he duro, e secco. A Tragedia de Voltaire sendo nestas partes o contrario, como obra de hum Author, que nunca teve quem nellas o igualasse, he summamente bem conduzida, e nunca o amor da patria se exprimio com maior vehemencia, e sublimidade, do que nesta Tragedia pela bocca de Cicero, cujo caracter parece impossivel conservar-se melhor, nem com mais vivas côres. O participio *Salvado*, de que usei, além de me fazer feiçaõ ao metro, tenho-o por mais proprio, e de mais congruencia grammatical, do que *salvo*, geralmente usado. Este verbo deve ser todo regular, e naõ anomalo; assim como a ignorancia faz ao verbo *gastar* dando-lhe por participio *gasto*, que se afasta da natureza da conjugaçaõ do verbo *gastar*, e se equivoca com o abstracto *gasto*, o que talvez notando o grande Camões, verdadeiro conhecedor da Lingoa, disse n'um dosseus mais bellos Sonetos:

Depois de tantos dias mal gastados.

O mesmo se deve entender do verbo *pagar*, cujo

jo participio devendo ſer *pagado* , inalteravelmente o vulgo lhe dá *pago*. Eſtas , e outras anomalias , que ſe naõ fundaõ na razaõ , devem ſer emendadas por aquelles , que procuraõ eſcrever com a mais exacta correcçaõ. *Hum , e outro coſtume* : neſta Tragedia he onde ſe encontra mais diverſidade de coſtumes , que fazem hum bem agradavel contraſte.

(27) He Semiramis huma das Tragedias de Mr. de Voltaire , onde mais ſe moſtra a força do terrivel. A ſombra de Nino ſahindo da ſepultura ; o contraſte de Ninias , e Aſſur ; a morte deſte , e de Semiramis ; e outras muitas circumſtancias fazem eſte Poema intereſſante pela magnificencia do eſpectaculo , e pela força dos ſentimentos , que tudo concorre para alimpar o coraçaõ do eſpectador da furia das paixões , vindo a perſuadir-ſe , que naõ ha crime , por occulto que ſeja , que eſcape á vingança do Ceo.

(28) Depois de Zaire , a Tragedia mais terna , e onde o amor faz parte legitima da acçaõ , he *Tancredo* , e depois deſta Adelaide de Gueſclin. O aſſumpto de Tancredo he novo na ſcena : nelle ſe moſtra a cavallaria andante com toda a dignidade do mais nobre , e magnanimo heroiſmo , onde o valor , e o deſintereſſe junto com a humanidade reſplendecem no mais ſublime gráo de commoçaõ , e ſenſibilidade heroica. Neſte Poema ſe apartou o Poeta do commum da rima Franceza.

(29) Nenhuma Tragedia ganhou maior reputaçaõ a Mr. de Voltaire entre as Nações Eſtrangeiras do que a de *Bruto* ; porque , naõ obſtante ſer ella a que menos applauſo teve em França , foi traduzida em todas as Lingoas cultas. Ella he a mais ſublime , e heroica de todas as Tragedias Francezas. Que ſentimentos ! que elegancia ! que harmonia ! que contraſte de affectos ! Tudo o que em fim ſe diſſer a reſpeito deſta admiravel Tragedia he diminuto.

(30) Eſte Poema he hum daquelles onde apparece com mais exceſſo de grandeza a mageſtade da grande Poeſia , que he a que mais attençaõ deve merecer pelo inſtructivo , e pelo difficultoſo. Nelle ſe moſtra com mais evidencia a riqueza de hum grande engenho na invençaõ , na locuçaõ , e na harmonia.

(31) *Oreſtes* he huma excellente Tragedia , tem quaſi a meſ-

a mesma organizaçaõ, que Semiramis, e assumpto semelhante. Aquelles, que consagraõ cega adoraçaõ aos antigos, combinem esta Tragedia com a Electra de Sofocles, que he o mesmo argumento, e veraõ a infinita differença, que ha na do Poeta Grego á do Poeta Francez, na qual a disposiçaõ dos incidentes saõ todos preparados com admiravel artificio. Veraõ alli a imitaçaõ executada com tal bizarria, e destreza, que merece os creditos de original. Veraõ a scena da urna a mais admiravel de todas as scenas, a mais filha do Genio.

(32) *Alzira*, Tragedia por todos os lados digna dos maiores applausos, he toda nova, toda nasceu na fantasia do grande Voltaire. Que heroica personagem naõ he a de Alvares! Que admiravel naõ he o fim de Gusmaõ! Os caracteres saõ absolutamente novos na Scena, e a moral he a mais pura, que se póde dar: e pareceme impossivel poder-se pintar a virtude com mais vivacidade, do que nesta admiravel Tragedia.

(33) Temos em fim chegado á grande, á prodigiosa Merope. Na Era de 1745 corria a Merope do Sabio Marquez Scipiaõ Maffei com grande fama por toda a Europa: ella he na verdade digna de toda a estimaçaõ. Tentou Voltaire traduzilla na Lingoa Franceza, mas diz, que certos discursos naõ podiaõ quadrar ao gosto Francez, nem ao genio da Lingoa; o certo era, que Mr. de Voltaire naõ estava satisfeito da Tragedia Italiana. E parecendo-lhe, que aquelle assumpo se poderia tratar com mais dignidade, compoz a Merope Franceza, á vista da qual se escureceu grande parte do merecimento da Italiana. Já este assumpto fôra gabado por Aristoteles. He finalmente Merope a mais perfeita, e acabada de todas as Tragedias. Desde o principio da acçaõ entra a manifestarse o interesse com a maior vehemencia, o qual em toda ella persiste sem cessar. Os incidentes vem todos preparados com a maior, e mais natural facilidade. O plano he o mais bem ideado, que já mais se vio. A moral, os costumes, as sentenças, os affectos, os discursos, a elegancia, a metrificaçaõ, a harmonia, tudo está executado com a maior exacçaõ, e tudo concorre para constituir a Merope Franceza o prodigio da Scena.

na. Esta peça augmentou tanto a reputaçaõ de Mr. de Voltaire, que tentando por varias vezes entrar na Academia Franceza nunca o pôde conseguir; mas tanto que a sua Merope appareceu, espontaneamente foi admittido áquella Sociedade Litteraria na era de 1746. Tenho finalizado as Tragedias do grande Voltaire: tratei sómente de nove; porque se fallasse de todas as que compoz, ficaria este Poema de monstruosa grandeza. Deve-se pois colligir, que Mr. de Voltaire unio em si todas as qualidades, que se achaõ repartidas pelos melhores Tragicos, e que por isso he reputado pelo maior, e mais perfeito Poeta neste genero.

(34) Aqui principio a tratar da Historia, hum dos talentos, em que mais se assignalou o grande Voltaire. He certo, que para escrever neste genero se requer genio particular. A verdade, que he a luz da Historia, he a primeira, e principal virtude do Historiador, cuja Dialetica deve estar no seu entendimento em tal auge, que nunca deixe vacillar a sua critica na escolha dos factos verdadeiros, e na dos que merecem ser transmittidos á posteridade. Estas qualidades conservaõ a dignidade da Historia, e do Historiador: se Mr. de Voltaire as possuhio, naõ me convem dizello com asserçaõ positiva: o que direi he, que Sabios da primeira ordem o tem por modello na Historia, e outros o fazem taõ diminuto, que o indicaõ como o derradeiro de todos os Historiadores. Eu naõ tenho talentos para decidir em materia taõ sublime; mas se me he licito dizer alguma cousa a este respeito, direi primeiramente o que naõ vejo nelle. Lendo pois as suas Historias com madura attençaõ, naõ vejo os prodigios fatuos, as inverosemelhanças, e acontecimentos apocryfos, as faltas de Geografia, que se notaõ em Herodoto, em Tito Livio, em Quinto Curcio, e na maior parte dos Historiadores antigos, e modernos. Naõ vejo tambem fallas mais eloquentes, que verosimeis, como em Livio: naõ vejo aquella secura propria da penna de Suetonio, mais inclinada a descrever atrocidades inverosimeis, do que as bellas acções, que illustraõ, e honraõ a humanidade. O que se me affigura vêr nas suas Historias he huma narraçaõ rapida, e summamente perspicua,

a qual me apprefenta os factos mais dignos de ferem tranfmittidos á pofteridade, e nunca fe demora em minucias inattendiveis. Vejo os caracteres defenhados com a vivacidade de colorido de Paterculo: vejo a integridade de Tacito, o maior Hiftoriador da antiguidade, e huma filofofia incognita aos Hiftoriadores das outras Nações: reflexões breves, mas instructivas; defcripções concifas, força, atticifmo, venustidade, elegancia continua faõ as qualidades preciofas, que me convidaõ a ler as fuas Historias, que me instruem, que me enfinaõ a penfar, ao mefmo paffo que me deleitaõ. Naõ duvido, que tudo isto feja illufaõ procedida da minha ignorancia; mas eu estou prompto a abjuralla tanto que a razaõ me illustrar.

(35) Indíca a Historia de Carlos XII. Rei de Suecia: ella foi a primeira que Mr. de Voltarie efcreveu, a qual lhe grangeou o nome de Curcio da França; mas elle he taõ fuperior ao Hiftorico Latino, quanto efte excedeu a Eutropio; nem eu fei que haja obra nefte genero taõ bem efcrita naõ fó entre os antigos, mas tambem entre os modernos.

(36) A Hiftoria de Pedro Grande Imperador da Ruffia he de igual merecimento; posto que alguns a julguem inferior no eftylo; feja como for, ella he muito mais intereffante, que a do Heroe Sueco, pela novidade do affumpto, pelo extraordinario dos acontecimentos, e por fer dos noffos tempos. Ora como efta Hiftoria, e a de Luiz XIV. faõ de tanta inftrucçaõ para todos, os cinco tercetos, que fe feguem, faõ como exordio, e eftimulo para ler o que fe expreffa a refpeito das mais Hiftorias, que o mefmo Author efcreveu.

(37) A palavra *celebridade* poderá parecer demaziadamente culta, mas naõ he affim; porque além de fer muito ufada dos Authores Francezes, vêmos que della fe fervio o Orador Vieira muitas vezes, como fe pode ver no Tomo XI. a paginas 341, e 345; e para maior prova tranfcreverei a feguinte paffagem do Tomo III. fol. 124, que fó por fi vale mais que hum Sermaõ dos modernos, que tanto defprezaõ o grande Vieira: » Cen» to e dezoito livros temos de Santo Agoftinho, excepto

« os

» os que naõ chegáraõ a nós, e quando elle podéra assentar a penna, e consagralla ao templo da Sabedoria » como troféo de todas as sciencias entre os applausos do » mundo, e *celebridade* da Fama, maior que a de todos » os que escrevêraõ, torna a tomar, e apparar de novo » a penna: para que? Para emendar em hum livro todos os seus livros, para se retractar, e desdizer de » muitas cousas, que nelles tinha dito, e para desenganar » com o seu exemplo a todos os que tanto se enganaõ » com seus escritos. » Que bellissima proza? que artificio, que harmonia, que cultura, e sobre tudo, que judiciosa critica naõ resplendece neste admiravel periodo?

(38) *Traças, pintas.* O Genio creador de Pedro Grande conheceu-se pelas emprezas, que intentou, e por muitas que acabou. Este grande Monarca, para civilizar a sua Naçaõ, vio-se obrigado a emprehender as mais extraordinarias acçóes, que feitas quatro, ou cinco Seculos antes passariaõ por fabulosas. E como a Historia deste Imperador anda traduzida em Portuguez escuzo relatallas.

(39) Denota a fundaçaõ de Petersburgo em hum baixo no Golfaõ de Finlandia. Só o valor, e a constancia de Pedro Grande pôde levar ao fim huma obra taõ difficil, que ao juizo mais arrojado parecia temeridade, e muito mais depois de terem as tempestades dos invernos demolido grande parte das obras executadas com tantas fadigas. Foi Petersburgo, ainda mesmo nos dias do seu fundador, huma das maiores praças de Commercio da Europa, cujo esplendor se tem augmentado de modo, que naõ só he emporio famoso, mas talvez a mais brilhante, e poderosa Côrte do Norte.

(40) Naõ tinha a Russia antes de Pedro Grande huma embarcaçaõ de guerra. Elle fez o risco para a primeira, que alli construhio, e nella trabalhou aquelle Monarca como simples Official com o machado na maõ. Em fim taõ activo se mostrou, que conseguio ter huma respeitavel marinha, que contrapezou, mesmo em seu tempo, o poder maritimo das Naçóes do Norte, que de muitos seculos possuhiaõ armadas.

(41) Todas as Artes nobres, e mechanicas fez este grande Monarca florecer, como he notorio. Fundou Aca-

demias, e a de Petersburgo he das mais florecentes da Europa.

(42) Elle fez florecer o Commercio, que antes delle naõ existia na Russia, e saõ taes as vantagens, com que se tem augmentado até ao presente, que as rendas de entaõ eraõ nada combinadas com as de agora.

(43) Que tudo era barbaridade, e ociosidade em toda a immensidade do Imperio da Russia, quando Pedro Grande se elevou ao throno, he cousa que naõ padece duvida. Allí naõ se via genero algum de policia, nem no moral, nem no fysico; e agora póde ser modello a algumas Nações antigas.

(44) Transiçaõ para fallar da Historia de Luiz XIV; esta obra merece o applauso de toda a Europa, e basta o que tenho dito das outras para se colligir o que esta será; porque depois que Voltaire compoz varias Operas para se representarem nas festas do casamento de Luiz XV, este Monarca, além de o fazer Fidalgo da sua Casa, o creou Chronista da França com hum grande ordenado: ora como os seus antecessores neste cargo nunca escreveraõ cousa alguma, elle segundo a actividade do seu grande engenho produzio a Historia do seculo de Luiz XIV, e he verosimil, que fizesse, como fez, todo o possivel porque sahisse com a maior perfeiçaõ, que imaginar-se podesse. O plano desta historia he o mais vasto; porque a Scena, em que se representa, he o mundo todo, e os acontecimentos saõ os mais extraordinarios, e interessantes ao Leitor.

(45) Esbombardeamento de Argel pelas Armadas de Luiz XIV. na Era de 1682, e 1684.

(46) Luiz XIV. sempre se gloriou de dar amparo a Principes desgraçados, como os de Inglaterra, e outros: e naõ fôraõ pequenos os adjutorios, que da França recebeu Portugal na longa guerra da Acclamaçaõ.

(47) A grande guerra da Alliança pela successaõ da Hespanha he dos acontecimentos mais notaveis, e interessantes, que se encontraõ nas Historias do mundo. Carlos II. de Hespanha, que morreu sem herdeiros, declarou no seu ultimo Codicillo a Filippe Duque de Anjou, e Neto de Luiz XIV. por herdeiro de todos os seus

Esta-

Eſtados. Entrou logo o Monarca Françez no projecto de dar cumprimento á vontade do Rei defunto : oppoem-ſe-lhe Carlos Irmaõ do Imperador de Alemanha , e com elle toda a Europa , cujo incendio chegou ás extremidades do Globo , e a pezar do esforço das Potencias confederadas contra a França , depois de huma taõ longa , e ſanguinolenta guerra conſeguio o Grande Luiz XIV. firmar no Throno de Eſpanha a ſeu Neto , que em tudo ſe moſtrou digno da mais rica herança do mundo.

(48) Em quatro Epocas ſe divide a hiſtoria do progreſſo das Letras , na de Alexandre , de Auguſto , dos Medicis , ou de Leaõ X , e na de Luiz XIV. Eſta ultima he ſem contradicçaõ alguma a mais intenſa , e brilhante de todas. No ſeu tempo , e por ſeus auſpicios ſe cultivou por tal modo a Lingoa Franceza , que ſe elevou ao ponto de perfeiçaõ , onde nunca chegou idioma nenhum dos modernos ; porque a ſabedoria dos ſeus Authores , e a elegancia dos ſeus eſcritos a fez univerſal , e neceſſaria. A penna de Pedro Cornelio , de Racine , de Boileau , de Moliere , de la Fontaine , e outros deu á Poeſia Franceza a mageſtade , intereſſe , e elegancia em gráo taõ ſuperior , que os ſeus Poetas ſaõ lidos com preferencia. O bom ſenſo preſidio ſempre aos Authores da proſa Franceza , que lhe deraõ por caracter elegancia , e clareza , qualidades que a conſtituem modello aos Eſcritores das outras Nações , que achaó naquelle Idioma as obras mais perfeitas em todo o genero , pelo que ſaõ lidas em toda a parte onde ſe cultivaõ as Letras. Tudo iſto ſe deve ás grandes liberalidades , com que Luiz XIV. animou todas as Artes , e Sciencias , cujo influxo felismente ſe diffundia no animo de quaſi todos os Monarcas da Europa , deſde o ſeu tempo até aos noſſos dias.

(49) Ninguem fundou mais , e mais ſolidos eſtabelecimentos litterarios do que Luiz XIV. Elle naõ ſó animava com ſeus donativos as Letras na França , mas tambem em outra qualquer parte da Europa , onde ſabia que eſtava algum Sabio de conhecido merecimento ; no que foi imitado de alguns Princepes , e com eſpeciaildade do grande Frederico , Rei de Pruſſia , e da Imperatriz da Ruſſia actualmente reinante.

(50)

(50) Depois que Luiz XIV. entrou a proteger as Letras, diffundíraõ-se as luzes com tal vigor, que em cincoenta annos fizeraõ mais progressos, que nos dés, ou doze seculos anteriores.

(51) He certo, que hum Monarca naõ tem caminho mais seguro para alcançar memoria eterna, do que protegendo as Letras, honrando, e premiando os Sabios. Nada se saberia de Alexandre, se a sua liberalidade com os Doutos naõ fizesse erigir tantos monumentos á sua memoria. Se Octaviano naõ honrasse tanto as Letras, como honrou em Virgilio, Horacio, Polliaõ, e outros, certamente a sua memoria passaria aos vindouros com toda a execraçaõ, que lhe conciliaraõ as horrorosas proscripções, com que no principio do seu Imperio se firmou no Throno do mundo. Tudo cede ao tempo, menos as producções do entendimento, que haõ de existir, em quanto durar o Globo.

(52) A Luiz XIV. se deve o terem chegado as Letras, ao ponto de perfeiçaõ, a que tem chegado.

(53) Daqui parte outra transiçaõ para fallar do bello Poema de Fontenoi, o mais perfeito, que do seu genero se conhece nas Lingoas cultas da Europa. O assumpto desta Poesia taõ bem metrificada, taõ bem pensada, e elegante, he a famosa batalha de Fontenoi, dada no anno de 1744 pelos Francezes contra os Inglezes, e mais Alliados, na presença d'ElRei de França, sendo General do Exercito contrario o Duque de Cumberland, e dos Francezes o Marechal de Saxe. Nesta batalha se obráraõ de parte a parte as mais notaveis gentilezas, e os Francezes fizeraõ prodigios de valor.

(54) Depois de vencida esta memoravel batalha pelos Francezes, resplendeceu no gráo mais elevado a grande humanidade de Luiz XV, que andou muitas vezes pelo meio das fileiras fazendo deter a mortandade e depois assistindo, com piedade poucas vezes vista n'um Heroe guerreiro, aos feridos prisioneiros. He tambem para notar a cortezia, com que os Officiaes Francezes, e Inglezes se tratáraõ, logo que se avistáraõ, usando do comprimento de naõ quererem atirar primeiro, politica em que persistíraõ os Francezes, dizendo com galantaria,

que

que, pois eſtavaõ em ſua caſa, deviaõ ceder a preferencia aos ſeus hoſpedes. Todas eſtas circumſtancias moſtraõ bem a policia das Nações da Europa, e as luzes do ſeculo.

(55) Ninguem duvída deſta verdade; e a reſpeito do Bom Goſto na Litteratura nunca ſe vio quem o poſſuiſſe com maior vantagem: tanto o tiveraõ por Oraculo neſta materia, que o grande Frederico Rei de Pruſſia, homem tambem de notavel engenho para as letras, o denominava *Deos do Goſto*; e o que elle eſcreveu a eſte reſpeito tem a maior de todas as authoridades.

(56) As qualidades moraes de Mr. de Voltaire deſmentem as calumnias da inveja, que tanto veneno exhalou contra o ſeu merecimento. He notoria a liberalidade, com que ſoccorreu varias familias, que ſe viraõ perſeguidas de trabalhos, as quaes amparou, e reſtabeleceu. Os continúos auxilios, que dava aos neceſſitados de Ferney, o faziaõ ſer conſiderado por Pai commum.

(57) Naõ houve Sabio contra quem ſe deſataſſe com mais furor o impeto da inveja: pode-ſe formar huma bibliotheca dos livros, que contra Voltaire ſe eſcrevêraõ; mas como o verdadeiro merecimento ſempre exiſte illeſo a pezar dos ataques da maledicencia dos eſpiritos humildes, que naõ podem chegar aonde ſe eleva hum grande engenho, a reputaçaõ de Mr. de Voltaire ficou ſempre occupando o lugar, que merece, e onde ha de exiſtir em quanto houver memoria de homens no mundo.

(58) Imitaçaõ de Mr. de Voltaire no Canto VII. da Henriquiada.

Là git la ſombre Envie . . . .

Verſant ſur des lauriers les poiſons de ſa bouche.

Eſte terceto tambem anda na Elegia á morte do Doutor Saldanha, mas como o ſentido deſtes verſos quadraſſe melhor a hum ſogeito de taõ deſtincto merecimento como Voltaire; por iſſo o apropriei a eſta Elegia, reſervando para outro tempo reformar aquella.

(59) Denota *os Elementos da Filoſofia de Newton*, que Mr. de Volraire compoz, e deu á luz, em tempo que ninguem fallava no grande Filoſofo Inglez. Eſta foi a primeira obra, que deu a conhecer Newton na Europa, e da

e da qual o mesmoVoltaire constantissimamente se abonou, em quanto viveu. E segundo o que tenho lido, ella tem mais merecimento do que lhe concedem alguns professores, que naõ poderaõ talvez supportar a universalidade de conhecimentos no grande Voltaire.

(60) Allude á estatua de marmore, que foi erigida a Mr. de Voltaire na grande sala da Academia Franceza, a qual he obra do celebre Pigal, o maior Estatuario deste seculo, e reputada geralmente por hum prodigio de esculturа. Suáraõ as Academias de França, na escolha de huma epigrafe, e assentou-se, que a mais conveniente, e gloriosa ao merecimento deste grande Genio era a seguinte: *A Voltaire vivo*, a qual foi gravada na parte inferior da mesma estatua.

(61) Vindo Mr. de Voltaire a Pariz no anno de 1778 foi coroado publicamente no Theatro, honra nunca feita a Poeta algum na França.

(62) Neste mesmo tempo a Academia Franceza fez sessões extraordinarias em obsequio de Mr. de Voltaire, nas quaes lhe decernio honras, e applausos taõ gloriosos, quaes nunca em tempo algum se fizeraõ a Socio daquelle venerando Corpo de Sabios, os mais illuminados do Universo.

(63) He certo, que depois do renascimento das Letras naõ se encontra Author, que escrevesse com tanta venustidade, pureza, e elegancia, como Mr. de Voltaire, cujo estylo verdadeiramente encantador faz lêr com o maior gosto, naõ só as obras, em que elle poz o seu esforço, mas ainda as suas mais ligeiras bagatellas.

(64) Este he o fim principal, que me obrigou a esta composiçaõ, e parece, que o deveria ser de todo o escrito do genero demonstrativo.

(65) As proposições, que vaõ incluidas nos tercetos, que se seguem, julgo, que vaõ acompanhadas das modificações necessarias para conservar a modestia do Author.

(66) *Cento, e cem vezes*, he elegancia pouco conhecida no nosso Idioma, a qual além de ser mui pura, he harmonica, e expressiva, e ajuda a variar o estylo, podendo-se evitar dizer, *mil*, e *mil vezes*, formula muito usada dos nossos Escritores.

(67)

(67) Quem duvída, que o grande Voltaire unio em si qualidades, cada huma das quaes distinguíraõ tantos Escritores? Sería prolixidade especificar as virtudes litterarias deste grande genio, se naõ fossem por si taõ visiveis, e notorias, que até os ignorantes se persuadem dellas pelo que sentem no seu espirito, quando lem alguma das suas obras, ainda mesmo em traducçaõ, e muitas vezes má traducçaõ. *Sem mancha ou fezes*, este modo de expressar naõ he alheio do nosso Idioma, cujos Classicos costumaõ commummente empregar o termo *fezes*, que carece de singular, em sentido figurado, o qual he deste modo muito expressivo, e decente. O Orador Vieira no tomo XII. pag. 347 diz: *A innocencia do sangue de Christo misturado pelas* fezes *do peccado &c.*, e mais adiante .... *porém ficáraõ as* fezes *de fóra.*

(68) Indica o bello Elogio dos Officiaes, que morrêraõ na guerra de 1742, peça digna da maior estimaçaõ, considerada por Mr. Thomaz, e por todo o homem de gosto, modello o mais perfeito no genero laudatorio. Eu naõ vejo nos Panegyristas antigos cousa, que mais me contente. Isocrates tem poucas idéas: Plinio he muitas vezes excessivo, e por isso servidor da lisonja; a sua filosofia naõ me instrue, nem me interessa; o seu estylo parece-me secco, e diffuso. Pelo contrario Mr. de Voltaire he riquissimo de idéas, que sempre saõ annunciadas com elevaçaõ propria de hum espirito desatado de toda a baixeza, e lisonja. Ensina-me a pensar, instrue-me, deleita-me com a facilidade da sua locuçaõ, sempre nova, sempre viva, e sempre elegante. Em lugar de *rasgos de Cicero*, pudera dizer *rasgos de Plinio*, e parece, que tería mais propriedade, por ser Plinio Author positivo de hum célebre Panegyrico da antiguidade; mas prefiro o primeiro, porque além de Cicero ter composto muitos troços das suas Orações neste genero, he Orador de esfera infinitamente acima da de Plinio, cujo gosto no estylo naõ tem paralello com Cicero, sempre grande, sempre filosofico, sempre abundante de idéas, sempre admiravel na locuçaõ.

(69) Falla-se da bella Ode de Voltaire aos Filosofos Francezes, que fôraõ ao Circulo polar, e á grande Cor-

dilheira na America Meridional determinar a figura da Terra. Os principaes desta expediçaõ taõ gloriosa á França, e ás luzes da Europa fôraõ Mrs. de Maupertuis, e de la Condamine (*); este escreveu a viagem, que fez pelo Rio das Amazonas abaixo, vindo da Cordilheira, obra digna daquelle filosofo, e deste seculo. Eu naõ posso julgar do mechanismo metrico da Lyrica Franceza, cujas leis só podem ser conhecidas pelos Nacionaes, que nisso fizeraõ estudo especial: dizem geralmente os Francezes, que Joaõ Baptista Rousseau he o Principe dos Poetas Lyricos da França; isso naõ obstante tendo eu lido todas as obras deste grande Lyrico com alguma attençaõ, nunca achei nellas huma Ode, que tanto como esta me contentasse. Eu naõ sei se isto em mim he superstiçaõ; mas o certo he, que creio firmemente, que este Poema he digno de toda a consideraçaõ pela invençaõ, pela locuçaõ a mais sublime, e harmonica, e pelas idéas, nunca expressadas talvez pelos antigos Lyricos, nem pelos modernos: de sorte, que apparece alli hum systema de idéas todo novo no genero Lyrico, e por consequencia huma nova lingoagem toda decente, bella, e encantadora.

(70) Segue-se outra transiçaõ para tratar da Comedia, em que Mr. de Voltaire foi affaz insigne, principalmente na do genero medio. O fim da Comedia he alimpar o espirito humano dos máos hábitos, e aperfeiçoar o moral do homem; o meio de que se serve he o mais suave, e artificioso, metendo a ridiculo os sestros, que desfiguraõ a dignidade do ente racional. Este systema he tirado do fundo da natureza. Huma admoestaçaõ séria, por mais eloquente que seja, nunca fará o fructo, que faz a boa Comedia, escarnecendo com arte os defeitos dos homens. Toda a pessoa tem amor proprio; por isso logo que hum sugeito vê os seus defeitos escarnecidos na scena, movendo a riso o auditorio, que nisso dá huma especie de approvaçaõ ao ridiculo, de que o Author os

(*) O Author naõ devêra ter esquecido o nome de Mr. Clairaut, cujo merecimento, como Geometra, foi muito superior ao dos dois, que nomeia.

revef-

reveste, entra em si; conhece a sua illusaõ, e a razaõ, com que seus vicios saõ censurados; faz por se despir delles; e se naõ tem forças para o fazer, ou os modifica, ou os occulta de maneira, que nisso mesmo lucra a Sociedade bem morigerada. A Comedia do genero medio, ou mixto, he a mais heroica, e quanto a mim mais instructiva; porque ao mesmo passo, que nos expoem o vicio, nos consola com o triunfo da virtude. Mr. de Voltaire foi nesta parte taõ insigne, que ninguem lê huma das suas Comedias, que á primeira, ou segunda pagina se naõ sinta poderosamente possuido da maior inclinaçaõ pela virtude, assim como da indignaçaõ mais severa contra a suggestaõ dos vicios.

(71) A Comedia do *Filho Prodigo* he admiravel: ninguem a lê, que naõ sinta a mais doce commoçaõ. A leitura, e a representaçaõ desta Comedia seriaõ da primeira necessidade em Portugal, onde a falta de educaçaõ faz o commum dos Pais taõ duros, e rigorosos, que mais parecem revestidos de crueldade Gothica contra os defeitos dos Filhos, a quem mil vezes o esquecimento dos Pais em os educar faz cahir em absurdos. Ella he muito bem inventada, e os affectos saõ excitados com tanto artificio, que parece naõ se poder mais esperar em semelhante materia. Oh quaõ amavel Pai de familias o Pai do Prodigo! Delle deviaõ aprender todos os Pais naõ só a perdoar os defeitos de seus Filhos, mas tambem a despir-se do barbaro, e iniquissimo procedimento, que muitas vezes tem com Filhos cheios do mais distincto merecimento, sacrificando-os por meio de suggestões dolosas á avareza sordida, e malvada de outros Filhos, em quem por hum amor mal entendido, ou, por melhor dizer, diabolica cegueira, pertendem fundar a existencia das suas casas; como se as virtudes, e os talentos naõ fossem a verdadeira riqueza, e a que só póde perpetuar a memoria do ente racional.

(72) Que bellissimo contraste o deste Irmaõ avaro, e cruel, com o caracter brando, e pacifico do prodigo! Estas duas personagens saõ defeituosas; mas as faltas de hum movem-nos a piedade, as do outro a indignaçaõ: as do prodigo saõ involuntarias, e por isso dignas de indul-

gencia : as do Irmaõ saõ reflectidas, saõ abraçadas por vontade, por isso incapazes de emenda, e indignas de desculpa.

(73) *A Escoceza* he huma bella Comedia em proza. A propria Escoceza he hum epilogo de virtudes. A Scena he hum quarto de huma estalagem. Que caracter o do Estalajadeiro! Mas Frelon he caracter nunca visto na scena. Mr. de Voltaire achando-se muito escandalizado das invectivas de hum Ex-Jesuita por nome Mr. Freron, Author de varios livros, com pouca differença no nome o introduzio nesta Comedia, fazendo o mais odioso papel, qual o de fabricador de satyras, e libellos infamatorios, que para divertimento dos ociosos costumaõ ter algumas estalagens, ou cafés em França, e principalmente em Hollanda, onde a liberdade do prelo permitte esta qualidade de gente taõ perniciosa ás Letras, e á Sociedade. Naõ se póde pintar hum energumeno destes com côres mais odiosas, e detestaveis do que empregou este grande Poeta para exprimir a perversidade de Frelon: exemplo notavel para que ninguem offenda os homens de engenho, que muitas vezes com hum rasgo de penna se podem vingar de sorte, que os golpes da sua vingança imprimaõ eterna infamia na reputaçaõ do aggressor.

(74) Quasi sempre o furor da calumnia se desenfreia contra o merecimento, que quando nos espiritos nobres excita admiraçaõ, nas almas fracas infunde rancor, e odio.

(75) Somos chegados a Nanina, a melhor, e mais perfeita Comedia, do genero medio. Eu naõ fallarei da elegancia, nem da metrificaçaõ, qualidades a que nunca faltou a grande penna de Voltaire. O caracter de Nanina, admiravel resumo de virtudes, he todo prodigioso; elle sobresahe ainda mais com o contraste da Baroneza, caracter soberbo, e impetuoso, optimamente desenhado. O Pai de Nanina he bem original, e traçado com verdade, e elegancia.

(76) Tudo isto he fundado em lançe bem preparado da dita Comedia, na qual por ordem da Baroneza, de quem Nanina era creada, he por motivo de ciume expulsa da

casa,

caſa, mas volta por diligencia do Conde, verdadeiro ſenhor della, que eſtava preparando-ſe para caſar com Nanina. Que Filoſofia a do Fidalgo taõ cheia de humanidade, e moderaçaõ! Que admiravel! Que pathetico naõ he tudo quanto ſe ſegue!

(77) Neſte lugar começa outra tranſiçaõ para fallar do bello, e precioſo Commentario, que Mr. de Voltaire fez ás Obras de Pedro Cornelio, creador da Tragedia Franceza, o qual fez para dar em dote á Neta deſte ſublime Tragico. Eſte Commentario he o mais perfeito, que ſe conhece. Todos os Commentadores ſaõ idolatras dos Authores, que commentaõ; todos lhes fazem dizer o que nunca lhes veio ao penſamento; todos glozaõ como Grammaticos ſervís, e naõ como homens de Goſto, como fez Mr. de Voltaire. A leitura deſta obra he ſummamente agradavel pela immenſidade de luzes, pelas lições de Goſto, que em eſcrito nenhum ſe encontraõ como allí; pelas reflexões moraes, e politicas; pela ſagacidade, com que explica os myſterios da Arte, que ſó podem ſer verdadeiramente analyſados, e annunciados pelo genio; pela ſabedoria, com que ajuiza do merecimento de cada belleza notavel; e em fim pelo diſcernimento filoſofico, com que peza as decencias tragicas das perſonagens intereſſantes, e com que louva o que acha digno de louvor, e condemna o que merece cenſura. Eu poſſo aſſegurar, que a ſimples leitura deſte precioſo Commentario póde dar a inſtrucçaõ mais cabal em materia de Bellas Letras; e tambem poſſo affirmar ſem incorrer na nota de exaggerador, que a eſta obra ſe póde dar o titulo de *Breviario de homens de Goſto*, com muita mais razaõ do que o meſmo Voltaire o deu ás reflexões criticas ſobre a Pintura, e Poeſia do Abbade Du-Bos. Digamos por derradeiro, que o Genio Commentado pelo Genio he hum dos maiores acontecimentos, de que ſe deve abonar a hiſtoria do eſpirito humano.

(78) Mr. d'Alembert, Secretario perpetuo da Academia Franceza, Sabio de taõ avultado merecimento, que era tido por Oraculo nas Sciencias, foi ſempre da mais intima amizade de Mr. de Voltaire, e quem lhe aſſiſtio até ao derradeiro momento da vida. Eſte grande homem

mem foi quem concorreu para ſe lhe levantar a Eſtatua, que ſe collocou na Sala da Academia Franceza : eſcreveu delle com toda a ſublimidade, e ſó as ſuas luzes, e a ſua eloquencia poderiaõ contribuir para fallar dignamente do grande Voltaire, cujo Elogio (*) elle pronunciou em plena Academia.

(*) Perſuado-me, que o Author ſe engana, quando affirma, que Mr. d'Alembert pronunciára na Academia Franceza o Elogio de Voltaire. He certo, que eſta Sociedade lhe fez depois da ſua morte honras extraordinarias, e até entaõ ainda naõ tributadas a outro algum Socio defuncto; porém naõ me conſta, que entre eſtas ſe comprehendeſſe o ſeu Elogio. A meſma Academia o propoz ao publico para aſſumpto do premio de Poeſia do anno de 1779, propoſiçaõ que lhe foi lembrada por Mr. d'Alembert, e aceita por unanime acclamaçaõ de todos os outros Socios, que ſe achavaõ preſentes. D'Alembert, por honrar a memoria do ſeu illuſtre amigo, addicionou ao premio da Sociedade o valor de ſeiscentas libras, ou noventa e ſeis mil réis da noſſa moeda Portugueza. Elle offereceu áquella reſpeitavel Corporaçaõ, para ſer colocado na Salla das ſuas Seſsões, hum excellente buſto de Mr. de Voltaire. Solicitou, e obteve do Grande Frederico de Pruſſia, que fizeſſe celebrar com a mais pompoſa ſolemnidade as Exequias d'eſte grande Eſcritor na Igreja Catholica de Berlin. E na Seſsaõ publica da Academia Franceza de 25 de Agoſto de 1778, dia em que pela primeira vez appareceu na ſua Salla o buſto de Voltaire, recitou o Elogio de Crebillon, que anda impreſſo na ſua Hiſtoria dos Membros da Academia Franceza mortos depois do anno de 1700 até 1771, e no qual por diverſas vezes falla do illuſtre rival, e vencedor de Crebillon, fazendo juſtiça ao merecimento de ambos, o que he o meſmo que dizer, fazendo propender a balança para o lado do Poeta Filoſofo. Tenho tambem noticia, que d'Alembert no dia, em que o ſucceſſor de Voltaire foi recebido na Academia, pronunciára hum pequeno Diſcurſo, em que involvêra com arte alguns louvores bem merecidos de hum conſocio, cuja perda era taõ dificil de reparar. Talvez, que o noſſo Author noticioſo da exiſtencia d'eſte Diſcurſo o reputaſſe pelo Elogio Academico de Voltaire. Talvez que hum tal Elogio realmente exiſta; mas além de naõ ſer o uſo da Academia Franceza elogiar os ſeus Socios defunctos immediatamente á ſua morte, pareceme por extremo inveroſimil, que d'Alembert na longa correſpondencia, que teve com Frederico II. de Pruſſia, e em que Voltaire foi o aſſumpto de muitas Cartas, deixaſſe de dar-lhe a minima noticia d'eſte Elogio, ſe elle exiſtiſſe. Tambem me naõ parece menos inveroſimil, que Condorcet amigo intimo de d'Alembert, e de Voltaire, eſcrevendo a vida d'eſte ultimo, omitiſſe hum facto igualmente honroſo para a memoria de ambos os ſeus amigos.

Eſte acabamento naõ he muito vulgar na Poeſia Portugueza, creio que a repetiçaõ dá novidade, força, e graça ao eſtylo.

Se eſte Poema foſſe tratado por peſſoa mais habil; poderia intereſſar no geral, e no particular; no geral a todos os que amaõ as Letras, e por conſequencia os Sabios, no particular aos que ſe achaõ inſtruidos na Hiſtoria das producçóes litterarias deſte grande Genio. Eſte intereſſe devia certamente ſer ſuſtentado com elegancia continua por huma ſerie de idéas filoſoficas, todas deduzidas pela mais exacta Dialectica, conforme o methodo de que ſempre uſou o grande Sabio que celebro: para ſe executar eſte taõ difficultoſo aſſumpto, pelo modo que digo, ſeria neceſſario poſſuir em gráo eminente a Lingoa, todos os ſegredos da Arte, e do mechaniſmo Metrico: ſe eu foſſe taõ feliz, que ao engenho podeſſe unir eſtes taõ eſtimaveis requeſitos, fizera hum Poema digno do grande Voltaire, hum Poema, que ſatisfizeſſe a minha conſciencia, hum Poema, que foſſe gloria da Lingoa Portugueza, e do ſeculo em que vivemos.

ELEGIA XI.

Quem fôr dotado de felice engenho,
Com profundo ſaber polido, e ornado,
Naõ tema as ondas: lance ao mar ſeu lenho.

Procure deſcobrir afoito, e ouſado
Novos climas, e novos horizontes:
Sirva de guia aos ſeus: ſerá louvado.

De ſeus eſcritos brotem novas fontes
De Sciencia, e Doutrina, com que creſçaõ
Do Pindo as flores nos mais ſeccos montes.

Faça com que os eſtranhos reconheçaõ,
Que as Artes naõ ſaõ delles mais prezadas,
Nem que entre elles mais ſe honrem, mais floreçaõ.

Naõ tema as vozes, naõ, deſconcertadas
De malédicos Zoilos ignorantes:
Naõ receie tormentas indignadas.

Em ſi conceba eſtimulos preſtantes,
Com que ao Ceo ſe levante, e á Naçaõ ſua
Aſtro ſeja entre os Aſtros radiantes.

Que ſe attende á verdade pura, e núa,
Com taes obrigações Deos dá o engenho: (1)
Quem naõ as cumpre, he digno que s'argua.

Forme com arte, e eſtudo o ſeu deſenho:
Pula, e torne a pulir eſtylo, e fraſe:
E em ſeguir a razaõ moſtre alto empenho.

Hum

Hum nobre enthuſiaſmo o accenda, e abraze:
E enſinar deleitando, em proſa, ou rima
Seja dos ſeus eſcritos firme baze.

E ſe pertende ter eterna eſtima,
Oh! naõ poupe trabalho; emende, e córte,
Ponha em uſo com arte eſtudo, e lima.

Honre a materna Lingoa: aos ſeus exhorte
A ſerem nella claros, e famoſos,
Izentos do rigor das leis da morte.

Por eſta via aos Aſtros luminoſos
Subio Camões, Homero, Maro, e Taſſo
Cobertos de louvores glorioſos.

Componha com ſocego: e paſſo, e paſſo
Invente, peze, e ordene com acerto;
Que em tudo deve haver regra, e compaſſo.

Naõ ſe enleve em engenho audaz, e eſperto,
Que ſobre hum pé mil verſos faz; que o munto
Feito á preſſa ſó pare deſconcerto.

A's ſuas forças tome igual aſſumpto:
E a mais ſevera critica conſulte,
Se quer que eterno ſeja o ſeu tranſumpto. (2)

Iſto ſiga; que eu fico, que ſe avulte
Sua reputaçaõ, ſeu nome, e fama,
E por mais que ande o tempo naõ ſe occulte.

Os antigos, que o mundo tanto acclama,
Gregos, Latinos, noite, e dia eſtude;
Se ſer perfeito em tudo eſtima, e ama.

D'eſſes ſó ſe aproveite, ſó ſe ajude;
Nelles mais derramei com larga enchente
Da Poeſia a magica virtude.

Seja em formar eſtylo diligente,
E niſſo empregue mais o ſeu cuidado,
Puro, culto, ſuave, e mui corrente.

Hum bom eſtylo he balſamo ſagrado,
Com que qualquer Eſcrito eterno fica,
Da corrupçaõ do tempo preſervado.

Por iſſo tú ás Graças ſacrifica
Ao primeiro raiar da bella Aurora,
Altares lhes levanta, e lhes dedica.

Puras victimas ſejaõ dons de Flora,
Vermelhas roſas, alvas açucenas:
Com prece humilde ſeu favor implora.

Conſagra-lhe as primicias mais amenas
Dos doces favos, e hortos deleitoſos,
Por onde as agoas manaõ mui ſerenas.

As douradas maçans, e os ſaboroſos
Camoezes, que a Arabia em cheiro igualaõ,
C'os rubicundos cachos pampinoſos.

A's Graças devem tudo os que bem fallaõ;
E os que com Goſto, e engenho nunca eſcrevem,
Oh muito lhes devemos ſe ſe calaõ!

Mas eſtes por deſgraça a mais ſe atrevem,
Cheios de temeraria confiança
A mim, e ás proprias Muſas leis preſcrevem.

Mas

Mas o tempo, que foge, e naõ defcança,
Seus nomes cubrirá de efquecimento,
Dando-me delles afpera vingança.

Se tens de bem cantar illuftre intento,
O eftylo te dará tintas, e côres
Proprias para exprimir teu penfamento.

Da marchetada Aurora as roxas flores
Poderás retratar taõ vivamente,
Que fe vejaõ luzir feus refplendores.

Imite o bom Poeta fabiamemte
Nos feus quadros a bella natureza
Com frafe da do vulgo differente.

Efte feja o feu norte, e a fua empreza:
Nunca della fe aparte: em tal preceito
Deve fundar fua maior firmeza.

Agora imprime bem no teu conceito
O que por fim aconfelhar-te quero,
De que podes tirar largo proveito.

Nunca os vicios celébres: forte, e auftero,
Naõ profanes o dom divino, e raro:
Contra a lifonja moftra-te fevero.

Canta as boas acções, ferás preclaro:
Fuje á fatyra infame, que applaudida
Nunca ferá, fenaõ do vulgo ignaro.

Ufa antes da faceta, e commedida:
Nunca percas de vifta o Venufino,
Que della te dará norma, e medida.

D'esta arte Apollo Delfico Divino
Na Divina Sciencia me influía,
Para a qual me inclinou o meu destino.

Quando com voz horrenda o ar bramia;
E era a negra Inveja acceza em ira,
Que ouvir o doce Canto me impedia.

Mas a pezar de quanto ella conspira,
Nunca fará, oh Numen Sacrosanto,
Que eu deixe de imitar na curva Lyra
Os preceitos do teu Divino Canto.

NO-

NOTAS.

(1) Veja-se o que a este respeito diz Mr. d'Alambert no tomo IV. da Miscelanea em os Elementos da Filosofia, pag. 124 da Edicçaõ de 1773.

(2) Transumpto significa pintura, cópia, ou traslado. Traz a sua derivaçaõ de *transumptum*, participio do Verbo Latino *transumo*, que significa tirar de outro, ou trasladar. Foi termo inventado por Jorge Ferreira, o qual usou delle no fim do Prologo da Comedia *Aulegrafia.* Camões na Estança 77. do Canto VII. da Lusiada tambem disse:

Os olhos põe no bellico transumpto:

e a mesma significaçaõ lhe dá o seu Commentador Faria dizendo: » Nobilissimo dizer: llamãdo traslado guerrero, » cópia militar a los retratos &c. » donde se vê, que naõ errei; porque como em todo o Poema deve haver imitaçaõ, logo transumpto he imitaçaõ, ou quadro onde se imita. Além do que o termo transumpto he usado pelos bons engenhos de toda a Hespanha. George de Montemaior na parafrase do Salmo *Super flumina Babylonis*, diz assim:

Qual quiera en su concepto ve un trasunto,
Daquella alta Syon tan celebrada.

Naõ só usáraõ deste termo no nosso Idioma no verso; mas tambem na prosa, como se vê em Jorge Ferreira no fim do mencionado Prologo, dizendo: » Que tudo o » que estes Ministros meus dizem, he hum decorado » transumpto, do que commummente se diz. »

ELE-

ELEGIA XII.

Na Paixaõ

DE JESUS CRISTO, FILHO DE DEOS.

Musa, que por ganhar illuſtre fama
Hora entoas a tuba ſonoroſa,
Que as heroicas acções no mundo acclama.

Hora com triſte accento, e voz choroſa
Frequentas as funereas ſepulturas,
Cheia de dor acerba, e laſtimoſa.

Sabe, que n'alma tens manchas impuras,
Que os delirios da cega mocidade (1)
Te fulminaõ com dores, e amarguras.

A memoria da dura iniquidade,
Que em Chriſto fez o povo iniquo, e fero,
Mova-te a triſte pranto, e a piedade.

Segura taboa, em que ſalvar-me eſpero
Do naufragio fatal da dura morte,
E de ſeu cruel impeto ſevero.

Tú Santo de Syaõ, Deos bom, Deos forte, (2) (3)
Vaſo immenſo de dons puros, e Santos, (4)
Dos triſtes Filhos d'Eva amparo, e norte. (5)

A ti meus ais conſagro, a ti meus cantos,
Oh Deos de meus Avós, a ti dirijo
Meus ſoluços, e lagrimas, meus prantos.

Naõ

Naõ ſinto na minha alma regozijo :
    Sepultado nas trevas da triſteza (6)
    De dor , de intenſa dor me movo , e afflijo.

Onde , onde com taõ aſpera crueza , (7)
    Onde , oh duros miniſtros da maldade ,
    Levais o Summo Author da natureza ?

Parai peitos crueis , ſem piedade :
    Feros , olhai primeiro o que fazeis :
    Naõ commettais taõ dura iniquidade.

O Filho de Deos alto , o Rei dos Reis ; (8)
    Quem de nada formou o Ceo , e a terra ;
    Quem poz á natureza firmes Leis.

Eſſe he a quem fazeis iniqua guerra ,
    Cordeiro de Deos vivo , que o peccado (9) (10)
    D'entre os homens benefico deſterra.

Naõ vedes como vai taõ encurvado
    Com o pezo da Cruz ? Já naõ lhe baſta
    Ser de vós cruelmente flagellado ? (11)

Quem dos corações voſſos tanto afaſta
    Da piedade os vivos ſentimentos ,
    Que a compaixaõ em vós de todo gaſta ?

Homens ſois vós de duros penſamentos :
    Homens naõ já , mas ſim monſtros inſanos ,
    Só de ſangue nutridos , e ſedentos.

Que maleficios aſperos , que damnos
    Vos fez eſſe homem Deos, Santo dos Santos, (12)
    Intolerantes , barbaros , tyrannos ?

A' vista de tormentos taes, e tantos,
A' vista de taõ duras crueldades,
Como me naõ desfaço em tristes prantos?

Oh feras, e iniquissimas maldades!
Oh dos homens perversa condiçaõ,
Que os move a taõ crueis impiedades!

Com tal crueza, e tanta ingratidaõ
Os homens pagaõ fervidos, e duros
A quem do Ceo lhes trouxe a Salvaçaõ.

Com prizões asperissimas seguros,
E com vivos flagellos macerados
Ví seus membros Santissimos, e puros.

Ouvindo agora ultrajos infamados,
Opprimido c'o pezo da Cruz Santa,
Cercado de acerbissimos cuidados;

A força corporal se lhe quebranta,
Em terra cahe aquelle, oh crueldade!
De quem o Ceo a gloria narra, e canta. (13)

Homem que passas, tú tem piedade
Do Sacrosanto Filho de Maria,
Deos de immensa grandeza, e de bondade.

Ah! Nesta cruelissima agonia
Ajuda-lhe a levar a Cruz pezada,
Que inda ha de ser dos homens norte, e guia.

Já sóbe ao monte, aonde consummada
A grande obra será da Redempçaõ
Do Mundo, e a culpa antiga aniquilada.

Já

Já com cruel, e aſpera tençaõ
  No Santo Abel do novo Teſtamento (14)
  Daõ a crua Sentença á execuçaõ.

Já ouço o ſom confuſo, e violento
  Dos rigidos martellos: ferreos cravos (15)
  Pés, e mãos lhe traſpaſſaõ, oh tormento! (16)

Homens de paixões cegas vís eſcravos,
  O innocente Cordeiro devorais
  Como Leões famelicos, e bravos.

Já no Lenho da Cruz o levantais
  Ao rouco ſom de vozes eſpantoſas,
  E o Sacroſanto Lado lhe encravais.

Oh gentes cruas, fervidas, e iroſas
  Em mim, em mim taõ feras crueldades (17)
  Fazei com mãos crueis, e ſanguinoſas!

Que por minhas horriferas maldades
  Ha longo tempo tenho merecido
  Penas de inda mais duras qualidades.

O conſelho dos máos tenho ſeguido, (18)
  De tantos beneficios naõ lembrado,
  Com que me tens, Deos meu, favorecido.

Eu me tenho mil vezes collocado,
  Cheio do fumo vaõ de impia jactancia, (19)
  Na Cadeira da peſte do peccado. (20)

Deſde a mais tenra, e pueril infancia
  Fiz depoſito infame na minha alma
  De furor, de ſoberba, e de arrogancia.

Naõ curei de ganhar illuſtre palma
Vencendo os vicios, que para os ſeguir
Nunca temi rigor de frio, ou calma.

Como reprobo máo me deixei ir
Pela via dos cegos peccadores, (21)
Sem nunca a ti, Senhor, querer ſubir.

Lançáraõ-me, ai de mim! os meus furores
No lago da confuſa perdiçaõ, (22)
Onde entaõ me nutri de pranto, e dores.

Ergui no interior do coraçaõ
Abominoſo templo, ara infamada
Do vil peccado á torpe adoraçaõ.

Devendo eu ſer qual arvore plantada (23)
Ao longo d'agoa amena, e deleitoſa,
De pomos ſalutiferos ornada. (24)

Fui tronco poſto em hora desditoſa,
De ſombra infeſta, inhoſpita aos humanos,
De ave infauſta morada tenebroſa.

Dei-me a cantares torpes, e profanos,
E ao ſom das Babylonicas correntes
Os vicios celebrei d'alma tyrannos.

Mas ai de mim, que horror! oh Ceos clementes!
Treme a terra, o ar brama, e ſe eſcurece
O Sol com grande eſpanto ao mundo, e ás gentes!

Já o vital eſpirito fallece (25)
Ao Juſto de Iſrael, que ao Padre Eterno (26)
Pelas culpas dos homens ſe offerece.

No

No mais interior do ſeio interno (27)
Chorou por ti a vaſta Natureza,
E todo o Côro Angelico ſuperno.

Oh Luz do mundo, oh Gloria, oh Summa Alteza! (28)
Do Throno de Deos Padre Omnipotente,
Por nós deſceſte á humillima baixeza! (29)

Bendito ſeja Deos Alto, e Clemente, (30)
Que ao povo ſeu mandou a redempçaõ,
E o libertou da culpa grave, e urgente.

Que ſobre a torre excelſa de Syaõ, (31)
Na Santa Caſa de David Rei Santo
Erigio o ſignal da Salvaçaõ.

Como nos prometteu no ſacro canto (32)
Dos Santos ſeus Profetas, que paſſáraõ;
Porque nos conſolaſſe em noſſo pranto;

Que dos que contra nós mais exhaláraõ
O veneno mortal de odio inflammado,
E ruina total nos procuráraõ;

Viria o noſſo bem mais deſejado,
Que os eſpiritos noſſos alimpaſſe
Da negra enfermidade do peccado.

Porque de piedade em fim uſaſſe
Com as almas dos noſſos Pais, e Avós,
E do abiſmo da morte as libertaſſe.

Das promeſſas lembrado, de que a nós
Se daria em eſſencia, e da crueza
Nos livrou do inimigo horrendo, e atroz.

Para que o nós ſirvamos com pureza;
E em noſſos dias todos procedamos
Com verdade, e rectiſſima inteireza.

Em noſſas afflicções nós te invocamos, (33)
Santiſſimo Holocauſto conſagrado (34)
A Deos Padre, que humildes adoramos. (35)

Tu Profeta do Altiſſimo chamado
Serás em todo o mundo eternamente,
Do ſeio de Deos puro a nós mandado.

Tu moſtraſte o caminho á humana gente,
Por onde ha de ir livre de culpa infanda
Ante a face de Deos Omnipotente. (36)

Enſinaſte a Sciencia veneranda
De ir ás Santas Moradas glorioſas,
Sem nodoa n'alma, ou macula nefanda. (37)

Aos que jazem nas ſombras tenebroſas
Da morte illuminaſte, e nos puzeſte
Da ſanta paz nas vias luminoſas.

Mas ai de mim, que da viſaõ Celeſte (38)
Sendo a minha alma enferma viſitada,
Naõ deſato as prisões de amor terreſte! (39)

Luz efficaz de contriçaõ ſagrada,
Em taõ confuſa, e horrivel tempeſtade
Alumia minh'alma cega, e errada.

Tem de mim compaixaõ, Deos de bondade: (40)
Apaga a culpa má, que em mim ſe aggrava,
Que he grande a tua immenſa piedade.

Lar-

Largamente, Senhor, me purga, e lava (41)
Da minha iniquidade, e vil peccado,
Qu' alma me contamina, e me deprava. (42)

Conheço, onde me tem precipitado
O meu delicto máo, que enfurecido
Sempre contra mim vejo conſpirado.

Fui no ſeio da culpa concebido,
E em mil iniquidades, e torpezas
Andou meu coraçaõ ſempre envolvido.

As Sciencias, que tu, Senhor, mais prézas,
Manifeſtate a mim, com que cantei
Teu nome naõ, mas mundanaes emprezas. (43)

Manda ſobre a minh'alma, oh Summo Rei, (44)
O ſanto orvalho da Celeſte Graça, (45)
E mais que branca neve alvo ſerei. (46)

Das culpas donde vem minha deſgraça
Voſſa face arredai: fazei que em pranto
O meu coraçaõ duro ſe desfaça. (47)

Lavai-me as manchas do terreno manto: (48)
Entoarei, Senhor, voſſos louvores
Com puro eſpirito em devoto canto.

Enſinarei os cegos peccadores
A honrar voſſo nome, já deſpidos
De ſeus impios delirios, e furores.

De inimigos livrai-me enfurecidos,
Deos, Deos da minha bemaventurança
Salvai-me de ſeus golpes inſoffridos.

Oh

Oh Gloria de Syaõ, minha eſperança,
Naõ deſprezeis hum coraçaõ contrito,
Que em vós, Senhor, repouſa, em vós deſcança.

Meu rogo ardente ouvi, que a voz em grito (49)
Cá deſte eſcuro abiſmo de triſteza (50)
Ao voſſo Throno envia, alto, infinito

Formai em mim hum templo de pureza, (51)
Onde oblações, onde holocauſtos ſantos (52)
Recebereis, Deos bom, de alta grandeza:

Onde depois de penitentes prantos,
E puros ſacrificios de acções juſtas,
Levem o voſſo Nome eternos cantos
Do pólo frio ás regiões aduſtas.

NOTAS.

Em satisfaçaõ de huma promessa compuz este Poema, para a organizaçaõ do qual devera eu mais empregar a riqueza daquella Sciencia, que costuma communicar ao espirito a mais viva contriçaõ, e o exercicio das virtudes, do que aquella, que nasce da vaidade do assumpto, que per si só se faz interessante a todo o Catholico, e he capaz de todas as graças da mais sublime Poesia. Este será talvez o motivo, por que mui raramente se vê tratada esta materia com a grandeza, e dignidade, que merece; por isso mesmo que requer forças maiores, e muita liçaõ das Escrituras, onde se deve beber o verdadeiro estylo, com que convem tratar o mais augusto, e santo de todos os assumptos. Mas como póde o entendimento distrahido, e arrastrado da força de mundanas paixões elevar-se a tanta alteza, por mais que se considere cheio de sciencia, e de conhecimento da Lingoa, por estudo, e uso de escrever? Como póde a pobreza do meu engenho celebrar dignamente o complemento da obra da Redempçaõ, sendo elle taõ pouco ajudado de sciencia, e socego conducente para a perfeiçaõ de hum Poema, cuja materia naõ póde nelle ter a liberdade de ser ornada de episodios, e nos estreitos limites, em que se acha circumscripta, todo o pensamento, toda a expressaõ ha de respirar Christandade, e devoçaõ? Muitos Varões abalizados em Virtude, e engenho tratáraõ este assumpto; mas nem todos compozeraõ com a facilidade, que promettiaõ as suas virtudes, e os seus talentos, tendo esses mesmos tratado outros assumptos com grande applauso. Farei hum breve discurso dos que tem vindo á minha noticia depois da restauraçaõ das Letras: desculpem-me se naõ fizer mençaõ de alguns escritos relativos a este assumpto de maior merecimento, que a penuria de livros, e o pouco, ou nenhum socego da vida, em que me acho, naõ me permitte maior erudiçaõ.

O famoso Marco Jeronymo Vida, Bispo de Alba compoz na Lingoa Latina huma Elegia á Paixaõ de Christo, a qual, posto que tenha alguns rasgos de boa Poesia,

ſia, com tudo em razaõ da pouca gravidade dos penſamentos, que ſeu Author nella empregou, he deſtituhida da mageſtade, que em ſemelhante genero de aſſumpto deve reſplendecer: além do que a dicçaõ he pouco caſtigada.

O Sanazaro tambem compoz huma lamentaçaõ em Latim, a qual abunda mais de graças de poeſia profana, do que de penſamentos graves, que inſpirem na alma do Leitor a devota commoçaõ de affectos de contriçaõ. Tem muitas antitheſis frias, e introduz Tritaõ ſurgindo dos mares dando noticia aos navegantes com voz horrivel, agitada pela ſua buzina, que acaba de morrer o Padre da Natureza; couſa por certo indecoroſa em taõ venerando aſſumpto, de que tambem uſou no Poema do Parto da Virgem. O meſmo Poeta tentou pôr eſta lamentaçaõ em Lingoa Italiana, e apenas pôde fazer quinze tercetos, e ainda eſſes naõ ſaõ os melhores, que tem nas ſuas rimas, tendo aliàs nellas outros Poemas de avantajado merecimento. Tanto he difficil de ſer tratado eſte aſſumpto em lingoas vulgares!

Outro Poema Latino, e de grande fama, intitulado *Chriſto paciente* he compoſto pelo celebre Rapin em verſos heroicos: eſte Poema ao principio annuncia huma compoſiçaõ Epica, e do meio até quaſi ao fim he hum Sermaõ em verſo, de cançadiſſima leitura; por iſſo meſmo que reſplendece nelle menos cópia de bellezas de eſtylo, que no reſto do Poema; ficando eſte muito extenſo para Elegia, e de mui diminuta grandeza para Epopéa, o que parece bem alheio do Goſto, e ſciencia deste grande mestre.

Junto com o bello Poema das Lagrimas de S. Pedro de Luiz Tanſillo, vem huma Elegia à Paixaõ de Christo, intitulada *Capitulo ao Crucifixo* composta pelo Padre André Grillo; consta de oitenta e tres tercetos. Este Poema naõ deixa de ter alguns penſamentos proprios do aſſumpto, que trata; porém a maior parte delles ſaõ mui alambicados; outros mui baixos, e todos elles mal diſpostos, e collocados; cheios de translaçóes pouco decoroſas; de ſubtilezas, e applicaçóes profanas, com mui pouco, ou nada daquella Poeſia ſanta, que infunde no coraçaõ do peccador aquella devoçaõ, que costuma ſer men-

mensageira da verdadeira contriçaõ, e que só se aprende na liçaõ das Santas Escrituras.

O Capitulo da Cruz de Victoria Collona, Marqueza de Pescara, he huma Elegia, na qual fingindo, que a sua imaginaçaõ compellida do grande amor, que ainda depois da morte conservava a seu marido, a quem celebra debaixo da denominaçaõ do seu bello Sol, subíra ao Ceo, aonde o dito seu Sol, servindo-lhe de guia, lhe mostrára Christo triunfando n'um carro de gloria com a Cruz a seu lado &c., em cuja introducçaõ gasta vinte e seis tercetos, que nenhuma correlaçaõ tem com o assumpto principal, e dahi por diante se encontraõ alguns pensamentos graves annunciados mui poeticamente; mas pouco affectuosos, de maneira, que a Authora neste Poema dá menos ao assumpto, do que se espera do titulo: e a pezar dos louvores, que o seu Commentador Reinaldo Corso dá ao sobredito Poema, naõ foi este quem grangeou maior fama a Victoria Collona; porque a dicçaõ he summamente exquisita, assim como a de todas as suas obras, o que faz o seu estylo hum tanto affectado.

Vi hum Soneto á Paixaõ de Christo, composto por Horacio Garguante, que se naõ acabára com huma mui mal collocada congerie, seria a mais acabada, e perfeita composiçaõ, que a este assumpto se encontraria.

Outro Soneto ha do Guarini á morte de Christo, o qual no fim do primeiro quarteto tem huma tal transposiçaõ de termos, que constitue hum bem feio hyperbato; e no segundo tem tres antithesis bem frias, e bem pouco convenientes á grandeza do assumpto; mas o ultimo terceto he taõ devoto, e affectuoso, que bem mostra ser rasgo de hum taõ grande engenho.

Tambem Jeronymo Preti fez hum Soneto a este mesmo assumpto, o qual tem varias relações a seus amores profanos, e na composiçaõ poetica he de conhecida mediania.

Lastima foi, que o grande Tasso naõ intentasse pôr todas as suas forças na composiçaõ de hum semelhante Poema a este assumpto; porque elle o faria taõ acabado, e perfeito, que a Italia naõ teria mais que desejar naquella parte; mas talvez que a tercia rima o desviasse dis-

ſo pela ſua muito grande difficuldade, para nella ſe compôr como deve ſer; que como o uſual, que todos os dias por ahi apparece, ſem correcçaõ, ſem emmenda nem pureza, nada de difficil tem. O que bem ſe manifeſta, pois naõ ſe encontra nas Obras deſte grande homem, poema algum compoſto em tercia rima. O meſmo Arioſto, que foi o mais feliz engenho, que a Italia vio, naõ pôde conſeguir neſta qualidade de metro, porque começando o ſeu Furioſo em tercetos, deixou eſte metro, e volveu-ſe para o de oitava rima. Se olharmos para algumas compoſições devotas deſte inſigne Poeta, veremos, que elle ſeria hum dos engenhos decretados do Ceo para deſempenho de hum taõ alto aſſumpto; pois ſaõ em ſi taõ correctas, e perfeitas, que parece naõ haver mais que dezejar; como ſe póde ver do Soneto, que a eſte meſmo aſſumpto compoz, o qual anda na IV. Parte das ſuas obras a fol. 66, da ediçaõ de 1589, do qual transcreverei aqui o primeiro quarteto, que he digniſſimo daquelle admiravel engenho:

Croce del Figlio, in cui rimaſe eſtinta
L'ira del Padre, e'l noſtro fallo immondo,
Croce, che ſoſteneſti il degno pondo
Di ſangue prezioſo aſperſa, e tinta.

Eſte Soneto he todo acabado com a meſma perfeiçaõ, e he a melhor peça, que neſta materia tenho viſto. Qualquer aſſumpto devoto tratado por eſte Divino Poeta, he annunciado com hum genero de eloquencia, taõ pura, e ſanta, e taõ propria da Religiaõ, que parece, que ſó eſte ſe devêra ſeguir, e imitar: para prova do que, ſem fallar-mos na Jeruſalem, porei aqui o terceto final de hum Soneto, que parece ſer feito ao corpo de algum Santo, he na IV. Parte das ſuas Rimas fol 116, o qual principia:

Oh preziozo humor di corpo eſangue.

nelle ſe póde ver como imita a fraſe ſanta dos Livros Sagrados:

E tu ſei manna, e mille effetti, e mille
Meraviglie ſuol farne, il Padre eterno
Nel gran deſerto, che d'horror m'ingombra.

Além diſſo adorna as mencionadas compoſições de huma

Poe-

Poeſia taõ bella, e fóra do commum, que enleva, e enche de admiraçaõ aos bons conhecedores, e moſtra aos Genios mediocres, que tem por eſtereis os aſſumptos de devoçaõ, que o verdadeiro engenho os póde tratar taõ bem, e melhor que os profanos; como ſe póde vêr em hum maravilhoſo Soneto da I. Parte, pag. 22, que principia:

Padre del Ciel, or ch'atra nube il calle.

o qual he huma mui fervente ſupplica a Deos: trasladarei aqui os tercetos, para que veja a pobreza do vulgo dos Poetas, como aquelles que dezejaõ illuminar o mundo, e fazer ſeu nome eterno, daõ o verdadeiro colorido aos penſamentos:

Deh, pria, ch'il verno queſte chiome aſperga
Di bianca neve, e'l mio naſcente giorno
Chiuda in tenebre eterne il foſco lume.
Dammi, ch'io faccia a tua magion ritorno
Come ſublime augel, che ſpieghi, ed erga
Da vil fango paluſtre al Ciel le piume.

Outro bem notavel exemplo de Poeſia Sagrada, bebida na fonte pura das Eſcrituras, he o ſeguinte lugar no principio de outro Soneto da I. Parte fol. 59, o qual naõ tranſcrevo todo por brevidade:

Signor, da queſto lagrimoſo Egitto
Che d'Idoli, e di Moſtri è ſi fecondo,
E ch'io co'l Nilo del mio pianto inondo,
Sott'aſpro giogo acerbamente afflito.

Oh altiſſimo engenho, quem te enſinou a dizer *lagrimoſo Egitto*, ſenaõ a ſanta liçaõ dos Livros Sagrados?

Outro Poeta, que igualmente podéra tratar eſte aſſumpto com mageſtade, e affectos proprios de contriçaõ, emanada dos conhecimentos dos delictos, e da verdade, e pureza da Religiaõ Catholica, ſeria Luiz Tanſillo, Author do famoſo Poema das lagrimas de S. Pedro. Oh quantos lances, e ternuras de affectos ſe naõ encontraõ neſte excellente Poema! Tudo o que ha de bom na Poeſia Sagrada, e profana, allí ſe vê collocado no ſeu verdadeiro lugar. Os affectos eſtaõ no ſeu ultimo auge; o diſcurſo he todo Chriſtaõ, todo limpo da mais leve mancha de profanidade; annunciado além diſſo com

a mais bella, e grave de toda a dicçaõ Poetica. Os dois ultimos prantos, em os quaes S. Joaõ conta a S. Pedro a Paixaõ de Christo, saõ cheios da maior vehemencia de affectos, que póde em si conceber aquella Poesia, que caminha ao Coraçaõ, e que penetra no mais interior, e no mais vivo d'alma; como se póde vêr na seguinte passagem, que elle faz proferir a N. Senhora vendo a Jesus Christo prégado na Cruz, he no Pranto XIII.

Figlio eterno di Dio, quà giù mandato,
Forza, mente, e saper del tuo gran Padre;
Sangue mio, lume, spirto, e vital fiato,
E vita stessa di tua afflita Madre:
Chi di si chiaro, e si tranquillo stato
Tra procelle m'involve oscure, ed adre?
E qual onda crudel contra noi s'erge
Te di braccio mi toglie, e me sommerge?

Em fim toda a narraçaõ da Paixaõ está expressada com a devida dignidade de pensamentos, affectos, e dicçaõ. Na verdade este Poema he hum dos mais gloriosos monumentos do Idioma Toscano.

Lourenço de Medicis, Pai do Papa Leaõ X. tem duas Odes, ou Cançóes a Jesus Christo, nas quaes se achaõ pensamentos bem cheios de devoçaõ. Achaõ-se mais deste mesmo Author cinco Hymnos em tercia rima a Deos Senhor nosso, bem dignos de estima; hum delles que começa:

Grazie a te sommo, e suberante nume.

he admiravel. Finalmente estes Hymnos saõ taõ bellos, que bem mostraõ, que se o Author intentára compôr huma regular Elegia á Paixaõ, poderia fazer cousa digna de grande apreço, principalmente na parte relativa ao sublime, como se verá do seguinte exemplo do Hymno que principia: *Santo Iddio, padre de ciò ch'il mondo empie.*

Santo, potente più, ch' ogni potenzia:
Santo, la tua bontà vince ogni loda:
Santo sei, e maggior d'ogni eccellenzia.

E do

E do principio do 4.° Hymno:

O da il Sacro Inno tuta la natura,
Oda la terra, e nubilosi e i joschi
Turbini, e piove, che fan l' aere oscura.
Silenzii ombrosi, e solitarii boschi,
Passate venti: udite Cieli il canto,
Perche il creato il creator conoschi.

Francisco de Lemene cantou a Paixaõ de Christo em nove Sonetos, e huma Cançaõ; tem bom, e máo, mui poucas imitações dos Profetas, poucos affectos, e estylo de antithesis, e jogos de palavras, como quem era do tempo do Marino, e seu admirador.

O Conde Rodolfo Campeggi, compoz nove Epigrammas á Paixaõ, todos de mui pouco merecimento, tanto em pensamentos, como em dicçaõ, por ser tambem hum dos imitadores do máo gosto do Cavalleiro Marino.

Pedro Metastazio fez hum pequeno Drama á Paixaõ, o qual em comparaçaõ do bom deste grande Poeta he de mui diminuto merecimento; talvez nascesse isso do descuido, que teve de imitar os Profetas, como imitou no Poema da Morte de Abel, no da Betulia, e muito melhor no Gioas, se bem que neste teve grandissimo soccorro na admiravel Athalia do bom Racine. Em fim depois da sua Tragedia de Justino este he o mais froxo de todos os seus Dramas, e se no fim da II. Parte naõ tivesse a falla de S. Joaõ, taõ cheia de eloquencia sublime dos Profetas, talvez nenhum indicio dera de ser producçaõ de hum taõ grande Poeta.

Outros muitos engenhos de Italia tratáraõ este assumpto, dos quaes naõ trato por naõ avultar em demazia o corpo destas notas.

Varios Poetas em Hespanha escrevéraõ nesta materia, mas todos com pouca dignidade.

Christovaõ de Castelejo, Poeta que floreceu no tempo do Imperador Carlos V., compoz hum Poema, que intitulou: *Hymno a la Cruz*: he traducçaõ livre do Hymno *Vexilla regis prodeunt*, feita em versos de arte menor, que eraõ entaõ os mais conhecidos em Hespanha; porque ainda neste tempo naõ era muito acceito o ende-

endecafyllabo, que Bofcan começava a ufar, e Garcilaffo hia aperfeiçoando; fe bem que outros verfos de arte maior eraõ já mui antigos nella, como fe vê das Obras de Joaõ de Mena, do Cartuxano, e outros. O dito Poema fim he defpido de affectos, mas he abundante de bellezas naturaes de dicçaõ, quanto o permitte a mefquinhez do verfo de oito, em que efte Poeta foi mui feliz, a pezar de Manoel de Faria e Soufa, que naõ lhe foi affeiçoado. Na mefma qualidade de metro tem outro Poema intitulado: *La Invencion de la Cruz*, he obra de maior extençaõ, e de igual merecimento; pofto que de quando em quando envolva o facro com o profano: ambos eftes Poemas fôraõ compoftos em eftylo facil, energico, e defpido de ornato muito ufado naquelles tempos em toda a Hefpanha.

No Cancioneiro Efpiritual do celegre Jorge de Monte-Mór, Portuguez de Naçaõ, que quafi tudo o que efcreveu foi na Lingoa Caftelhana, vem hum pequeno Poema, que tem por titulo: *A la Cruz*, tambem he feito em verfos de arte menor, como os acima mencionados, mas he de nenhum merecimento; tanto em penfamentos, como em frafe nada fe encontra, que annuncie effeitos do Divino influxo. Em o mefmo Cancioneiro vem outro Poema mui largo, e prolixo intitulado: *La Paffion de Chrifto*, tambem em verfos de arte menor. Nefte Poema vai narrando a Paixaõ conforme vem nos Evangelhos, e frequentemente moraliza fobre qualquer ponto, que mais relevante lhe parece; e podendo fazer huma obra, que honraffe a fua piedade, e o idioma em que efcreveu, pois o affumpto o favorecia, fez hum aggregado informe, fem nexo algum, além do pouco cuidado, que teve na efcolha dos penfamentos, deixando correr o feu eftylo com baftante negligencia, acompanhado de jogos, e antithefes bem frias, e pueris. Para fe julgar da pouca gravidade dos penfamentos, de que ufa efte celebre Poeta, podem-fe ler ar feguintes eftanças, que apontára mais fe a brevidade deftas annotações mo permitíra.

Dime

Dime pueblo carnicero
Y tu ley no te aconſeja
Deſde el precepto primero,
Que en la leche de la oveja
No ſe cueza ſu Cordero?
Reſponde, pueblo difunto,
Pues no lo uſas otras vezes,
Porque aora en eſte punto,
Quebrando el precepto cuezes
Oveja, y Cordero junto?
Si la Cruz lo guiſa en ella
Se guiſa como convino,
Y en la ſangre ſe aſſe aquella
De ſu Cordero Divino,
Y el en lagrimas della.
Y tambien vereis trocado
El manjar que nos combida,
Que en lagrimas ſea guiſado,
La madre Virgen cozida,
Y el hijo en la Cruz aſſado.

Muito me tenho admirado, de que ſendo Fr. Luiz de Leon hum taõ notavel Theologo, e Poeta, nutrido com a leitura dos mais celebres engenhos dos Gregos, e Romanos, e que eſcrevendo varias obras de devoçaõ naõ compozeſſe alguma Elegia regular á Paixaõ de Chriſto; nem eu poſſo comprehender como eſte excellente Varaõ, ſendo taõ dotado de engenho, de virtude, e ſciencia, receaſſe conſeguir neſta qualidade de compoſiçaõ. A Elegia he obra, que requer muitos affectos, e eſtes bem collocados, muita elegancia, e pureza de dicçaõ a mais correcta, e caſtigada, e doçura no eſtylo em ſummo gráo. Quem conſegue exprimir os affectos com ſuavidade, quaſi que ſe póde reputar hum homem Divino. Hora a compoſiçaõ de Fr. Luiz de Leon naõ deixa de ſer bem forçada, e dura; que Deos nem ſempre dá com as virtudes, o engenho, e além diſſo, o meſmo Fr. Luiz de Leon fugio quanto poude de compoſiçóes, que pediſſem a viva expoſiçaõ das paixóes, que tocaõ a alma. Motivos foraõ eſtes talvez, que lhe ſerviriaõ de obſtaculo para compôr huma obra deſte cara-

ćter. Eſte Poeta compoz huma Cançaõ a Chriſto Crucificado : he eſte poema quaſi que huma continuada deprecaçaõ a Jeſus Chriſto , e de todas as ſuas obras eſta he aquella , em que menos durezas ſe vêm : com tudo tendo eſte Poeta tanta liçaõ das Eſcrituras , nada imitou a fraſe dos Profetas , que he a fonte aonde ſe deve beber toda a dignidade , e grandeza para os aſſumptos Sagrados ; e naõ tem a cultura , e aſſeio de expreſſaõ , que ſe eſperava de hum taõ ſabio , e ſevero Eſcritor , que na compoſiçaõ de proſa chegava a contar as vogaes , e conſoantes para naõ excederem humas ás outras na ſua juſta proporçaõ.

Entre as farças de Calderon de la Barca , chamadas *Autos Sacramentaes*, julgo , que vem algumas á Paixaõ , ſe me naõ engano ; pois ha muitos annos , que naõ leio couſa alguma deſte Author ; e ſegundo o meu parecer ſeraõ de nenhum merecimento , viſto que eſte farciſta nunca ſe empenhou a compôr com correcçaõ , e emenda , como quem ignorava os preceitos da Arte , e era deſtituhido da liçaõ dos bons modellos da antiguidade , o que contribuhio muito , para que as ſuas obras tenhaõ cahido em geral deſprezo , naõ ſó dos Eſtrangeiros , mas tambem dos ſeus Nacionaes , que por meio de eſtudo , e applicaçaõ ſabem que couſa he Goſto , e eſcrever para todos os ſeculos , e Naçóes.

Os noſſos Engenhos Portuguezes fôraõ ſempre inclinados a tratar aſſumptos Sagrados : naõ fallarei por hora de muitas farças , e Autos compoſtos no tempo antigo em Linguagem Portugueza á Paixaõ , e a outros aſſumptos Sagrados , em os quaes Dramas ſe achaõ muitas bellezas energicas , e elegancias naturaes da indole do noſſo Idioma , além de outras muitas , que os ſeus Authores trasladáraõ da Lingoa Grega , Latina , e Italiana , com que enriquecêraõ a Lingoa Portugueza , e a fizeraõ capaz das mais altas compoſiçóes ; e por naõ eſtender demaſiadamente o proceſſo deſtas notas , tratarei ſómente dos dois mais celebres Engenhos , que compozeraõ Elegias Sagradas , quaes fôraõ o grande Camões , e Bernardes.

Os mais famoſos Poemas , que eſte ultimo compoz neſte

neſte genero, fôraõ tres Elegias, que vem nas ſuas Rimas Sacras. A primeira he aſſaz mediocre; a ſegunda he muito inferior, a terceira he mais abaſtecida de elegancias, e bellezas, mas naõ deixa de ter aſſaz de fraquezas. Tem mais eſte Author cinco Sonetos ás cinco Chagas de Chriſto, os quaes no ſeu genero tem muito mais avantajado merecimento do que as Elegias. O primeiro he bello, o ſegundo menos máo, o terceiro excellente, e mui poetico; o quarto mui mais bello, poetico, e ſublime; o quinto he bom, inda que menos, que os dois ultimos. Nas Elegias naõ ha conveniencia nos penſamentos, e pode-ſe dizer, que nellas ſe vê metrificada a proſa fria, e trivial de muitos livros de devoçaõ, compoſtos por peſſoas mais pias que ſcientes: a dicçaõ he pouco caſtigada, cheia de termos, e fraſes vulgares e plebeias, vicio, que reina muito nas ſuas obras, e de que o cenſurava o bom Ferreira.

Sendo a Elegia, que o grande Camões fez á Paixaõ de Chriſto hum dos mais notaveis Poemas, que tem neſte genero apparecido na Europa, naõ agradou a Manoel de Faria e Souſa, a pezar da idolatria, que a eſte admiravel Engenho conſagrou, e teve razaõ. Eu julgo, que eſta Elegia foi compoſta na mocidade de Luiz de Camões, e que eſte nunca lhe pôde dar a ultima lima: elle a principiou imitando a mencionada da Lamentaçaõ do Sanazaro, e por todo o proceſſo da dita Obra naõ ſe encontra muito daquella compoſiçaõ cheia de magnificencia, e decoro, que reſplendece nas outras obras deſte divino Poeta. As graças do eſtylo, quaſi que ſe vêm contrapezadas de muitos deſcuidos proprios de quem naõ tinha inda o Goſto formado, como ſe deixa vêr do ſeguinte exemplo:

Como, Virgem Senhora, naõ corrieis
A dar as tetas puras ao Cordeiro
Que padecer na Cruz com ſede vieis?
Naõ ſó era eſſe, Senhora, o verdadeiro
Poto, que voſſo Filho deſejava
Morrendo pelo mundo n'um madeiro.

Naõ ſe julgue, que o primeiro terceto claudica por eſtar nelle o termo *teta*, o qual naõ desfalca muito a gravi-

dade do eſtylo, mas ſim pela applicaçaõ forçada do conceito pouco conveniente á grandeza do aſſumpto. No ſegundo terceto além do primeiro verſo ſer aſſaz duro, eſtá a vós *poto*, que o Poeta tirou do Latim ſem grande neceſſidade. Em fim neſta peça naõ poz Camões o ſeu ultimo esforço; que ſe o pozeſſe ſería certamente a melhor compoſiçaõ, que neſte genero conheceria a Europa; porque quem fez a admiravel, e polida parafraſe do Cantico de Daniel, era muito capaz de executar cabalmente eſtoutro aſſumpto, o qual era muito mais proprio do ſeu genio pela elevaçaõ, e grandeza, e ſería hum monumento de gloria para a Lingoa Portugueza.

Alguns julgáraõ ſer eſte meu Poema defeituoſo por naõ fazer mençaõ alguma da Virgem Maria, como praticáraõ os que tem compoſto neſta materia; porém eu attendendo a que toda a compoſiçaõ deve ter unidade de aſſumpto, o deixei de fazer, no que, ſegundo o meu parecer, naõ commetti erro.

(1) *Que os delirios da cega mocidade*: tem ſemelhança com o do Salmiſta no Pſalmo 24: *Delicta juventutis meae, et ignorantias &c.*

(2) *Santo de Syaõ*: Eſte modo de expreſſar he uſual nas Eſcrituras: he como ſe diceſſe, o maior de todos os Santos do Ceo, que he Deos, fonte, e origem de toda a Santidade; como ſe póde vêr no verſiculo do Cap. 10 de Iſaias: *Erit lumen Iſrael in igne, et* Sanctus *ejus in flamma*: Syaõ toma-ſe aquí pelo Ceo conforme o uſo da Eſcritura, que tambem lhe dá muitas vezes a meſma ſignificaçaõ, como ſe vê do Pſalmo 19: *Emittet tibi auxilium de Sancto, et de* Syon *tueatur te.* E do Pſalmo 52: *Quis dabit* ex Syon *Salutare Iſrael.* Tambem ſe póde entender *Santo de Syaõ* por Deos da verdadeira Lei; Deos do povo verdadeiro crente, como ſe patenteia do ſeguinte exemplo do Cap. 12 de Iſaias: *Exulta, et lauda habitatio Syon: quia magnus in medio tui* Sanctus *Iſrael*: e no Cap. 48: *Haec dicit Dominus redemptor tuus* Sanctus *Iſrael.* De todos eſtes exemplos ſe moſtra, que a clauſula Santo he elegancia antiquiſſima dos Livros Santos. Quem quizer vêr mais doutrina a eſte reſpeito, veja o Orador Vieira no Tomo IV. pag. 138 §. 147.

(3)

(3) *Deos forte*: tambem he frase frequentada dos Profetas, como se mostra dos seguintes exemplos: no Psalmo 23 *Dominus fortis et potens*; e no cap. 9. de Isaias: *Deus fortis pater futuri saeculi, princeps pacis*; e no cap. 10. *Reliquiae convertentur, reliquiae, inquam, Jacob ad Deum fortem.*

(4) *Vaso immenso de dons*: he semelhante ao de Isaias, se bem que em sentido diverso, no cap. 13: *Dominus et vasa furoris ejus.*

(5) *Amparo, e norte*: deste modo de fallar temos exemplo em Duarte Nunes de Leaõ, na Chronica do Conde D. Henrique Cap. 3.... » E Livros de Concilios, » de que me ajudei para averiguar muitas cousas pela ra» zaõ dos tempos, que he o *Norte* das historias. »

(6) *Sepultado nas trevas &c.* tambem he elegancia usada nas Sagradas Letras: naõ me lembro por hora onde vì: *sedit in umbra moeroris.* Mas no Psalmo 43 está a seguinte passagem, a qual he rasgo bem admiravel daquella magestosa Poesia, com que o Espirito de Deos fez desatar as lingoas dos seus Profetas: *Quoniam humiliasti nos in loco afflictionis, et cooperuit nos umbra mortis.* Esta ultima clausula he da mesma natureza daquella, de que acima usei.

(7) *Onde, onde &c.* Quasi semelhante a este pensamento he a passagem, que se segue no acima allegado Poema do Bispo Jeronymo Vida, *mihi* fol. 68.

> *Quae tam dira manus? quae tam barbara porro*
> *Gens tantum obtusis sensibus ausa nefas?*
> *Quo ruitis miseri? quis tantus mentibus error*
> *Insidit?*

A repetiçaõ deste adverbio de lugar he mui natural na bocca, de quem está possuhido de indignaçaõ; belleza gentilissimamente usada de Horacio na Ode VII. do Livro V.

> *Quo quo scelesti ruitis?*

Transferio esta elegancia para o nosso Idioma Ferreira na Ode aos Reis Christáos:

> *Onde, onde assi crueis*
> *Correis tam furiosos?*

Quem fizer miuda analyse no modo, e natureza da imitaçaõ, que fiz, de pensamento, e estylo destes tres Poetas,

talvez que ache algum merecimento nella. As imitações devem ſer feitas com liberdade, hora ampliando, hora encurtando o penſamento, ou fraſe, que ſe imita. Na imitaçaõ do primeiro abreviei o penſamento; na dos dois ultimos extendi mais o eſtylo procurando-lhe dar, o mais que pude, toda a força, e energia: de *ſceleſti* de Horacio, fiz *duros miniſtros da maldade*: de *crueis* do Ferreira; fiz o abſtracto *crueza* &c. Eſtas imitações naõ ſe fazem com os Authores á viſta, que iſſo ſeria impraticavel, e obſtaria ao perfeito complemento da boa imitaçaõ, executaõ-ſe ſim por via de reminiſcencia, natural reſultado de eſtudo profundo ſobre os Authores, que podem vir a ſervir de imitaçaõ. O entendimento vê como ao longe eſtas idéas, que ao parecer ſe repreſentaõ informes na fantaſia, ás quaes o enthuſiaſmo dá o ſeu verdadeiro colorido modificando-as de modo, que as faz novas, e lhes communica eſpirito de vida.

(8) *Rei dos Reis*: eſta elegancia taõ nobre, e mageſtoſa, já deſde os tempos antigos agradou tanto, que pelo uſo frequente, que delle fizeraõ bons, e máos Eſcritores, ſe fez mui trivial em todas as Lingoas, mas o bom ſempre ſerá de todas as idades. Torcato Taſſo no Soneto acima allegado, na IV. Parte das ſuas Rimas uſa della dizendo:

Ch'il Rè de i Regi, il qual creò le ſtelle.

Joaõ Baptiſta Rouſſeau, principia a Ode X. do Livro I. das Odes:

Paroiſſez Roi des Rois.

Que he quaſi o meſmo penſamento. Bernardes começa a ſua primeira Elegia com eſta elegancia:

Aqui oh Rei dos Reis, onde vos vejo.

Eu julgo, que colloquei eſta clauſula em o ſeu lugar competente, e que em nada pequei contra o decoro, e gravidade da materia, uſando della. Voltaire no ultimo Canto da *Henriade* duas vezes uſa deſta elegancia no fim do dito Cant. v. 416.

(9) *Cordeiro de Deos*: ſaõ palavras, que o Baptiſta diſſe vendo Jeſus Chriſto caminhar para elle, como ſe vê no Cap. 1.º do Evangelho de S. Joaõ: *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccata mundi.* Eſta elegancia he antiquiſ-

ſima

ſima nas Lingoas vivas. Dante que viveu pelos tempos do noſſo Rei D. Pedro Crú, já ſe ſervio della, e talvez que elle foſſe o primeiro, que a trouxe para o Idioma Toſcano. A paſſagem he no Capitulto XVI. do Purgatorio.

E ſentia voci, e ciaſcuna pareva
Pregar per pace, e per miſericordia
L'agnel di Dio, che le peccata leva.

Franciſco Maria Molza, excellente Poeta Italiano, contemporaneo de Anibal Caro, e de Pedro Bembo, principia hum Soneto com eſta elegancia:

Agno puro di Dio &c.

Os noſſos Engenhos naõ andáraõ muito remiſſos em a trazer para o Idioma Portuguez. Ferreira na Ecloga ao Natal uſou deſta clauſula, ampliando o imitado (veja-ſe a nota 7.ª) deſta maneira:

Vem Cordeiro de Deos, vem nos lavar
Com teu ſangue innocente, e os maos enganos
Do falſo mundo vem deſenganar.

Diogo Bernardes na II. Elegia a Jeſus Chriſto, tambem della ſe ſervio deſte modo:

Ah Cordeiro ſem magoa, em noos que viſte?

Note-ſe de paſſagem o ſentido, em que tomou a palavra *magoa*, que he mui diverſo da ſignificaçaõ, que lhe dá a cultura moderna, a qual talvez naõ julgue, que na accepçaõ, em que ao preſente ſe toma este termo, he tranſlativamente. Se olharmos para a etymologia, claro veremos, que grande parte dos Eſcritores antigos Portuguezes uſáraõ deste termo na ſua oriunda, e originaria ſignificaçaõ, e quanto mais antigos, mais o uſavaõ. He pois *magoa* a voz Latina *macula* por ſyncope, de ſorte que magoa, e macula ſaõ termos ſynonymos na fraſe dos noſſos antigos, como poderá vêr-ſe na traducçaõ da Bulla de diſpenſa para ElRei D. Joaõ I. poder caſar, a qual traz Fernaõ Lopes na ſua Chronica, e em outros muitos lugares. Gomes Eannes tambem póde fornecer muitos exemplos, Garcia de Reſende, Bernardim Ribeiro, Jorge Ferreira, e muitos, de modo que temos em o noſſo Idioma o termo *macula*, que he Latino ſem alteraçaõ alguma, e o termo *magoa* ſyncopado, o que ajuda a varie-

variedade no eſtylo, por iſſo meſmo que enriquece a Lingoa; e ſe eſta ſignificaçaõ ſe acha ao preſente eſquecida, devêra ſer reſuſcitada por aquelles, que hoje em dia procuraõ eſcrever com pureza, e elegancia, revendicando huma belleza, que anda alienada da noſſa Linguagem moderna pela ignorancia, a qual belleza tem grande affinidade com o Idioma, e póde tornar a entrar nelle, ſem deſcompôr por via alguma o ſyſtema da Lingoa Portugueza. Em o lugar acima tranſcrito de Camões ſe achará outro exemplo da fraſe, que deu motivo a eſta nota.

(10) *Deos vivo*: He clauſula mui uſada no Teſtamento novo. Em o Cap. 11 do Evangelho de S. Joaõ, diz Martha a Chriſto . . . *ego credo, quia es Chriſtus filius* Dei vivi. Jorge de Monte-Mór na parafraſe do Pſalmo *ſuper flumina Babylonis*, diz:

Y deſtruydo el Templo de Dios vivo.

Racine na II. Scena do II. Acto da Athalia:

Viens tu du Dieu vivant *braver la Majeſté.*

Camões na Elegia á Paixaõ de Chriſto:

As Santiſſimas barbas de Deos vivo.

Voltaire Henriade. Cant. X. verſ. 374, e 391.

Helás! du Dieu vivant c'eſt la brillante image...;
Soldats du Dieu vivant . . .

(11) *Flagellado*: participio grave, e poetico, uſado por Camões na ſobredita Elegia:

De açoutes vigoroſos flagellado.

(12) *Sancto dos Sanctos*: *Sancta*, *Sanctorum*, julgo que era o lugar do Templo mais recondito, onde Deos proferia os ſeus Oraculos, ou onde eſtava a Arca com as Taboas da Lei. Eſte modo de fallar he antigo em o noſſo Idioma. Ruy de Pina no Cap. 10 da Chronica de ElRei D. Sancho I.: *Oh Deos* Santo dos Santos, *Eterno, e todo Poderoſo.*

(13) *De quem o Ceo a gloria narra, e canta*: Coeli enarrant *gloriam Dei*: diz o Salmiſta no Pſalmo 18.

Angelo de Coſtanzo:

. . . . *Che i* Cieli
Narran *del gran Fattor la gloria vera.*

Eis-aquí como o grande traductor moderno Mattei, traduz a ſobredita paſſagem:

Par

Par che gli eterei chiostri, e fiammeggianti
Risonin delle glorie
Del nostro Dio.

Origenes Liv. IV. contra Celso, e Liv. I. de Princip. Cap. 7. S. Agost. *Enchiridion* Cap. 58, e Liv. II. *de Gener. ad Litt.* Cap. 28. S. Ambrosio Epist. 21, e outros Padres antigos mostraõ allí as opiniões de quem crê, que os Ceos saõ animados, o que se conformava com a Filosofia Platonica. Estas opiniões ao presente naõ tem sequito. Errará por acaso quem disser, que a formosura, e o prodigio do movimento dos Orbes Celestes saõ hum testemunho da grandeza, e do poder de Deos, e por consequencia narraõ, publicaõ, e acclamaõ a gloria do supremo Architecto?

(14) *Sancto Abel*: Aos Theologos pertence demonstrar, que a morte de Abel commettida por Caim seu Irmaõ, era huma representaçaõ symbolica da morte do Filho de Deos pelos peccados dos homens, a qual naõ tem muito de difficil, visto ser de per si mui clara, e patente. No Cathecismo Romano fol. 35 da antiga ediçaõ vem esta exposiçaõ em breves palavras.

(15) *Ferreos cravos*: Todas as rimas, que destas dependem neste lugar saõ proprias, e naturaes; porque conservaõ sempre as suas figurativas: naõ me lembro de as ter visto em Poeta algum empregadas deste modo.

(16) *Pés, e mãos lhe traspassaõ*: Quasi semelhante a isto he o seguinte versiculo do Psalmo 21, onde mui claramente se vê profetizada a Paixaõ de Christo: *Foderunt manus meas, et pedes meos.* Tansillo no Pranto XII. das Lagrimas de S. Pedro:

Mani, e piè gli trafisser d'aspri chiodi.

Jorge de Monte-Mór no Poema da Paixaõ de Christo fol. 113 do Cancioneiro Espiritual:

Pies y manos le enclavaron.

(17) *Em mim, em mim &c.*: Marco Jeronymo Vida no Poema allegado:

Me *potius*, me me *qui feci hoc pendite ligno*:

mihi fol. 68. Tambem me encontrei com o P. Rapin no Poema de Christo Paciente vers. 426.

(18) *O Concelho dos máos*, he imitaçaõ do principio do

do 1.° Pſalmo : *Beatus vir qui non abiit* in concilium impiorum. Fr. Luiz de Leon na traducçaõ deſte Pſalmo aſſim ſe exprimio :

Es bien aventurado
Varon el que en concilio malicioſo
No anduvo deſcuidado.

Lourenço de Medicis na traducçaõ , que deſte meſmo Pſalmo fez :

Beato chi nel concilio
Non và degl' impii *&c.*

(19) *Cheio do fumo vaõ* , *&c.* Parece que ſe aſſemelha ao do Pſalmo 25. *Non ſedi cum concilio vanitatis.*

(20) *Na Cadeira da peſte do peccado* : Pſalmo 1.° *In Cathedra peſtilentiae non ſedit* : Fr. Luiz de Leon na mencionada traducçaõ :

Y huye de la ſilla
De los que mofan la virtud , *y al bueno.*

Lourenço de Medicis no meſmo lugar :

Ne ſiedi nella ſedia peſtilente.

Semelhante a eſte modo de fallar ſe vê o ſeguinte no 1.° Capitulo das Decadas de Joaõ de Barros : » Primeiro que » por elles (Arabios) caſtigaſſe (Deos) a Eſpanha , os quiz » caſtigar na ſua hereſia , accendendo entre elles hum fogo » de competencia ſobre quem ſe aſſentaria *na Cadeira do* » *Pontificado da ſua abominaçam.* » Vieira no Sermaõ de Santa Catharina Tom. III. fol. 286 *na Cadeira da peſte.*

(21) *Pela via dos cegos peccadores* : he do dito Pſalmo. *Et in via peccatorum* , *&c.* Fr. Luiz de Leon na traducçaõ dita :

Ni el paſſo pereçoſo
Detuvo del camino peligroſo.

Lourenço de Medicis :

. . . . . . *E nella via molto patente*
De' peccatori il piè non ferma ò ſtà.

Vieira Sermaõ de Santa Catharina Tom. III. fol. 286 *O Caminho dos Peccadores.*

(22) *Lago da perdiçaõ* : Eſta elegancia tem ſemelhança com eſta do Pſalmo 39 verſ. 2. *Eduxit me de lacu miſeriae.* He elegancia , ou idiotiſmo Hebraico como adverte Mattei.

(23) *Arvore plantada* : Pſalmo 1.° *Et erit tanquam lignum quod plantatum eſt ſecus decurſus aquarum.* Fr. Luiz de Leon no lugar citado :

Serà qual verde planta
Que à las corrientes aguas aſſentada ,
Al Cielo ſe levanta.

Vieira Tom. V. §. 264. » Será como a arvore nova , e » tenra plantada junto ás correntes das agoas , a qual da» rá o fruto a ſeu tempo. » Lourenço de Medicis *ibi* :

Sia come pianta , ch'al'acque é vicina.

Para ſe vêr de quanto he capaz o Idioma Portuguez , coreje-ſe eſta imitaçaõ , a qual eſtá bem litteral , á ſeguinte traducçaõ do moderno Mattei , e julgue-ſe qual dellas eſtá mais amena :

E ſarà qual arboſcello
Sulle ſponde d'un ruſcello ,
Che piantò l'induſtre mano
Dell'accorto agricultor.

(24) *De pomos ſalutiferos* : Pſalmo citado : *Quod fructum ſuum dabit in tempore ſuo.* Fr. Luiz de Leon :

Con fruta ſaſonada
De hermoſas hojas ſiempre coronada.

Lourenço de Medicis :

Suoi frutti nel ſuo tempo naſceranno.

Ponderem os que de novo ſe applicaõ aos eſtudos amenos , a variedade deſtas imitações , e o modo com que fôraõ feitas , hora encurtando , hora ampliando o imitado. O Juiz deſapaixonado depois de ter pezado com a mais pura , e ſevera critica as bellezas de todas as imitações dos dois Poetas Italiano , e Caſtelhano , fazendo depois diſſo combinaçaõ , e paralello com as elegancias , que nas minhas ſe acharem , claramente verá , que a Lingoagem Portugueza em nada cede aos melhores Idiomas da Europa , e he capaz de expreſſar todas as mais notaveis elegancias das outras Lingoas ; o que em parte ſe patenteia neſtas elegancias , que imitei dos Profetas , as quaes ſe naõ deshonraõ o Idioma , antes lhe accreſcentaõ novo eſplendor , á natureza da noſſa Lingoa ſe deve attribuir eſta prerogativa , e naõ á felicidade do meu engenho. Pondere-ſe a força do epitheto *ſalutifero* , e o enfaſi , e

relações, que em ſi contém. A arvore plantada junto da corrente he o Varaõ juſto, que nutrido do puriſſimo liquor das Divinas Sciencias, deve empregar os ſeus talentos em produzir fructos ſalutiferos, iſto he diſcurſos, e obras exemplares, que perſuadaõ o mundano a entrar no caminho da Saude eterna.

(25) *Vital eſpirito*: tambem Tanſillo na Eſtança acima transferita no Pranto XIII. das Lagrimas de S. Pedro uſa deſta elegancia: *vital fiato.*

(26) *Juſto de Iſrael*: quaſi como o de Iſaias no cap. 10. verſ. 17: *Et erit lumen Iſrael in igne, et Sanctus ejus in flamma.*

(27) O P. Rapin no Poema de Chriſto Paciente expoem eſta imagem por partes; o que faz a ſua pintura mui difuſa, e menos ſublime: veja-ſe o dito verſ. 605.

(28) Eſte Poema tem lançes taõ cheios de mageſtade, e affectos taõ ſuperiores ás minhas forças, que eu naõ poſſo crer ſenaõ, que a graça de Deos naõ olhando para as minhas impurezas, foi quem mos inſpirou. Conheçaõ os que tem os aſſumptos Sagrados por eſtereis, que longe de o ſerem, elles ſaõ os que mais podem fazer reſplendecer o engenho: Camões na ſua admiravel parafraſe do Cantico de Daniel nos dá exemplo da ſublime elegancia *ſumma alteza*, dizendo:

Alli veraa tam profundo
Myſterio na ſumma alteza &c.

E no Canto VI. da Luſiada:

Nam foi do Rei Duarte tam ditoſo
O tempo que ficou na ſumma alteza.

(29) *Por nós deſceſte á humillima baixeza*: Ferreira na Elegia a Santa Maria Magdalena:

. . . . *A certa gloria*
No moor deſprezo poſta, *moor* baixeza.

(30) *Bemdito ſeja Deos*: Eſta tranſiçaõ he, no meu conceito, o melhor lançe deſte Poema, e a natureza do diſcurſo aſſim o pedia: eu naõ ſei para onde o engenho humano poderia paſſar a naõ ſer para aqui. A Igreja tambem ſe conduzio do meſmo modo nos Officios da Paixaõ; porque era natural, que depois de

vêr

vêr consummada a ineffavel obra da Redempçaõ do mundo, e ponderando o amor, e a liberalidade, com que o Filho de Deos deu a vida por salvar o peccador, convertesse as suas lamentações em louvores da Omnipotencia, do amor, e charidade infinita, com que salvou o genero humano do naufragio da culpa. Esse foi o motivo porque traduzi, ou para melhor dizer, imitei livremente o Cantico de Zacharias, que vem no primeiro Capitulo do Evangelho de S. Lucas. E por quanto eu sei, que houve quem se naõ contentou muito desta expressaõ *bemdito seja Deos*, talvez por ser muito usada de todos, eu naõ pude expressar melhor, e se isso póde ser, digase-me, que humildemente lho agradecerei. O bom, ainda que seja trivial, naõ perde a sua natureza, mórmente naõ havendo Synonymo, parafrase, ou rodeio, que com energia, e perspicuidade annuncie com igual simplicidade o pensamento: examinemos a frase por partes. *Bemdito seja Deos*, ou *Bemdito o Senhor seja*, he versaõ natural, e legitima das palavras do principio do Cantico *Benedictus Dominus Deus*: o monosyllabo *bem* junto com o participio *dito* naõ tem em si impropriedade, nem baixeza alguma, que forme indecencia num todo grave, e magestoso; o imperativo *seja*, tem a mesma natureza. Em fim, eu tenho empregado toda a minha sagacidade para descobrir algum defeito nesta expressaõ, e naõ me he possivel encontrallo. Camões em o Soneto VII. se servio de huma frase da mesma natureza, a qual nunca até ao presente foi censurada de impropria, ou baixa; he pois a que se segue:

Louvado seja Amor em meu tormento.

Eu naõ sube dizer melhor, e se a expressaõ for tida por humilde, ao menos he pura, e em nada mancha a candura do Idioma. Este Cantico he conhecido de todos, por isso me naõ cançarei em transcrever senaõ alguma passagem mais notavel. Faça quem quizer as combinações, que lhe parecer, e advirto, que eu imitei livremente servindo-me do que melhor convinha ao meu assumpto.

(31) *E sobre a torre excelsa de Siaõ*: elegancia do Psalmo 47: *Circumdate Sion... narrate in turribus ejus*:

a qual transferio para a Lingoagem Portugueza o divino Camões na já mencionada parafrase:

Senhor e gram Capitam
Da alta torre de Siam.

Note-se a liberdade da imitaçaõ, e juntamente o quanto se approxima ao texto: *Et erexit cornu salutis nobis: in domo David pueri sui.*

(32) *Como nos prometteu*: neste ramo do Psalmo segui o pensamento, e naõ o estylo, por o naõ achar taõ accommodado á natureza da Lingoa. A liberdade licita da imitaçaõ faz tambem, que o traslado pareça naõ tal, mas sim huma composiçaõ propria, original, e analoga ao Idioma, em que he escrita.

(33) *Em nossas afflicções*, &c. Como os tres tercetos anteriores a este contém mais força de doutrina, que viveza de expressaõ, para dar algum resplendor a esta passagem introduzi este terceto, cujo pensamento configura com o corpo do Cantico.

(34) *Santissimo Holocausto*: Tansillo, lagrimas de S. Pedro, Pranto XII.

Al Santo, e (in quanto a lor) crudo holocausto.

Fr. Heitor Pinto, Dialogo da Tranquillidade da vida. Cap. 9. » Finalmente os que lhe fazem de si *holocausto*, » e perpetuo sacrificio. »

(35) *Que humildes adoramos*: parece, que se deveria dizer: *A quem humildes adoramos* em dativo de proveito, ou de cousa a que outra se dirige; mas eu antes quiz, que assim ficasse; porque além de muitos exemplos, que se podem allegar de Authores classicos, a liberdade na composiçaõ tambem mo persuadio; fallo daquella liberdade louvavel, que transgride algumas vezes a ordem Grammatical para mais belleza. No Cathecismo Romano fol. 18. vem hum exemplo bem conforme a este modo de expressar: » Porque além dos Ceos, que o Profeta cha» mou obra de seus dedos: » Parece, que a verdadeira ordem Grammatical pedia dizer: » Porque além dos Ceos » *a quem* o Profeta chamou &c. » Tambem Camões, no Canto IV. da Lusiada tem outra construcçaõ da mesma natureza, a saber:

Nam

Nam foi do Rei Duarte tam ditoso
O tempo, que ficou na summa alteza.

Parece, que tambem devéra dizer: *O tempo, em que ficou &c.* Em fim, eu bem podéra dizer:

A Deos, a quem humildes adoramos. &c.

Porém a pezar do defeito agrada-me mais o primeiro. Outro exemplo se acha na Est. 10. das Oitavas de Camões a D. Antonio de Noronha, que decide tudo por ser a mesma construcçaõ do verbo adorar:

O gram favor do Rei, que serve, e adora.

(36) *Ante a face*: Ruy de Pina, Chronica de D. Sancho I. Cap. 10. » Nem durem mais *ante a nossa &c.*

(37) *Sem nodoa n'alma, ou macula nefanda*: os nossos antigos quasi sempre diziaõ *noda*, e assim devêra ser, visto ser o termo Latino *nota* mudado o *t* em *d*, costume antigo nos que formáraõ o Idioma, os quaes convertiaõ as consoantes asperas, em outras de mais suave pronunciaçaõ, que a ellas correspondessem, como se observa neste vocabulo, do qual temos exemplo na admiravel Ode VI. de Camões.

Pode hum dezejo immenso
Arder no peito tanto,
Que aa branda, e aa viva alma o fogo intenso
Lhe gaste as nodas *do terreno manto.*

(38) *Visaõ Celeste*: esta expressaõ tem mais de tres seculos de antiguidade na Lingoa Portugueza, como se póde vêr do seguinte exemplo tirado da Dedicatoria do Livro de Devoçaõ, que compoz a Infante D. Filippa, Filha do famoso Infante D. Pedro, Filho d'ElRei D. Joaõ I. . . . . . » e arce de minha alma memoria por amor » de nosso Senhor Deos, a quem plaza conservar nosso bem » viver santamente a melhor o esforçando, que mereçaes » em a fim aver alegremente sua *vison bemaventurada.* » Em a Cançaõ V. da Collecçaõ das Poesias feitas á Canonizaçaõ de Santa Isabel no anno de 1626 vem a mesma elegancia:

E de te ver gozar, oh alma, socego
Da visaõ pura os Anjos se alegráraõ.

(39) *Amor terreste*: já disse, que os creadores do nosso

ſo Idioma amáraõ mudar as conſoantes aſperas em outras de melhor ſom; porém neſte fôraõ mais as vezes, que conſervàraõ o *r* dizendo *terreſtre*, como o Latino, do que tirando-lho, fazendo *terreſte*, eſte quaſi, que ſe deve reputar corruptella, do qual uſou Camões, ainda ſem ſer por neceſſidade, no Canto VII. da Luſiada:

Guardalhe por em tanto hum falſo Rei
A Cidade Hieroſolima terreſte,
Em quanto elle naõ guarda a Santa Lei,
Da Cidade Hieroſolima Celeſte.

Tambem Barros lhe dá a meſma deſinencia no Cap. 1.° da Decada IX. » Couſa mais imaginada como ponto Ce« leſte para computaçam mathematica, que verdadeira pa» ra ſituaçam *do Orbe terreſte.* »

(40) Aqui entra a imitaçaõ do Pſalmo penitencial, *Miſerere.* Depois de muitas reflexões ſobre o Santo Myſterio da Redempçaõ, julgou a Igreja como effeito natural, que a alma tocada de contriçaõ prorrompeſſe em prantos de dôr, e pezar de culpas comettidas. Eſte Pſalmo he a peça mais difficil de traduzir-ſe, e imitar-ſe com belleza, e dignidade, que tenho encontrado: na imitaçaõ, que delle fiz, obrei mais livremente do que no precedente Cantico, tomando para o meu aſſumpto, o que era mais analogo á contriçaõ de hum peccador da Lei da Graça; hora antepondo, hora poſpondo varios ramos delle, ſegundo me fez feiçaõ para melhor diſpôr o plano da minha compoſiçaõ: em fim obrei como permittio a pobreza do meu engenho. Eu nunca vî eſte Pſalmo bem traduzido regularmente. Muito perdemos em naõ poder o grande Camões fazello como intentava, pois he provavel, que aquelle admiravel Engenho poderia applanar, e vencer todos os obſtaculos, que niſſo encontraiſſe. Jorge de Monte-Mór vendo a difficuldade, que havia em o traduzir, fez delle huma parafraſe, compondo ſobre cada verſo do texto huma homilia longa, e faſtidioſa, em verſo endecaſyllabo, e para mais augmentar o tedio, naõ he rimado. Fr. Luiz de Leon, vendo tambem a meſma impoſſibilidade, fez huma gloſa, em que expoem cada verſo do texto em treze Caſtelhanos, e nelles muitas das ſuas coſtumadas durezas. Naõ tranſcreverei as paſſagens

deſtes

deſtes Poetas com quem concorri; porque ſaõ mui extenças, e algumas nada indicaõ a fonte donde dimanaõ, principalmente na expreſſaõ: *Tem de mim compaixaõ*: em todo eſte Poema, he eſte verſo, o que menos notados tem os ſeus accentos. Fr. Luiz de Leon, que mais que Jorge de Monte-Môr ſe chegou ao texto, traduzio eſte primeiro verſo do modo, que ſe ſegue; e por eſte ſe julgue o mais:

Dulciſſimo Dios mio,
Cuya clemencia immenſa
Yà màs faltò al que a ti ſe ha convertido,
Pues ſolo en ti confio
Perdoname la offenſa;
Que contra ti, Dios mio, hey comettido.
Y aſi como ella ha ſido
Tan grande, e comettida
Contra divina eſſencia;
Aſſi ſea la clemencia
Tambien, Senhor, muy grande, e muy cumplida;
Porque ſea perdonado
Con gran miſericordia un gran peccado.

Na verdade he demaziada a extenſaõ da parafraſe, além de ſer deſtituhida de eſtylo: tambem o manejo da Rima he bem defeituoſo.

(41) *Me purga, e lava*: expreſſaõ ſemelhante á de Fernaõ Lopes antigo Hiſtoriador Portuguez, no Cap. 162 na I. Parte da Chronica d'ElRei D. Joaõ I., a ſaber: » Oh mui nobre Cidade de Lisboa, vida, e coraçam » deſte Reino, purgada de todas as fezes em o fogo » da lialdade. » Quem ha dos modernos, que aſſim eſcreva com mais elegancia, e ornato? Eſte Author eſcrevia ha quaſi quatro ſeculos. Camões na Elegia á Paixaõ de Chriſto:

Deſſa fonte Sagrada, e peito Santo
Me alcançai huma gota, com que lave
A culpa que me agrava, *e peza tanto.*

O verbo *aggravar*, que vem neſte ultimo terceto, ſerve de exemplo ao expreſſado anterior:

Apaga a culpa má, que em mim ſe aggrava.

(42) Do verbo *contaminar* ſe acharáõ muitos exemplos

plos em os nossos Authores, principalmente em Fr. Heytor Pinto: do verbo *depravar* temos exemplo no fim do Canto VIII. da Lusiada de Camões, e com a mesma qualidade de Syntaxe:

Este deprava *aas vezes as sciencias.*

(43) Parece, que se naõ esperava por este membro: he artificio de construcçaõ para variar o tom uniforme da Syntaxe, que até aqui vinha dominando o periodo. Do epitheto *mundanal*, temos exemplo em Fernaõ Lopes, Chronica d'ElRei D. Joaõ I. Part. I. Cap. 1. « E tal favo» reza como esta nace de *mundanal* affeiçaõ. » E no mesmo Capitulo: » esta *mundanal* affeiçaõ fez alguns Histo» riadores, &c. » Bom seria, que este epitheto se fosse pondo em uso; porque além de ser muito expressivo, e de som mui aberto proprio para o sublime, augmenta a variedade no estylo, e por consequencia coopera para a riqueza do Idioma.

(44) *Summo Rei*: elegancia muito do uso dos nossos Escritores mysticos. Camões na sobredita Elegia:

Eu, Senhor, sou ladraõ, tu summo Rei.

(45) *Santo orvalho da celeste graça*: verso que infunde devoçaõ: julgo, que a expressaõ he viva, e talvez nova na Poesia: nelle se exprime o que se manifesta nas palavras do texto: *Asperges me hyssopo* em frase taõ intelligivel a nós, quanto o deixaria de ser se fosse encostada á letra, cuja annunciaçaõ parece mais relativa ao fysico, do que ao moral, a que unica, e poeticamente se refere a nossa. Este modo de fallar he muito proprio do nosso Idioma, como em Fr. Heytor Pinto, em Fr. Luiz de Sousa, na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres Liv. I. cap. 607. no fim; e no Sermaõ do Nascimento da Mãi de Deos do grande Vieira Tom. VII. pag. 159 » Como Sol entre nuvens, as quaes porém de» satadas em orvalho, e chuva de beneficios &c. »

(46) *E mais que branca &c.* Tambem este verso he para mim veracissimo argumento, de que os assumptos Sagrados saõ capazes de toda a belleza de pensamento, e estylo. Havendo trabalhado tantos Engenhos na traducçaõ deste Psalmo, a nenhum lembrou huma expressaõ taõ energica, e culta como esta. He certo, que a celebri-

lebridade de Jorge de Monte-Mór, e de Fr. Luiz de Leon nunca padeceu desar. Elles fôraõ sempre reputados pelos dois mais resplendecentes lumes do seu Idioma; hora pois vejamos, como estes grandes favorecidos das Musas exprimíraõ este pensamento. Seja o primeiro Jorge de Monte-Mór no lugar citado:

Y quando con esta agoa me lavare
Màs blanco quedarè, que nò la nieve.

Fr. Luiz de Leon, em a dita parafrase:

Lava mi alma con ella,
Y verseha màs que nieve blanca y bella.

Ambos expoem, e glosaõ a expressaõ *asperges me hyssopo*, que era huma herva, com que os Summos Sacerdotes curavaõ os leprosos. A' vista destas passagens, e á vista do texto combine-se, e peze-se a qualidade da minha imitaçaõ, e talvez que se julgue, que accrescentei nesta parte algum resplendor ao nosso Idioma.

(47) Este verso tem o mesmo conceito, e quasi que o mesmo estylo, que outro, que adiante fica:

Como me naõ desfaço em tristes prantos.

Todo o Escritor tem affeiçaõ a certas formulas de expressar, que repete sem querer, como vemos em Homero, em Virgilio, Milton, e outros: quantas vezes naõ repetio Camões:

O coraçam presago nunca mente?

Estas semelhanças de exprimir saõ verdadeiros indices dos estylos, como mais largamente expuz em huma das annotações, que fiz a outro Poema, onde de passagem confuto hum dito de *Escaligero* na sua Poetica a respeito do estylo de Tibullo.

(48) Este verso quasi he o mesmo, que outro de Camões na Ode VI.:

Lhe gaste as nodas do terreno manto.

(49) *Voz em grito* he expressaõ Ferreiriana, cujo exemplo vem na Elegia do *Amor fugido de Moscho*:

. . . . a triste sua
Mãi, e cativa Venus, voz em grito.

Tambem da mesma frase usou Fr. Luiz de Sousa na *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.* Tom. II. Liv. IV., o qual lugar vem na traducçaõ de Longino fol. 154.

(50) *Cá deste escuro abismo de tristeza* : verdade bem a meu pezar de mim sentida desde que me entendo.

(51) *Templo de pureza* : exemplo desta elegancia, o seguinte do Cathecismo Romano fol. 352 da Edicçaõ antiga : » tornem a cobrar a santidade, que dantes tinhaõ, » e se façaõ pura, e santa morada, e templo de Deos. » Vieir. Tom. III. pag. 308. » A alma nestes santos dias » ha de fazer do coraçaõ hum Monte Calvario, levan- » tar nelle hum Christo Crucificado, e pôr-se desta manei- » ra a contemplar suas dôres. »

(52) *Oblações* : do termo oblaçaõ, que he o Latino *oblatio*, temos exemplo em Joaõ de Barros, no Cap. 2.° do Liv. VIII. da Decada I : » Porta por onde elle (D. Manoel Rei de Portugal) esperava em Deos, que « estes seus Vassallos entrassem na casa da abominaçam, » e nella levantassem altar para offerecer *oblaçam* a Deos.

ELE-

ELEGIA XIII.

Filis mais branca, e pura, que a açucena,
Mui mais gentil, do que a vermelha rosa
Regada da corrente alva, e serena.

Filis, luz dos meus olhos mais formosa,
Que a Aurora nas manhans do fresco Abril,
Mais que as estrellas bella, e graciosa.

Angelica belleza, alma gentil,
De costumes purissimos ornada,
Assento amavel de virtudes mil.

Ouve o meu pranto, oh Nynfa delicada,
Consente, que penetre no teu peito
O triste som da minha voz cançada.

Ah! se ao jugo de Amor vivo sujeito,
Elle naõ foi quem me venceu, mas fôraõ
Teus olhos divinäes, teu lindo aspeito. (1)

Quantas vezes te vêm, tantas te adoraõ
Estes meus já de todo consumidos
Do pranto, que por ti continuo choraõ.

Em que peccáraõ elles, se embebidos
Ficáraõ em taõ rara formosura, (2)
Quasi como sem alma, e sem sentidos?

Naõ devêraõ chegar a tanta altura,
Sim, oh Nynfa, confesso; mas Amor
Azas lhes deu, senaõ lhes deu ventura. (3)

E por isso huma dôr traz outra dôr,
Bem como as ondas, sobre mim se lança,
Exercitando em mim o seu furor.

Que Amor de atormentar-me naõ descança;
Seu odio contra mim mais se enfurece,
Nem com gritos, ou lagrimas se amansa.

Porém se em ti, oh gentil Nynfa, houvesse
Hum momento se quer de bem querer-me,
Fico-te, que de nada em fim me desse.

Bem poderia usar para offender-me
O vingativo Deos de força, e de arte;
Naõ me acharia descuidado, e inerme.

Naõ queiras, Dama, pois dura mostrar-te
Contra quem mais que a propria vida te ama;
Oh naõ queiras ás feras igualar-te.

Se assim tratas a quem por ti se inflamma
No mais intenso amor, ah! que farás
A quem mal te fizer, oh linda Dama?

A minha alma a teus pés rendida jaz:
Vale-lhe, oh Nynfa mais que o Sol formosa,
Que Amor com puro amor se satisfaz.

Tu para me dar vida es poderosa,
Tu, se a livras de hum taõ cruel tormento,
A farás para sempre venturosa.

Naõ póde haver maior contentamento
Do que fazer feliz hum desgraçado, (4)
Que naõ deixou de o ser hum só momento.

Tu o podes fazer c'um leve agrado;
C'um brando mover de olhos piedoſos
Me tirarás de meu humilde eſtado.

Em cantos de alegria deleitoſos
Convertidos verás com gloria tua
Meus triſtes ais, meus prantos laſtimoſos.

Farás com que de todo naõ deſtrua
Meu cruel accidente eſta alma, e vida,
Que ſó em te adorar ſó cança, e ſua. (5)

De chorar tenho a voz enrouquecida;
Mas em virtude do teu lindo geſto
De novo cantarei em voz ſubida.

Farei ao mundo todo manifeſto
O teu ſemblante angelico, e divino,
A alegria gentil do riſo honeſto:

Os olhos, por quem cego, e deſatino,
As creſpas tranças de oiro, a neve pura
Do collo de alabaſtro cryſtallino.

Da bella alma a puriſſima candura,
De dons celeſtes mil caſto apoſento,
A cortezia, a graça, a formoſura...

Mas adonde me leva o penſamento!
Triſte! que em ſó pintar na fantaſia (6)
Mil fantaſticos goſtos me contento,
Sem vêr hum ſó inſtante de alegria.

NO-

NOTAS.

ESTA Elegia he a primeira, que fiz, creio naõ teria mais de dez annos, foi no em que morrêraõ os Fidalgos criminados de conjuraçaõ contra o Senhor Rei D. Josê. E como forçosamente havia de ter muitas negligencias de estylo por ser producçaõ de tal idade, a emendei de muitas faltas de grammatica, e de lingoagem, que tinha; de muitos pensamentos extravagantes, e affectados, como quem estava privado da solida liçaõ dos bons antigos, a quem devo tudo; e a revesti, quanto me foi possivel, da simplicidade Tibulliana: cortei-lhe sete tercetos do fim, e dos vinte e cinco, que lhe restaõ, nove fôraõ absolutamente novos em lugar de outros, que me naõ parecêraõ de modo nenhum toleraveis.

(1) *Teus olhos divinaes, teu lindo aspeito*: este verso, assim como todo o terceto, he hum dos antigos deste Poema, que deixei intacto, por me parecer exprimia com energia, e simplicidade o conceito; posto que a palavra *aspeito* o faça pouco culto, por ser inflexaõ antiquada; mas julgo que toda a palavra, por antiquada que seja, póde ter seu lugar, sendo manejada por maõ habil, ainda que eu por tal me naõ julgue: com tudo pareceu-me bem deixalla, e se parecer mal a quem a ler perdoe-me esse defeito, e attenda-se á idade em que esta Elegia foi feita.

(2) Eu quiz deixar este verso, que he hum dos antigos, por exprimir com singelleza o sentido, posto que seja algum tanto debil. A Elegia naõ requer modos de se explicar muito estudados, e naõ deixa de amar a negligencia no estylo, mas com termo.

(3) Antigamente tinha este: *Azas lhes deu, negou-lhas a ventura*, que por me parecer affectada anthithese a mudei, mas quem quizer use do antigo, se lhe parecer.

(4) *Tornar* era o antigo, naõ taõ proprio, ainda que mais Poetico.

(5) Este verso está composto com canceira, e perturbaçaõ, costituida nos dois monosyllabos *só só*.

(6) *Triste! que em retratar na fantasia*, era o antigo, e naõ sei qual dos dois he melhor.

ELE-

ELEGIA XIV.

Musas do Pindo, que inſpirais meus cantos, (1)
Alegrai-vos comigo, e longe voem
Os gemidos, as lagrimas, e os prantos.

Doces cantares de alegria ſoem
Nas grutas do Parnazo: ao ſom da lyra
Do douto Apollo canticos ſe entoem.

Filis já contra mim cruel naõ ſe ira;
Minhas queixas attende compaſſiva;
Filis me eſcuta, e já por mim ſuſpira.

Longe de ſe oſtentar ſevera, e eſquiva, (2)
Moſtra no reſplendor do geſto ameno, (3)
Que em bem querer-me ſó ſe accende, e aviva.

No mais intenſo d'alma já naõ peno;
Já naõ me affiijo, naõ ſuſpiro, e choro,
Nem a pranto perpetuo me condemno.

Já do fundo dó peito naõ vaporo
Com ais a dôr de ver-me deſprezado,
Nem para mim ao Ceo a morte imploro.

Oh Nynfa de ſemblante delicado,
Qual Deos te influio n'alma, e na vontade, (4)
Para fazer-me bemaventurado.

Senti quaſi na infancia a crueldade (5)
Do vingativo Amor; mas naõ foi elle
Quem me roubou o bem da liberdade. (6)

Naõ

Naõ fôraõ ſuas ſettas, nem aquelle
Inextinguivel fogo, que os humanos
A triſtiſſima inſania obriga, e impelle.

Fôraõ, Nynfa, teus olhos ſoberanos,
Tuas virtudes, teus coſtumes ſantos,
Quem de mim triunfou nos tenros annos.

Louvei-te largamente nos meus Cantos:
Nada me aproveitou, por mais que andaſſe
Inundado de lagrimas, e prantos.

Mas já nova eſperança em mim renace
De vêr no vivo agrado dos teus olhos
Ah! da minha Ventura a gentil face. (7)

Já vejo convertidos os abrolhos
Em brancos lyrios, em purpureas roſas:
Venhaõ já ſobre mim flores a molhos. (8)

Movendo as aureas azas luminoſas
Para mim vôa a placida Ventura
Menſageira das horas deleitoſas.

Naõ me vejo envolvido em ſombra eſcura
De triſtezas, de magoas, de pezares,
Que acompanhaõ a triſte deſventura. (9)

Já naõ derramo lagrimas a pares.
Muſas, minha ventura celebrai
No Pindo com harmonicos cantares.

Hum novo canto, oh Deozas, me inſpirai:
Vinde ouvir, Nynfas, vinde ouvir, Paſtores, (10)
E minha fronte alegres coroai.

Ve-

Vereis naſcer outras diverſas flores
De outra mais bella, e doce Poeſia,
Novo tecido de immortaes louvores.

Os Deoſes da ſuprema jerarquia
Haõ de á terra deſcer, ſó por ouvirem
O doce ſom da nova melodia.

Se com vigor extremo em mim ferirem
Os raios todos do facundo Apollo
Para aos aſtros luzentes me ſubirem;

Naõ mandarei de hum pólo a outro pólo (11)
Os Heróes, e os effeitos poderoſos
Das riquezas do aurifero Pactollo.

Mas ſim, Filis, teus olhos taõ formoſos,
A tua peregrina gentileza
Celebrarei em verſos numeroſos. (12)

Todos os meus cuidados neſta empreza
Terei firmes, em quanto a morte eſcura
Naõ moſtrar contra mim ſua crueza.

Eu ſó com vêr a tua formoſura, (13)
Inda ſem receber hum ſó favor,
Me julgava no cume da ventura.

Se hum mal, ou ſe huma dor ſobre outra dor
No mais profundo d'alma, e do meu peito
Me aſſaltava com impeto, e furor;

Com tanto que eu ſoubeſſe ſer effeito (14)
Procedido de ti, para mim era
De aromaticas roſas brando leito. (15)

Que ſerá , Nynfa , vendo a primavera ,
O paraiſo amavel do teu roſto
Deſpido de tençaõ dura , e ſevera !

Em mim , oh Ceos ! naõ cabe tanto goſto ;
E ſe alegria extrema tambem mata ,
Della em fim a morrer eſtou diſpoſto.

A minha voz , oh Dama , ſe dilata (16)
Ufana pelo mundo ; ouve o meu canto ,
Que Apollo a rude lingoa me deſata.

Quando da minha Deoſa o geſto ſanto
Nos campos apparece , o valle , e o monte
Veſtem-ſe logo de eſmaltado manto.

Naõ temaõ , que a ninguem a calma affronte ,
Quando Filis gentil no ardente Eſtio
Banhar-ſe vai na cryſtallina fonte.

Zéfiro eſpira entaõ mais freſco , e frio ; (17)
Tal freſcura ſe ſente em toda a parte ,
Como ſe foſſe em boſque alto , e ſombrio.

Naõ ceſſaõ , Nynfa pura , de louvar-te ,
Por onde quer que vais , feras , e plantas ,
Os campos , e os outeiros de exaltar-te.

E quando , oh roixinol , a voz levantas
No mais interior dos arvoredos ,
Suas graças gentís ſuave cantas. (18)

Eccho , oh Deoſa , te louva dos rochedos :
Celebrando-te vai a fonte pura
Entre os muſgoſos , e aſperos penedos.

E nos

E nos ramos da ſelva denſa, e eſcura
Favonio, as brandas azas meneando,
Ao Ceo levanta a tua formoſura.

Ao longo da ribeira modulando
Com ſom alegre Tytiro, e Syleno
Eſtaõ teu geſto amavel celebrando.

Cantai, Paſtores vós do campo ameno,
Cantai, que lá vem vindo a gentil Dama,
Cujo ſemblante torna o ar ſereno. (19)

Quando della cantais, Febo derrama
Sobre vós ſeus influxos ſoberanos,
E n'alma vos accende a viva flamma,
Em quem nunca haõ de ter poder os annos.

NOTAS.

Esta Elegia, que tambem foi feita na minha puericia, he huma das que assaz me agradavaõ pelas muitas bellezas de expressaõ, e muito mais pela desordem, com que annuncia, e pinta o affecto da alegria; porque se assim naõ fosse, e se viessem os pensamentos deduzindo huns dos outros por ordem natural, e filosofica, naõ exprimiria com vivacidade a ligeireza do dito affecto, e ficaria a composiçaõ secca, e fria: este he o motivo por que nella se encontraõ mui poucas reflexões moraes, que em semelhantes assumptos naõ podem ter lugar. Constava este Poema de 284 versos, nos quaes haviaõ cincoenta e hum tercetos, e os mais eraõ grandes, e pequenos, ora soltos, ora rimados, e reduzi tudo a trinta e nove tercetos. Este assumpto naõ he mui vulgar, ao menos nos Poetas, que tenho lido. Propercio tem duas Elegias a este assumpto, que saõ as XI., e XII. do Liv. II., das quaes me naõ aproveitei em cousa alguma; por ser o plano da sua eloquencia contrario aos costumes.

(1) Estes primeiros dois tercetos fôraõ feitos de novo; porque esta mesma sentença estava com pouca differença escrita em versos octonarios da maneira seguinte:

Grandes Senhores do mundo
Altos Reis, e Imperadores
De respeito alto, e profundo:
Vós, Poetas, vós, Pastores,
Vinde aqui cantar commigo
Minha bem-aventurança
Vinde, ó Filhas da lembrança;
Com Apollo lá do abrigo
Do sagrado, e immortal Pindo &c.

(2) O verbo *ostentar* foi muito usado dos nossos seiscentistas, isto he, dos Authores, que menos honráraõ o Idioma; porque sem gosto, e engenho escrevêraõ de modo, que assaz o desacreditáraõ. E como os versificadores saõ mui propensos á inchaçaõ, porque gostaõ de palavras de estrondo, essa foi a causa, que os moveu a usar sem modo, nem termo do sobredito verbo, o qual na accepçaõ, em que aquí está, naõ induz inchaçaõ algu-

ma;

ma; porque *oſtentar* neſte lugar ſignifica fazer gloria, fazer alardo de ſer ſevera. E eſte fallar he commum, e uſual de todos, como v.g. oſtenta de ſabio, de douto, de diſcreto &c., donde ſe collige, que em lugar deſte naõ poderia eſtar o verbo *moſtrar*, que no ſeguinte verſo ſe acha. Exemplo: » *Oſtentou* por largo eſpaço quanto ſa» bia. » Vieira Tom. XI. fol. 28.

(3) *Geſto ameno*: eſte epitheto, do modo que delle uſei, naõ he mui vulgar: eu naõ me lembro de o ter viſto em os noſſos Poetas, e ſegundo o meu parecer póde-ſe reputar nova elegancia na Lingoa Portugueza.

(4) Deos eſtá neſte lugar em ſentindo poetico, que de nenhum modo póde prejudicar ás verdades da Religiaõ. *Qual Deos, qual Anjo, ou qual Santo &c.* pois vemos ſer pratica commum em muitos, e bons Poetas, como *Vida*, *Sannazzaro*, e *Rapin* chamarem aos Anjos, e Santos Deoſes.

(5) Neſte verſo em lugar de *crueldade* eſtava *tempeſtade*, que refutei por naõ ſer mui proprio da compoſiçaõ, e poder induzir inchaçaõ, por ſer voz mui ſonante.

(6) Em lugar deſte verſo eſtava o ſeguinte:

Quem me roubou a doce liberdade:

ao qual ſubſtituhi o que ficou por mais conciſo, e energico.

(7) Eſta interjeiçaõ julgo eſtar aquí em ſeu devido lugar, e naõ para encher como alguem julgará. Eſtas particulas ſaõ proprias da vehemencia dos affectos.

(8) Exemplo de *molhos* nas Endexas de Camões á ſua eſcrava:

Eu nunca vi roſa
Em ſuaves molhos *&c.*

Os noſſos modernos naõ approvaõ eſta elegancia, de que os bons antigos tanto caſo fizeraõ; mas eu nunca a deſprezarei, com tanto que della poſſa uſar com acerto, e elegancia: e sería encurtar a esfera da Eloquencia Portugueza deixar de uſar de muitas elegancias bellas, e conciſas, das quaes me aproveitarei todas as vezes, que a occaſiaõ ſe me offerecer. A noſſa Lingoa ſó tem quatro rimas verdadeiras deſta qualidade, a ſaber: *abrolhos*, *olhos*, *molhos*, e *antolhos*, e eſte ultimo ſendo taõ ſignificativo, anda

anda desterrado na lingoagem das Provincias, ficando em seu lugar o vocabulo *óculo*, que a ignorancia introduzio: tem mais *giolhos* inflexaõ antiga.

(9) Por varios modos se póde expressar este mesmo verso, como estava á margem do antigo original, a saber:

Que traz comsigo a triste desventura.
Com que anda acompanhada a desventura.
Comitiva da triste desventura.
Com que anda coroada a desventura.

E ainda me atrevêra a diversificar este verso por mais dez, ou doze maneiras differentes: tanta he a cópia da nossa Lingoagem!

(10) A melodia deste verso he de differente natureza, que as dos outros nas suas pausas, o que fiz para variar o tom da harmonia da expressaõ.

(11) Este pensamento he mui usado de Anacreonte; mas eu na expressaõ o fiz mais procurado, e menos simples; porque assim mo pedia a natureza da composiçaõ.

(12) Camões no Liv. I. da Lusiada Estança 9:

Em versos divulgados numerosos.

(13) Argumento de menor para maior; cousa mui usada de Petrarca, que foi quem ensinou aos modernos a escrever com decencia, e delicadeza nos assumptos amorosos.

(14) Se esta formula parecer prosaica desculpem-me este pequeno sacrificio, que fiz á perspicuidade.

(15) Se quem for muito escrupuloso naõ gostar de *boninas*, e *rosas*, porque lhe pareçaõ termos quasi synonymos, ponha em lugar de boninas, *aromaticas*, e talvez lhe fique o verso mais cantavel. Elegancia como esta tem o Boiardo no Canto XXVII. do *Orlando innamorato*

L'altre battaglie fur rose, e viole.

(16) Em lugar do que está, havia o seguinte: *A minha voz de cima &c.* cujo genitivo transformei em vocativo; em primeiro lugar, por dar ao discurso mais modestia, e em segundo, porque as interjeições, e os vocativos saõ mais proprios do pathetico, e por isso devem ser empregados nelle com mais frequencia.

(17) *Espira* por *respira*, *assopra*, &c. Exemplo em a Ode IX. de Camões:

Zefi-

Zefiro brando eſpira.

(18) *Suave* eſtá neſte verſo fazendo as vezes de adverbio; he elegancia, que os noſſos bons Authores tiráraõ de Horacio: *Dulce ridentem*, e naõ ſei em que Ode. (*) O noſſo Ferreira, e o Garçaõ authorizaõ aſſaz o uſo deſta elegancia. Eſte ultimo como era dotado de muito goſto, e erudicçaõ, rompendo por todos os obſtaculos do máo goſto do ſeu tempo, fez renaſcer eſta, e outras muitas elegancias da noſſa Lingoa, que a ignorancia, e o máo goſto tinhaõ poſto no eſquecimento.

(19) Semelhante a eſta expreſſaõ he a de Camões fallando de Policena na Eſtança 131 do Canto III. da Luſiada:

Mas ella os olhos, com que o ar ſerena.

(*) Na Ode XXII. do Liv. I. derigida a Fuſco Ariſtio Grammatico e Poeta amigo de Horacio.

ELE-

ELEGIA XV.

Appareceu-me hum dia Apollo, e deu-me (1)
A Lyra, em que cantou Camões as glorias
Da Naçaõ Portugueza, e ao Ceo ergueu-me.

Allí me fez patentes, e notorias,
Por modo todo em ſi miraculoſo,
Dos Luſitanos feitos as memorias.

» Em puro eſtylo, claro, e mageſtoſo (2)
» Celebrarás, me diſſe, as acções claras
» Do valor Luſitano glorioſo.

» Farás no mundo illuſtres, e preclaras;
» Suas virtudes nobres, e teu nome
» Naõ morrerá nas mãos do Tempo avaras. (3)

» Na voragem dos tempos ſe naõ ſome
» A Fama, que em fadiga illuſtre alcança
» Quem a vida em vil ocio naõ conſome. »

Diſſe: e logo formei larga eſperança
De ás eſtrellas me erguer em claro canto,
Com que ſe ganha perennal lembrança.

Tomo a lyra; e com voz ſubida canto
As Armas, e o Varaõ ſábio, e perfeito...
Mas converteu-ſe o ſom em choro, e pranto.

Que de improviſo Amor me paſſa o peito,
E ante os meus olhos põe, Filis, teu geſto;
Que eu ſempre trago n'alma, e no conceito.

For-

Força-me o fero Amor : clamo , e proteſto :
Nada me vale : em vaõ forcejo , e lido ,
Nem me aproveita pranto manifeſto. (4)

E já cedendo á força , já rendido
Obedecí ao Deos ſoberbo , e irado ,
A quem tudo no mundo he ſubmettido.

A' ſombra de hum loureiro reclinado ,
Ao ſom do murmurar do Téjo ameno
Comecei a cantar teu roſto amado.

Filis , teu lindo geſto , por quem peno ,
Por quem derramo lagrimas ardentes ,
Subio nos verſos meus ao Ceo ſereno.

Suſpendiaõ-ſe as rapidas correntes ,
E o impeto dos ventos ſe amanſava
C'o canto , que hia aos aſtros refulgentes.

O murmurio da fonte ſe callava :
Tanto que ouvia algum paſtor meu canto ,
Do fato , e do rebanho naõ curava. (5)

Coroado de roſas , e amaranto
O capripedo Pan , Faunos , Sylvanos
Me ouviaõ com prazer cheios de eſpanto.

Allí ſe condoïaõ dos enganos ,
Com que Amor me prendêra a liberdade
Na mais mimoſa flor dos tenros annos.

Filis na bocca , Filis na vontade , (6)
Filis no penſamento , Filis n'alma ,
Filis na furioſa tempeſtade :

Filis nos verſos meus por frio, e calma
Filis andou, e deſde entaõ foi Filis,
Filis dos meus ſentidos gloria, e palma.

Oh lembrança cruel, naõ me anniquiles! (7)
Naõ quiz Amor deixar-me erguer, ſeguindo
O famoſo Cantor do bravo Achilles.

Cá do Téjo o meu vôo deſpedindo,
Cercára o mundo huma, e mil vezes, dando
Honra á minha Naçaõ, ao Ceo ſubindo.

Mas volve, oh Nynfa, a mim teu geſto brando,
E verás como ufano a voz levanto,
Os mais famoſos Vates igualando.

Verás o mundo todo com eſpanto,
A pezar do que intente a dura Inveja,
Attento ouvir o meu ſublime canto.

Que o nobre ardor de gloria, que forceja
Dentro em meu coraçaõ por me elevar,
Adonde o vulgo indocil me naõ veja;

Em mim fórma deſejo de paſſar
As nuvens té aos aſtros luminoſos,
Onde poſſa tambem alumiar.

Oh penſamentos vãos, e ocioſos!
Oh delirios da cega fantaſia!
Oh goſtos de hum momento mentiroſos! (8)

Filis mais dura do que a pedra fria,
Filis de mim naõ cura, antes me opprime
Com a ſua crueza, e tyrannia.

Cruel

Cruel enfermidade, que ſe imprime
No mais intenſo d'alma, e da razaõ,
Que o ſeu ardor naõ doma, nem reprime.

Quem naõ ſentíra a férvida paixaõ,
Com que o fogo do teu furor ardente
Em cinza me converte o coraçaõ!

E quem taõ ſábio fôra, e taõ prudente,
Que á força de alto eſtudo inveſtigaſſe
Hum modo de extinguir meu mal potente!

Entaõ talvez que ufano divulgaſſe
Por toda a redondeza a fama, e gloria
Da Pátria illuſtre minha, e que ficaſſe
Meu claro nome eterno na memoria.

NOTAS.

ESTA Elegia he tambem huma das da minha puericia, a qual emendei, por ter muitos penſamentos felices felizmente expreſſados. Ella conſtava de quarenta e nove tercetos de verſos hora endecaſyllabos, hora de ſete, de que alguns naõ eraõ rimados, dos quaes cortei dezenove, aproveitando todos os verſos, que me parecêraõ energicos, e elegantes: ſubſtituhi aos barbariſmos, ſoleciſmos, e outras muitas faltas de Lingoa, de que eſtava manchada, fraſes mais elegantes, e puras; mais analogas ao genio do Idioma, além de muitos nomes, e verbos menos expreſſivos, que cortei, ſubſtituhindo outros mais proprios, e decentes. Conſervei-lhe a deſordem dos affectos; por me parecer natural em ſemelhantes aſſumptos, nos quaes o eſpirito de methodo, e ordem exclue a veroſemelhança, e por conſequencia altera as leis da arte. A appariçaõ do principio deu motivo a levantar mais o eſtylo; mas ponderadas as circumſtancias naõ offendi niſſo ao veroſimil, viſto que Tibullo, Ovidio, e Propercio mil vezes nas ſuas Elegias levantáraõ o eſtylo.

(1) Eſtas visões naõ deixaõ de ter lugar neſte genero de Poema. A Elegia XX. do Liv. II., e a XXII. do meſmo Liv. de Propercio aſſim principiaõ, huma com hum Sonho, outra com a appariçaõ de Cupido com toda a ſua comitiva. Porém a mais notavel dos antigos, que deſte modo começa, he a primeira Elegia do Liv. III. *dos Amores* de Ovidio, que he na verdade bem maravilhoſa. Tambem na Lingoa Portugueza ſe achaõ algumas Elegias bem cheias de maravilhoſo; em o Camões a ſua primeira Elegia, e outra a D. Leoniz Pereira, que ſerve de Dedicatoria da Hiſtoria do deſcobrimento do Braſil eſcrita por Pero de Magalhães Gandavo, que em algumas edições tem o titulo de Epiſtola: tambem he mui notavel a que Ferreira fez ao Amor, que bateu á porta de hum Lavrador, a qual traduzio de Anacreonte. As rimas do primeiro terceto algum tanto ſaõ ſurdas; mas todas as que ſe ſeguem até ao fim do Poema ſaõ as mais toantes talvez, que ſe achaõ no Idioma Portugez.

(2) Eſtas ſaõ as condições principaes do eſtylo da

Epo-

Epopéa, aſſim como ó vêmos, que praticou Homero, Virgilio, Camões, e Taſſo.

(3) *Naõ morrerá nas mãos do tempo avaras.* Eſtes tranſportes ſaõ da natureza das Lingoas Poeticas de Italia, e Eſpanha, eſpecialmente no eſtylo heroico, como o he eſte, de que falla o meſmo Apollo, ſegundo a ficçaõ: apontarei alguns exemplos de Camões, que he o melhor Poeta de Eſpanha, e o que menos liberdades tomou. Em a Eſtança 19 do Canto I. da Luſiada tem o ſeguinte:

Em verſos divulgados numeroſos.

Na Eſtança 45 do Canto II.:

E ſe Antenor os ſeios penetrou
Illyricos &c.

Na Eſtança 53 do meſmo Canto:

O Capitam venceu Romano injuſto.

Na Eſtança 91 do dito Canto:

A grita ſe levanta ao Ceo da gente.

Na Eſtança 93 do meſmo Canto:

E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua &c.

Vèjaõ-ſe os ultimos verſos da Eſtança 94, e o que diz Faria neſſe meſmo lugar.

Eſtas inversões ſaõ mui proveitoſas para variar os tons Poeticos, a falta das quaes choraõ os maiores Authores da Lingoa Franceza, cuja marcha he nimiamente uniforme, e naõ ſoffre inverſaõ alguma tanto na proſa, como no verſo: porém para uſar com liberdade deſta eſpecie de hyperbato, requer-ſe engenho muito corroborado com a liçaõ dos bons exemplares da antiguidade, muito conhecimento da Lingoa, e o mais puro criterio, que conſiderar-ſe poſſa.

(4) Até aqui vem procedendo o eſtylo mui breve e curto; porque aſſim o pede o affectuoſo do aſſumpto, como ſe póde vêr em Tibullo, Ovidio, e Propercio.

(5) *Do fato, e do rebanho* &c. *Fato* he mui uſado dos noſſos bucolicos, e dos Caſtelhanos: eu ſupponho que ſignifica, manta, caldeira, frauta, e outras apeiragens, que coſtumaõ trazer os paſtores de grandes rebanhos, que dormem no campo, quaes os das Provincias do Além-Téjo, Beira, e Andaluzia no Reino de Caſtella.

Deſte

Defte termo temos exemplo na I. Parte fol. 67 da Comedia de *Alfea* do infigne Poeta Simaõ Machado, o qual lhe dá a fignificaçaõ de rebanho:

Qual he a nefcia que trata
Ser ovelha de feu fato.

(6) Efta anafora he mui affectuofa, fegundo o meu parecer, com efte manejo de Lingoa creio fe naõ encontrará outra em Poeta algum de toda a Efpanha, nem me lembro de a ter achado nos antigos Poetas Gregos, e Latinos.

(7) Eftas rimas tambem faõ mui novas na Lingoa Portugueza, e mui difficeis de manejar, de modo que fique o difcurfo natural, e o eftylo claro, e nada conftrangido. Naõ fei fe vi em Fernaõ Alvares do Oriente hum final de dois verfos de huma Eftança de 8 neftas rimas: alguns tem por milagre, acharem-fe tres rimas deftas, mas eu poderia achar outras tres mais.

(8) *Oh goftos . . . mentirofos.* Camões na Ecloga admiravel dos Faunos tem outra igual expreffaõ:

Que fam do mundo os goftos mentirofos.

ELE-

ELEGIA XVI.

Eu do terno Tibullo o doce Canto (1)
A ti, Filis, consagro, cara Filis,
Por quem Cyſne canoro me levanto;

Soem Cloris os boſques, e Amaryllis: (2)
Outros cantem os caſos, e as proezas
Do pio Eneas, e do fero Achilles.

Que eu cantarei as dores, e as triſtezas,
Que n'alma ſinto, oh Filis, procedidas
De teus rigores, e aſperas cruezas.

Grande he meu mal, darei vozes ſentidas; (3)
E as gentes, que me ouvirem, ficaráõ
De minhas triſtes magoas condoídas.

Niſſo ao menos terei conſolaçaõ;
Já que a meus ais, e queixas magoadas
Sempre te achei de dura condiçaõ.

Se as minhas intençöes foſſem fundadas
Em deſejos impuros, viſſe embora
Contra mim tuas iras conjuradas.

Mas ſe o fogo de Amor, que me devora,
Naõ he de vil eſtimulo impellido,
Mas ſim de gentil cauſa, a que a alma adora;

Como, oh Nynfa de peito endurecido,
Me maltratas com tuas eſquivanças,
Sem to haver, cruel Nynfa, merecido.

Eu

Eu de amar-te naõ ceſſo; e tú naõ canças
De me matar! Nem já para ti valem
Rogos! ah! Nem com lagrimas te amanſas.

Do peito feminil com louvor fallem:
Nada creio, por mais que os ſeus louvores
Com as eſtrellas, e c'os Ceos igualem.

Nelle habitaõ cruezas, e rigores,
Negras ingratidões, e fingimentos,
Sem-razões, tyrannias, e furores.

Oh quem domar pudera os movimentos
Da cega paixaõ ſua, e naõ ſoffrêra
No mais intimo d'alma taes tormentos!

Em vil miſeria, triſte! naõ jazêra:
E livre do naufragio, á liberdade
Meus humidos veſtidos ſuſpendêra. (4)

Sem temer o furor da tempeſtade,
Que os teus rigores, Nynfa, me ſuſcitaõ,
Naõ me opprimíra a tua crueldade.

Deſta vem quantos males ſe me excitaõ:
Quantos males no cego precipicio
Da deſeſperaçaõ me precipitaõ. (5)

Provéra a Deos, que nunca houvera indicio
Deſte contagio hoſtil, que Amor ſe chama;
Naõ te fizera d'alma ſacrificio!

Que Amor naõ he prazer, mas viva chamma,
Que n'alma cauſa dores infinitas,
Dores que ſó as ſente, quem bem ama.

Em

Em parte alguma exiſtem Leis eſcritas,
Ou potencia, que o teu furor reprimaõ:
Tudo vences, cruel, tudo concitas.

Os teus grilhões naõ quebraõ, nem ſe limaõ:
N'alma fazem cruel, e duro effeito,
E quanto ſe lhe oppoem, em nada eſtimaõ.

Porém naõ; he errado o meu conceito:
Amor todo he brandura, e tu benina,
Eu deſgraçado, á dôr ſempre ſujeito.

Que o teu rigor naõ he quem me deſtina
A perpetua triſteza, oh linda Dama,
Mas ſim meu fado, e aſpera mofina.

O veneno, que n'alma Amor derrama,
Culpa na couſa amada naõ conſente, (6)
Se arde no peito afflicto pura flamma.

E ſe dura te julga a cega gente,
Inſenſivel ás lagrimas, que choro,
Aos ſuſpiros, que eſpalho triſtemente;

Eu aſſim meſmo te amo, aſſim te adoro,
E inda a pezar da minha dura Eſtrella,
Contra ti meſma o teu ſoccorro imploro.

A minha voz no peito ſe congela
Já de tanto chorar enfraquecida;
Tem de mim piedade, oh Nynfa bella.

Naõ foſte tu das féras produzida,
Nem no ſeio dos aſperos rochedos
Para deſgraça minha concebida.

Vês-me aqui confundido entre os enredos (7)
Do cego labyrintho, onde Amor manda,
Cercado de cuidados, e de medos.

Ah! ſe a tua dureza em fim ſe abranda,
Converterás em dia a noite eſcura
Da minha triſte ſorte miſeranda.

Olha que t'o merece a fé taõ pura,
Com a qual dediquei a liberdade
A' tua incomparavel formoſura.

Se porque generoſa qualidade
Te deu o naſcimento me deſprezas,
E em nada eſtimas minha lealdade;

Amor rende as mais altas fortalezas,
E junta as condiçóes deſigualadas:
Zomba de injurias: riſſe de cruezas.

E já grandes Rainhas ſublimadas
Vîraõ a pár de ſi no Throno Auguſto
Humildes pegureiros das manadas.

Pois a nobreza, ſe á razaõ me ajuſto, (8)
He ſó o peſſoal merecimento,
Dotes d'alma gentís, animo juſto.

Porque os Avós, e o claro naſcimento (9)
Saõ dons do puro acaſo, os quaes apenas
Chama ſeus quem poſſue alto talento. (20)

Que os tormentos crueis, as duras penas,
As afflicçóes, as magoas, e os cuidados,
A que tu, crua Nynfa, me condemnas;

Naõ

Naõ me vieraõ, naõ, dos teus paſſados,
    Mas de tuas virtudes ſingulares
    Fôraõ meus penſamentos derivados.

Se de trajos humildes, e vulgares
    Pobre Serrana a ſorte te fizera,
    Dada ao rebanho, e a ruſticos cantares;

No mais profundo d'alma concebêra
    Igual paixaõ, á que me opprime agora;
    No meſmo fogo, em que me abrazo, ardêra,
    E ſempre contra mim meu fado fôra.

NOTAS.

ESTA Elegia he huma das primeiras Poesias regulares, que compuz. V.m., Senhor Vasco Dornellas, assistio a parte da sua composiçaõ, assim como de outras. V.m. conheceu o alto, e amavel objecto, que m'a fez compôr, o qual me levaria ao ultimo precipicio, se as suas verdadeiramente filosoficas admoestações naõ moderassem os impetos de huma paixaõ concebida em taõ verde idade, como a de 15 annos. E por quanto este Poema, a pezar de muitas negligencias de estylo, naõ deixava de ter alguns tercetos bem lançados, e porque andava por diversas mãos, mui cheio de erros de cópias, que juntos com os defeitos de composiçaõ o faziaõ digno de censura, me resolvi a emendallo movido das instancias, que v.m. me faz, para que emende os Poemas, que naquelle tempo compuz; que em tudo satisfizera eu aos seus desejos se a escuridade da minha vida laboriosa me naõ sepultára em desgostos, que me tiraõ o tempo, e me apagaõ o engenho; cousa que v.m. mil vezes tem lamentado, compellido das razões do sangue, e de humas taes, ou quaes inclinações boas, que v.m. em mim conheceu desde a mais tenra infancia, donde tem procedido tantos desejos, que v.m. todos os dias concebe favoraveis á minha reputaçaõ, a cujos obsequios me confessarei eternamente devedor. V.m. cotejará esta Elegia com a antiga, e verá que nella cortei muitos tercetos, e versos, que ou por defeito de frase, ou de sentença naõ vinhaõ a proposito, substituhindo outros mais accommodados á qualidade de composiçaõ, no que puz todo o cuidado em usar de expressaõ de sentimento propria das paixões, sem desprezar a simplicidade do estylo, e a pureza da dicçaõ, virtudes que mais devem resplendecer na composiçaõ pathetica da Elegia; e com razaõ, pois a frase das paixões naõ deve ter nada de exquisito, e por isso ama a composiçaõ Elegiaca mui candidos pensamentos, e se serve de expressaõ natural, e de palavras mui conhecidas, e authorizadas pelo uso dos melhores Escritores da Lingoa, em que se escreve. Assim como observamos, que fez Tibullo o mais perfeito mo-

dello

dello no genero Elegiaco, e depois delle Propercio. Mais havia de eu fallar a este respeito, se a occasiaõ m'o permittíra; mas quando poder, porei em limpo as observaçóes, que sobre esta qualidade de Poema tenho feito, as quaes saõ puramente fructos das reflexóes na Lingoa dos antigos, e do que observo, e sinto na minha alma nos deliciosos momentos da composiçaõ; pois neste genero mui pouco se tem escrito até agora com diffusaõ, assim como nos outros. Parece, que os preceitos mais devèraõ ser dados por quem os pozesse em praxe, assim como fez Cicero, do que por aquelles, cuja fantasia naõ se póde estender mais do que á theorica; pois estes naõ podem penetrar os arcanos da arte, que só se patenteaõ ao verdadeiro engenho, que se entrega á composiçaõ. Naõ he crivel, que quem nunca soubesse tocar instrumento algum, podesse compôr huma Arte de Musica perfeita, e acabada. Que se Aristoteles escreveu taõ excellentemente da Poesia Dramatica, talvez que muito melhor o fizesse, se se entregasse a esse genero de composiçaõ, permittindo-lho o genio. De quanto hei lido a respeito do Poema Epico, nada me contenta mais do que as sapientissimas reflexóes de Torcato Tasso nas suas preciosas Cartas Poeticas, e tambem nos tres discursos sobre a Poesia, que andaõ juntos com as ditas. No tal discurso pois poderá v.m. vêr com mais extensaõ, e talvez com alguma novidade, a antiguidade, progressos, e utilidade da Poesia Elegiaca. Resta-me dizer-lhe, que eu no essencial dos pensamentos naõ imitei a Tibullo, nem a nenhum dos antigos; porque estes na expressaõ de amor quasi sempre se entregáraõ a pinturas cynicas, perniciosas aos costumes: nesta parte levaõ os modernos grande vantajem aos antigos. O primeiro, que na Europa começou a tratar amores com decencia, e gravidade foi Dante Alighieri; mas quem tratou a materia amatoria em summo gráo de decencia, e decóro foi o famoso Petrarca, o maior lume dos Lyricos modernos de toda a Europa, e naõ menos a famosa Victoria Colonna, Marqueza de Pescara, contribuhio talvez, mais que nenhum, para escrever de amor com legitima candura, e innocencia. Tambem este artigo merecia largo perio-

periodo, e quando eu julguei, que acharia este assumpto discutido, como o mais, nas historias de toda a Poesia do Crescimbeni, e do P. Quadrio, mui pouco achei, que me satisfizesse a esse respeito. As notas, que se seguem saõ algumas observações relativas ao genio, e natureza da Lingoa: v.m naõ repare na grossaria da escrita, que o tempo naõ dá lugar a mais, nem taõ pouco no mal organizado da prosa, nem nos descuidos de Orthografia; pois, como v.m mui bem sabe, naõ escrevo no soccego de hum gabinete abastecido de bons livros. A respeito dos versos naõ tenho que lhe dizer; se elles saõ ruins, se os pensamentos naõ vem deduzidos por ordem, e nexo natural, eu o naõ sei fazer melhor: vai o meu signal no fim para desmentir os Zoylos desse bairro, que me attribuem, segundo v.m diz, mil inepcias apocryfas.

(1) Como no tempo em que compuz este Poema tinha eu conhecido alguns Poetas antigos, principiei assim:

Eu do suave Lasso o doce canto.

Porém como este Poeta mui poucas Elegias compoz, mudei assim:

Eu do doce Camões o grave Canto.

O que ao depois tambem me naõ agradou; pois o grave Canto de Camões verdadeiramente se deve referir á Lusiada, o que naõ podia ser, por naõ ter o meu o mesmo objecto de imitaçaõ, que o Canto de Camões: emendei ultimamente, e ficou o verso como agora está, e me parece melhor; porque além de que Tibullo naõ escreveu senaõ Elegias, he elle o mais perfeito modello, que ha neste genero de composiçaõ.

(2) Estes imperativos saõ mui proprios da Lingoa Grega, e della os tiráraõ os nossos bons Authores, que formáraõ a nossa Lingoa. Anacreonte nos dá exemplos deste modo de dizer, pondo a primeira parte do periodo em imperativo, e a segunda em futuro expresso; porque o imperativo todo he futuro: deste modo de fallar temos hum bello exemplo n'um Epigramma, que Ferreira traduzio do Grego, que principia:

Cante quem quer do furioso Marte.

E outro no fim do Soneto XXXX.

(4) Aqui parece o estylo desunido, assim como em outros

tros

tros muitos lugares das minhas composições: a frequente lição de Virgilio já causou o mesmo a Torcato Tasso, e por isso dizia o Imperador Caligula, que o estylo de Virgilio, era areia sem cal: isto mesmo se observa em Camões, principalmente na Lusiada.

(4) Quem for mui rigoroso em naõ admittir frequencia de epithetos no estylo simples da Elegia, em lugar deste verso póde usar dest'outro:

Em voto os meus vestidos suspendêra.

Mas eu, a pezar disso mesmo, tenho por melhor o primeiro, por ser mais poetico, e por dar mais que pensar ao Leitor; além de que o estylo simples nem sempre exclue da Elegia a expressaõ verdadeiramente poetica, com tanto que seja com perspicuidade. Além disso o mesmo Tibullo, reputado por todos o Principe da Elegia, nunca perde lance poetico; raramente deixa substantivo, que acompanhado naõ vá de seu epitheto, como se póde vêr no seguinte exemplo da primeira Elegia, que naõ tem substantivo sem epitheto:

Ipse feram teneras maturo tempore vites
Rusticus, et facili grandia poma manu.

Observe-se, que no primeiro verso poz os ablativos no meio dos accusativos, e no segundo os accusativos entre os ablativos. Tanto amou este grande Poeta a variedade! Com tudo o uso frequente de semelhante collocaçaõ nos Idiomas vulgares por sua affectaçaõ fará sempre frio, e inepto o estylo.

(5) *Precipitar no precipicio*: he Syntaxe commum a todos os Idiomas modernos, que tem por origem o Grego, e o Latino: as Letras Sagradas, e muito principalmente a Collecçaõ dos Psalmos, estaõ cheias de formulas desta mesma natureza, e naõ se precisa de grande leitura; para se acharem nos antigos Escritores de huma, e outra Lingoa Máy; e a frequencia da sua liçaõ fez, que os Authores, que formáraõ a nossa Lingoa, naõ sómente trasladassem a sua Syntaxe, mas tambem muitos dos seus idiotismos, e este foi hum delles. Daqui vem vermos frequentemente em Fernaõ Lopes, Padre do periodo Portuguez: *Guerra guerreada*, *Batalha batalhada*: *Viver vida*, *Morrer morte*, e assim em todos os mais.

Bem

Bem conhecida de todos he a antiquiſſima formula das Sentenças Capitaes neſte Reino: *Morra morte natural &c.* ſobre eſta materia poderá v.m. vêr as obſervações ſobre outra paſſagem da meſma natureza, que fiz na Elegia do bom Luiz, (*) a qual anda nas mãos de todos.

(6) *Couſa amada*: eſta clauſula tem ſido mui cenſurada, mas ſem razaõ; e como a occaſiaõ me naõ dá lugar a mais, ſempre allegarei huma authoridade de Camões, que val por cinco ou ſeis, a qual tem quaſi o meſmo penſamento, e he na Cançaõ X.

Que deſculpes comigo ſo buſcava
Quando o ſuave amor me nam ſoffria
Culpa na couſa amada, *e taõ amada!*

Dante no Cap. 18 do Purgatorio

Così l'animo preſo entra in deſire,
Ch'è moto ſpiritale, e mai non poſa,
Fin che la coſa amata *il fà gioire.*

Naõ digo mais a eſte reſpeito ſenaõ, que mais quero errar com eſtes, do que acertar com os modernos amadores de palavras de eſtrepito.

(7) *Veſ-me aqui*: he hum idiotiſmo da noſſa Lingoa mui proprio para exprimir affectos, como temos exemplo em Camões, Canto III. da Luſiada Eſtança 39.

Ves aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos ſem peccado, e da conſorte.

Val o meſmo que *Eis*, que he o *Ecce* dos Latinos, como advertio Manoel de Faria, e ſe moſtra do ſeguinte exemplo do meſmo Camões Cant. III. Eſtança 38.

Dizia: *Eisaqui venho offerecido*
A te pagar co' a vida o prometido.

(*) Depois de começada eſta Edição me conſtou, que o Original correcto da Elegia aqui citada naõ ſó exiſte em poder de ſugeito de conhecida Litteratura, mas que eſte projecta dar á luz pública a meſma Elegia, talvez enrequecida com algumas annotações ſuas. O público terá a duplicada vantagem de ver em toda a ſua pureza hum poema taõ digno da attençaõ dos bons engenhos, e de poder conhecer o melindroſo eſcrupulo, com que o noſſo author corrigia os ſeus eſcritos; exemplo deſgraçadamente aſſaz neceſſario á maior parte dos que hoje em Portugal ſe dedicaõ á Poeſia.

Porém, com licença de Faria, *vês* he a segunda pessoa do presente do indicativo do verbo *vêr*, e he como se eu dicesse: *Ora ja que me estás vendo entre tantas afflicções, soccorre-me, tem compaixaõ de mim &c.* a mesma glosa se póde dar ao mesmo, de que usou Camões. Todas as Lingoas tem seus termos concisos, cheios de enfase, para interpretaçaõ dos quaes se precisa de supplemento da Elipse: muitos destes tem a Lingoa Portugueza.

(8) Se algum julgar os ultimos nove terceros desta Elegia concebidos em tom declamatorio, sirva-me de desculpa a obrigaçaõ, que tenho de ser util. Poema sem utilidade, por mais que deleite, he corpo sem alma.

(9) Este pensamento he de Ovidio; veja como se exprimio este divino Poeta com tanta facilidade no Liv. XIV. dos Metamorfoseos vers. 140:

Nam genus, et proavos, et quae non fecimus ipsi
Vix ea nostra voco.

Do mesmo sentir he Horacio, e todos os Filosofos antigos, e modernos; porque a nobreza despida de costumes pouca attençaõ merece. Que importa ser Neto dos Ricos Homens do tempo de Nuno Razura, e de Lain Calvo, sem virtudes, que por si só devem illustrar qualquer sujeito bem nascido? Os nossos bons Authores saõ deste mesmo parecer. Camões tambem he do mesmo sentir, como se póde vêr nos bellissimos versos das Estanças 95, 96, 97, 98, 99. do Canto VI. da Lusiada. Manoel de Faria e Sousa tem tanto a este respeito nos Commentarios de Camões, que basta abrillos para achar Sentenças em abono desta verdade. Duarte Nunes de Leaõ, na Chronica de D. Fernando com termos bem claros, e expressivos corrobora a mesma Sentença dizendo: » E » como he costume dos que tem algum gráo mais de » nobreza de Avós, que da sua propria, que he a verda» deira, e legitima nobreza, escarneciaõ do que Joaõ » Sanches dissera, alguns que naõ eraõ para tanto como » elle. »

Eu me havia de demorar mais a respeito da dicçaõ poetica, mais conveniente a esta qualidade de Poema, assim como tambem da pureza da Lingoa; mas o tempo naõ me dá lugar a mais, eu o farei em outro Poe-

ma , que já tenho principiado a emendar de propoſito para lhe enviar ; pois ſe Deos quizer , que eu algum dia venha a ter vida mais deſcançada , do que a que ao preſente tenho , eu dou a v.m. minha palavra de honra , que eu ponha todo o esforço , quanto em mim ha , para moſtrar , que eu naõ degenerei.

Advirto a v.m. , que todo o Poema deve intereſſar o Leitor , e iſto deve ſer miſturando com deſtreza o util com o agradavel. Nós já naõ eſtamos no tempo em que ſe eſtimavaõ as argucias , os jogos pueris de palavras , e os equivocos , que conſtituhiaõ a belleza da Poeſia dos Seiſcentiſtas. A verdadeira Poeſia he a de ſentimento , iſto he , a que toca a alma , e a que exprime nobremente as verdades uteis ; nem as luzes do noſſo ſeculo admittem outro genero de Poeſia , ſenaõ aquelle , que ajuntando o merecimento da difficuldade vencida na expreſſaõ ao da utilidade annunciada com perſpicuidade , fórma o eſpirito , e o diſpoem a receber as verdades , que mais concorrem para a felicidade do homem.

(10) Veja-ſe como Camões exprimio eſte meſmo penſamento do modo ſeguinte :

As honras , que elle chame proprias ſuas.

Luſiada Canto VI. Eſtança. 97.

ELE-

ELEGIA XVII.

Ao Senhor José Ignacio Barbosa Beneficiado da S. I. P.

Douto cultor das Musas Portuguezas,
Censor severo, aos bons Engenhos guia,
A quem tu tanto estimas, tanto prezas.

Caro amigo Barbosa, em vaõ porfia
Contra o merecimento o mundo avaro,
Contra qualquer insigne fantasia. (1)

A solida virtude he lume claro,
Que por mais tempestades, que se elevem,
Sempre apparece alvissimo, e preclaro. (2)

Intentos máos mil oppressões lhe levem,
Que vencidos do seu valor supremo, (4)
Honraõ-na em fim, contra ella naõ se atrevem.

Mas se á razaõ me inclino, mui mais tremo
De hum largo tempo de fortuna immensa,
Do que de hum golpe de apertado extremo.

Este fim gera n'alma dôr intensa,
Mas aonde ha virtude com a gloria
Do vencimento illustre se compensa.

Gloria naõ vã, mas solida, e notoria,
A qual bem a pezar da negra inveja, (4)
Nunca ha de ser no mundo transitoria.

Faça qualquer por que ſeguro eſteja
Na baſe da virtude, e nada tema,
Inda que contra ſi o mundo veja.

O teu merecimento he ferrea algema,
Que a torpe Inveja opprime, oh caro amigo!
Fine-ſe o monſtro vil, ſuſpire, e gema.

Porque aos que vivem no ſagrado abrigo
Das Deoſas á memoria conſagradas,
Sobre hum perigo lhe arma outro perigo. (5)

Almas em vil baixeza ſepultadas,
Que dos candidos raios da virtude
Jámais quizeſtes ſer alumiadas.

Vós dais ao monſtro, que vos cega, e illude
Infame aſylo, onde aſpero fulmina (6)
Contra os que armas oppoem ao vicio rude.

Contra os que ſe conſagraõ á divina (7)
Influencia de Apollo, e os ſeus cuidados,
Cheios de alto ſaber, pura doutrina.

Contra eſſes, que altamente penetrados
Do ſacro influxo, que os domina, e move
Guiaõ com ſeus eſcritos ſublimados.

Que inda que o cego mundo eſtime, e aprove
Mandos, riquezas, frivolo attractivo
Eſſe he, que nunca os toca, nem commove.

Pois guiados do lume ſempre vivo
Da ſublime razaõ em nada eſtimaõ
O trato vil do vulgo inerte, e eſquivo.

E com

E com meditaçaõ, e eſtudo límaõ
Seus eſpiritos altos, e ao Ceo voaõ.
Tanto em ſuas idéas ſe ſublimaõ!

Entaõ divinos canticos entoaõ,
Com que ſeus nomes claros, e ſubidos
Com fama illuſtre pelo mundo ſoaõ.

Aſſim, oh caro amigo, os teus ſentidos
Vaõ tanto acima do profano vulgo, (8)
Que ſe elevaõ com gloria aos Ceos erguidos.

Ah! ſe digno da cithara me julgo
Do vivo Apollo, e os feitos, e acções claras
Em cantos immortaes louvo, e divulgo:

A pezar de tenções crueis, e avaras,
Naõ deixarei nas mãos do eſquecimento
Tuas acções, tuas virtudes raras.

Mas que duro pezar, e que tormento,
Fel amargo em tua alma derramando,
O eſpirito te occupa, e o penſamento?

Se contra ti armado o duro bando
Da eſtupida ignorancia te maquina
Trabalho urgente, triſte, e miſerando:

Subjugar te naõ deixes da ferina
Malevola intençaõ da iniquidade,
Que o teu ſocego d'alma contamina.

Armado tu da tua probidade,
Dos talentos amaveis, que te aſſiſtem
Que poderás temer da vil maldade?

Con-

Contra a virtude fervidos perſiſtem
Os impetos da inveja, contra os quaes
Os corações magnanimos reſiſtem.

Por duras oppreſſões tantas, e tais
Os peitos de hum eſpirito elevado
Com ſaõ louvor ſe clarificaõ mais.

Que hum galeaõ ſoberbo, e bem armado (9)
Naõ ſe póde ſaber quanto he potente,
Se nunca foi das ondas contraſtado.

Se elle nunca ſe vio em mar tumente,
Nem nos combates fervidos de Marte,
Que lhe monta eſtructura alta, excellente?

Hum pinho, que na mais ſublime parte
De hum monte eſtá dos ventos combatido,
Para mais ſe offerece á fabril arte.

E vem a ſer ás vezes maſtro erguido
De alguma náo de audazes navegantes,
Que em buſca vai de hum mundo naõ ſabido,

A qual entre as eſtrellas radiantes
Venha a ſer pelas Muſas collocada, (10)
Com louvores mui altos, e preſtantes.

Vida ſerena nunca perturbada
De cuidados, de duras vexações,
Sempre a tive por fabula ſonhada.

Continuamente vemos ſem-razões,
Effeitos máos de hoſtil perverſidade;
Tyrannicas cruezas, e oppreſſões.

Que

Que pertendes achar tu neſta idade,
Onde intereſſe ſordido ſó manda,
Senaõ damnos, que excita a iniquidade?

Quanto o tempo mais vai, quanto mais anda,
Mais os coſtumes vêmos corrompidos
Com avareza eſtolida, e nefanda.

Aqui traições, allí roſtos fingidos:
Além vemos, amigo, mil perigos
Entre apparencias boas eſcondidos.

Oh quantos ſe nos moſtraõ bons amigos,
E com razaõ chamar-lhes ſó devemos
Amigos por antifraſe inimigos! (11)

Em perpetua peleja aſſim vivemos
Co' as ſem-razões do mundo depravado,
Poſtos em aſperiſſimos extremos.

Feliz quem do máo vulgo retirado
A's Muſas póde dar tal, qual talento
Do Ceo ſereno, e juſto lhe foi dado!

Se ſente o peito hydropico, e ſedento,
Naõ ſaõ titulos vãos, mandos, riquezas, (12)
Quem lhe imprime furor no penſamento.

Saõ ſeus cuidados ſó, ſuas emprezas,
Sciencias, Artes nobres, e ſubidas,
Que tu, vulgo malevolo, naõ prezas.

O ſom das tempeſtades inſoffridas,
Que a dura inveja accende, naõ o altera;
Suas iras deſpreza enfurecidas.

Nelle

Nelle taõ alto eſtimulo ſe gera,
Que por aluminiar o mundo errado
O penſamento eleva á ſumma esfera.

Entaõ já noutra eſſencia transformado
Concebe altas idéas, que annuncia
Em eſtylo da terra levantado.

Já ſe erguem monumentos á porfia,
Onde o ſello immortal da eternidade
Indica gloria á humana fantaſia.

Já ſem temer a iniqua atrocidade
D'invido dente, que o vulnère, e córte;
Naõ receia o furor da longa idade.

Maior que a inveja, aſſaz potente, e forte
Nas altas producçóes do ſeu talento
Superior ſe moſtra ao fado, e á morte.

Oh mil vezes feliz contentamento,
Que ſó póde ſentir com larga cópia,
Quem deſta arte levanta o penſamento!

Jazei, profanos, vós na voſſa inopia,
Craſſiſſimos profanos, cuja vida
Nos ermos lá da Arabia, e da Ethiopia
Entre as feras parece produzida.

NO-

NOTAS.

POR quanto eſte Poema talvez poderá parecer concebido em tom declamatorio, a quem ſó goſtar de attractivos daquella Poeſia nimiamente cubiçoſa de pintar aos olhos; direi pois, que o preſente methodo he o que me parece mais conforme á razaõ; porque ſe ha genero algum de Poema, que de ſi peça mais reflexões moraes, he a Elegía, pois nem ſempre haõ de nella ter lugar as lagrimas, e os ſoluços; que naõ ſe explica aſſim a natureza: e com razaõ diziaõ os antigos Meſtres dos Latinos, que naõ havia couſa, que mais depreſſa ſe ſeccaſſe, do que as lagrimas; e he natural de quem muito ſe lamenta dar frequentes pauſas ao ſeu pranto, e nellas introduzir muitas reflexões moraes relativas ao mal, que ſente, com o que accreſcenta a força do pathetico. Veja-ſe a excellente doutrina de Cicero, e de Quinctiliano a eſte reſpeito. Ora como a Elegia commummente tenha muito de pathetico, os affectos a fazem intereſſante, e as moralidades util. Sem eſtas duas qualidades ſería eſte Poema hum vaõ tecido de palavras, ſem objecto de utilidade, couſa que naõ ſe compadece com as luzes deſte ſeculo.

(1) Em lugar deſte, eſtava o ſeguinte verſo:

Que naõ quer conhecer ſua valia;

o qual me naõ agradou por ſer de ſentido equívoco, que mui bem ſe poderia adoptar ao nominativo da oraçaõ, o que faria a ſentença ambigua, e o eſtylo confuſo, vicio abſolutamente oppoſto á indole da Lingoa Portugueza, cujo andamento foi ſempre animado de eſpirito de clareza, e ordem, que a conſtituem a mais perfeita das Lingoas vivas.

(2) O epitheto *preclaro* eſtá aqui na ſua originaria ſignificaçaõ, como o Latino *praeclarus*, e faz as vezes de ſuperlativo com diverſa deſinencia: o grande abuſo, que os ſeiscentiſtas Portuguezes fizeraõ deſte adjectivo, he a cauſa, de que neſte tempo ſe abſtenhaõ abſolutamente delle alguns Engenhos ſuperſticioſamente ſeveros, e timoratos de maneira, que a ſorte deſte termo foi ſer muito, ou nada uſado. Camões Luſ. Cant. V. Eſtança 47.

Os cryſtallinos membros, e preclaros
A' calma, ao frio, ao ar veraõ deſpidos.

Faço eſta obſervaçaõ; porque a cultura moderna, quando deſta voz ſe ſerve, he ſempre na ſignificaçaõ translata.

(3) *Supremo*: todas as rimas, que neſte lugar dependem deſta, ſaõ legitimas, e naturaes; e aſſim uſadas ſaõ de bello artificio: porém iſto nem ſempre póde ſer; pois que a ſentença muitas vezes repugna a eſtas conformidades. Deſte modo de fallar temos exemplo no Cap. XII da Chronica d'ElRei D. Affonſo Henriques de Duarte Galvaõ, a qual pelo eſtylo bem moſtra ſer de Fernaõ Lopes: » Porque as virtudes (onde ha virtude) auſentes » devem ſer queridas, e lembradas. »

(4) Em lugar deste verſo tambem ſe poderia uſar eſtoutro:

Que a pezar do furor da negra Inveja,

o qual he mais proprio da magestade Epica, do que da ſimplicidade Elegiaca, além de que o relativo expreſſo no principio do verſo, que approvei, ata com hum nexo mui natural este ſegundo verſo do terceto, que he inciſo do primeiro, o qual he membro do periodo, que está constituido em todo o terceto, ficando composto de hum membro, e dois inciſos, que he o modo mais perfeito de organizar os periodos, ſendo estes de tres partes, como neste terceto ſe obſerva; julgo que o ficar cada huma dellas em ſeu verſo, naõ deixará de ter algum merecimento. Note, R. P. Amigo, que a maior parte das minhas compoſiçóes neste genero ſeguem o ſobredito methodo de construcçaõ. Mais: o monoſyllabo *bem*, junto ao adverbio *a pezar*, dá hum tal tôm de candura, e natural ſimplicidade ao estylo, que póde facilmente agradar ás peſſoas de Gosto, que mui bem conhecem, que nem ſempre o estylo reflectido he abundante de graças. Tudo isto he reſultado da bem regulada estructura do noſſo Idioma, cheio de combinaçóes energicas, que parece obra da mais pura Filoſofia. A natureza da noſſa Lingoagem; a regularidade da ſua Syntaxe; a infinita cópia de nomes, e verbos regulares; a facilidade das declinaçóes, e conjugaçóes de huns, e outros; as bem notadas deſinencias dos generos, e dos numeros; as temporaes terminaçóes dos

dos verbos; as anomalias todas, ou quasi todas formadas, e indicadas pelas regras mais subtís do Gosto, tudo concorre para se escrever com perspicuidade, pureza, e elegancia no Idioma Portuguez.

(5) Em lugar deste verso, tinha o seguinte:

Sempre elle arma trás hum outro perigo.

Estylo muito usado de Bernardes, que nunca me agradou: o verso, que substituhi, tem a mesma organizaçaõ que o que se segue, que he de Jorge de Monte-Mór na parafrase do Psalmo 136 *Super flumina Babylonis*, o qual he o seguinte:

Sobre hum cuidado venga otro cuidado.

(6) *Onde* está aqui por *donde*, o que he mui frequente nos melhores Authores das Lingoas vivas, que tem maior affinidade com a Latina. Petrarca no Soneto LXV. usa deste adverbio na mesma accepçaõ:

Iò avrò sempre in odio la finestra,
Onde Amor m'avventò già mille strali.

O seu Commentador Joaõ André Gesualdo, explicando este adverbio de lugar, diz: *Onde*: di quella finestra.

(7) Em lugar deste estava o seguinte verso:

Taõ longe voaõ do profano vulgo,

o qual mudei por variar o estylo.

(8) Todo este lugar naõ sei, que tenha semelhança com outro algum de Poeta anterior:

Est Deus in nobis agitante calescimus illo.

(9) *E venha a ser.* Esta frase he a mesma que a do primeiro verso do terceto anterior, que naõ quiz variar, por naõ offender a sentença, e ser esta de mui relevante sentido. De abundante riqueza no dizer era o Camões, e mais naõ teve dúvida dizer na Estança 65 do Canto V. da Lusiada:

Aquelle Ilheo *deixamos, onde veio*
Outra armada primeira, que buscava
O tormentoso Cabo, e descuberto,
Naquelle Ilheo *fez seu limite certo.*

Repetindo em taõ curto espaço huma mesma clausula. Desta frase temos exemplo no mesmo Camões, Estança 29, Canto VI. da Lusiada:

Venham Deoses a ser, e nos humanos.

A authoridade antecedente fornece exemplo do verbo *buscar*, mui censurado da cultura moderna, com quem menos quizera eu acertar, do que errar com o divino Camões.

(10) *Amigos por antifrase*, &c. Camões, na bellissima Cançaõ, que principia:

Junto de hum secco, fero, e esteril monte,

fallando da Arabia, diz:

Felice por antifrase infelice

(11) *Mandos, riquezas.* Já neste Poema se achaõ estes dous substantivos com a mesma combinaçaõ, e nem por isso se repute pobreza. Agrada-me esta clausula; por isso faço della mais frequente uso. Todos os Authores tem disto. Lembro-me a este respeito, que Escaligero na sua Poetica diz, que Tibullo a ninguem imitára senaõ a si mesmo; e isto porque usa de varias frases, termos, e pensamentos particulares a elle, muito principalmente pela grande semelhança que ha de conceitos, e dicçaõ no Exordio da V. Elegia do Livro III., com a III. do Livro I.: e diz mais, que este Poeta labora sempre com certas clausulas, e conceitos proprios seus, fazendo-os andar n'um perpétuo gyro nas suas composições; mas eu naõ me conformo com o parecer deste Crítico; porque se em Tibullo se encontraõ formulas de dizer semelhantes entre si, ou he porque saõ proprias suas, ou porque saõ taõ bellas, que affeiçoáraõ o seu gosto a usar dellas todas as vezes que se lhe offerecia occasiaõ. Homero, Virgilio, e todos os antigos, e modernos assim o fizeraõ; e naõ só os Poetas, mas tambem os Prosistas. Além disso, estas clausulas frequentemente usadas, saõ huns signaes evidentes, por onde se conhecem os estylos, e se constituem quasi como huns pontos fixos, que contribuem muito para que a luz da boa Crítica naõ vacille na investigaçaõ do conhecimento de qualquer obra.

Quando qualquer obra recebe a sua ultima perfeiçaõ, sendo esta a maior, a que póde chegar o entendimento humano, a este final, isto he, a este caracter da maior perfeiçaõ possivel, se chama sêllo, formula usada pelos mais notaveis Engenhos. Camões Lusiada Cant. II. Estança 72 fallando de Christo na sua Resurreiçaõ, diz:

O

O sêllo poz a quanto tinha feito.

Deste nome *sello* vem immediatamente o verbo *sellar*, pôr sêllo. Delle tambem se deduz translativamente o verbo *assellar*, certificar, affirmar, e naõ de *sigillare* Latino, que nunca houve naquelle idioma, no que manifestamente se enganou Manoel de Faria e Sousa no commento ao Soneto LII., dando-lhe a sobredita etymologia de *sigillare*, que nunca existio. Diz mais o dito Escritor no mencionado lugar, que *El Portuguez (y no bien) dize assellar por sellar; y el Poeta se fue tras lo commum, porque la cultura Portugueza por la maior parte dixo siempre sellar; selle, sella. Hallarase usado del Poeta (Camões) assi como el quiso (pudolo hazer, porque fuè maestro, e nueva luz de su Lengua.* O credito que este grande Crítico merece em semelhantes materias me faz crer, que no seu tempo assim se costumava dizer, mas naõ o acho praticado pelos nossos Classicos, e sería bem digno de censura quem dissesse: *Eu te séllo*, por *Eu te affirmo.* Os Authores, que formáraõ o nosso Idioma, accrescentáraõ a este verbo o *a*, *primo*, porque era em significaçaõ translata. *Secundo*, porque em muitos dos nossos verbos o *a* he particula augmentativa, assim como: *affirmar* tem mais extenso significado, que *firmar*; *alevantar*, *assinalar* mais que *levantar*, *sinalar*, &c. *Tertio*, porque sem augmento faria o estilo confuso, e escuro; porque se poderia equivocar sellar com *sellar*, pôr sella em besta, e em todas as suas temporaes inflexões, por serem ambos estes verbos de huma mesma natureza, além de se encontrar com *sella*, nome que vem de *sedes* Latino. O mesmo Faria naõ se lembrou, que commentando a Estança 71 do Canto II. da Lusiada, deu ao dito verbo a sua legitima etymologia. Veja-se o Cadern. 1.° das *Observações e Historia da Lingoa Portûgueza.*

(12) *Inopia*, quer dizer neste lugar mais que pobreza de entendimento, e baixa ignorancia, pois só esta pela maior parte costuma opprimir os homens de merecimento. Desta palavra, que he puramente Latina, temos exemplo em Fernaõ Alvares do Oriente, no Liv. II. da *Lusitan. Transform.* pag. 316 da nova edicçaõ:

...E

. . . e faz a ſorte auſtera ,
Que em gram baixeza , e grande inopia *caia.*

Este genero de eloquencia he uſado dos melhores Poetas ; e com razaõ , pois he por ſi mui bello , e formoſo. Veja-ſe como o divino Ariosto , hum dos mais reſplendecentes aſtros do Parnaſo Italiano , ſe ſerve desta elegancia com taõ admiravel artificio no I. Canto do ſeu Furioſo.

Sia vile agli altri , e da quel ſolo amata ,
A cui fece di ſe ſi larga copia :
Ah Fortuna crudel , Fortuna ingrata !
Trionfan gli altri , e ne moro io d'inopia.

Se alguem nimiamente ſevero julgar , que este Poema tem mais ſublimidade do que lhe convem , rogo-lhe naõ profira cenſura , ſem primeiro lêr a Elegia XV. do Liv. I. dos *Amores de Ovidio* , e outras muitas dos *Triſtes* , e *Ponto* , que estaõ cheias de grandes ſublimidades. A Elegia V. do Liv. II. de Tibullo he taõ abundante de ſublimidade , como ſe foſſe huma elevadiſſima Ode , e esta taõ dominada de grande enthuſiaſmo , que tem partes em que no curto eſpaço de vinte verſos tem tres , ou quatro apoſtrofes , e introduzindo além diſſo huma Sybilla a fallar com o meſmo artificio , que Horacio uſa em algumas das ſuas Odes. Veja a VIII. Elegia do Liv. II. de Propercio , que toda he muito ſublime.

CAR-

CARTA

AO SENHOR JOAQUIM JOSÉ DE MIRANDA REBELLO.

DEPOIS que o cego Amor, Miranda amigo,
Derramando em minha alma o ſeu veneno,
Me fez ſer da razaõ boa inimigo:

Depois que já naõ piſo o campo ameno
Alegre como dantes, nem cantando
Faço parar o Tejo aureo, e ſereno:

Depois que o ſacro geſto venerando
Da Virtude a meus olhos ſe eſcondeu,
Deixando-me illudir do vício infando:

Naõ te eſpantes do vaõ ſilencio meu,
Nem do pouco que em mim já permanece
Daquelle fogo, que me Apollo deu.

Aquelle bom louvor, com que florece
Qualquer Engenho ardente, e delicado,
Que eſtimado das Muſas ſer merece,

Em mim já naõ excita hum ſublimado
Furor, que a mente humana faz, que veja
Os Deoſes lá no Olympo conſagrado.

Minh'alma, que cançada ſó deſeja
Viver ſó dentro em ſi, fallar comſigo,
Nada do mundo em fim lhe cauſa inveja.

Mas

Mas adonde achará ſeguro abrigo
Contra as paixões humanas, que contino
Lhe eſtaõ tecendo hum aſpero caſtigo.

Que inda que erguer quizeſſe ao Ceo Divino
Nas azas do deſejo o penſamento,
Naõ o conſentiria o meu Deſtino.

Mas naõ ſeja por hora o meu intento
Importunar-te, Amigo, loucamente,
Derramando palavras vans ao vento.

Porque poſto que ſaiba claramente,
Que ſempre em meus deſejos enojoſos
Me ſerviſte de porto algremente:

E que com ſabios ditos valeroſos
Me ſerenaſte d'alma a tempeſtade,
Apartando-a de caſos perigoſos;

Naõ me parece honeſta qualidade
Cançar com vãos queixumes tanto a gente
Quem ſe arreia de candida amizade.

Nem eu fui degradado indignamente
Lá para a Scytha fria por ter viſto
Os defeitos de Jupiter potente.

Nem da patria apartado me contriſto,
Lá donde o curvo Ganges corre, e mana,
Onde ao Fado chorando em vaõ reſiſto.

Ou já experimentando a furia inſana,
Do embravecido Noto, revolvendo
As ondas de Amfitrite ſoberana:

Ou-

Ouvindo entre a tormenta o ladro horrendo
De horridos Scyllas; feios Polyfemos
Ao longo das aduſtas praias vendo.

Dos quaes em tempo algum jámais ſoubemos,
Que celebraſſem brancas Galatêas,
Nem por ellas fizeſſem mil extremos.

Humedecendo as férvidas areias,
Travando mil contendas bellicoſas
Por eſpeſſuras horridas, e feias.

Mas porque naõ darei vozes queixoſas,
Vendo-me importunado de parentes
De altivas condições ambicioſas?

Que iſto em comparaçaõ dos mui urgentes
Caſos, que opprimem peitos esforçados,
Couſas na vida humana taõ frequentes;

Saõ como os leves fumos levantados
Pelos ligeiros ventos, lá nos ares
N'um momento por elles diſſipados.

Mas ſe na ſorte humana reparares,
Verás que a todos ſaõ de igual pezar
Pequenos, ou quaeſquer grandes azares.

Hum que nunca ſe vio no vaſto mar
Das irritadas ondas compelido,
N'um rochedo propinquo a naufragar:

Andando pelo Tejo divertido
Em concavo batel, vendo alteradas
Hum pouco as agoas, julga-ſe perdido.

Mas para que saõ frases levantadas,
Aonde se requer humilde estylo ,
E palavras de adôrno despojadas?

Tanto em meus pensamentos me aniquillo ,
Que n'um momento leve , e arrebatado
Me parece voar do Tejo ao Nilo.

Hora vê , caro amigo , quam coutado,
Anda o meu siso sempre vagabundo,
Como roto baixel em mar irado.

Hora os Delfins do pelago profundo
Faz habitar as selvas , e no mar
O Javalí cerdoso , e iracundo.

Hora se entrega tanto ao seu pezar,
Que só feias imagens de tristeza
O poderaõ de todo consolar.

Entaõ com furiosa ligeireza
Busca lugares asperos , e escuros ,
Proprios de feras de horrida crueza.

Do Tartaro infernal os negros muros ,
A languida corrente do Cocyto ,
Do sordido Charonte os membros duros,

As mestas sombras , o confuso grito
D'aquella multidaõ atormentada,
O tormento das Furias infinito ,

A roda de Ixion accelerada ,
Do fero Rhadamantho a fatal urna ;
Onde a dura justiça he bem guardada ;

Do

Do lento Somno a habitaçaõ ſuturna,
Muito, e muito ladrar Scylla, e Charybdes,
Por onde ſó ſe vè ſombra nocturna.

Vós, oh Filhas de Danao, aonde ides?
Sibilantes Pythões, Gorgonas pallidos,
Perſeguî-as, vós Hydras, que de Alcides

Sentiſtes noutro tempo os membros validos:
Harpias feras de crueis intentos,
De geſtos horrendiſſimos, e eſqualidos.

Aonde me levais? vãos penſamentos,
Aſſim me miniſtraes fraſes ſingelas,
Nuas de ambicioſos ornamentos?

Porque me ergueis ás lucidas eſtrellas
Sem forças, e ſem arte, engenho, e ſiſo,
Sem o favor das Sacras Irmãs bellas?

Ah! nunca imaginei, que taõ confuſo
Andaſſe o meu eſpirito, involvido
Na cega eſcuridaõ de hum negro abuſo!

Se eu me víra de amor deſimpedido,
E de ſeus máos feitiços me naõ dera,
Que tanto me tem feito diſtrahido;

Meus humidos veſtidos ſuſpendêra
A' ſanta Liberdade. ao Ceo ſereno
Mais ſolto cá da terra entaõ me erguêra.

Ao ſom das limpas agoas do ameno,
E cryſtallino Téjo cantaria
Verſos dignos de Tityro, ou Sileno.

 Lá

Lá do ſeio das ondas ouviria,
Sobre a urna luzente reclinado,
O peregrino Canto, e melodia.

Sería entaõ de louro coroado
Por máos das lindas Tagides, encanto
De qualquer peito a Apollo dedicado.

Co' a creſpa fronte ornada de amaranto
Viria Pan allí, viria Apollo,
Que infunde em mortal peito immortal Canto.

As riquezas do aurifero Pactolo
Trarieis, vós Nereìdas, aſſentadas
Sobre os Delfins do mais diſtante Pólo.

E nas candidas azas delicadas
Suaves cheiros Zefiro traria
Das regiões Eôas celebradas.

A nua Venus, Deoſa da alegria,
Pelos eburneos hombros eſparſidas
As tranças de ouro, allí naõ faltaria.

As arvores de flores reveſtidas
Dariaõ freſca ſombra ás Nynfas puras,
Por entre as freſcas folhas eſcondidas.

Fóra das lapas concavas, e eſcuras
Em danças, e coréas concertadas,
Dos petulantes Satyros ſeguras;

Paſſariaõ as noites ſocegadas
Ao claro reſplendor da branca Lua,
Ao ſom das creſpas ondas prateadas.

E ſo-

E ſolitario lá na praia nua
O namorado Gallo em ſeu lamento
Queixára-ſe da Nynfa amada ſua.

Eila lá vai ligeira mais que o vento
Pelas Alpinas ſerras taõ fragoſas,
O Capitaõ ſeguindo fraudulento.

» Oh Nynfa bella mais que as freſcas roſas,
» Com tanto deſamor aſſim me deixas
» Entre lagrimas triſtes, e amargoſas?

» Já naõ eſcutas, fera, as minhas queixas
» De mim por montes aſperos fugindo
» Nua dos pés, e ſoltas as madeixas.

» Tem dos candidos pés, que vás ferindo
» Por eſpinhos agudos, piedade.
» Ah naõ te offenda a neve o chaõ cubrindo!

» Mitiga, Nynfa, a tua crueldade:
» Naõ ſigas eſſe perfido guerreiro,
» Que o peito nutre ſó de falſidade.

» Amor naſcido d'alma verdadeiro
» Naõ guardará quem ſegue Marte horrendo,
» E entra nos trances ſeus com roſto inteiro.

» Deſta rocha huma fonte eſtá correndo,
» Cujas limpidas aguas vaõ regando
» As flores, que no prado eſtaõ creſcendo.

» Por cima hum alto louro lhe eſtá dando
» Suaviſſima ſombra, em cujos ramos
» Eſtá Zefiro as azas meneando.

» Aqui

» Aqui, onde outro tempo já gozámos,
» Bella Lycoris minha, docemente
» Nossos amores, tanto nos amámos;

» Em lagrimas banhado tristemente,
» Sem consolação passo noites, dias,
» Movendo a grande pena a toda a gente.

» Oh! E se aqui tornasses, tu verias
» O roxo Apollo, Pan, e as santas Musas
» Culpando minhas loucas fantasias.

» As Nynfas lá das agoas circunfusas
» Mestas verias escutando o pranto,
» E minhas vozes tristes, e confusas.

» Verias o bom Tityro em seu canto
» Lamentar os meus casos desastrados,
» Em novo estylo vindo do Erymantho.

« Mas para que dou gritos magoados
» A quem de mim naõ cura, e mui distante
» Prodigaliza a outro os seus agrados,
» Com gesto todo puro, e todo amante! »

ODES

ODES.

ODES.

ODE I.

A SUA ALTEZA REAL O PRINCEPE D. JOSÉ NOSSO SENHOR.

I.

Musa, tu que presides aos louvores,
Que excitaõ n'alma heroica heroicos feitos,
Mostra-me, oh Deosa, as flores
Da immortal Eloquencia: altos conceitos,
Altos nobres furores,
Proprios para louvar illustres peitos,
Me inspira, e me illumina o pensamento
Para voar da terra ao ethereo assento.

II.

Profanar naõ pertendo o dom sagrado,
Que em mim depositou o Ceo benigno:
Assumpto sublimado
Digno de verso altissimo, e divino,
Digno de ser cantado
Na aurea lyra do excelso Venusino,
A' minha fantasia se offerece,
E me manda cantar, e m' esclarece.

III.

Vós Princepe ſublime, alta eſperança
Do Luſitano Imperio, amor, e gloria;
Vós noſſa ſegurança,
Vós, que aſſumpto ſereis de longa hiſtoria,
E de immortal lembrança,
Pois que já mereceis clara memoria
Por illuſtres acções, em canto eterno
Levantado ſereis ao Ceo ſuperno.

IV.

A vós, Senhor, que eu por meu Sol adoro,
Conſagro a lyra, e o canto. Em alto eſtylo
Claro, puro, e ſonoro
Ouça-me o Tejo, ouça-me o Gange, e o Nilo
Louvar Cyſne canoro
Voſſo nome; jámais deixem de ouvillo
Tantas Nações, que eſperaõ ſer regidas
Por vós com juſtas leis eſclarecidas.

V.

Já vos vejo no Throno Soberano
Jove potente, e juſto, fulminando
O Vicio horrendo, e inſano,
Soberbos Licaontes aterrando;
E com ſemblante humano
Os humildes do abiſmo levantando,
Erguendo do profundo abatimento
A Virtude, e o gentil Merecimento.

VI.

VI.

Novo Apollo a Ignorancia confundindo,
Protegereis as Artes, e Sciencias;
Benefico infundindo
Nas fantasias nobres influencias,
Ireis a porta abrindo
A feculos de altivas excellencias,
Fazendo-vos famoso em proza, ou rima,
De alta invençaõ, e de immortal estima

VII.

Vós o Pindo abrireis, e largamente
Fareis correr as fontes do Parnazo:
Aquelle fogo ardente,
Fogo divino, em que me accendo, e abrazo,
Mais vivo, e mais potente
Para cantar qualquer illustre caso
Será por vosso influxo Soberano,
Combatendo o furor do Tempo insano.

VIII.

A'quella Poesia, que suspira
Entre os braços de Amor languida, e preza,
Ao som da imbelle lyra,
Succederá na Scena Portugueza
Melpomene, que inspira
Domar das paixões feras a crueza;
Igualando o cothurno sem mudança
Da antiga Grecia, e da moderna França.

IX.

Accenderá Calliope altamente
De outro novo Camões a fantaſia.
Irá de gente em gente
Deſde a torrida Zona á plaga fria,
Voando eternamente
Novo prodigio de alta Poeſia,
Do qual ſereis Heroe ſublime, e dino.
Febo m'o diz, e a Vós o vaticino.

X.

Verá o mundo allí em toda a idade
Ceres, por voſſo auſpicio Soberano,
D'aurea fertilidade
Encher o largo campo Luſitano;
Mantendo em dignidade
O Portuguez cultor alegre, e ufano:
Prezado o illuſtre artifice, que tece
A lan, que a Tyria côr tanto enobrece.

XI.

Voando irá por toda a redondeza
A Pintura immortal, moſtrando ao mundo
A gente Portugueza
Dominando o furor do mar profundo;
Com inclyta inteireza
Levar trato honorifico, e fecundo,
Limpo de proceder duro, e perverſo
A's mais remotas praias do Univerſo.

XII.

XII.

Com mageſtoſo accento, e voz canora
Do illuſtre Tejo ás Regiões famoſas,
Aonde naſce a Aurora,
Iráõ voſſas victorias glorioſas
Se a Inveja, que devora
As almas de vil lucro cubiçoſas,
Suſcitar furioſa tempeſtade
Para offuſcar a Luſa Mageſtade.

XIII.

Será por vós, Senhor, reſuſcitada
Aquella antiga gloria Portugueza
Taõ clara, e taõ cantada
Da voz da Fama em toda a redondeza.
Vêr-ſe-ha recopilada
Em vós toda a magnanima grandeza
Deſſes Heroes no mundo glorioſos,
Voſſos Avós, Reis inclytos, famoſos.

XIV.

Fareis como Alexandre, e o claro Auguſto
Grande Epoca no mundo em toda a hiſtoria.
Principe excelſo, e juſto,
Tereis aſſento eterno na memoria,
Se eu co' a razaõ me ajuſto,
Já de illuſtrados ſeculos de gloria
Nova altiſſima ſerie vem naſcendo
De Heroes de esforço indomito, e eſtupendo.

XV.

Do ſeio da opulencia renaſcida
Terá Lisboa o Sceptro do Oceano :
Vós a fareis ſubida
Em policia, em coſtumes, trato humano;
Famoſa, e eſclarecida
Em Sciencias, e com valor ufano
Emporio do Univerſo, e de igual ſorte
Centro das Artes, Templo de Mavorte.

NOTAS,

Ou Obſervações ſobre a Ode.

TODOS ſabem, que a Ode he hum Poema breve, tecido de expreſſões ſublimes. Os antigos, que mais reſplendecêraõ neſte genero de Poeſia, quaſi ſempre a conſagráraõ ao louvor da Divindade, ou dos homens illuſtres. Pindaro entre os Gregos, e Horacio entre os Latinos, fôraõ os que levaraõ a Ode á ſua maior perfeiçaõ, ſervindo-ſe cada hum de methodo differente. O primeiro conſtrangido da eſterilidade dos aſſumptos, que tratou, ſervio-ſe de infinitas digreſſões, e conformando-ſe com aquelle impeto proprio da eloquencia Grega, organizou as ſuas Odes de expreſſões mais vivas, que inſtructivas, uſando de figuras mui attrevidas, e enfaticas, de maneira que o ſeu eſtylo parecerá hum tanto eſcuro, e deſunido a quem naõ eſtiver familiarizado com a leitura dos ſeus Poemas. Pelo contrario Horacio, naõ ſendo taõ ſublime, inſtrue mais; os ſeus penſamentos ſaõ mais bem deduzidos, e o ſeu enthuſiaſmo, ſe naõ he taõ brilhante como o de Pindaro, he certamente mais racional, como reſultado de huma fantaſia verdadeiramente filoſofica; o ſeu eſtylo he puriſſimo, e claro, qualidades que ſempre o fizeraõ mais lido, e imitado. Os noſſos antigos, que melhor compozeraõ na Ode, ſeguíraõ ſempre o methodo Horaciano. O meſmo fez o Garçaõ, o unico bom dos noſſos modernos; mas o eſpirito de novidade tem introduzido na compoſiçaõ da Ode hum novo eſtylo taõ deſunido, e cortado de interrogações, reticencias, e exclamações, e além diſſo taõ pouco deduzido nos penſamentos, que mais parecem delirios, que racionalidades. He bem verdade, que eſtes chamados furores poeticos coſtumaõ ſer deſculpados com a bella deſordem de Boileau, preceito que ainda até agora naõ tem os Sabios definido cabalmente; o que obrigou a dizer a Mr. d'Alambert, que as melhores Odes naõ eraõ aquellas, que tinhaõ: *Que vejo? Que eſcuto? Onde eſtou? Que ſinto?*

Eſta Ode he feita ao mais amavel Princepe, que hoje conhece a Europa, e que por ſuas grandes virtudes,

tudes, e ſabedoria promette ſer hum dos mais notaveis Reis do mundo. Puz todo o cuidado poſſivel porque reſplendeceſſe neſte Poema o decóro, e a mageſtade conveniente á grandeza de taõ alto aſſumpto, ſem intrometter couſa, que reſpire liſonja, fallando com o artificio poſſivel ás minhas forças daquellas couſas, que mais devem merecer a attençaõ de hum bom Monarca deſejozo do augmento dos ſeus Reinos, e felicidade dos ſeus Vaſſallos, como ſaõ Artes, Sciencias, Agricultura, Manufacturas, Leis, Navegaçaõ, Milicia &c. Nenhuma outra couſa me moveu a eſta compoſiçaõ, mais do que louvar a virtude, e o merecimento.

A Epiſtola, a Satyra, o Soneto, e o Epigramma ſaõ os Poemas, que naõ admittem invocações: os dois primeiros porque nelles naõ tem lugar o enthuſiaſmo; os ultimos pela ſua brevidade. Os Antigos uſaraõ dellas nas Odes, e em Pindaro ſaõ triviaes as invocações; e para dar alguma idéa do modo, com que eſte grande Poeta invocava no principio das ſuas Odes, tranſcreverei aqui huma debil traducçaõ das primeiras Eſtrofes da Ode primeira das Pythias, e de caminho ſe obſervará o methodo digreſſivo, com que elle hia avultando a ſua compoſiçaõ, que, como já diſſe, quaſi ſempre celebrava aſſumptos eſtereis. A traducçaõ he livre, e para naõ cauſar embaraço na intelligencia reſumo a antiſtrofe, e epodo primeiro, porque tem varias digreſſões de outras digreſſões, que naõ deixaõ de cauſar ſua confuſaõ, mórmente a quem naõ tiver liçaõ deſte admiravel Poeta.

Traducçaõ da Ode I. das Pythias de Pindaro.

Aurea lyra de Apollo,
Suave poſſeſſaõ das doutas Muſas,
Em cujos bellos hombros de alabaſtro
Negras tranças ondeiaõ.
Tu, a quem ſe une o metro delicioſo,
Fonte de alto prazer,
Tu, a cujos harmonicos accentos
Os Cantores divinos obedecem,
Quando nos brandos côros

Os

Os preludios dos Canticos entoas,
Cujo ſom faz caír o raio ardente
Das poderozas mãos do eterno Jove,
E faz, que á ſombra durma do ſeu Septro
A Rainha das aves
Veloz Aguia ſublime.
Tú, que amanſas a furia de Mavorte,
Pois que em fim tuas graças docemente
Os Supremos Celicolas encantaõ,
E lá no fundo Tartaro, onde jazem
Os que as Muſas amaveis aborrecem,
Aos tenebroſos Deoſes adormecem;
Allí tormento eterno
Afflige o Centimano impio Tyfeu,
Opprimido do Ethna,
De cujo ſeio interno docemente
Manaõ fontes amenas,
Mui puras, e ſerenas,
E do ſeu cume excelſo, eternamente
De neve coroado,
Rios de fogo arroja, e pó ſulfureo
Com temoroſo eſtrondo: eſpanto horrendo,
Aos que ouvem, e aos que paſſaõ....
E tu, Febo, que em Delo, e Licia mandas,
E tanto eſtimas a Caſtalia fonte,
Imprime no meu animo as acções
Do claro Heroe, que celebrar pertendo,
E dá-me hum nobre eſtylo, que aos vindouros
Seu nome illuſtre mande &c.

O methodo da invocar de Horacio era mais reſumido, e analogo ao aſſumpto, que pertendia tratar, como ſe póde ver do ſeguinte exemplo da Ode IV. do L. III.

Deſce do Ceo, Calliope Rainha,
Do ſacro Aonio Coro:
Com doce ſom canoro
Canta na frauta, ou na Apollinea lyra.

De ſorte que eſtas, e outras invocações, que ſe encontraõ no Lyrico Latino, ſaõ mui breves, no que foi imitado de quaſi todos os modernos, que pela maior parte as fecháraõ em huma ſó Eſtrofe, como ſe pode vêr

dos feguintes exemplos. Seja o primeiro a invocaçaõ da Ode IX. do Conde Fulvio Tefti, que he hum dos Lyricos de Italia, que mais feguio a norma da compofiçaõ Pindarica.

Mentre umile m'inchino al tuo gran Nume,
O Febo, e di divoti
Incenfi io fpargo il riverito altare,
De l'innocente cor le non avare
Preghiere, e i cafti voti
Seconda tu con fortunato lume:
Ben fai, che non prefume
L'alma gran cofe, e che fra fe contenta
Mentre poco defia, nulla paventa.

Guido Cafone, Lyrico que feguio muito a compofiçaõ Horaciana, na primeira Ode da fegunda parte nos dá o feguinte exemplo:

Con regolati errori
Gira il Ciel; fiammeggiando non rifplende
Il foco, ora la luce, ora gli horrori
L'aria accoglie, la terra immobil pende;
Treme rinchiufo entro i fuoi lidi il mare,
Mufa, canta il Fattor d'opre fi rare

Bernardo Taffo, Pai do grande Torcato Taffo, reputado pelo maior Lyrico do feu tempo na Italia, nos fornece hum exemplo da mefma qualidade na Ode III. á Lua:

Pon freno, Mufa, a quel fi lungo pianto,
Ch'Amor t'apre del core;
Et veftita de ricco, e licto manto,
Rendiamo a quella honore,
Che col vago fplendore
Facendo il Cielo adorno,
Moftra, quando è più ofcuro, un chiaro giorno.

Vejamos agora como o grande Camões invocou, e feja o exemplo a invocaçaõ, que tem na primeira Ode á Lua, gentil immitaçaõ da dita Ode de Taffo Pai, e de caminho obfervará o curiofo Leitor a liberdade, e bizarria, com que coftuma imitar hum Engenho original, fervindo-fe do melhor do texto imitado, e aperfeiçoando o que achou menos congruente á razaõ, como fe verá, que efte gran-

de

de Poeta fez principalmente na imitaçaõ do ultimo verſo, cujo ſentido abraça huma antitheſe, que naõ deixa de ſer hum tanto pueril. A paſſagem he a ſeguinte:

Detem hum pouco, Muſa, o largo pranto,
Que Amor te abre do peito.
E veſtida de rico, e ledo manto,
Demos honra, e reſpeito
A aquella, cujo objecto
Todo o mundo alumia,
Trocando a noite eſcura em claro dia.

Coſtumaõ os Poetas invocar, quando tem que tratar aſſumpto grande, que julgaõ ſuperior ás ſuas forças. Verdade he, que a longa invocaçaõ acima deſcrita de Pindaro he mais para dar extenſaõ a hum aſſumpto eſteril, do que para excitar as idéas, mórmente em argumento, que ſó contém huma victoria inutil de hum Heroe trivial dos Jogos Pythios. Eſtas invocações ſaõ indices da modeſtia do Poeta, ou Poetas, que dellas uſaõ nos grandes aſſumptos, moſtrando-ſe de algum modo inſpirados para haver de fallar de huma maneira extraordinaria daquellas couſas, que parecem exceder as forças do engenho humano. Aſſim o fez Horacio na Ode XII. do Livro I. para cantar os louvores dos Deozes: na IV. do Liv. III. onde celebra prodigios das Muſas, declinando por meio de huma maravilhoſa tranſiçaõ em os louvores de Auguſto; e na XXV do meſmo Liv. onde com admiravel vehemencia de enthuſiaſmo celebra, e louva Auguſto. Seraõ de parecer alguns, que eſte artificio de compoſiçaõ ſó ſe deva practicar na Ode; mas o uſo dos melhores Poetas nos moſtra, que nas melhores Elegias, e ainda meſmo nas Eclogas, tem lugar as invocações, quando neſtes Poemas pertendem tratar couſas mais elevadas, como vêmos practicado por Tibullo na Elegia V. do Liv. II., e na I. do Liv. III.: por Propercio na Elegia I. do Liv. III.: e por Virgilio na Ecloga IV, na VI, e na X.; a razaõ he, porque eſtes Poemas ſaõ capazes de enthuſiaſmo, o que aſſaz ſe moſtra de todas as Poeſias acima indicadas, e em eſpecial da VI. Ecloga de Virgilio, o que tem ſido muito imitado dos modernos, e em eſpecial dos noſſos Poetas Portuguezes. Se alguem pertende ſaber qual

dos exemplos allegados he o mais bello no meu conceito, posto que todos tem qualidades de bellezas estimaveis, com tudo eu julgo, que a de Horacio he superior á de Pindaro pela brevidade, e doçura; se bem que o ultimo verso da primeira Estrofe me parece hum tanto incorrecto, por huma especie de pleonasmo, que ao meu parecer está constituido em *fidibus*, *cytharave Phoebi*, se por *fidibus* se naõ deve entender outro instrumento diverso da *cithara* pela figura synedoche. He bem verdade, que este meu reparo de pouco deve montar, á huma, pela minha ignorancia, e pelo silencio de todos os Criticos nesta passagem; á outra, porque assim como os modernos naõ podem entrar em hum cabal conhecimento de todas as graças da Lingoa Latina, por ser idioma que se naõ falla á mais de 14 seculos, pela mesma razaõ naõ podem conhecer muitos defeitos dos seus antigos Escritores, especialmente sendo relativos ao estylo; e muitas vezes acontecerá, que o que elles tinhaõ por defeito, os modernos avaliem por huma belleza, e assim o que elles estimavaõ belleza, nós o julguemos defeito.

ODE

ODE II.

Á Lingoa Portugueza.

Lingoa, cuja ſuave melodia, (1)
Cuja enchente fecunda de expreſsões (2)
Clara te faz entre as viventes Lingoas,
Mais que todas illuſtre.

Se aquelle, que imitando o Cyſne Argivo
Tanto as Latinas Muſas illuſtrou,
Que as fez voar eternas pelo mundo,
Vencidas quaſi as Gregas:

Que as armas, e o Varaõ pio cantando,
Que o caro Pai, que os caros ſeus Penates
Salvou por entre chammas, e armas horridas
Dos férvidos Achivos:

Se o que as cauſas orando ante os Conſcrittos
Na mageſtoſa Curia, ou ante o povo,
No fundo lá dos peitos accendia
Mil diverſas paixões:

Cuja copia grandiloqua, e facunda
As ſedições feroces profligava,
Que a Roma apparelhavaõ ferro, e flamma,
Sepultura fatal:

Ouviſſem como ſoas doce, e branda;
Tua indole grave, e mageſtoſa, (3)
Flexivel para todos os aſſumptos, (4)
Attentos contemplaſſem:

Do mais polido ſeio da Latina (5)
Diriaõ ſer naſcida a Luſa Lingoa,
A mais propria de aſſumptos mageſtoſos, (6)
De engenhos levantados.

Que a Lingoa dos ſoberbos vencedores
D'Africa, d'Aſia, e da famoſa Europa,
Fallavaõ os illuſtres Luſitanos,
Gente inclyta no mundo.

Que impavidos fendendo o mar tumente,
Sem temer as horrendas tempeſtades,
Novas eſtrellas vîraõ, novos climas,
Novos mundos acháraõ.

E por armas ſanguineas ſe fizeraõ (7)
Famoſos mais que Cezar, e Pompeo;
E onde nunca chegar pôde Trajano
Fôraõ ſuas victorias.

Vîraõ os ſeus triunfos, e trofeos
As ondas Eritréas, o Indo aduſto:
Vio-os o curvo Ganges, e o Japaõ
Lá nos confins do mundo.

Vio-os de immortal gloria coroados
A Brazilica terra immenſa, e grande,
Fundar Reinos, Imperios, e domar
Barbariſſimos povos.

Se hum grande Barros, ſe hum ſublime, e grande, (8)
Hum divino Camões cantar ouviſſem,
Ou em ſolta oraçaõ alta, e pompoſa, (9)
Ou em ſuave metro: (10)

Com

Com vivas côres de immortal tranſumpto,
Formadas pela maõ do engenho, e d'arte,
Veriaõ retratar Provincias, Reinos, (11)
Vaſtiſſimos Imperios.

Varios coſtumes, varios ritos, e uſos (12)
De diverſas Nações feras, e eſtranhas,
Naõ ſabidas jámais, nem conhecidas
Dos antigos Filoſofos. (13)

No meio allí dos mares ſe levantaõ,
Como nuvens ſutís, ilhas ignotas: (14)
Aqui ſe alarga a fóz de hum curvo porto:
Álem ſe elevaõ montes.

Vaõ-ſe eſtendendo aquaticas ribeiras;
E as maritimas coſtas alongando;
Fervem nos baixos turbidos as ondas
Com temoroſo eſtrondo.

As enſeadas concavas ſe encurvaõ,
Levantaõ-ſe os convexos promontorios (15)
Longamente eſtendidos pelos mares,
Das ondas combatidos.

Tal no Templo da Fama retratou,
Para ter longa vida, e nome eterno,
O grande Livio grandes as proezas (16)
Dos potentes Romanos.

Eu já te vejo, oh Maro envolto em medo, (17)
Vendo nas ſombras horridas da noite
Lá do fundo dos mares levantar-ſe
O fero Adamaſtor.

Co

Co' a cabeça de nuvens coroada, (18)
De chuvas, ventos, raios, e tormentas,
De horrorosos trovões, de horriveis fogos
Dos férvidos relampagos.

Os horrisonos sons das tempestades,
Os bramidos dos ventos, e das ondas,
Dando, e batendo ao longe nos rochedos
N'alma espanto te imprimem.

Oh! como escutas pavido, e infiado
A voz horrenda, rouca, e pezaroza (19)
Do colerico monstro ameaçando
Aos Portuguezes nautas!

Mortes, estragos, e crueis destinos
Pronosticando, e miseros naufragios
Aos que ousáraõ tentar a vez primeira
Seus incognitos mares.

Oh invençaõ altissima, e divina, (20)
Nunca de peregrina fantasia,
De quantas inflammou o vivo Apollo,
Sonhada, ou concebida!

Já retumba nos campos de Mavorte (21)
O som da tuba, qu' enfurece, e accende
Os corações ferozes para a guerra:
Oh como te embraveces!

Allí o mundo atroa o estrondo horrendo (22)
Da ardente artilheria furibunda:
Como se eleva, e com ruina estalla
A mortifera bomba! (23)

Soa

Soa a ſolida terra rude eſtrepito, (24)
Quadrupedando os férvidos ginetes: (25)
Soaõ armas horrificas, e ſoaõ (26)
Os roucos atambores. (27)

Com deſtreza gentil de tom mudando,
Já vês ſahir da lyra enrouquecida,
Interrompido com ſoluços, e ais, (28)
O ſom do pranto amargo.

Qual muſico excellente, que paſſando
De alegre, arrebatada ſynfonia,
Com modulaçaõ doce em grave tom (29)
Chora, geme, e ſuſpira; (30)

Allí com vivas côres retratando
O mais robuſto peito afflige, e move
O caſo acerbo da gentil Donzella,
Da triſte linda Inez. (31)

Aquella, cuja viſta ſoberana,
Throno excelſo de Amor, era alma, e vida
Do claro Infante, e cuja formoſura
Rendèra o meſmo Olympo, (32)

Pallida jaz da vida deſpojada,
Languido o niveo collo, e o branco peito
No proprio ſangue ſeu banhado, e tinto;
Mortos os lindos olhos.

Eſtaõ as Nynfas candidas chorando
Sobre o frio cadaver laſtimoſas,
E os meſtos ais do concavo das grutas
Ecco triſte repete.

Já ſe vaõ pouco a pouco convertendo
Os membros de alabaſtro em claras fontes.
Tanto nellas a magoa penetrou,
A dôr intenſa, e viva! (33)

Adornado de extrema perfeiçaõ,
Sempre illuſtre ſerás, ſempre famoſo,
Sempre de ſabios peitos eſtimado,
Puriſſimo Idioma. (34)

A pezar dos maledicos profanos,
A quem as Sacras Muſas recuſáraõ
O dom de conhecer tuas bellezas,
E ſolida energia.

Inda com teu favor me elevarei (35) (36)
Com clara fama ás lucidas eſtrellas, (37)
Brando Cyſne cantando ao ſom do Tejo (38)
Canticos immortaes.

Iſto o vermelho Apollo m'o declara,
E a mente me enfurece a roxa flamma;
Já ſe me vaõ os membros transformando (39)
N'outra nova figura.

E de alvas pennas mil veſtido, e ornado (40)
Já me ſinto da terra levantar:
Eis nas candidas azas ſuſpendido
Novos cantos medito.

Já novos ſeres vejo, novas fórmas: (31)
Já me occupaõ a mente altos aſſumptos.
Ficai, profanos, que das doces Muſas
Os dons vituperaes.

NOTAS.

A Maior parte dos homens de talentos relevantes estimou o Idioma, que no berço lhe foi ensiñado; assim o persuade a razaõ, e o ensina a boa filosofia. Quantos Varões sapientissimos naõ possuhio a Italia até ao fim do seculo decimo sexto, os quaes tanto naõ desprezáraõ a sua Lingoa, que compozêraõ obras de immortal merecimento, com que a illustráraõ, e políraõ, podendo estes escrever na Latina com muita pureza, e elegancia? Dante, Petrarca, Ariosto, Sannazzaro, Bembo, e outros escrevêraõ insignemente na Lingoa Latina; mas os escritos de alta composiçaõ, que escrevêraõ no seu Idioma, fôraõ os que lhes conciliáraõ nome eterno no mundo. O mesmo vêmos, que tem obrado com os seus Idiomas os Castelhanos, Francezes, e Inglezes, além das muitas observações, e analyses, que as suas Academias tem publicado sobre a natureza das Lingoas, que fallaõ, elegancias, e construcções particulares a muitos dos seus Authores Classicos, onde derramáraõ assaz de louvores aos ditos Idiomas, o que he notorio a todos os que se daõ a esta qualidade de estudos. A Naçaõ Portugueza, como desde o principio do Reino andou sempre envolvida em guerras, nunca pôde possuir nenhum destes Córpos authorizados de homens de Letras, senaõ taõ sómente no Reinado de D. Joaõ V. a Academia Real da Historia Portugueza instituhida pelo mesmo Rei, da qual naõ me consta, que sahisse escrito algum relativo ao estudo da Lingoa: (*) porém se esta Congregaçaõ de doutos persistisse, he verosimil, que publicasse neste genero de erudiçaõ obras de muita utilidade, e gloria para a Naçaõ Portugueza. Com tudo homens doutos, e sabios, que conhecem a elegancia, e formosura do nosso Idioma, escrevêraõ obras de muito abalizado merecimento compondo Grammaticas, e Discursos sobre

(*) A Academia Real da Historia Portugueza tinha por objecto a Historia Civil, e Ecclesiastica da Naçaõ Portugueza, ramo da Litteratura Nacional, que em si naõ abrange o que diz respeito á lingoagem, mas taõ sómente aos acontecimentos publicos.

a natureza da Lingoagem Portugueza, além de outros muitos, que a louvárão nos seus escritos, tanto nacionaes como estrangeiros, varões doutos, e de grande merecimento. Os que compozeraõ Grammaticas, e Discursos sobre a nossa Lingoa, de que eu tenho noticia saõ os seguintes: Joaõ de Barros, Duarte Nunes de Leaõ, Manoel Severim de Faria, Amaro de Reboredo, Pedro de Magalhães Gandavo, Alvaro Ferreira de Vera, o Bispo D. Antonio Pinheiro, Joaõ Franco Barreto, e quasi em os nossos dias D. Jeronymo Contador de Argote, e outros muitos, que escrevêraõ com grande acerto, e magisterio. Louvâraõ-na, e fizeraõ nella doutas observações o Doutor Antonio Ferrar, George Ferreira, Fr. Bernardo de Britto, o grande Camões, Damiaõ de Goes, Fr. Amador Arraes, Manoel de Faria e Sousa, Antonio de Sousa de Macedo, o P. Antonio Vieira na Censura á III. Parte da Historia de S. Domingos de Fr. Luiz de Sousa, que vem no XIV. Tom. fol. 289, e outros. Dos Estrangeiros fôraõ Anibal Caro, o P. Joaõ de Marianna, Miguel de Cervantes, Lope da Vega Carpio, Fr. Bento Feijó, Vicente Espinel &c. Este ultimo costumava dizer ao nosso Manoel de Faria e Sousa, que a Lingoa Portugueza era hum encanto; e com razaõ, pois o nosso Idioma contém em si as cinco condições, que deve ter toda a Lingoa perfeita, e culta, que saõ, cópia, doçura, energia, capacidade para todos os assumptos, e escrever-se como se falla. A estreiteza destas notas naõ me permitte maior discurso sobre cada huma destas partes, a existencia das quaes he evidente aos estudiosos da Lingoa; direi com tudo, que o nosso Idioma tem tal medida, e compasso entre vogaes e consoantes, que a frequencia destas nunca attropella, e abafa o som expressivo daquelloutras, além de naõ ter dicçaõ alguma, que termine em consoantes asperas, como saõ *ff*, *pp*, *tt*, assim como a Lingoa Latina, a Franceza, e muitas das polidas da Europa, qualidade que muito contribue para a suavidade, e número, de que se vê ornada. As bem notadas desinencias de todos os seus pluraes em *as*, *es*, *is*, *iz*, *os*, *us*. As anomalias todas formadas pelas mais puras regras do Gosto; a facilidade das conjuga-

jugações dos verbos, e das declinações dos nomes; a evidencia dos generos, tudo concorre para a sua perfeiçaõ, e facilita os meios de se aprender, pois a cada passo vêmos mininos de tres annos, e ainda de menos, que fallaõ de modo, que raros solecismos commettem; e qualquer Estrangeiro póde traduzir com facilidade, e presteza na sua Lingoagem todo o pedaço de prosa dos nossos bons Authores, visto ser a Syntaxe da nossa Lingoa mui natural, e correcta, sem a immensidade das inversões, que vêmos nos outros Idiomas antigos, e modernos; circunstancia que os faz de difficil accesso a quem nelles pertende ser instruido, e obsta á sua propagaçaõ; porque, exceptuando algumas pessoas eruditas da Europa, fóra della naõ saõ muito conhecidos estes Idiomas. E frequentando tantas Nações da Europa todas as costas, que vaõ desde o Cabo de Nam até ao Japaõ, nenhuma Lingoa he mais conhecida, e fallada de tantas Naçoes, que habitaõ ao longo de todas essas Costas, e Certões, que a Portugueza, o que resulta naõ só do trato continuo com os Portuguezes, mas tambem da facilidade da Syntaxe, e pronunciaçaõ da Língoagem Portugueza. Em louvor da qual ha mais de doze annos compuz esta Ode, naõ porque o nosso Idioma necessitasse dos elogios, que lhe podesse traçar o meu fraco engenho, que assaz de louvores lhe conciliaõ as graças energicas, de que se acha ornado, e as obras immortaes, que nelle compozeraõ tantos Varões de assignalado merecimento; mas sim por vêr o quanto sem motivo, nem razaõ, o desacreditaõ muitas pessoas indoutas, e ignorantes, que tendo leve conhecimento de algumas Lingoas Estrangeiras, estas só louvaõ, e prezaõ, culpando frequentemente a nossa de pobre, e difficil de se aprender, como se os taes tivessem os precisos requisitos para decidirem do merecimento de hum Idioma taõ antigo, fixado, e authorizado com tanto número de escritos, que muitos delles em nada cedem no seu genero aos Antigos. E porque no tempo, em que compuz este Poema, ainda naõ me achava familiarizado com as verdadeiras regras do Gosto, esse foi o motivo porque sahio com muitos defeitos de locuçaõ, por cuja causa lhe fiz mais de quarenta e duas emendas, ficando,

cando, isso naõ obstante, assaz defeitoso em ser de grande extensaõ, e organizado em verso solto, qualidade de metro, que excepto nos Poemas Dramaticos, em todos os mais he de natureza repugnante, e contraria ao bom Gosto, e mui remota da indole do nosso Idioma, cuja Prosodia he absolutamente diversa da do Grego, e Latino. Além de que, em huma Lingoa taõ abundante de simulcadencias em todo o genero como a Portugueza, naõ ha necessidade, que obrigue a deixar o uso da rima, a qual parece essencial ao nosso verso, e o naõ usar della póde ser reputado por fraqueza, e temor de naõ poder ir pelo caminho, que os nossos Avós com tanta gloria frequentáraõ: nem concluem nada os que dizem ser a rima hum pezadissimo grilhaõ para exprimir com felicidade os conceitos; pois só o póde ser aos que sem engenho, e sem conhecimento profundo da Lingoa intentaõ poetar. Antes pelo contrario do fundo deste mesmo obstaculo succede nascerem talvez as mais admiraveis bellezas de estylo, como bem advertíraõ Torcato Tasso, e Voltaire, e experimentaõ todos os dias, os que procuraõ metrificar com Gosto. E se me dizem, que alguns excellentes Engenhos compozêraõ Poemas de grande merecimento sem usar de rima, respondo, que estes muito mais dignos seriaõ de applauso, se nelles se empregasse a rima com destreza, e arte. Digaõ-me, que quem naõ rima he porque naõ póde rimar, e pertende compôr de pressa, e naõ que seja repugnante á estructura de qualquer Poema o bello uso das simulcadencias,

(1) A doçura, e harmonia da Lingoa Portugueza he manifesta naõ só aos Nacionaes, mas tambem aos Estrangeiros; e para tratar amores, e todas as mais qualidades de affectos, nenhuma se lhe iguala. Procede isto naõ só do genio da Naçaõ Portugueza, por ser naturalmente inclinada á paixaõ do amor, e mui dezejosa de a públicar em frase de extrema suavidade, mas tambem por ser a Lingoa mui cheia de rimas de suavissima harmonia, e letras consoantes de mui doce pronunciaçaõ, como *bb*, *dd*, *ll*, *mm*, *nn*, *ss*, zz; e talvez, que á sobredita paixaõ se deva em grande parte a belleza, e ordem natural da nossa Syntaxe, porque quem se sen-

re

te poſſuhido deſte affecto, põe toda a diligencia em o manifeſtar com clareza ao objecto, que lh'o faz ſentir, donde ſó eſpera o remedio do mal, que ſente. E ſe o amor naõ foi o que inventou as Lingoas, foi certamente quem as aperfeiçoou, e polio.

(2) A cópia de palavras he mui neceſſaria a qualquer Idioma; porque aliás difficil couſa ſeria deixar de repetir os meſmos termos, o que obſtaria muito á variedade do eſtylo. A abundancia da Lingoa Portugueza, como já bem advertio o judicioſo, e elegante Manoel Severim de Faria, ſe patenteia por quatro demonſtrações. A primeira nos muitos verbos, que ſignificaõ huma ſó acçaõ, como vêmos nos que ſe ſeguem, os quaes exprimem a acçaõ de reduzir hum livro a menos leitura, a ſaber. *Abbreviar*, *recopilar*, *reſumir*, *epilogar*, *epitomar*, *compendiar*, e *encurtar*. Veja-ſe o *Epitome da Lingoa Portugueza* de Faria na Europa. A ſegunda, no número de nomes, que ha para huma meſma coiſa, quaes ſaõ: *Adagio*, *Proverbio*, *Rifaõ*, *Exemplo*, *Sentença*, *Ditado*, *Annexim*, e além deſtes, que traz o ſobredito Author, *Dito*, *Falla*, *Fallar*, uſados por Fernaõ Lopes, e Jorge Ferreira. A terceira na multidaõ dos vocabulos, que naſcem de huma ſó palavra, o exemplo dos quaes derivados de hum ſó nome moſtrou já largamente Duarte Nunes de Leaõ na *Origem da Lingoa Portugueza*, e ſe vê bem nos que ſe derivaõ deſta palavra *pedra*, de que os Latinos naõ tem mais do que ſeis, e nós dezeſeis, ou dezeſete, que ſaõ *Pedra*, *Pedreiro*, *Pedreira*, *Pedraria*, *Pedral*, *Pedrado*, *Empedrar*, *Deſempedrar*, *Apedrejar*, *Pedrada*, *Pedroſo*, *Pedregoſo*, *Pedranceira*, *Pedrouço*, *Pedregulho*, *Pederneira*, e *Pedernal*. (*) Vieira Tom. IV. fol. 407. Da quarta, e ultima demonſtraçaõ de palavras, que ſe naõ achaõ nas outras Lingoas, ſenaõ ſó na Portugueza, ſeja exemplo: *Agazalhar*, *Alvoroço*, *Atinar*,

(*) Aos dezeſete vocabulos derivados do nome *Pedra*, aqui declarados ſe podem ainda ajuntar os ſeguintes: *Pedregal*, *Pedrez*, *Pedrinha*, *Pedriſco*, *Apedrar*, *Apedrejador*, *Impedernir*, *Empedrenecer*, *Empedernido*, *Empedernir-ſe*, *Empedrador*, e *Empedradura*: e talvez mais alguns.

Boni-

Bonina, *Enxergar*, *Encampar*, *Encarar*, *Geito*, *Infar*, *Lembrança*, *Magoar*, *Maviofo*, *Praguejar*, *Pairo*, *Pairar*, *Primor*, *Tomar-fe de alguma coufa*, *Mano*, *Saudade*, *Sofrego*, *Defenvoltura*, *Defenvolto*, e outros muitos. Naõ fallo já dos infinitos modos de fallar elegantiflimamente particulares ao noffo Idioma: e para formar delles alguma idéa apontarei alguns exemplos tirados das Decadas do grande Joaõ de Barros. Seja o primeiro no Cap. X. da Decada I., » Pofto que as Ilhas em fi nam » fam mais que huns ilheos efcaldados dos ventos, e ro- » cio da agoa das ondas do mar. » E no Cap. II. Liv. II. da Decada I.... » E ifto naõ com palavras taxadas, e » avaras, fegundo o ufo dos Principes, mas com modo » eloquente, e de prodigo Orador, como quem fe preza- « va diffo. » Fallando de Chriftovaõ Colon, diz o feguinte no Liv. III. Cap. XI. da Decada I.: » Onde tam- » bem andou ladrando efte requerimento. » Em o Cap. I. do Liv. VIII. da Decada I. fallando da queixa, que os Mouros da India fizeraõ dos Portuguezes ao Soldaõ do Cairo diz: » E fobre tudo faõ (os Portugue- » zes) huma bofetada da Cafa de Meca. » Elegancia talvez intraduzivel em os outros Idiomas. Os que nunca deixáraõ de feguir nas fuas compofiçóes a rotina do vulgo dos que efcrevem, naõ admiraõ eftas, e outras muitas bellezas da mefma qualidade; porque o conhecimento do feu valor he inacceffivel á intelligencia dos taes, e femelhantes ellegancias fó podem fer concebidas, e calculadas por Engenhos privilegiados, e verdadeiramente affiftidos das Mufas. Em fim a cópia do noffo Idioma, naõ fó he patente aos que fe daõ ao eftudo delle por fimples leitura, e analytica obfervaçaõ dos feus Efcritores Claffícos, mas muito mais aos que nella pôe toda a deligencia em compôr com correcçaõ, e emenda; pois fuccede infinitas vezes a eftes verem-fe em aperto pela efcolha, que tem de fazer na abundancia de termos, que fe lhes offerecem para exprimir os feus conceitos, como ingenuamente o teftifica de fi proprio o Bifpo de Leiria D. Antonio Pinheiro, Varaõ douto, e mui benemerito da noffa Lingoa, na Dedicatoria da Traducçaõ do Panegyrico de Plinio, onde diz, que muitas vezes

fe

se vira em afronta, e necessidade de escolher. Do mesmo parecer forão os acima allegados Duarte Nunes de Leaõ, o Chantre de Evora Manoel Severim de Faria, e outros Varões doutos, e benemeritos da nossa Litteratura Portugueza.

(3) A magestade da Lingoa Portugueza, assim como a gravidade da sua eloquencia he notoria, naõ só aos Nacionaes, mas tambem aos Estrangeiros. Naõ consistem estas duas bellas virtudes do estylo em huma longa serie de palavras, mais cheias de estrondo, do que significado; nem taõ pouco em hum modo de fallar continuamente reflectido, e estudado, signaes evidentissimos de affectaçaõ, como vêmos na maior parte dos escritos, que formaõ o sólido da Lingoa Castelhana, mas sim nos grandes, e magestosos assumptos historicos, e epicos, de que abunda a Naçaõ Portugueza, e na sublimidade dos conceitos, e no modo de os annunciar com perspicuidade, pureza, e elegancia.

(4) Que a Lingoa Portugueza seja capaz de tratar todos os assumptos, tambem se faz visivel pelas excellentes obras de toda a qualidade, que nella se tem composto. E quando assim naõ fosse, bastava haver tratado a Historia, e a Epopéa com tanta magestade, e elegancia para se lhe facilitarem todos os assumptos. Porque como a composiçaõ Epica, e Historica seja a mais difficil de executar, claro está, que quem estas executa com perfeiçaõ, melhor comporá nas outras, ao menos na parte relativa ao estylo, que he talvez a de mais consequencia, e baixo em que muitos naufragaõ; como o estylo seja o colorido das idéas, e este para ter dignidade conveniente á grandeza, e sublimidade dos assumptos, e dos conceitos sublimes pede os mais vigorosos esforços da fantasia, por isso mesmo que a sua esfera naõ se estende senaõ aos termos, e frases mais nobres, e puras da Lingoa, manifestamente se mostra, que muito mais facil seria compôr Comedias, e outras composições do mesmo jaez, visto que estas requerem estylo vulgar, e pedestre, o qual se serve das palavras mais usuaes do vulgo, e raras vezes lhes podem quadrar os termos da dicçaõ sublime. A Naçaõ Portugueza tem no seu Idioma os mais preciosos monumentos de Historia. As historias da India

compoſtas por Joaõ de Barros, Diogo de Couto, Fernaõ Lopes de Caſtanheda, Affonſo de Albuquerque, ónde eſtá reconcentrado todo o bom Goſto do verdadeiro Atticiſmo, formaõ hum corpo de Hiſtoria, que viſto por todos os lados, he o mais authorizado, o mais vaſto, o mais novo, e intereſſante, que nunca vio o mundo até áquelles tempos, nem nos modernos ha eſperança de outro ſemelhante. Naõ fallo já das Chronicas dos noſſos Reis antigos até D. Affonſo V., compoſtas por Fernaõ Lopes, pai da proſa Portugueza, e o primeiro talvez que na Europa eſcreveu a hiſtoria dignamente; nem na que eſcreveu Gomes Eannes de Azurara, Garcia de Rezende, Ruy de Pina, Damiaõ de Goes, Duarte Nunes de Leaõ, Duarte Galvaõ, Pedro de Mariz, Franciſco de Andrade, Fr. Bernardo de Britto, Fr. Antonio Brandaõ, Fr. Luiz de Souſa, Fr. Marcos de Lisboa, o P. Joaõ de Lucena; afora os que eſcrevêraõ hiſtorias fabuloſas de Cavallaria, como o meſmo Joaõ de Barros, Bernardim Ribeiro, Franciſco de Moraes, o Author do Memorial dos Cavalleiros da Tabula redonda, e outros que naõ nomeio por naõ fazer longo proceſſo. Em huma palavra, a Naçaõ Portugueza pode-ſe affirmar, que enſinou como ſe devia eſcrever a hiſtoria em lingoa vulgar, como já diſſe hum celebre Author Eſtrangeiro, de cujo nome me naõ lembro ao preſente. A Hiſtoria das Viagens de Fernaõ Mendes Pinto he taõ admiravel, e intereſſante, que naõ conhece outra o Orbe Litterario. Na Oratoria tambem poſſue a noſſa Lingoa belliſſimos monumentos. Joaõ de Barros, Antonio de Caſtilho nos Panegyricos de D. Joaõ III., e da Infante D. Maria, moſtraõ, quam apta he a Lingoa Portugueza para o genero demonſtrativo. Os Sermões de Diogo de Paiva de Andrade, os de Fr. Antonio Feio, e os do grande Vieira ſeraõ em todas as idades eternos monumentos de gloria para o Idioma Portuguez. E nas compoſiçoes que requerem eſtylo medio, temos couſas de mui notavel merecimento. Os Dialogos de Fr. Heitor Pinto, e os de Fr. Amador Arraes merecem a eſtimaçaõ de todos os bons Litterarios; aſſim como os de Franciſco de Moraes, Author da primeira Parte do Palmeirim de Inglaterra, e

os

os de Joaõ de Barros, em cuja claſſe tambem deve entrar a bella, e elegante traducçaõ do Catheciſmo do Concilio de Trento, que he huma das boas prozas, que ha na Lingoa Portugueza. Querem vêr huma verdadeira imagem da eloquencia dos Dialogos do divino Plataõ, e do eloquentiſſimo Cicero, leiaõ os de Fr. Heitor Pinto. Além da mais pura, e ſanta moral Chriſtáa, que conſtituem o fundo eſpecial dos ditos Dialogos, nelles admirará quem os ler em gráo ſuperior todas as graças de eſtylo o mais puro, e correćto. A Poeſia foi a primeira inclinaçaõ da Naçaõ Portugueza, como o affirmaõ muitos Authores noſſos, e eſtranhos; entre eſtes o Author da Bibliotheca Hiſpana, no Tom. II. na Claſſe dos Poetas, diz: *Luſitani in Poetica, ut et in Muſica regnare feruntur mira animi propenſione, velut enthuſiaſmo rapti.* Ella foi a primeira, que na Heſpanha a cultivou, como conſta de antigos monumentos, que exiſtem, quaes ſaõ: As Poeſias do Infante D. Pedro, Filho delRei D. Joaõ I, as do noſſo Rei D. Diniz, as de Gonçalo Hormiges, que floreceu no tempo do Conde D. Henrique, as de Affonſo Giraldes, que eſcreveu em Redondilhas hum Poema, em que conta as proezas dos Portuguezes na batalha do Salado, onde o dito Poeta ſe achou, e o Poema da Cava, que moſtra ſer compoſto na Lingoa Portugueza pouco tempo depois da perda de Heſpanha; uſando eſtes Authores do verſo endecaſſylabo, o que claramente moſtra o engano, em que cahio Fernando de Herrera Commentador de Garcilaſſo de la Vega, quando affirmou, que eſte, e Joaõ Boſcan fôraõ os que primeiro na Heſpanha ſe ſerviraõ do endecaſſylabo, á imitaçaõ dos Italianos. N'uma palavra, a Lingoa Portugueza foi ſempre taõ apta para a Poeſia, que até ao fim do Reinado d'ElRei D. Henrique III de Caſtella, todas as coplas, e compoſições Poeticas, que ſe faziaõ naquelle Reino commumente, e pela maior parte, eraõ no Idioma Portuguez, como o atteſtaõ muitos, e graves Authores Caſtelhanos, entre os quaes he de grande pezo o Marquez de Santilhana Don Inigo Lopes de Mendoza na Carta, que eſcreveu ao Condeſtavel de Portugal, Filho do Infante D. Pedro, que morreu na batalha de Alfarrobeira, e Gonçalo de Argo-

te ; á pezar de todas as conjecturas que em contrario produz D. Thomaz Antonio no erudito prefacio da Collecçaõ das Poesias anteriores ao Seculo de 500, que publicou o anno passado em Madrid. A respeito da aptidaõ, que a nossa Lingoa tem para o estylo humilde, e faceto, diz o bom Manoel Severim de Faria, que parece, que nenhuma outra Lingoa pode ter a graça, e elegancia, com que Lourenço de Caceres, Fernaõ Cardoso, e Luiz de Camões compozeraõ as suas Cartas, e Satyras, e outras semelhantes obras. Eu nunca ví os dois primeiros, mas julgo que merecem o louvor, que o dito Manoel Severim lhes dá, fiado no grande, e sólido juizo critico deste Author, que a respeito das Cartas de Camões fallou com muito acerto, e do mesmo sentir he Manoel de Faria e Sousa. O mencionado Manoel Severim diz, que as Eclogas de Diogo Bernardes, Antonio Ferreira, e Francisco Rodrigues Lobo saõ de tanta suavidade, que Lope da Vega confessava, que os escritos de Diogo Bernardes o haviaõ ensinado a fazer versos Pastoris. A este respeito naõ sei como este Author se naõ lembrou das bellissimas Eclogas de Bernardim Ribeiro, que saõ as mais antigas, que em Hespanha se conhecem, e segundo o meu parecer saõ as melhores, que ha escritas em verso de arte menor, e onde como na mais pura fonte se deve beber o verdadeiro estylo Pastoril. Na Comica tem a nossa Lingoa excellentes composições, que assaz fazem notoria a propriedade, que tem para este genero; e certifica o acima allegado Manoel Severim de Faria, que « a tudo excede » o estylo Comico, que os antigos chamaraõ Togado de » Francisco de Sá de Miranda, que foi o primeiro, que » na nossa lingoa Portugueza o descobrio com geral ad» miraçaõ de todos. » E diz mais em outro lugar, que » essa brevidade, graça, e decoro que os Latinos dese» javaõ se vêm taõ praticadas nas Comedias Portuguezas » de Francisco de Sá, e Antonio Ferreira, e algumas » de Jorge Ferreira, que a juizo de todos os doutos naõ » tem superior. » Este ultimo, no meu entender, leva a preferencia a todos, e tem scenas inimitaveis, especialmente na Eufrosina; e emfim as suas Comedias saõ fon-

tes

tes inexhauriveis do verdadeiro eſtylo comico. Diz mais o ſobredito Severim de Faria: « Que naõ he para eſque-» cer o louvor que ſe deve nas noſſas Farças a Gil Vi-» cente, o qual imitando as Fabulas Atellanas, que in-» cluiaõ em ſi as repreſentações, que chamaõ Planipe-» dias, e Tabernarias, por ſerem dos infimos da Repu-» blica, de que tambem já Ariſtoteles na ſua Poetica fez » mençaõ, compoz algumas Farças com taõ gracioſa elo-» quencia, que do noſſo Joaõ de Barros he por iſſo mui » louvado; e o Meſtre André de Rezende affirma, que » ſe como eſcreveu na noſſa Lingoa particular, compu-» zera na Latina, que he commum a todos, naõ alcan-» çára menor nome que Menandro, Plauto, e Terencio. » Naõ julgue quem iſto ler, que o juizo de Rezende procedeu com exceſſo, e ignorancia, viſto ſer exaggeraçaõ poetica em hum Poema Latino, que o dito compoz ao naſcimento do Principe D. Joaõ, Pai d'ElRei D. Sebaſtiaõ. A propriedade, que a Lingoa Portugueza tem para a Poeſia Epica, he notoria a todos pelos admiraveis monumentos, que neſſe genero poſſue. A grande, e altiſſima Epopéa do divino Camões he para a Naçaõ Portugueza de tanta, ou de maior gloria, que o aſſumpto da meſma; e naõ me demoro neſte ponto, viſto que todo o dizer por mais largo, e copioſo que foſſe, ſeria diminuto. Emfim a Lingoa Portugueza he para tudo: a ſua extrema ſuavidade, e abundancia naõ ſe negaõ a toda a qualidade de aſſumpto como com juſta razaõ o affirmou Duarte Nunes de Leaõ no Cap. XXII. da origem da Lingoa Portugueza, dizendo: » Naõ ha para que ſe ne-» gue a facilidade, e ſuavidade da Lingoa Portugueza, que » para tudo tem graça, e energia, e he capaz de nella » ſe eſcrever em todas as materias digniſſimamente aſſim » em proſa, como em verſo. »

(5) He certo, que a noſſa Lingoa Portugueza he de todas as da Europa a mais chegada á Latina, e tanto, que até nos termos do uſo commum, nos ſordidos, e pudendos mui pouco declina della, conſervando quaſi ſempre a ſimplicidade da ſua ſyntaxe, as deſinencias dos nomes, e verbos, das primeiras, ſegundas, e terceiras declinações, e obſervando quaſi que a meſma economia nos gene-

genereros ; e anomalias. Esta verdade he manifesta a todos os que tem estudo profundo de ambos os Idiomas ; de maneira que se pódem compôr muitos periodos, e orações, que juntamente sejaõ Latinos, e Portuguezes, como se poderá vêr no seguinte exemplo allegado por Manoel Severim de Faria em louvor da Lingoa Portugueza:

O quam gloriosas memorias publico, considerando quanto vales, nobillissima Lingua Lusitana, com tua facundia excessivamente nos provocas, excitas, inflammas: quam altas victorias procuras, quam celebres triumphos esperas, quam excellentes fabricas fundas, quam perversas furias castigas, quam feroces insolencias rigorosamente domas, manifestando de prosa, de metro tantas elegancias Latinas.

Deste modo se pódem encher muitas paginas naõ só em prosa, mas, o que he mais de estimar, em verso de todas as medidas, dos quaes diz o mesmo Manoel Severim, víra muitos, e Duarte Nunes de Leaõ traz alguns, dos quaes se póde dar o louvor ao insigne Escritor Joaõ de Barros, que foi o primeiro, que na sua Grammatica Portugueza os compoz, e publicou, como affirma o dito Author: para exemplo porei aqui hum Epigramma feito em louvor de Roma, e Belem.

Roma infinitos sanctissima vive per annos;
Pacifica gentes (vive quieta) tuas.
Castiga grandes violenta morte tyrannos;
Ingratos animos (es generosa) fuge.
Acquire insignes varia de gente triumphos.
Distantes terras imperiosa rege.
Tanto maiores titulos, Bethlem alta, celebra,
Quanto Romano maiores imperio.
Maior amor, maior magnificencia, maior
Fama, tuas Christo dando benigna casas.

Ainda que a Lingoagem deste Epigramma, parece que vai hum pouco fóra do uso commum, he mais por causa do metro, e rigor da quantidade syllabica, que obriga aos Poetas á naõ fallar como os Authores da prosa, do que por falta de palavras. Diz mais o mesmo Author, e com razaõ, que estes exemplos naõ podem com facilidade mostrar na sua Lingoa os Italianos, e Francezes, e por elles

ſe prova a grande affinidade, que com a Lingoa Latina tem a noſſa: e com razaõ fingio Camões, que Venus ſe affeiçoára aos Portuguezes por vêr nelles, naõ ſó o valor Romano, mas ainda a meſma Lingoa dizendo:

. . . . . . *Na qual, quando imagina*
Com pouca corrupçaõ cré, que he a Latina.

(6) A propriedade, que o Idioma Portuguez tem para aſſumptos graves, e mageſtoſos, que de ſi pedem eſtylo magnifico, e grande, he por ſi taõ clara como a luz do ſol. A Hiſtoria, e a Epopéa ſaõ ſem contradicçaõ alguma os dois generos de eſcritura, que mais alto eſtylo requerem. Hòra a Hiſtoria Portugueza como em ſi contém factos maravilhoſos, e acontecimentos nunca viſtos no mundo, mórmente os que dizem relaçaõ a todos os deſcobrimentos, e Conquiſtas, que fizeraõ os Portuguezes em Africa, Aſia, e America, parece que tambem pedia com muita maior razaõ ſer tratada, e eſcrita com a mais nobre, e grandiloqua facundia, que imaginar ſe podeſſe. Aſſim ſuccedeu, pois que houveraõ Varões dotados de taõ alta fantaſia, que eſcrevêraõ a Hiſtoria dos feitos glorioſos da Naçaõ Portugueza com tanta dignidade, que naõ tem ella neſta parte que invejar ás outras Nações. E parece, que aſſim devia ſucceder; porque todos ſe explicaõ com grande vehemencia naquellas couſas, para que tem natural inclinaçaõ. Os Gregos, e os Romanos, depois que chegáraõ ao ſeu maior auge, celebráraõ as ſuas acções em eſcrituras mui cheias de eloquencia. Aſſim a Naçaõ Portugueza, a qual como de ſeu principio moſtraſſe huma conſtante propenſaõ para executar acções verdadeiramente heroicas, tanto que chegou ao ponto mais ſublime de gloria, qual foi o dos deſcobrimentos, até á paſſagem do Cabo da Boa-Eſperança por Vaſco da Gama, e deſcobrimento da Regiaõ immenſa do Brazil por Pedro Alvares Cabral na era de 1500, e o eſtabelecimento do ſeu Imperio no Oriente pelo grande Affonſo de Albuquerque, entrou logo a expôr a todo o mundo os incriveis progreſſos dos ſeus deſcobrimentos, as navegações taõ dilatadas, as ſuas expedições, e glorioſiſſimos feitos d'armas por meio das mais eloquentes pennas, que os ſeculos modernos tem viſto,

quaes

quaes fôraõ as de Joaõ de Barros, Diogo de Couto, Fernaõ Lopes de Caſtanheda, Damiaõ de Goes, Affonſo de Albuquerque, e outros. Com os novos penſamentos, que inſpirava o maravilhoſo dos aſſumptos de huma natureza toda diverſa da dos acontecimentos, que formavaõ o corpo de todas as hiſtorias anteriores áquella grande Epoca, vieraõ caindo das pennas deſſes grandes Hiſtoriadores innumeraveis vocabulos, fraſes, e elegancias energicas, e vivas, que tanto enriquecêraõ o Idioma, communicando-lhe hum novo eſpirito de vivacidade, e de impeto ſagrado, que preparou os materiaes para a mageſtoſa fabrica da Luſiada, que foi a primeira Epopéa, que appareceu no mundo depois da Eneidà, eſcrita com regularidade, e elegancia; donde ſe originárаõ outras Epopéas, que ainda que ſejaõ da ſegunda ordem, com tudo ſaõ dignas de immortal louvor, porque longe de manchar a reputaçaõ do Idioma, accreſcentáraõ no ſeu explendor, por iſſo meſmo que obſervando os preceitos da arte, eſcrevêraõ com aſſaz de correcçaõ, e o enriquecêraõ de novas elegancias, e ſyntaxes, como fôraõ Gabriel Pereira de Caſtro, Vaſco Mouzinho de Quevedo, Jeronymo de Córte Real, e ainda Franciſco de Sá de Menezes, Author da Malaca Conquiſtada, poſto que eſta ſeja a mais inferior das noſſas Epopéas regulares. De maneira, que quem tiver alcançado huma cabal inſtrucçaõ do noſſo Idioma por meio de maduras reflexões, e analyſes profundas nos ſeus bons eſcritos, compondo, e imitando delles o melhor, claramente conhecerá, que a noſſa Lingoagem tem todas as virtudes, quantas ſe pode deſejar, para tratar todo o genero de aſſumptos com dignidade, e decoro. Vêr-ſe-ha, que para bem pintar coſtumes he excellente, e para excitar affectos admiravel, eſpecialmente os de amor, e compaixaõ, como ſe pode vêr nas Eclogas de Bernardes, Ferreira, e Camões, e no Epiſodio de D. Inez de Caſtro, de D. Leonor de Sá, e em outros lugares da Luſiada, donde ſe pode inferir o quanto idonea ſeja a noſſa Lingoa para a Tragedia, que he o terceiro genero de compoſiçaõ de eſtylo grave, e ſublime, e onde com mais vigor ſe accende o impeto das paixões. Eſta qualidade de compoſiçaõ he a quem

o noſ-

o nosso Idioma menos deve, porque os grandes trabalhos, em que se vio Portugal, naõ deraõ lugar a composições Tragicas, as quaes costumaõ nascer do socego, e alegria da Naçaõ; assim como as Comicas muitas vezes da melancolia, e tristeza; e tanto humas como outras composições quasi sempre procedem em razaõ inversa da austeridade, e ligeireza das Nações; porque sendo os Gregos de natureza prazenteira, e alegre, e dados a delicias, entregáraõ-se mais á Tragica, do que á Comica, produzindo, e deixando á posteridade monumentos naquelle genero os mais perfeitos. Pelo contrario os Romanos, Naçaõ grave, e severa, cultiváraõ mais o genio Comico, do que o Tragico. A mesma observaçaõ se póde fazer da Naçaõ Franceza, a qual sendo dotada de humor alegre, e festival, a pezar da grande reputaçaõ, que grangeáraõ ao seu Idioma o Tartufo, e o Misanthrope de Moliere, a gloria do seu Theatro mais resplendece na Tragedia, do que na Comedia. Em contrario os Inglezes, e Castelhanos, Nações pensativas, e melancolicas, mais se recreiaõ com o faceto irrisorio da Comedia, do que com a gravidade da locuçaõ Tragica; e a razaõ he, quanto a mim, que as Nações de genio alegre, e ligeiro naõ fazem taõ vivos esforços, por chegarem ao mais alto gráo de perfeiçaõ na Comica, como na Tragica, á huma por naõ vêr os seus defeitos expostos na Scena, á outra porque tendo em si mesmas bastante fundo de humor faceto, quando o vêm exposto no theatro, naõ concebem aquelle prazer, que sentem, quando se representaõ difficuldades vencidas, as quaes deixaõ de o ser para aquellas pessoas, que se sentem levadas das mesmas inclinações. Nos póvos dotados de gravidade austera, com a muita frequencia de representações Tragicas se augmentaria com tal excesso o furor do espirito melancolico, que mais lhes servissem de tormento, que de deleitaçaõ. Com tudo a Naçaõ Portugueza póde gloriar-se, que foi quem com a Italiana produzio na Europa a primeira Tragedia regular em estylo correcto, e puro, qual he a *Castro* do Doutor Antonio Ferreira; este homem grande em mais de hum genero, e hum dos mais resplendecentes astros do Parnazo Portuguez, foi quem com

o grande Camões poz o nosso Idioma no maior auge da sua perfeiçaõ, enriquecendo-o de infinitas elegancias bebidas nas mais puras fontes da Lingoa Grega, e da Latina, em as quaes foi mui versado. A sua *Castro* sim tem algumas durezas de estylo, que de nenhum modo devem prejudicar ao merecimento solido da peça, visto que algumas dellas eraõ usadas naquelles tempos pelas Nações, que mais cultivavaõ a Poesia, quaes eraõ a Italiana, a Portugueza, e Castelhana, os quaes Idiomas tendo mui proxima affinidade entre si, como os mais derivados do Latino, e Grego, adoptáraõ as mesmas regras de economia metrica, que os Provençaes lhes communicáraõ, e com ellas as mesmas liberdades, as quaes se fôraõ mais, e menos modificando nos ditos Idiomas, segundo o gráo de perfeiçaõ, que estes fôraõ recebendo: por exemplo; em *sua*, parte feminina do possessivo *seu*, raramente deixavaõ de contrahir todos os melhores Poetas, que escrevêraõ nos sobreditos Idiomas modernos, fazendo de *sua sa*, á maneira dos Provençaes. Assim se usou em Italia desde Dante até ao Tasso, o mesmo em Castella desde Gonçalo Berceo até D. Alonço de Ercilla; e o mesmo se praticou em Portugal desde o nosso Rei D. Diniz até ao grande Camões. E antigamente se costumava dizer, quer fosse no verso, quer na Prosa, *sa madre*, *sa vida*, *sa inclinaçom*, por *sua madre*, *sua vida*, *sua inclinaçaõ*, como se póde vêr nos dois Sonetos do dito Rei D. Diniz, os quaes andaõ nas Obras de Antonio Ferreira. Este uso prevaleceu até ao Reinado de D. Joaõ II. Tambem contrahiaõ em *a*, e *o* varias desinencias em *ia*, e *io*, cuja liberdade foi mais dos Italianos, que dos Portuguezes, e ainda aquelles o praticaõ fazendo de *Maria*, *via*, *mio*, *Mara*, *va*, *mo*, &c. o que he facil de encontrar-se, e por isso naõ aponto exemplos. Donde se colhe, que muitas das durezas, que se notaõ na dita Tragedia o naõ eraõ naquelle tempo, em que a pronunciaçaõ era em parte differente da do nosso, e por consequencia naõ seráõ durezas, senaõ relativas ao modo de pronunciar de agora: e se assim naõ fosse naõ deixaria Camões, que he o mais harmonico de todos os Poetas modernos na Europa, este verso quasi no principio da Lusiada:

Da

Da gente tam amada ſua Romana.
Além de que, eſtas durezas naõ ſaõ tantas em número, que poſſaõ eſcurecer o merecimento de todo o Poema, pois conſtando de 1683 verſos, entre elles ſó ſe encontraõ 100, que mereçaõ verdadeiramente o nome de duros, o que juſtamente vem a 6 por 100, calculo bem diminuto em comparaçaõ das infinitas bellezas, em que abunda eſte excellente Poema, além do relevante merecimento de ſer o ſeu Author hum dos mais aſſignalados aperfeiçoadores da noſſa Lingoa, tanto no verſo, como na Proſa. A obſervancia das unidades: o nexo natural, e ſubtil, que deve unir entre ſi as partes proporcionalmente correſpondentes, e que fórmaõ hum todo extenſo: o intereſſe, que reina em toda a compoſiçaõ; e a moral pura, e ſolida, que conſtitue a utilidade da obra: o admiravel modo de tractar os affectos, que deſde o primeiro acto ſe vaõ accendendo, e elevando ao maior auge de commoçaõ: a pintura dos coſtumes: e em fim as virtudes do eſtylo puro, e correcto, imitado dos melhores Tragicos Gregos; os belliſſimos, os bem cantados Córos, tudo concorre para o relevantiſſimo merecimento deſta Tragedia, a qual por ſi ſó deu ao Idioma Portuguez mais elegancias, e fraſes conciſas, e nobres, do que algumas obras de dez vezes mais avultado volume: como ſe poderá vêr das ſeguintes paſſagens, as quaes poderáõ dar alguma idéa da eloquencia, e força no dizer deſte grande homem.

Em primeiro lugar note-ſe a terniſſima ſaudade amoroſa, que infunde n'alma do Leitor ſenſivel a ſeguinte paſſagem:

Suſpira, e geme, e chora; a alma cativa
Forçada da brandura, e doce força,
Sogeita ao cruel jugo, que pezado
A ſeu deſejo ſacudir deſeja.
Nam poode, nam convem, a furia creſce.
Lavra a doce peçonha nas entranhas.
Os homens foge, foge a luz do dia.
So paſſea, ſo falla, triſte cuida.
Caſtro na boca, Caſtro nalma, Caſtro
Em toda a parte tem ante ſi preſente.

Que alegria naõ inſpiraõ os ſeguintes verſos!

Honrai o claro dia,
Meu dia tam ditoſo! a minha gloria,
Com brandas lyras, com ſuaves vozes.

Pondere-ſe a viviſſima pintura de amor concebida nos ſeguintes verſos, nos quaes reſpira aquelle puro Atticiſmo, que tanto reſplendece nas obras de Horacio, de quem Ferreira tirou os ſeguintes verſos:

. . . . Iffante Pedro,
Meu doce amor, minha eſperança, e honra:
Sabes como em ſahindo dos teus braços,
Ama, na viva flor da minha idade,
Ou foſſe fado ſeu, ou minha eſtrella,
Cos olhos lhe acendi no peito fogo,
Fogo, que ſempre ardeo, e inda arde agora
Na primeira viveza inteiro, e puro.

Dos ſeguintes verſos ſe póde colligir, e conhecer a facil conciſaõ com que exprimia as ſentenças, que vieraõ a ficar por Adagios:

Ama, na criaçam ama, no amor Mãi.

——— *amanheceome hum alvo dia*
Dia do meu deſcanço.

Mas quem o fogo guardaraa no ſeo?

Quem eſconderaa amor, que em ſeus ſinaes
A pezar da vontade ſe deſcobre?

Se te nam conſelhar, meus ſam teus erros.

——— *A Deos temo,*
Tu no corpo ſoo podes, elle nalma.

Amor

Amor em ti ſo reina, amor te manda;
Peçonha doce dalma, de honra, e vida.

A clemencia por certo he gram virtude,
E digna mais dos Reis, que outras virtudes.

Matar injuſtamente he gram crueza.

Soccorrer o mal publico he piedade.

Veja-ſe a facilidade com que exprime a ſeguinte ſentença na bocca de hum Rei:

Oh vida feliciſſima a que vive
O pobre Lavrador ſo no ſeu campo,
Seguro da fortuna, e deſcançado
Livre deſtes deſaſtres, que ca reynam.

Se a Naçaõ Portugueza foſſe mais amiga de louvar as ſuas couſas, naõ ſe eſquecêra de engrandecer eſta ultima paſſagem, aſſim como tem feito os Francezes a outra ſemelhante do ſeu Tragico Racine, a qual em nada he ſuperior á do noſſo. A dita paſſagem he na Ifigenia, e tambem proferida por hum Rei.

Heureux qui ſatisfait de ſon humble fortune,
Livre du joug ſuperbe où je ſuis attaché,
Vit dans l'etat obſcur où les Dieux l'ont caché.

Aqui ſe póde fazer huma pequena reflexaõ da abundancia, graça, e ſimplicidade da noſſa Lingoa, pois nos quatro verſos Portuguezes ſe naõ vê repetiçaõ de palavra, porque os dois *que*, *que* relativos, que ſe achaõ no primeiro, e quarto verſo, além de eſtarem mui diſtantes, nunca ſe devem julgar repetições, e defeitos de variedade; porque os relativos, e as conjunções ſaõ os laços, que ataõ, e unem os inciſos aos membros, de maneira, que huns, e outros por meio de junctura artificial venhaõ a formar o corpo do periodo, ficando deſte modo a oraçaõ de textura natural. Ao contrario tendo a paſſagem Franceza o meſ-

o mesmo pensamento, se bem menos circumstanciado, e sendo além disso manejado pelo mais feliz Engenho, que conheceu a França no Seculo de Luiz XIV., naõ póde ser exprimido sem repetiçaõ do adverbio *où*, repetido nos dois ultimos versos, e na mesma collocaçaõ syllabica, formando n'um, e n'outro verso a mesma cadencia metrica, e taõ proxima, que augmenta a monotonia, que nunca deixa de causar tedio. Daqui se colhe pois, que a Lingoa Portugueza naõ só abunda de vocabulos, e frases de expressaõ de extrema vivacidade em todo o genero, mas tambem em tons, e clausulas de diversa estructura, que muito concorrem para a variedade do estylo, sem a qual naõ póde haver oraçaõ, que naõ fique pezada, e fastidiosa.

Que admiravel naõ he o seguinte discurso na bocca de hum Rei?

Aquelle he Rei somente, que assi vive
(Inda que ca seu nome nunca s'ouça,)
Que de medo, e desejo, e de esperança
Livre passa seus dias. Oh bons dias!
Com que eu todos meus annos tam cançados
Trocara alegremente. Temo os homens:
Com outros dissimulo, outros nam posso
Castigar, ou nam ouso. Hum Rei nam ousa?
Tambem teme seu povo: tambem soffre.
Tambem suspira, e geme, e dissimula.
Nam sou Rei: sou cativo, e tam cativo
Como quem nunca tem vontade livre.

Mais quero perdoar, que ser injusto.

Injusto he quem perdoa a pena justa.

Em fim, eu naõ pertendo fazer hum acabado, e perfeito exame deste excellente Poema, que isso pedia mais larga escritura, do que permitte a brevidade destas notas. Que ponderar tantas bellezas, que em si contém, seria trabalho de immensa fadiga, e de agudissima penetraçaõ de entendimento, formado pelas melhores regras do Gosto, naõ só na theorica, mas tambem na prática. Os Tragicos Gregos fôraõ sempre a todas as Nações do mundo

os

os mais perfeitos modellos neste genero, pois certamente se naõ encontrará nas suas Tragedias tanta, e taõ vehemente força de pathetico daquella intensissima commoçaõ, que costuma penetrar os corações mais duros, como no quarto acto da nossa *Castro*; tambem se naõ achará com facilidade tamanha, e taõ violenta cópia de dizer como no derradeiro acto, o qual só por si póde fazer honra ao Idioma. O papel do Secretario he inimitavel; o Dialogo em toda a peça he bem sustentado; em fim, alguns defeitos, que se possaõ descobrir nesta Tragedia, todos se perdem na immensidade de bellezas, de que está cheia: *Ubi plura nitent in carmine, non ego paucis offendar maculis*, diz o bom Horacio.

(7) Nobre, e magestosa elegancia, mais usada pelos Authores Portuguezes, e talvez por elles achada. Temos exemplo em Camões na Estança 45. do Canto II. da Lus.:

Novos mundos ao mundo iram mostrando.

Barros Decad. I. Liv. IV. Cap. 11. » Huma Naçam (falla da Portugueza) a que Deos deu tanto animo, que » se tevera creado *outros mundos*, ja la tivera metido outros padrões de victorias. » O mesmo Barros na Decada I. Liv. V. Cap. 1.º » Abrir as portas de outro *novo mundo* de infieis. » Outro conquistador de *novos mundos*. Vieira Tom I. Sermaõ de Santo Ignacio fol. 436. Mr. de Voltaire na Introducçaõ do Seculo de Luiz XIV. usa da mesma elegancia; que a boa expressaõ he de toda a penna eloquente: *Ils faisaient des Tournois, pendant que les Portuguais, et les Espagnols decouvraient, et conqueraient de nouveaux Mondes à l'Orient, e à l'Occident du Monde connu.* » Elles (falla dos Francezes) faziaõ » Torneios, em quanto os Portuguezes, e Espanhoes » descobriaõ, e conquistavaõ novos mundos ao Oriente, » e Occidente do mundo conhecido. »

(8) He certo, que os dois maiores lumes da Litteratura Portugueza saõ Luiz de Camões, e Joaõ de Barros: e porque do primeiro assaz tem dito os seus Commentadores, e outros muitos Criticos Nacionaes, e Estrangeiros, direi o que sentir das Historias escritas pelo segundo. A Historia he o mais nobre assumpto, que póde emprehender qualquer sabio, que deseja instruir o gene-

genero humano, naõ ſó porque elle nada deve ignorar para bem eſcrever, mas porque o Hiſtoriador he de todos os Authores, o que mais vaſto plano abraça, e o que em tribunal ſublime dicta lições a todo o mundo, decidindo do merecimento das acções dos grandes da terra, e mandando as á poſteridade com aquellas côres, com que haõ de ficar eternamente impreſſas na memoria dos vindouros. O Hiſtoriador deve ſer hum Varaõ ſapientiſſimo, de notoria probidade, e dotado de bom fundo de razaõ, deſpido de intereſſe, e parcialidade, que poſſaõ diminuir o merecimento das obras dignas de louvor. Elle ſe conſtitue ſoberano Juiz, que faz a devida juſtiça ao merecimento, e á virtude, eternizando as acções virtuoſas. Sendo pois cenſor ſevero, e incorrupto, que ſó dá approvaçaõ ao verdadeiro merecimento, tudo o que eſcreve he conforme á razaõ, e bom ſenſo, expondo os factos nobremente, mas com ſimplicidade, e pureza, porque quando deſte modo ſe eſcreve ſempre ſe agrada. Eſtes principios ſaõ univerſaes, ſolidos, e permanentes no Goſto de todas as Nações. Por eſte modo ſe fizeraõ eternamente lidos Thucidedes, Tito Livio, Salluſtio, Joaõ de Barros, Diogo de Couto, e outros, poſto que eſcreveſſem em tempos, e Nações diverſas. Todas as qualidades, que conſtituem hum perfeito Hiſtoriador ſe achaõ em Joaõ de Barros. O ſeu aſſumpto he o maior, e mais novo, que nunca vio o mundo. A ſcena he vaſtiſſima, e mui cheia de variedade. Alli tudo he conſagrado á verdade, e á razaõ, que ſaõ os verdadeiros nortes da Hiſtoria. Os factos ſaõ annunciados com perſpicuidade, nobreza, ſimplicidade, e pureza: ſem eſtas quatro condições he impoſſivel eſcrever dignamente a Hiſtoria. Finalmente naõ ſerá facil encontrar entre os Hiſtoriadores modernos, quem melhor imitaſſe a Tito Livio, do que Joaõ de Barros, o merecimento do qual foi de graves, e excellentes Authores tanto Nacionaes, como Eſtrangeiros, conhecido, e celebrado com muitos louvores, e titulos honorificos, quaes fôraõ Fr. Vicente Juſtiniano, o P. Mafeu, Joaõ de Pineda, o Author das Viagens do Mundo, Fr. Simaõ Coelho, Pedro de Magalhães Gandavo, Manoel Severim de Faria, Pedro

de

de Mariz, Diogo de Couto, Manoel de Faria e Sousa, Joaõ Baptista Lavanha. Antonio Possivino na sua Bibliotheca Selecta, tratando dos Historiadores, diz; *Joannes de Barros Lusitanus in Asia a se scripta, qui egregium se scriptorem hac nostra aetate praestitit, &c.* O P. Fr. Antonio de S. Romaõ lhe chama Livio Portuguez, dizendo: » Juan de Barros unico Tito Livio de » aquellos Reinos, cuias Decadas, aunque se traduxie- » ron en Italiano, se han consumido de manera, que » non se hallan, aun entre sus mismos naturales, devien- » do perpetuarse cosa tan memorable en tablas de bron- » ce &c. » D. Fernando Alvia de Castro na Dedicatoria dos Aforismos, que tirou das mesmas Decadas de Joaõ de Barros diz: » Juan de Barros excellente historiador » Portuguez lo escribe con tanta perfecion, que se el » mismo Alexandro le alcansara, no embidiara a Achil- » les por Homero. » Affonso de Ulhoa na Dedicatoria da Traducçaõ Italiana ao Duque de Mantua affirma ser esta huma das mais excellentes, que se compozêraõ no mundo: » Ed una delle rare, e preziose cose che in ques- » to soggeto fin oggidì sieno state vedute. » N'uma palavra foi geral a estimaçaõ, que tiveraõ as obras deste excellente escritor em toda a Europa. Em Veneza se poz a sua imagem entre as dos Varões famosos, e o Papa Pio IV. a fez collocar no Vaticano, como dizem Pero de Magalhães Gandavo, no Dialogo da Lingoa Portugueza, e Fr. Simaõ Coelho na Chronica do Carmo. Filippe II. mandou imprimir á custa de sua fazenda a IV. Decada, que Joaõ de Barros deixára imperfeita, naõ obstante estarem os factos, de que ella constava, escritos por Fernaõ Lopes de Castanheda, Diogo de Couto, e Francisco de Andrade. E foi tal o gasto, que tiveraõ as suas Decadas, que affirma o mesmo Diogo de Couto, que na India naõ havia mais que hum jogo, e em Portugal poucos mais de dez, e que os Estrangeiros as haviaõ levado por taõ excessivos preços, que quasi parecia incrivel. Sendo pois traduzidas na Lingoa Italiana por Affonso de Ulhoa, gastáraõ-se de maneira, que diz Manoel Severim, que nem em Italiano, nem em Portuguez se achavaõ de venda em parte alguma. Este traz huma autori-

thoridade de D. Fernando Alvia de Caſtro no Prologo dos Aforiſmos, que extrahio das meſmas Decadas, a qual diz o ſeguinte: » Viendo que cara a cara no po-» dia calumniar ſus Decadas por haver guardado con » igualdad y primor las trez partes neceſſarias a una bue-» na hiſtoria, verdad, claridad, y diſcurſo, como rabio-» ſa traydora, y de mala caſta, parece diſpuſo para diſ-» ſimulacion de ſu gloria, ſe ayan acabado tanto, que » ay mui pocas, y quaſi ningunas de venta, aun a » mucho precio, que qualquiera merecera mejor, que el » gran, que ſe diò por el princel de Apelles, cuias fi-» guras, aunque de ſuma perfeccion, eran al fin muer-» tas, y Barros con ſu pluma dexa vivos en la fama, e » celebrados perpetuamente los gallardos Portuguezes, » que murieron victorioſos de varios, admirables, e fe-» lices ſucceſſos. » E accreſcenta o meſmo Severim: » De » maneira, que quem alcança hoje hum livro deſtes o » tem em preço de huma joia de graõ valor. » Em fim podemos affirmar, que as Decadas de Joaõ de Barros ſe achaõ eſcritas conforme o manda a doutrina de Cicero, Luciano, Dionyſio de Halicarnaſſo, e Quinctiliano. E por quanto as ſeis Eſtrofes, que depois deſta ſe ſeguem, ſaõ quaſi como hum reſumo das principaes virtudes de eſtylo, que neſta grande Hiſtoria reſplendecem, hirei corroborando as minhas amplificaçóes com alguns exemplos tirados das Decadas do meſmo Author, na melhor fórma, que permitte a eſtreiteza deſtas notas, e das minhas luzes.

(9) O epitheto *pompoſa*, que ſe acha neſte verſo, já o vî condemnado quaſi como Francez, ſe o he, ou naõ, perguntem-no ao bom Ferreira, que na Ecloga ao Natal diz:

Mor milagre, mor prova hi, onde jaz
Faz teu Filho, e de Deos, que ſe pompoſo
Viera . . . .

E no II. Acto de Caſtro faz dizer a ElRei D. Affonſo o Bravo, que a Dignidade de Rei era:

Huma ſervidam pompoſa, hum gram trabalho.

A Lingoa Franceza no tempo de Ferreira naõ eſtava polida, nem aperfeiçoada com eſcritos de fama, que ſerviſſem de objecto de imitaçaõ aos Eſcritores das Naçóes cultas.

Sol-

Solta oração, indica eſta fraſe a proſa por ſer mais livre das Leis da metrificaçao, naõ he iſto dizer, que a proſa, ou Romance naõ tenha harmonia, pois ſabem todos, que tambem tem ſeu número particular a ella, cujas leis ſaõ mais inſpiradas pelo Goſto, que por doutrina poſitiva. Igual elegancia encontréi em hum Soneto de Bernardo Capelo a Joaõ da Caſa, quatorze annos depois, que compuz eſte Poema, a qual he a ſeguinte:

Caſa, che in verſi, ed in ſermone ſciolto &c.

(10) *Metro*, *por verſo*: metonymia uſada com frequencia pelos Authores Portuguezes; os noſſos Seiscentiſtas goſtáraõ tanto della, que quaſi deſterráraõ o termo *verſo*: mas o máo Goſto delles naõ ha de prevalecer contra as regras da natureza, que ſempre ſegue o que a razaõ approva. Deſte modo de dizer temos exemplo em Joaõ de Barros, no começo do Panegyrico a ElRei D. Joaõ III. » Cantavaõ antigamente em *metro* os feitos » notaveis dos grandes homens. » Ajuntei lhe o epitheto *ſuave*; porque a doçura, e a harmonia ſaõ indeſpenſaveis ao verſo, e toda a dureza he inſuportavel, mórmente nos Poemas compoſtos em Lingoas, que tem adquirido a ultima perfeiçaõ, por meio de eſcritos de eſtylo o mais puro, e caſtigado. Podem-ſe relevar algumas durezas, quando o Eſcritor compoem em hum Idioma ainda naõ acabado de aperfeiçoar: ou quando elle compoem nimiamente ligado ás regras do bom ſenſo, tanto na fraſe, como no diſcurſo, qual foi o noſſo Ferreira: ou n'uma Epopéa, pela grandeza do aſſumpto; e quando o penſamento for de grande ſublimidade: e a ſentença mui relevante.

(11) Naõ he exaggeraçaõ Poetica; onde ſe achará Hiſtoriador antigo, ou moderno, que deſcreva com tanta propriedade, viveza, e energia Coſtas, Ilhas, e regióes dilatadas? O que mais augmenta o merecimento das deſcripçóes deſte inſigne Eſcritor, he a mageſtade, elegancia, e perſpicuidade dellas, limpas, e purificadas da mais leve mancha de affectaçaõ, que he o baixo onde naufragaõ quaſi todos os Hiſtoriadores; porque rariſſimos conhecem como devem em taes lugares uſar da Poeſia com a dignidade conveniente, por cuja cauſa cahem

hem no sobredito vicio da affectaçaõ. Naõ foi preciso a Joaõ de Barros acompanhar a sua historia de Cartas Geograficas; porque soube com o seu admiravel estylo, fazendo comparaçaõ com algum signal conhecido, pintar de tal modo as Costas, mares, e regiões, que parece as poem ante os olhos do Leitor visivelmente, como se naquellas paragens se achasse. Sirva de exemplo entre muitas a notavel descripçaõ das terras, que jazem entre o rio Gambêa, e Çanagá, a qual vem no Cap. VIII. Liv. III. da Decada I., e a do curso dos mesmos rios, as quaes saõ taõ curiosas, e interessantes a respeito da Geografia, costumes, agricultura, e producções animaes; e além disso contém em si taes bellezas de estylo, que as fazem dignas de eterno apreço. Este admiravel Escritor naõ tem competidor nas descripções. Ptolomeu, Pomponio Mella, Plinio poderiaõ apprender delle a escrever com acerto nesta materia, e dar côr, e viveza agradavel ao seu estylo, que algum tanto foi secco, e duro. A magestosa descripçaõ da India no Cap. VII. do Liv. IV. da Decada I., he de taõ avultado merecimento, que segundo o meu entender, naõ acho nos melhores Historiadores outra, que com ella possa competir. Tambem he admiravel a descripçaõ dos Estados do Soldaõ do Cairo antes de entrarem na Casa Ottomana, pela variedade de elegancias, e especialmente pela delicadeza, com que usa dos verbos: Decada I. Liv. VIII. Cap. I. Ainda mais notavel, e cheia de evidencia, he a descripçaõ da Costa de Zanguebar na Africa, no Cap. IV. do Liv. IX. da Decada I. E outras muitas descripções, de que aquella maravilhosa historia está cheia, as quaes todas saõ do mais superior merecimento.

(12) *Varios ritos, e usos*: Este modo de fallar he muito usado dos mais insignes Poetas, e por isso naõ he de admirar, encontrarem-se, e repetirem os mesmos versos huns dos outros, como se póde vêr dos seguintes exemplos, os quaes podem mostrar a quem fizer hum serio estudo da boa Poesia, o modo de variar a frase, e o quanto qualquer Poeta deve porém variar o seu estylo. Virgilio no Liv. VIII. da Eneida:

Quam variae linguis, habitu tam vestis, et armis.

Petrar-

Petrarca na Cançaõ XLVIII.
Dure genti, e costumi.
E na XXXV.
Chi mi fecer cangiar vita, e costume.
E no Cap. II. do Triunfo do Amor:
Varii di lingui, varii di costumi.
Joaõ Pibaldeo na Epistola II.
Veder varii costumi, e varie genti.
Guarini na Scena I. do Acto V. do Pastor Fido:
Stato, vita, pensier, costumi, &c.
Bernardo Tasso no Cap. VIII. do Flosidante:
E varie terre vide, e varie genti.
Torcato Tasso Cant. XV. da Liberata:
Diversi han riti, et habiti, e favelle.
D. Alonço de Ercilla na Araucana Cant. XXVII.
En Leys, y en costumbres diferêntes.
Cujo verso he do nosso Sá de Miranda na Estança 3.ª da Ecloga V.
Vi terras, vi costumbres diferentes.
Mas quem mais usou desta expressaõ foi Camões. Vejaõ como este divino Poeta varia com tanta destreza o séu estylo. No Cant. IV. da Lusiada Estança 65.
Vendo varios costumes, varias manhas.
Na Estança 54. do Cant. VI.
Varias gentes, e Leis, e varias manhas.
Na Estança 68. do Cant. X.
Varios de gestos, varios de costumes.
Que he quasi o mesmo verso allegado de Petrarca no Cap. II. do Triunfo de Amor. Na Estança ~~19~~ 91. do mesmo Cant.
Varias Nações.............
Varios costumes seus, e varias Leis.
E na admiravel Cançaõ X.
Vendo Nações, linguagens, e costumes.
O grande Joaõ de Barros foi talvez o primeiro, que para o nosso Idioma trouxe esta elegancia na Decada I. Liv. III. Cap. VI. » E como he cousa dura em breve » tempo a gente barbara leixar os ritos, e usos com que » se criaraõ. » E no Liv. IV. Cap. VII. fallando das terras do Industaõ, e dos póvos, que as habitaõ, diz: » Mui varia em ritos, e costumes. » Do estudo, que tenho feito

feito das obras deſte grande Hiſtoriador collijo, que elle foi quem preparou a bella Lingoagem para os noſſos Epicos. Se me perguntaõ agora a qual das allegadas paſſagens dou a preferencia digo, que a de Torcato Taſſo, he a melhor de todas; e que a do Petrarca no Triunfo, e todas as do Camões, menos a da Cançaõ X. por ter huma dureza no aſſento, originada pela contracçaõ das duas vogaes no termo *lingoagem*, ſaõ as immediatas em merecimento.

(13) *Dos antigos Filoſofos*: Para deſenganar a minha barbaridade, e a dos mais, que n'uma Lingoa taõ bella, e taõ abundante de rimas fazem Poemas em verſo ſolto, tranſcreverei aqui a celebre paſſagem de Camões na Eſtança 23. do Cant. V., que expreſſa quaſi o meſmo:

Se os antigos Filoſofos, que andaram
Tantas terras por ver ſegredos dellas,
As maravilhas, que eu paſſei, paſſaram
A tam diverſos ventos dando as velas;

Todo o reſto da Eſtança contém penſamentos relativos a eſtes quatro verſos allegados, e ſaõ hum pinho de ouro. Tanto he ſuperior o verſo rimado, ao que o naõ he!

(14) *Como nuvens ſubtis*: Camões na Eſtança 19 do Cant. V.:

. . . . *Levantarſe*
No ar hum vaporſinho, e ſutil fumo.

E na Eſtança 25 do dito:

A' maneira de nuvens ſe começam
A deſcobrir os montes, que enxergamos.

Naõ he poſſivel apontar aqui exemplos de pinturas viviſſimas em Joaõ de Barros, ſem avultar nimiamente o corpo deſtas annotações. Em qualquer pagina das ſuas Hiſtorias encontrará, quem quer, pinturas vivas, e elegantes em ſummo grão.

(15) *Convexo*: he epitheto, que muito quadra aos promontorios, que pela maior parte tem eſta figura: que o continuado movimento das agôas lhes faz tomar, vejaſe a bella doutrina, que a eſte reſpeito expoem Mr. de Buffon na ſua Hiſtoria Natural, e nas Epocas da natureza. Parece-me, que poſſo ſeguramente affirmar, que

ſe naõ acha eſte epitheto empregado deſta maneira em Poeſia alguma impreſſa em Portugal até o 1.° de Novembro de 1783, em que eſta eſcrevo.

(16) Tito Livio foi o modello de Joaõ de Barros, de quem foi conſideravelmente excedido; no aſſumpto, por ſer o mais novo, que o mundo vio; nos factos, porque naõ ſaõ apocryfos, como muitos da Historia de Livio: no intereſſe, porque trata de costumes, ritos, trajos, regiões, Imperios, póvos, mares, Ilhas, producções, commercios, e navegações nunca ſonhadas dos antigos. E no estylo, ſendo pelo commum igual a elle, em muitos lugares o excedeu, como verá quem deſapaixonadamente poder combinar os melhores lanços de eloquencia de hum e outro Eſcritor. Nesta Estrofe fiz mui conſideravel mudança.

(17) Tambem neſta Eſtrofe fiz mudança notavel, com que, ſegundo o meu parecer, melhorei conſideravelmente.

(18) Eſte o maior, e mais poderoſo lance do maravilhoſo Epico, que ſe tem viſto até ao preſente, e como tal julgado dos Sabios de todas as Nações, por cujo motivo faço delle eſpecial mençaõ, como mais relevante reſplendor da eloquencia Portugueza. A pintura, que fiz, ainda que na eſſencia ſeja imitaçaõ da de Camões, com tudo nos accidentes do eſtylo he minha, como ſe poderá ver fazendo-ſe combinaçaõ dos dois lugares. Mas naõ fôra materia de riſo querer comparar eſta pintura com a daquelle divino Engenho? Seria querer tirar a maça das mãos a Hercules, quem tentaſſe igualallo nas graças inimitaveis da locuçaõ, na mageſtade, e na harmonia dos verſos, e na bella eſcolha das rimas. Conta-ſe, que o famoſo Lope da Vega eſtando pela primeira vez lendo eſte admiravel Epiſodio, e chegando áquelle bello verſo:

Nam fiquei homem, nam, mas mudo, e quedo.

Parou, e fez toda a diligencia para acabar a Eſtança com penſamento, e fraſe proporcionada ao aſſumpto; vendo pois que toda a fadiga lhe era inutil, continuou na leitura, e ficou cheio de paſmo, quando vio a facilidade, com que Camões havia concluido o fecho da Eſtança com eſte verſo:

E jun-

E junto de hum penedo outro penedo.
Desenganem-se os que metrificaõ, que a rima longe de ser nociva, he proveitosa aos bons Poetas, digo, áquelles que pertendem compôr de modo, que illustrem os seus Idiomas, e seus escritos fiquem eternos na memoria dos homens. Mas isso naõ obstante, naõ deixo de conhecer a inimitavel harmonia da nossa Lingoa sobre todas as cultas da Europa, que póde sustentar-se na Poesia algumas vezes sem o favor da rima, quasi com tanta magestade como na Lingoa Grega, ou na Latina, como se póde vêr em Ferreira na Tragedia de D. Ignes de Castro, e modernamente nas Poesias de Garçaõ. Eu conheço mui bem a pobreza do meu engenho, a quem a escuridade da vida, em que me acho, naõ permitte a necessaria cultura para florecer, de modo que possa vir a honrar a minha Lingoa; além disso desejára, que sempre a modestia andasse retratada em todas as minhas acções, e palavras, por cujo motivo naõ m'o attribuaõ a vaidade, se affirmar, que os melhores Engenhos dos Idiomas estranhos nunca poderaõ compôr versos, que guardadas as proporções excedaõ a estes na harmonia, o que mais se deve attribuir á riqueza, e suavidade da nossa Lingoagem, do que ao meu engenho. Note-se que em toda esta passagem naõ se encontra verso, ou frase de Camões, tirado do sobredito lugar, o que lá prova naõ pequena cópia do Idioma.

(19) Este verso está rouco por arte, pela combinaçaõ das consoantes asperas, que tem, cousa que todos os bons executáraõ, quando a natureza da composiçaõ lh'o pedio.

(20) Esta Estrofe está organizada de duas antigas, e segundo o meu parecer, esta he a melhor de todas as emendas, que fiz neste poema. Este Episodio naõ tirou o Camões de Poeta algum. Elle nasceu, e se aperfeiçoou na sua fantasia.

(21) Quando Joaõ de Barros, e o divino Camões pintaõ batalhas, parece, que se ouve o estrondo da artilheria, e o som das trombetas; de modo que se sente movimento n'alma.

(22) Tambem este verso he por arte composto de con-

ſoantes rudes, e eſtrondoſas para melhor pintar. O meſmo ſe obſerva no que ſe ſegue, cujo final exprime a dilataçaõ do tom da artilheria. Hum Poeta Italiano forçoſamente havia de ſervir-ſe neſte lugar de *rimbomba*, que pinta menos; porque o primeiro *m* algum tanto retarda o movimento velociſſimo do tiro, e o *o* antes do ſegundo *m* he muito ſurdo, em comparaçaõ do *u* do noſſo *retumba*.

(23) Fazer endecaſyllabos, que exprimaõ hum ſom, vê-ſe a cada paſſo, mas nem ſempre acontece exprimir n'um ſettenario o ſom de qualquer inſtrumento bellico com harmonia correſpondente. Para eſta operaçaõ he neceſſario huma particular harmonia. A terceira, e a ſexta devem ſer manifeſtamente longas. Mas naõ he ſó eſta qualidade, que faz eſte verſo de harmonia expreſſiva, mas tambem o esdruxulo *mortifera*, o qual (deixem-me aſſim explicar) dá hum certo elaſterio ao eſtylo, proprio para ſe elevar; aſſim como fez Camões no Epiſodio de Adamaſtor, dizendo:

. . . . Huma figura
Se nos moſtra no ar robuſta, e valida.

Eſtes esdruxulos contribuem muito para o ſublime ſendo collocados em ſeu devido lugar, e podem-ſe reputar palavras ſeſquipedaes das lingoas vivas, que mais affinidade tem com a Latina. O termo *bomba*, por ſer mui ſonante e expreſſivo, ajuda muito a exprimir o eſtrondo, que faz este inſtrumento mortifero quando rebenta.

(24) Para exprimir ſons deſagradaveis ſaõ mui proprias as conſoantes aſperas como *pp*, *tt*, *rr*, eſta foi ſempre a pratica de todos os homens de engenho, quer no verſo, quer na proſa. Cicero no Liv. I. do Orador diz: *ac nulla in* re rudis; naõ apontarei mais que hum exemplo de Camões, pois he eſte uſo taõ frequenre nos Poetaç, que a cada paſſo ſe encontraõ. O exemplo he na Ecloga II.:

As roucas rans ſoavam.

A copula dos *rr* em *terra rudo* he artificial, e exprime a aſpereza do eſtrepito da Cavallaria.

(25) Eſte verſo eſtá feito á imitaçaõ do de Virgilio no Liv. VIII. da Eneida:

Quadrupedante putrem ſonitu quatit ungula campum.
Verſo dignamente louvado em todos os tempos. Parece-me, que em trazer para o noſſo Idioma o participio *quadrupedando* naõ mereço cenſura, pois m'o permittio a qualidade da compoſiçaõ, por ſer daquellas onde mais reina o enthuſiaſmo. Eu vi modernamente uſar de palavras novas em Sonetos, ſem que por iſſo ſe condemnaſſe o Author de pouco puro. Ora pois eu eſpero, que ſe uſe a meſma indulgencia com quem enriqueceu o Idioma com huma das mais formoſas elegancias, que ſe encontraõ no mais cordato, e elegante de todos os Poetas. Subſtitui *ginete* ao termo *cavallo*, por ſer mais poetico, e menos vulgar. A palavra *ginete* he muito antiga nas Lingoas de Heſpanha, e creio que he derivada do termo Grego γίννος, ȣ uſado por Ariſtoteles, cujo vocabulo ſignifica o *parto da egoa*, como atteſtaõ os Lexicografos. De *quadrupedante* uſou Camões, Veja-ſe Cant. X. Eſtança 72. da Luſiada.

(26) Eſte verſo no ſeu final eſtá propagando o ſom; he propriedade, que tem a conjugaçaõ deſte verbo em a noſſa Lingoagem, o que naõ ſuccede nas eſtranhas.

(27) Naõ ſei qual foi o motivo, que obrigou ao Conde da Ericeira no ſeu *Portugal Reſtaurado*, e a outros do ſeu tempo a exprimir o termo *tambor*, ou *atambor* com o de *caixa*, naõ expreſſando eſte couſa alguma neſta ſignificaçaõ, por naõ ſer formado por onomotopéa como *atambor*, além de ſer de ſignificado equivoco. Certamente o máo Goſto daquelles tempos os fez uſar de hum termo de taõ remota metafora: e ſe algum moderno digno de louvor uſou delle, foi pela liçaõ, que teve deſtes authores, no que ſe naõ fez digno de imitaçaõ.

(28) Eſte verſo tambem eſtende no termo final o ſom que exprime, como o verſo acima num. 26.

(29) Os verſos que terminaõ em hum monoſyllabo tem pela maior parte força, energia, e gravidade como ſe vê neſte, ſeguro na authoridade de Virgilio, que no Liv. I. da Eneida verſ. 109. terminou aſſim o ſeguinte verſo:

. . . . . *Inſequitur cumulo praeruptus aquae mons.*

No

No Liv. V. verf. 481.

Sternitur, exanimisque tremens procumbit humi bos.

No Liv. 10. verf. 361.

. . . . . . *Haeret pede pes, denfusque viro vir.*

E no verf. 770.

. . . . *Manet imperterritus ille*
Hoftem magnanimum opperiens, et mole fua ftat.

(30) Nefte verfo todas as vogaes faõ de menos aberto fom, para exprimir affecto de diverfa natureza da dos que vaõ expreffados nos anteriores verfos.

(31) O Epifodio de D. Ignes de Caftro na Lufiada he tambem o mais refplendecente lance de Eloquencia affectuofa, que poffue a Lingoa Portugueza. Eu nunca o lî, que naõ choraffe; muitos tem difcorrido a refpeito delle. Manoel de Faria e Soufa melhor que nenhum: quem quizer póde-o confultar no excellente Commentario, que fez a efte Poema.

(32) Efte penfamento quafi que fe affemelha a outro do maravilhofo Soneto III. de Camões.

Com grandes efperanças já cantei
Com que os Deozes no Olimpo conquiftára.

(33) Nefte lugar naõ me demorei tanto, por fer pintura de affecto compaffivo, fegundo a doutrina dos melhores Rhetoricos, que manda naõ demorar na pintura dos affectos, que movem a compaixaõ. Nefte lance todo o eftylo he facil e natural, fem inversões, nem frafes eftudadas; porque, affim como diz Quinctiliano no Cap. IV. do Liv. X. das Inftituições Oratorias, o nimio cuidado das palavras diminue a fé aos affectos, e donde a arte muito fe manifefta, parece que a verdade fe aufenta.

(34) A pureza de hum Idioma confifte efpecialmente em ter huma fyntaxe bem regular, e conforme á boa Filofofia, cujos idiotifmos naõ pareçaõ eftranhos ao fyftema da mais pura Grammatica, e que a conftrucçaõ do feu periodo naõ admitta hyperbatos, nem outras inversões viciofas, que trazem comfigo efcuridade, e que abfolutamente naõ foffra o mais leve folecifmo. Tambem concorre para a pureza do Idioma a cópia de frafes de fentido perfpicuo e natural, e a abundancia de

nomes, e verbos regulares; e que além disso as suas anomalias sejaõ conformes ao bom Gosto, e cooperem para a doçura, e harmonia do discurso, cujas qualidades concorrem muito para a clareza, e elegancia, que saõ os mais nobres attributos de huma boa Lingoagem. A dicçaõ quanto mais congruente, tanto he mais pura. Vêmos, que desde que se começou a escrever em Portugal, a pureza, a elegancia, e a perspicuidade fôraõ as principaes virtudes das composições dos nossos Escritores, que formáraõ, e poliraõ o Idioma; porque sendo dotados de Gosto annunciavaõ as suas idéas em estylo, que nada tinha de incongruente, isto he, de impuro, e barbaro. Pois assim como a modestia foi sempre a virtude, que assaz resplendeceu no todo dos costumes da Naçaõ Portugueza, esta mesma virtude se communicou á sua eloquencia, exprimindo os seus pensamentos sem amplificações audaces, que commummente geraõ impureza, e escuridade na oraçaõ, como vêmos em a maior parte dos Escritores, que fôrmaõ o solido da Lingoa Castelhana, os quaes sendo mais abundantes de engenho, do que sequazes das regras, que ensinaõ a escrever com toda a possivel correcçaõ, empregáraõ mais os seus talentos em se exprimir com huma mal entendida sublimidade, enchendo o discurso de metaforas excessivamente audazes. Daqui veio o costume de se escrever naquelle Idioma em estylo estudado, donde nasce muitas vezes a affectaçaõ, que costuma degenerar em a inchaçaõ, que he o mais odioso de todos os vicios do estylo. Ora como a natureza do discurso Portuguez seja o ser mui conforme ás mais puras regras da boa Grammatica, livre de amplificações atrevidas, e outros muitos modos de fallar viciosos, claro está, que com muita justiça lhe compete o epitheto *purissimo*; pois sem pureza naõ póde haver bons escritos, nos quaes se funda a gloria de qualquer Idioma.

(35) Afortunado aquelle que recebendo de Deos o dom de poetar, teve hum Idioma, que ajudasse o seu engenho. A Lingoa Portugueza he taõ preciosa, que póde por meio da sua grande cópia, e melodia fazer florecer qualquer engenho, ainda que este naõ seja dos

mais

mais promptos e felices. He bem verdade, que se poderá dizer, que quem nasceu Poeta póde melhor compôr na Lingoa Latina por ser mais poetica, e abundante de tons, do que qualquer das Lingoas vivas por culta que seja; mas segundo o meu parecer ninguem deve escrever senaõ no seu Idioma, para haver de o enriquecer, e augmentar. Neste seculo de luzes já se naõ soffre practica em contrario. Todas as Nações se esforçaõ em ampliar, e polir os seus Idiomas; e por consequencia he mais conforme á razaõ poetar em Lingoa materna, do que em huma, que por bella que seja naõ se falla ha XIV Seculos, o que a faz de natureza mais occulta a nós, especialmente na parte relativa á sua Prosodia, e número, e além de naõ ser commua a todos, naõ se póde nella innovar cousa alguma.

(36) Toda esta passagem he imitaçaõ da excellente Ode de Horacio:

Non usitata nec tenui ferar, &c.

As imitações sempre se devem fazer de longe, isto he, apartando o texto para que se possa fazer com liberdade, e naõ degenerem em plagiatos grosseiros, para a qual operaçaõ, deve-se em primeiro lugar pôr todo o cuidado em entender extremamente bem o sentido do texto, pezando a força, e energia de cada termo de per si, e a qualidade das suas translações; feita esta observaçaõ entre a formar o plano da eloquencia, com que ha de exprimir os pensamentos imitados, dispondo-os de modo, que fiquem proprios do assumpto, que trata, esforçando-se pelos exprimir com igual força á do texto, já pospondo, já antepondo, já encurtando, já ampliando o sentido, ou frase de maneira, que a hum mesmo tempo se conheça ser imitaçaõ, e lance de eloquencia naõ transferida de outro Idioma, isto he, no modo com que for exprimido, o qual deve ser com termos mui claros, e em frase muito elegante e pura, que nada tenha de constrangida, nem forçada. E para se vêr o modo, com que me portei na minha imitaçaõ, apontarei os lugares, para que possaõ com mais facilidade entrar na censura do judicioso Leitor, e este os avalie como bem lhe parecer.

(37)

(37) . . . . *Me elevarei*
Com clara fama ás lucidas estrellas
He imitaçaõ de
Non usitata nec tenui ferar
Penna . . . . . Per liquidum aethera

(38) *Brando Cysne*: he de
Album mutor in alitem:
Quiz antes o epitheto *brando* por me parecer mais proprio; pois a doçura, e a harmonia saõ inseparaveis da boa Poesia.

(39) *Já se me vaõ os membros transformando*
N'outra nova figura:
He imitaçaõ de
Jam jam residunt cruribus asperae
Pelles: et album mutor in alitem.

(4) *E de alvas pennas mil vestido, e ornado*
Imitaçaõ de
. . . . . Nascunturque leves
Per digitos humerosque plumae.
Tirei *album* para as pennas, significando por isso, que o Poeta deve naõ tratar materias sordidas, e impuras, tanto no moral, como no fysico.

(41) *Já novos seres vejo &c.* imitaçaõ de
Jam . . . .
Visam gementis littora Bospori &c.

ODE

ODE III.

A' RAINHA NOSSA SENHORA

Por haver estabelecido a paz entre estes Reinos, e os de Castella.

NAõ mais, oh Musa, demos
O triste peito a choros lacrimosos,
Nem façamos extremos
De dôr com ais, e gritos lastimosos,
Chorando sobre a triste sepultura
Do grande Rei José a morte escura;

Que em perenne existencia
Já lá no Ceo naõ cessa de exaltar
De Deos a Summa Essencia:
E a dura força do cruel pezar,
Que fez em nós do fado a tyrannia
Naõ se extingue chorando noite, e dia.

Cingida d'aureo manto,
E ornada de sublimes resplendores,
Entoa novo canto:
Ensina-me a tecer altos louvores
Da singular Maria, illustre filha
De hum claro Heroi, do mundo maravilha.

Apenas te elevaste,
Rainha excelsa, ao throno magestoso,
E segura empunhaste
Dos grandes teus Avós o glorioso,
E sempre invicto Sceptro, á Lusa gente
Déste mostras de teu valor potente.

E

E qual luzente eſtrella
De influencias benéficas dotada,
A fervida procella
Foi por ti n'um momento diſſipada;
E todo o Portugal larga eſperança
Em ti fundou, e ſua ſegurança.

D'alto valor armada,
Tiraſte tu da maõ de Marte horrendo
A ſanguinoſa eſpada,
Que os furores da guerra hia accendendo,
Obrando eſtragos mil em campo aberto,
De ſangue, e pó, e de ſuor cuberto.

Ceſſou em continente
De commetter horrores deſgraçados,
Acceza em fogo ardente,
Bellona c'os cabellos eſpalhados:
Naõ mais ſe viraõ damnos infinitos,
Nem ſe erguêraõ ao Ceo prantos, e gritos.

A Paz ſerena, e ſanta,
Que em teu puro regaço ſe abrigára,
Nos ares ſe levanta:
Já de todo desfaz a ſombra avara,
Que o máo furor da guerra diffundíra,
Os póvos accendendo em cruel ira.

Naõ vaõ rompendo os mares
As atrevidas quilhas Portuguezas
Cheias de ſingulares
Varões, que tu, Mavorte, tanto prézas,
Em cujos peitos ferve a antiga flamma,
Que os noſſos bons maiores tanto acclama.

Neptu-

Neptuno os vio voando
Pelas tumidas ondas furiosos,
Os ventos desprezando,
Só de morrer na empreza cubiçosos;
Ou lavar os desares recebidos
Em inimigo sangue enfurecidos.

Que espanto, e que terror!
Quantos raios allí naõ vibraria
O fervido furor
Da Lusitana impavida ousadia,
Se amando mais o bem dos Teus Vassallos
Naõ voasses, Senhora, a desarmallos!

Assaz de gloria ingente
Nos ganhâraõ Teus inclytos Avós,
De quem eternamente
Cantando hira da Fama a clara voz
Altos tantos troféos, tantas victorias,
Tantas triunfaes palmas, tantas glorias.

Hum mais luzente lume
Alumiou Teu vivo pensamento:
Já lá no excelso cume
Da mais solida Gloria claro assento
Immortal te prepara, adonde em vaõ
Tenta subir mundana comprehensaõ.

Se muito o mundo acclama
A gloria, que se alcança nas batalhas,
Onde o furor se inflamma
Cubrindo os campos de luzentes malhas,
De esquadrões destroçados, exhalando
A doce vida, em sangue fluctuando:

Cidades arrazadas,
Mortos a ferro frio os habitantes;
Provincias deſſoladas
Por ferozes exercitos poſſantes;
Voando ao longe, e ao perto o medo, o eſpanto
De triſteza cercado, e choro, e pranto.

Neſtas ſcenas de horror
Se funda a gloria, antes cruel vaidade
Do vaõ Conquiſtador:
Quanto mais ſe naõ deve em toda a idade
Louvar aquella pia inclinaçaõ,
Que as vidas poupa á humana geraçaõ.

Maldito ſeja aquelle,
Que no mundo inventou guerra cruenta,
Que o peito humano impelle
A tanta deſventura, e ſe apacenta
De cruezas, de incendios, vituperios;
De eſtragos mil, de mortes, e adulterios.

Seu nome embora fique
Em longo eſquecimento ſepultado:
Nunca a Fama o publique,
Nem ſeja d'alto Engenho celebrado;
Antes fique em horror a toda a gente,
Deteſtado no mundo eternamente.

Outra mais alta gloria,
Digna mais do pregaõ da illuſtre Fama,
E de immortal memoria,
Teu nome auguſto em todo o mundo acclama
Sempre ſerás, Rainha, illuſtre, e grande
Por mais que a vã Fortuna o Fado mande.

Na

Na paz o Lavrador
Arando vai contente a terra dura;
Na paz o ſegador
Alegre corta a eſpiga já madura;
Brancos lyrios na paz, vermelhas roſas
Naſcem junto das agoas deleitoſas.

As Artes reſplendecem:
Apuraõ-ſe as altiſſimas Sciencias,
Que as mentes eſclarecem:
E ſem temer de Eólo as inclemencias;
Largamente o Commercio voa ufano
Pelas ondas do tumido Oceano.

Tu, Senhora, firmaſte
Num, e noutro Emisferio a paz dourada:
Com gloria annunciaſte
A ſerena concordia deſejada
A mil nações d'um mundo, e d'outro mundo;
Penetrada de amor, ſaber profundo.

Em vaõ naõ concebêraõ
De Ti, Senhora, altiſſima eſperança,
Quando ao throno Te erguêraõ
Teus póvos, e com ſumma confiança
Real, Real, diſſeraõ por Maria
De Portugal Rainha clara, e pia.

Se a minha voz ſoára
Qual do candido Cyſne a voz canora;
Teu nome ſe eſpalhára
Do Tejo lá té donde naſce a Aurora;
Porém o meu engenho he curto, he breve,
E a taõ ſublime empreza naõ ſe atreve.

ODE IV.

JÁ naõ posso, já sinto
D'agudo frio os membros traspassados:
Aquí m'accolherei:
As negras longas azas sacudindo
Está o crespo Boreas, derramando
Sobre a madida terra a fria neve.

Em vaõ pelote aperto; (1)
Em vaõ na longa capa do felpudo,
Do molle baetaõ
Me envolvo, e enrollo; em vaõ por mim bradando
Lá do centro das concavas cavernas
Está o ruivo Bacco ebrifestante.

Eu naõ te escuto, naõ:
Naõ, letifico Deos, as roixas brazas,
A crepitante flamma,
Que as orlas lambe do estridente vaso,
Onde a cheirosa sordida vianda
Está chamando o bebedor hydropico:

Nem os luzentes copos
Do rubicundo mosto, e a curva bomba
Intrusa no tonel,
Perenne diffundindo o alegre çumo
Na rotunda caneca, me compellem
A profligar comtigo os meus contrarios.

Natu-

Natural averſaõ,
Tu bem ſabes, me obriga a deſprezar
Teus dons, e teus encantos:
Naõ foge tanto o cauto navegante
Do baixo, a que infamou triſte naufragio,
Como eu de algum lagar, ou longa adega.

Mas a neve naõ ceſſa:
Treme, treme-me o corpo; os dentes batem;
O ſangue ſe congela;
E os petulantes Bacchicos cultores
Com ſardonico riſo me eſcarnecem;
Pulhas me dizem; mil negaças fazem.

O teu ſoccorro imploro,
Faceto Joaquim, ſó tu me podes
Livrar de taes inſultos,
Que eſtes vís tabaréos me eſtaõ fazendo:
Dá-me do louro chá, dá-me café,
Café, que dá vigor á fantaſia.

Porém como he poſſivel,
Que me eſqueça o ſuave chocolate?
Naõ he taõ agradavel
A Jupiter o flavo Ganymedes,
Quando em taças de lucido diamante
Almo nectar alegre lhe prepara,

Como quando ſereno
Te vejo vir com paſſo tardo, e lento
Co'a bandeja do Ganges
Coroada de vaſos de eſpumoſo,
Nobre liquor, que eleva o tenue fumo,
Que co'as bochechas tumidas aſſopras.

Po-

Porém ſe ſer pertendes
Famoſo como o fulvo Ligurino,
Do Venuſino Vate
Tanto no tempo antigo celebrado;
Dá-me do mais recondito, e ſubido
Almo liquor, que tanto me enfeitiça.

Em premio te darei
Olhos traveſſos, faces rubicundas,
Ondadas loiras tranſas,
Taes que vençaõ do Sol os claros raios;
Poſto que eſcaſſas, e da côr da noite,
Raras t'obumbrem pallido o ſemblante.

Vê a quanto ſe atrevem
As preſumpções altivas dos Poetas!
Nunca damno lhes faças:
Da-lhes do mais ſupremo chocolate,
Se naõ te queres vêr triſte, e meſquinho
Em ſaltante bugio convertido.

Mas és chegado em fim
C'o ſuave liquor, que a alma me encanta:
Dize agora, que bramem,
Que ſibilem os ventos furioſos;
Dize, que me appareçaõ lobishomens,
Nocturnas ſombras, pallidas fantaſmas.

Dize, que ouvidos dê
Aos cançados diſcurſos dos que ſondam
Seccos calculadores
As forças dos Eſtados, dos que oſtentaõ
Fantaſticos arbitrios, que annunciaõ
Encantados theſouros deſcubertos.

Tal

Tal com fronte ſevera,
Longa barba, comprida veſtidura,
De grizalhos remendos
Recamada, hum pompoſo Charlataõ
Converte em alto eſtylo o ferro em ouro,
Sepultado em miſeria, e vil pobreza.

Que os ſentidos me prenda
A ſonoroſa voz de hum recitante
De triſtes panegyricos,
Que em frio eſtylo pobre d'artificio,
Erriçado de horrendos Gallicifmos,
Ao mundo oſtenta hum vaõ declamador.

Eſtá de parte hum douto
Dando pezo, e valor aos ditos vãos:
Eu delle naõ me fio;
Parece-me, que aſtuto ſe recreia
Longe a pella lançando, porque veja
Esforços vãos de garrulos moloſſos.

Bebamos pois, amigo;
Fogem bebendo, cortaõ-ſe os cuidados,
Os mordazes cuidados;
Riſpidas ſogras, momos inſoffridos
De ſoberbos parentes idiotas
Naõ te lembrem jámais, nem t'amofinem.

Mune o peito innocente
De innocentes coſtumes: deixa em vaõ
Bramar o negro vento,
E qual Piloto impavido deſpreza
A negra tempeſtade, que ſibila
No tope excelſo das aerias gaveas.

NO-

NOTA.

(1) *Pelote* era hum genero de veſtido antigo, que correſponde á caſaca do tempo de agora; de modo que o meſmo era dizer *em pelote*, que em *corpo*; como bem ſe moſtra do ſeguinte exemplo de Fernaõ Lopes de Caſtanheda na ſua Hiſtoria da India Liv. I. Cap. II. fol. 5. » E ao embarcar ſairom todos em prociſſam de noſſa Se» nhora de Belem, que he agora hum moſteiro de Sam » Hieronymo, e hiam *em pelote*, e cirios acceſos nas » máos, e os frades rezando.» Uſei deſte termo por me parecer mais poetico, como aſſim he, que caſaca, fazendo aſſim a compoſiçaõ mais digna, e grave. Eſte termo já foi cenſurado de antigo, ſendo uſado de Vieira no ſermaõ da Quarta feira de Cinza Tom. I. §. 2.° diz elle.» Pois tragaõ as ſuas pelles, as ſuas mantas, os » ſeus *pelotes* de panno da terra.»

ODE V.

A' FORTUNA.

Tu, que os peitos humanos
Nutres de fementidas eſperanças,
Tu, que com mil enganos
D'aura fallaz de audaces confianças
Levantas aos ethereos apozentos
Seus arduos, temerarios penſamentos,

Falſífica Fortuna,
Sombra mendaz, fantaſtica deidade,
És fantaſma importuna;
Aereo throno, aerea mageſtade,
Vã potencia, que em ſonhos ſe exercita,
Entre o credulo povo te acredita.

És ſer ſem fórma, e eſſencia;
Vaõ tecido de mil contradicções:
Naõ póde haver ſciencia,
Nem força de facundas expreſsões,
Que te defina tuas qualidades,
Sem que ſe envolva em mil contrariedades.

E ſe és alguma couſa,
Ou no mundo faz vulto o teu poder,
Que erguer-ſe em fim tanto ouſa,
Teu imperio ſómente deve ſer
De idiotas eſtupidos formado, (1)
De infamiſſimos peitos habitado.

O pobre Lavrador (2)
Com ſollicitas ſupplicas implore
Teu frivolo favor:
Rodeie o teu altar; teu vulto adore: (3)
Em vaõ com mil devotos ſacrificios
Tente ganhar teus proſperos auſpicios.

Por ſenhora dos mares (4)
Embora o Nauta intrepido te acclame
Longe dos patrios lares:
Por ti na tempeſtade grite, e chame;
Porque ao porto conduza a rica náo,
Livre dos caſos do confuſo váo.

Temaõ teus crueis damnos, (5)
Temaõ-te em fim os férvidos Guerreiros;
E os purpureos Tyrannos:
Temaõ-te os fraudulentos Liſongeiros:
Que os limpos corações limpos, e puros
Vivem ſem ti munidos, e ſeguros.

As mudanças, que faz
A maõ do tempo avaro, que conſome;
Que tudo contrafaz
Naõ lhes daõ naõ do titulo, e vaõ nome
De Fortuna, ou de accaſo mentiroſo,
Triſte invençaõ de eſpirito ocioſo.

A juſta providencia
Do Supremo Motor, que os alumia;
He a certa ſciencia,
Que o ſeu fraco baixel conduz, e guia
Pelo meio das Syrtes arenoſas,
Das procellas da vida trabalhoſas.

Oh bem-aventurado
Quem o caminho ſegue da Virtude!
Delle naõ he lembrado
Teu nome, oh van Fortuna, nem ſe illude
Com as tuas fantaſticas promeſſas,
Com que tanto os vís peitos intereſſas.

Ah! que ſe hum vivo engenho (6)
Me accende, e me enfurece o penſamento,
Se excelſo me ſoſtenho
Nas regiões do eterno firmamento,
Imperio das ſublimes invenções,
D'altas idéas, d'altas ſenſações;

Que gelado temor
Naõ conſente, que o genio vigilante
Com férvido vigor
Dos tenebroſos valles ſe levante,
Onde a baixos aſſumptos applicado
Jaz em torpe delirio ſepultado.

Sacras Muſas do Pindo,
Eu naõ profano o dom divino, e ſanto;
Meu vôo deſpedindo
Novo Cyſne ás eſtrellas me levanto:
Longe, oh longe do profano vulgo
Voſſo valor altiſſimo divulgo.

Elle já me premeia
C'o dom benigno de immortaes talentos;
E ſe inda naõ ſe ateia
A flamma dos altivos penſamentos,
Que haõ de, oh Nynfas, levar o nome, e a gloria
Da minha patria ao templo da Memoria;

Hum pouco ah! desculpai (7)
Do cego entendimento o vaõ furor:
Naõ se excita, naõ sai
Ao primo impulso o vivo resplendor, (8) (9)
Que hum vasto incendio move, e tanto espanta,
Quando ás nuvens mais alto se levanta.

Na juvenil idade
Fervem no peito as turbidas paixões
Com fera tempestade
De indomitos desejos: sans tenções,
Altos nobres projectos todos jazem,
Todos em subtil fumo se desfazem.

Mas se naõ for cortada
Em flor a tela de meus aureos dias,
Será de mim levada,
Sem que sinta do tempo as tyrannias,
A fama illustre, e a gloria Portugueza
Com claro som por toda a redondeza.

As idéas fermentaõ;
Parte já se levanta do edificio, (10)
Que ellas formar intentaõ;
Sendo-me o Vate Delfico propicio,
Ouvirá o seu nome o Gange, e o Nilo
Em alto canto, em levantado estylo.

Como eu veja completos,
E de immortalidade revestidos (11)
Meus audaces projectos;
Naõ temerei, que sejaõ confundidos
Os affectos do vivo pensamento
Nos abismos do negro esquecimento.

Ao

Ao tenebroſo Accaſo
Eu naõ ſuſpenderei taboa votiva : (12)
Nem mais hum grande vaſo
De moſto eſparzirei na fragoa viva (13)
Por taõ divina dadiva eſtimada :
Sim, ligeira Fortuna, és ſombra, és nada. (14)

NOTAS.

O Assumpto desta Ode he a Fortuna ; que nella he considerada como hum ente aerio , a quem deu ser a ignorancia. Na mesma conta a teve Juvenal tratando della na Satyra X.

Nullum numen habes , si sit prudentia : nos te
Nos facimus , Fortuna , Deam , coeloque locamus.

Do mesmo sentir he na satyra XIV. vers. 315. onde repete quasi que os mesmos versos acima.

Quasi todos os grandes Poetas , tanto dos antigos , como dos modernos , que tratáraõ este assumpto , mais o fizeraõ como sectarios das opiniões do vulgo , do que como Filosofos , profanando o sagrado dom , o qual nunca foi dado por Deos , senaõ para utilidade do genero humano. Por cuja razaõ haverá dez para doze annos , que me atreví a tratar este assumpto , mais por experimentar se em o nosso Idioma se poderia tratar com clareza , e magestade propria de huma boa filosofia , e moral pura , que serve de base á nossa Religiaõ : e como achasse eu a dita composiçaõ com defeitos , tanto na deducçaõ do discurso , como na pureza da Lingoagem , por naõ ter ainda o engenho familiarizado com as regras do Gosto , que communica a liçaõ dos excellentes modellos da antiguidade ; determinei agora emendalla , no que puz toda a possivel diligencia , para que fosse nos pensamentos mui conforme , e ajustada aos documentos da boa filosofia , e na dicçaõ poetica á elegancia , e pureza , com que todo o genio dotado de talentos deve escrever , sem manchar a pureza do seu Idioma , e ao mesmo passo , augmentando-o com elegancias analogas á indole da mesma Lingoagem , virtudes que taõ avultado fizeraõ o merecimento de Virgilio , Horacio , Camões , e Ferreira ; e se naõ consegui , deve-se-me ao menos o louvor da diligencia , que nisso puz.

(1) O termo *idiota* tem sido censurado por pouco , ou nada Portuguez , dizendo , que a frequente leitura dos authores Francezes deste seculo o trouxe para o nosso Idioma. Dois generos ha de Poemas a quem he permittido o uso de palavras novas o Epico , e o Lyrico ,

aquel-

aquelle naõ sómente as póde hir buscar a todas as lingoas, ou mortas, ou vivas, mas tambem inventallas absolutamente, como fez Virgilio. O Lyrico porém naõ as póde hir buscar senaõ ás duas Lingoas Grega, e Latina. Isto assentado, a palavra *idiota* naõ he originariamente Franceza, nem a sua terminaçaõ o indíca; porque *idiota* he sem nenhuma corrupçaõ *idiota*, *ae* dos Latinos, e este he o Grego ἰδιώτης, ου, o que mostra, que naõ errei em usar deste nome. Além de que este termo tem mais de duzentos annos na nossa Lingoa: naõ só na prosa, mas ainda no verso tem sido usado por Authores de nome. Joaõ de Barros *Dial. da Ling. Portug.* pag. 234. Vieir. tom. VI. pag. 3. Hieronymo de Côrte Real Poeta, que floreceu nos Reinados de D. Joaõ III., e de D. Sebastiaõ usou desta palavra no Livr. XI. do *Naufragio de Sepulveda*:

Conhece ser o Mago Simam falso,
Com infernaes milagres espantando
O povo idiota *facil, e ligeiro.*

Fr. Heitor Pinto Dialogo da *Verdadeira Amizade* Cap. 19. » E quando os Letrados tem tregoas com os vicios, dif- » ficil he terem os *idiotas* paz com as virtudes. » Fernaõ Ximenes de Aragaõ *Tractado da Doutrina Christã, e Catholica* impresso em 1624 Cap. 5.° fol. 28... » Taõ » *idiotas*, e sem letras, que nunca haviaõ aprendido. »

(2) Esta he imitaçaõ de huma passagem da bellissima Ode de Horacio á Fortuna, Poema que só por si lhe ganhára hum immortal nome. As imitações ou se fazem augmentando, como fez Camões na Ode IX. na qual imitou a VII. do Liv. IV. das de Horacio, ou encurtando, como fez o mesmo Camões no II. Canto da Lusiada na Estança 53, que principia:

Nunca com Marte instructo, e furioso.

Onde mete dez, ou doze versos de Virgilio em oito Portuguezes; e esta he a mais rara de todas as imitações, de quantas tenho visto nos Poetas, que hei lido. A minha imitaçaõ he do primeiro genero; de

Te pauper ambit solicita prece
Ruris colonus . . . .

Fiz huma estrofe: o verbo *ambit* no texto tem tanto enfa-

enfasi, que só elle forneceu assumpto para os quatro ultimos versos da dita estrofe, e julgo naõ ser hum dos menos felices lances deste poema.

Era do antigo ritual tanto dos idolatras, como dos Hebreos rodear o que fazia as deprecações o altar, onde se fazia o sacrificio, como se vê da já mencionada passagem de Horacio nas notas; e tambem da seguinte do Salmo XXV. *Lavabo inter innocentes manus meas, et circumdabo altare tuum.*

(3) Esta estrofe tambem he imitaçaõ do mesmo Horacio na mesma Ode:

. . . . . Te dominam aequoris,
Quicumque Bithyna lacessit
Carpathium pelagus carina.

(4) Tambem esta he imitada da Estrofe: *Te Dacus asper &c.* Purpureos tyrannos he imitaçaõ ao pé da letra de *Purpurei metuunt tyranni*; e se me naõ engano, esta he a primeira vez, que apparece esta elegancia na Lingoa Portugueza. Na Lingoa Italaina já della usou Torcato Tasso na Estança 52. do Canto VII. da Jerus. Liber.

A i purpurei Tiranni infausta luce.

(5) Aquí haviaõ quatro estrofes de mais, que cortei, por me naõ parecerem dignas tanto em discurso, como em dicçaõ; em fim quando a emenda corra, quasi sempre he melhor, que quando accrescenta. Huma das causas por que ellas mais me naõ agradáraõ, era o estarem cheias daquelles extasis, ou por melhor dizer, delirios, exclamações, e apostrofes, de que tanto abundaõ as composições Lyricas deste tempo. He possivel, que as anaforas, apostrofes, exclamações, repetições, reticencias &c. que por frequentes fazem o estylo solto, e desunido, devaõ só contribuir para a belleza desta qualidade de Poemas? Naõ: isto só póde ser consequencia infallivel da corrupçaõ do Gosto, que quasi sempre acompanha os Engenhos mediocres; nem eu tal uso vejo nos bons Mestres da antiguidade. Huma das Odes de Horacio mais bella, mais cheia daquelle impeto sagrado, que procede de hum verdadeiro enthusiasmo he a XXV. do Liv. III. pois eu naõ vejo nella estas desordens, a que

os

os modernos chamaõ bellas. O mesmo digo da IX. do Liv. III. as quaes por unanime consenso dos Criticos saõ as melhores do grande Lyrico Latino. Alli só vejo hum enthusiasmo de razaõ, e naõ hum furor desatinado de imaginaçaõ delirante. Tudo allí he conforme ao bom senso; todas as idéas saõ derivadas por huma consequencia taõ natural, que bem mostraõ serem produzidas por hum entendimento nutrido com as puras maximas da mais excellente filosofia, que vê, e observa por todos os lados os assumptos que trata, isto he, que por acudir ao enthusiasmo, naõ deixa a natural, e legitima ordem do discurso; que por cumprir com ambos, naõ se esquece de escrever com pureza, elegancia, e doçura, que he o verdadeiro colorido das idéas, e talvez, o que na realidade he, que as graças do estylo sejaõ quem transmittaõ á posteridade os partos da facundia poetica. Aquí entro pois a affastar-me do assumpto, cuja transiçaõ fiz com aquella arte, que permitte o meu engenho tal, ou qual elle he; se ella naõ agradar a algum Leitor, que por acaso haja de lêr este Poema, caia embora no seu desagrado, que eu naõ sube fazer melhor; ao menos poderá estar certo, que neste Poema naõ achará jogos pueris de palavras, equivocos, antitheses mal collocadas, construcçóes impuras, e outros muitos vicios, que constituiaõ a inchaçaõ insoffrivel dos versificadores dos Reinadcs de D. Pedro II., e D. Joaõ V. Sempre puz todo o esforço, para que as minhas pinturas fossem simplices, e na sua imitaçaõ se achasse verdade, e interesse.

(6) Esta estrofe tem os primeiros quatro versos, que finalizaõ em agudos, cousa que a cultura moderna muito abomina: no ultimo artigo destas notas direi alguma cousa a este respeito.

(7) *Primo* por primeiro, obrigou-me a isto a precisaõ do metro, e muito mais a dignidade do estylo, no que me parece em nada violei as leis da boa Poesia, nem as da pureza do Idioma. *Primo* por primeiro, he, e sempre foi mui Portuguez: semelhante uso he frequente nos nossos bons Authores. Jorge Ferreira, hum dos mais benemeritos da nossa Lingoa, na sua *Eufrosina* usa frequen-

temente defte termo. No Prologo da mencionada Comedia fol. 5. verf. temos o feguinte exemplo : » Arre» negay do velho que naõ adivinha, que por muito que » o tempo como *primo* mobil faça &c. » Camões na Eftança 69. do Canto IV.

Aqui fe lhe aprefenta, que fubia
Tam alto que tocava a prima *Esfera.*

Tambem modernamente ufou defte termo o Conde da Ericeira, o qual pofto que naõ tenha a maior authoridade no eftylo, com tudo he hum dos Authores do Seculo de prata da noffa Lingoa, com quem fe deve allegar. No Tomo I. da primeira Ediçaõ do *Portugal Reftaurado* a fol. 666. diz elle : » Paffáraõ a alagoa com a » agoa pelos peitos, á *prima* noute. » Sempre fe diffe no noffo Idioma *obra prima*, por coufa bem acabada, ou excellentemente bem executada, a que os ignorantes da Lingoa chamaõ *chefe d'obra*, claufula abfolutamente Franceza, que em noffa Lingoagem de nenhum modo póde fer admittida; por lhe naõ fer analoga nem em fentença, nem em foido; por fer de rude, e diffonante pronunciaçaõ; e porque no meio tem defagradavel cacafonia. Quando commummente dizemos *primo*, *fegundo primo* &c. deve-fe entender por Elipfe a palavra *parente*, ou parente em primeiro gráo: quando porém fe diz *fegundo primo*, he o mefmo que dizer *fegundo primeiro*, o que he formalmente hum idiotifmo, coufa que todas as lingoas tem: faõ os idiotifmos huns abufos introduzidos pelo vulgo idiota, e daqui vem *idiotifmo*.

(8) *Refplendor*, effeito pela caufa; efte genero de translaçaõ he patente a todos os que fe daõ aos eftudos amenos; efta imagem naõ he mui vulgar nos Poetas; eftimarei que alguem me affigne outra femelhante em algum Poeta antigo, ou moderno; porque fe naõ for melhor que a minha, alegrar-me-hei com a gloria da fuperioridade, e fe for de mais relevante merecimento, tentarei novas fadigas, para com a imitaçaõ de objecto mais perfeito dar novo colorido ao meu quadro. A que tem Gabriel Pereira na *Ulyfféa* Canto II. Eftança 94. naõ he a mefma comparaçaõ, ainda que o pareça.

(9) Poema que tem por affumpto as acções, proezas, e pen-

e penſamentos altivos do Grande Henrique Infante de Portugal filho d'ElRei D. Joaõ o primeiro.

(10) Elegancia ſemelhante a eſta uſou o Orador Vieira no primeiro Sermaõ do Tom. V., e he a ſeguinte: » A » primeira ſcena deſte theatro, foi o Paraizo Terreal, » no qual appareceu o mundo *veſtido de immortalidade.* »

(11) *Taboa votiva*: imitaçaõ de Horacio na Ode V. do Liv. I.

> . . . . *Me tabula ſacer*
> *Votiva paries indicat humida*
> *Suſpendiſſe potenti*
> *Veſtimenta maris Deo.*

(12) Allude ao uſo que havia de eſparzir vinho nas brazas dos altares dos ſacrificios antigos.

(13) Aquí me torno a lembrar do aſſumpto deſte Poema; naõ ſe repute o monoſyllabo *ſim* por *Gallicíſmo*; eſta particula he mui Portugueza, mas o uſo immoderado, que neſte tempo tem feito della Poetas, e Oradores, quando ſervilmente imitaõ os Authores Francezes, e principalmente em clauſulas taõ proprias da Lingoa Franceza, como eſtranhas da noſſa, a conſtituiraõ *Gallicíſmo.*

Reſta-me agora dizer alguma couſa a reſpeito dos agudos, como promettí na ſetima annotaçaõ, o que faço, naõ ſó por ter empregado alguns neſte Poema, como por fazer madura reflexaõ na inveſtigaçaõ da cauſa, que modernamente fez abolir o ſeu uſo, couſa que nunca veio á imaginaçaõ dos bons antigos, tanto Italianos, como Portuguezes. Em primeiro lugar deve-ſe attender, que todo o verſo endecaſyllabo he verdadeiramente agudo; porque a ultima he muda, ou quaſi que ſe naõ pronuncia, aſſim como a primeira, que ſó tem a pronuncia algum tanto mais aberta. Conſta pois de onze ſyllabas, cinco longas e ſeis breves, que ſe reduzem quaſi como a cinco pés todos jambos, que conſtaõ de huma breve e outra longa, e no fim ceſura, quaſi á imitaçaõ do pentametro dos Latinos, e ſe deve medir da maneira ſeguinte:

Asārυ-măſeōsυ-vărēensυ-ăſsīυ-nălaυ-dos *ceſura*,

e aſſim todos os mais. Os grandes meſtres de Italia ſem-

pre usáraõ de agudos todas as vezes que se lhes offereceu occasiaõ, sem a menor dúvida, nem reparo. Dante Alighieri, Padre das Musas Italianas, usa delles com frequencia. Petrarca, o primeiro Poeta vulgar que escreveu com correcçaõ e emenda, nunca teve dúvida em servir-se de agudos nos mesmos Sonetos, que he hum genero de composiçaõ delicada, que por sua brevidade se lhe naõ permitte licença, como se póde vêr no terceiro da Parte I., onde ha quatro agudos; no quinto outros quatro; em fim de tres em tres, de dois em dois Sonetos se achaõ agudos. Ariosto, Tasso Pai, e Filho, os mais resplendecentes lumes da Poesia Toscana, usáraõ frequentissimamente delles. O Cardeal Bembo, e o Sannazzaro, cujas rimas depois das de Petrarca saõ as melhores de Italia, sem a minima difficuldade se servíraõ delles. Joaõ das Casas o mais severo Aristarco do Parnaso Italiano, usou delles huma e muitas vezes nos Sonetos. Pois que direi do Commendador Annibal Caro, engenho de igual severidade, que o precedente, na sua Cançaõ ou Ode, que principia:

Venite a l'ombra de i gran Gigli d'oro.

que foi reputada por hum prodigio de arte? Em huma das estrofes della ha nem menos de quatro agudos todos de iguaes consonancias, e nem por isso deixou de ser a admiraçaõ do seu seculo, e dos vindouros. He possivel, que todos estes grandes Engenhos se enganassem? he certo, que naõ. Sería talvez porque o seu Idioma abunde em terminaçóes longas? tambem naõ; pois se me naõ engano apenas terá oito, quando a Lingoa Portugueza tem mais de trinta desinencias agudas, o que poem em indispensavel precisaõ o seu uso; e sería encurtar a riqueza da Lingoa, e reduzir o mechanismo metrico a huns estreitissimos limites, do qual procede muitas vezes a felicidade de exprimir o pensamento. Camões, Ferreira, Bernardes, e todos os nossos bons Poetas se servíraõ de agudos com a mesma liberdade, que os Italianos. Os Arcades, que ha annos florecêraõ, fôraõ os que suscitáraõ taõ frivola questaõ. O Garçaõ foi o mais acerrimo propugnador desta opiniaõ, tanto assim, que nas suas obras nunca pude achar mais do que hum só agudo na Satira, e quatro nos Detyrambos. Mas se este Poeta insigne vivesse mais tempo, com

que

que podesse emendar as suas obras, talvez que as purgasse de alguma affectaçaõ, que nellas reina, tanto por isso, como pelas vozes estrondosas, que nellas empregou, e viera a merecer o justo titulo de restaurador da boa Poesia em Portugal. O mesmo era o P. Francisco José Freire, pois se me naõ engano nem hum só agudo se encontra na traducçaõ da Poetica de Horacio, mas este Litterato nisso naõ admira, pois algum tanto foi sustentador de paradoxos, como o de que o verso solto era de mais difficil execuçaõ do que o rimado. Em fim, eu antes quero errar com esses grandes engenhos, que eternamente seraõ as delicias de toda a gente de gosto, do que acertar com os propugnadores de opiniões extravagantes e futeis, que naõ se fundaõ em razaõ solida.

ODE VI.

Ao Senhor José Antonio Cardoso,

Traductor da Noiva de Luto Tragedia de Congreve.

Nem sempre, como os ventos,
Fogem com pé ligeiro, e arrebatado
As horas, e os momentos:
Qualquer triste cuidado
Faz o tempo veloz duro, e pezado.

Pobres, ou ricos, todos
Honesto passatempo ter procuraõ
Por mil diversos modos:
Quaes na caça se apuraõ,
Quaes na Musica, quaes de nada curaõ.

Ser destes naõ quizera,
Andando vivos, mortos me parecem;
Porém, quem tal dissera!
Immensos apparecem
Destes, e doutros, que inda mais empecem.

Mas veio a scena, e deu
A tantos males efficaz remedio,
Em fumo os converteu:
Foi-se o pezado tedio,
Que ao peito humano poz em duro assedio.

Deraõ altas lições
Em luzente espectaculo nocturno
As nobres producções
Das Netas de Saturno,
Em socco humilde, e tragico Cothurno.

N'r-

N'umas os negros vicios
Com irrisorio tom ao fundo fôraõ
Dos altos precipicios,
De que inda Avaros choraõ,
Os Ciosos tambem, mas naõ melhoraõ.

Quanto he difficultoso
Lançar qualquer defeito intruso n'alma!
Mil vezes venturoso
Quem seus vicios acalma,
E delles com victoria alcança a palma!

Das furias agitado
Vio-se o nefario Orestes vagabundo:
E em lagrimas banhado
O gesto alvo, e jucundo
Da Dama, que se queixa a Deos, e ao mundo.

A vil Superstiçaõ
Lhe traz seu fim fatal. Lá vem a triste
Envolta em afflicçaõ,
Essa a quem naõ resiste
O mesmo Amor, por quem reinando existe.

Junto d'ara odiosa
Pallido o lindo gesto se apercebe
A' morte rigorosa:
Já quasi que a recebe,
E o brando collo o agudo ferro embebe.

Deoses do Ceo, descei
A soccorrer a triste, que perece
A's mãos da iniqua Lei;
A' morte se offerece . . .
Ai de mim! já de todo desfallece.

Quem

Quem naõ chorará, vendo
Morta a gentil Princeza? oh crueldade!
Oh caſo acerbo e horrendo!
Cruel iniquidade!
Naõ achou entre os homens piedade!

Taes, e taõ máos effeitos
Naſcidos ſaõ das férvidas paixões,
Que agitaõ noſſos peitos,
Que humanos corações
Mais feros fazem que aſperos leões.

Porém a mente altiva
Dos Sacros Vates sãos, e proveitoſos
Documentos deriva
Dos caſos horroroſos,
Os coſtumes polindo rigoroſos.

Aſſim á ſombra amena
Do ſuave deleite brandamente
Enſina a alegre ſcena
O recto, e juſto á gente;
Que das paixões o incendio n'alma ſente.

Que ella em fim communica
Terror, e compaixaõ ao peito humano,
Com que alma purifica
Do cego, e vil engano
Do poder das paixões fero, e tyranno.

Mas tu naõ neceſſitas,
Bom Cardoſo, de ſcenico eſpectaculo;
Com paixões naõ te irritas,
Nem te ſervem de obſtaculo
Para ouvir da Razaõ o ſanto Oraculo.

Fe-

Feliz huma, e mil vezes
Tu, que os affectos vís forte sopeias,
Naõ temes seus revezes,
O seu furor refreias,
E co' as suaves Musas te recreias.

Tu mandas, tu moderas
As affeições, e dellas o bom tiras:
Tu n'alma naõ toleras
Odios, soberbas, iras,
Nem nos braços de Amor cego deliras.

Qual destro cavalleiro,
Que o potro ensaia ao bellico exercicio,
Doma-lhe o ardor primeiro,
Benéfico, e propicio
Naõ o deixa correr ao precipicio.

Quanto naõ te rirás,
Cheio o peito de sã Filosofia,
Dos delirios, que faz
A cega fantasia,
Onde as paixões exercem tyrannia.

ODE VII.

NA PRESENTE ENFERMIDADE

DA RAINHA NOSSA SENHORA.

I.

Hia do Luſo Imperio glorioſo (1)
O potente baxel fendendo as ondas (2)
Com larga vela, e proſpero galerno. (3)
No polo luminoſo
Aurea Eſtrella fulgente ſcintillava; (4)
Letifico, e amoroſo
Seu reſplendor benéfico o guiava, (5)
Sem temer o rigor da Sorte eſcura,
Ao porto da mais inclyta Ventura. (6)

II.

A diamantina prôa acoſtumada
A vencer o furor das tempeſtades,
Syrtes, e Acroceraunios naõ temia. (7)
O maſto, onde arvorada
Fuzilla a ſacra inſignia, em todo o mundo (8)
Taõ clara e celebrada, (9)
Affrontava do raio furibundo (10)
A férvida e implacavel inclemencia;
Tinha c'o bravo Eólo competencia.

III.

Move o aureo timaõ braço potente (11)
Da prudencia mais inclyta, illuſtrada
Do raio ſanto da benigna Eſtrella,
A quem doce, e clemente
Da bella Natureza fulgurava (12)
O riſo aureo e fulgente,
Que á branca vela os Zefyros mandava,
E quanto mais as ondas dividia,
Tantas mais maravilhas deſcobria.

IV.

As Deidades do reino Neptunino (13)
Em ſeu louvor mil cantos entoavaõ:
» Vai, oh Náo potentiſſima, a Ventura
» Preſida ao teu deſtino.
» Em quanto a fulgurante claridade
» Do excelſo Aſtro Divino
» Te illumina na vaſta immenſidade
» Do indomito Oceano, alegre e ovante, (14)
» Naõ temas a deſgraça fulminante.

V.

» Rompe as ondas veloz do mar tumente; (15)
» Leva de hum pólo a outro a paz ſerena,
» Puros coſtumes, leis ſabias e humanas: (16)
» Leva da Luſa Gente
» A gloria, e o nome já taõ reſpeitado
» Com culto reverente,
» Deſde a torrida zona ao mar gelado.
» Dá novo aſſumpto á Fama: ecco immortal
» Te dê louvor, e nóme perennal.

VI.

» Naõ por armas ſanguineas horroroſas, (17)
» Mas por grandes e altiſſimos progreſſos
» Nas Sciencias, nas Artes, nos Coſtumes, (18)
» E producções famoſas
» Do Genio audaz e vivo, e dos talentos, (19)
» Eſtrellas luminoſas,
» Que dirigem os nobres movimentos,
» Com que da Gloria ſe ergue a Mageſtade
» Ao Templo da immortal Celebridade.

VII.

» As riquezas do aurifero Oriente, (20)
» As do novo Emisferio no teu ſeio (21)
» Buſcaõ placido abrigo: alto theſouro
» Com liberal enchente
» A' ſabia Induſtria daõ, para que teça
» Corôa refulgente
» A' tua gloria, onde immortal floreça
» A fama, que a acções inclytas te anime,
» E acima das Eſtrellas te ſublime.

VIII.

Aſſim com claro aſſento celebráraõ
As Nynfas do Oceano o nome, e a gloria (22)
Do Luſitano Imperio. De improvizo (23)
As ondas ſe excitáraõ:
Do vento horrido, e fero, ao longe, e ao perto
Os eccos retumbáraõ,
Confuſo eſtrondo, horrivel deſconcerto!
Rompem do ſeio do tremendo abiſmo
Negros monſtros do Eſtygio parociſmo. (24)

IX.

Evaporaõ as fauces odioſas
Enferma noite de horridos vapores : (25)
Offuſca-ſe o explendor do Aſtro ſublime :
Mil vozes laſtimoſas (26)
O ſoccorro do Ceo ſereno imploraõ :
Mãys, Donzellas, Eſpoſas,
Velhos, Varões, pupillos gemem, choraõ.
Vacilla a Náo, e perde o norte, e tino;
Detem ſeu curſo proſpero, e benigno.

X.

Deſçaõ os Deozes do Celeſte Aſſento
Em teu ſoccorro, oh Náo, por quem concebo, (28)
Por quem nutro em minha alma intenſo affecto :
Ceſſe o furor do vento :
Rompe os mares de novo, que já vejo
No ethereo firmamento
Novo Aſtro, a quem ſe deve alto cortejo :
Move teu leme já braço robuſto :
Naõ entre em ti jámais pallido ſuſto.

XI.

Os eccos da Prudencia, que florece
No vivo eſmalte da doirada poppa,
Já te avizaõ, que em morbido lethargo
Naõ dorme, naõ perece
O teu vigor activo, e vigilante.
Foge, deſapparece
Aos impulſos da força fulminante
O contagio mortal, que diffundíra
Do tremebundo Averno a cruel ira.

XII.

Oh queira o Ceo benigno ao braço Augusto,
Que teu leme dirige, oh Náo potente,
Dar força invicta, e intrepida constancia,
Com que o furor injusto
Das tempestades férvidas profligue;
E com vigor robusto
Voar com vento prospero te obrigue,
Livre dos cegos váos do mar profundo,
Desde o Tejo aos fins ultimos do mundo.

XIII.

Que á sua vista prompta e penetrante
Seja bussola eterna o vivo lume
Da solida, vivaz Filosofia:
Que com vigor prestante
Precipite no Averno o Fanatismo,
Sem que se enleve, e encante,
Nem se deixe lançar n'um cego abismo
Da vil Lisonja ao magico proemio,
Para ter da Memoria immortal prémio.

NOTAS.

ESTE Poema he huma expreſſaõ terna e ſenſivel de hum Cidadaõ, que evapora a força do ſentimento, que concebeu na actual moleſtia da Rainha Noſſa Senhora, a qual pelas ſuas virtudes, e precioſas qualidades, foi ſempre adorada de todos os ſeus póvos, que com as mais vivas demonſtrações de pezar moſtrāraõ quanto eraõ ſenſiveis, e participantes da moleſtia fatal, que infelizmente inſultou a ſua precioſa ſaude, cuja fatalidade ſeria reputada por huma calamidade publica, ſe a Prudencia, e ſumma Benignidade do Principe Noſſo Senhor naõ ſuavizaſſe a vehemencia da dôr, que em toda a Naçaõ Portugueza diffundio hum taõ triſte e lamentavel accidente.

Eſta compoſiçaõ he toda allegorica, na qual debaixo da configuraçaõ ſymbolica de huma Náo ſe repreſenta o Eſtado, e na de hum Aſtro a Rainha Noſſa Senhora. Huma tal norma de compoſiçaõ foi ſempre reputada por muito bella, grave, e ſummamente artificioſa; porque, podendo exprimir com maior e mais agradavel ſublimidade os ſentimentos de hum coraçaõ penetrado de dôr, ſe vem a fazer mais intereſſante.

Deſde a mais alta antiguidade foi conhecido, e uſado eſte artificio de compoſiçaõ: he patente a todos os eſtudioſos a bem expreſſada allegoria da Republica figuda n'uma Náo, que traz Cicero na Oraçaõ contra Piſaõ, Cap. 9. nos termos ſeguintes: *Neque tam fui timidus, ut qui in maximis turbinibus ac fluctibus reipublicae navem gubernaſſem, ſalvamque in portu collocaſſem, frontis tuae nubeculam, tum collegae tui contaminatum ſpiritum pertimeſcerem. Alios vidi ventos, alias proſpexi animo procellas, aliis impendentibus tempeſtatibus non ceſſi, ſed his unum me pro omnium ſalute obtuli.* Cuja traducçaõ diz o ſeguinte: » Nem eu havia de ſer taõ timido, que de» pois de ter com tanta gloria nas mais confuſas, e ſoberbas » ondas governado, e ultimamente conduzido ao porto » ſan, e ſalva a Náo da Republica, houveſſe de temer » a pequena ſombra do teu roſto, e os contaminados ſo» pros do teu Collega: eu já vi outros ventos, já me ex-

» puz

» puz com valor a outras tormentas, e longe de ceder a
» outras muito maiores tempestades, que ameaçavaõ gran-
» dissimos estragos, a todas me offereci só pela salvaçaõ
» de todos »

Naõ só hum baixel, ou tambem outras circumstancias concernentes á navegaçaõ servem para exprimir a Republica, mas igualmente para representar o progresso da vida, ou o da fantasia posta em movimento no acto de produzir algum artefacto mental; significando por este modo hora o moral, hora o fysico do homem, e dando corpo, e vida; abstracções, que só na idéa podem ter existencia, e ainda essa precaria; porque se realiza pela reflexaõ suggerida pela mais sublime metafysica. Tal he a configuraçaõ, que produzio a penna do celebre Dante no Canto I. do Purgatorio, na qual representa o seu engenho, ou veia Poetica nos seguintes endecasyllabos:

Per correr miglior'acqua alza le vele
Omai la navicella del mio ingegno,
Che lascia dietro a se mar si crudele.

O mesmo praticou o Ariosto no principio do derradeiro Canto do seu, por todos os respeitos, admiravel Furioso:

Or, se mi mostra la mia Carta il vero,
Non è lontano a descoprirsi il porto,
Sì che nel lito i voti scioglier spero
A chi nel mar per tanta via m'hà scorto;
Ove, o di non tornar col legno intero,
O di errar sempre, hebbi già il viso smorto.
Ma mi par di veder, naveggo certo:
Veggo la terra, veggo il lito aperto.

Com bastante artificio, e notavel clareza usou da mesma configuraçaõ para exprimir o seu engenho o antigo Joaõ de Mena, elegantissimo Poeta Castelhano, que floreceu nos tempos d'ElRei D. Joaõ II. de Castella, na seguinte Estança tecida de versos de doze Syllabas como os Alexandrinos Francezes, que he a 98 das suas Trezentas.

La flaca barquilla de mis pensamientos
Veyendo mudanza de tiempos escuros,
Cançada yà toma los puertos seguros,
Cà teme mudanza de los elementos.
Gimem las ondas, e luchan los vientos,
Cança mi mano con el governalle,
Las nueve Musas me mandan que calle;
Fin me demandan mis largos tormientos.

Deste gentilissimo artificio se aproveitáraõ muito os nossos Poetas, de que será bastante apontar o seguinte exemplo do grande Camões na Estança 78 do Canto VII. da Lusiada:

Hum ramo na maõ tinha. Mas ó cego
Eu, que commetto insano, e temerario
Sem vós, Ninfas do Tejo, e do Mondego;
Por caminho taõ arduo, longo, e vario!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar com vento taõ contrario,
Que se naõ me ajudais, hei grande medo,
Que meu fraco batel se alague cedo.

Todas estas formulas symbolicas tiveraõ nascimento na antiguidade, como se mostra na segunda Georgica de Virgilio, verso 93, pedindo a Mecenas a sua protecçaõ para continuar aquella obra, que pela sua perfeiçaõ veio a ser o mais bello Poema da antiguidade, e o modello mais perfeito do seu genero:

Tuque ades, inceptumque una decurre laborem
O' decus, ô famae merito pars maxima nostrae,
Maecenas, pelagoque volans da vela patenti.

Cujo sentido he o que se mostra na seguinte traducçaõ deste modo:

O teu favor invoco, oh luz, oh gloria,
Oh parte principal da minha fama,
Claro Mecenas, digno de memoria:
Nesta fadiga, que meu peito inflamma,
A tua maõ me estende, e largamente
Deixa as velas voar do mar patente.

Ovidio no principio do primeiro Livro dos Faſtos :

Excipe pacato, Caeſar Germanice, vultu
Hoc opus ; et timidae dirige navis iter.

Cuja traducçaõ he a que ſe ſegue :

Tu, oh Ceſar Germanico, recebe
Eſta obra minha com ſereno geſto,
E á náo, que no mar timida ſe embebe,
Moſtra o caminho claro, e manifeſto.

Tambem eſta configuraçaõ ſe applicava, como já diſſe, a diverſos ſentidos moraes, como á vida, que ſendo rigoroſamente abſtracto collectivo ; ſignifica muitas vezes hum aggregado de acções relativas aos coſtumes, como ſe vê praticado pelo famoſo Petrarca no Soneto 157, onde nos moſtra a mais elegante, e talvez a mais notavel allegoria, que deſte genero ſe acha em toda a Poeſia Italiana, pelo modo ſeguinte :

Paſſa la nave mia colma d'oblio
Per aſpro mare a mezza notte il verno,
Infra Scilla, e Caribde, ed al governo
Siedi il Signor, anzi il nemico mio.
A ciaſcun remo un penſier pronto, e rio,
Che la tempeſta, e'l fin par ch'abbia a ſcherno :
La vela rompe un vento humido eterno
Di ſoſpir, di ſperanza, e di deſio :
Pioggia di lagrimar, nebbia di ſdegni
Bagna, e rallenta le già ſtanche ſarte
Che ſon d'error con ignoranza attorto.
Celanſi i due miei dolci uſati ſegni,
Morta fra l'onde é la ragion, e l'arte,
Tal ch' incomincio a diſperar del porto.

Della ſe tem ſervido tambem alguns para exprimir affectos, e os inconvenientes, que delles podem naſcer, quando ſobem a exceſſo, como ſe vê n'um excellente Soneto do grande Taſſo, que naõ he allegoria de menos vulto, que a do Petrarca ; a ſaber :

Chi'l pelago d'Amor a ſolcar viene,
In cui ſperar non lice aure ſeconde,
Te prenda in Duce, e ſalvo il trarrai donde
Huom rado ſcampa alle bramate arene.
Tu le Sirte, e le Scille, e le Sirene,
E qual moſtro più fiero entro s'aſconde,
Varchi a tua voglia, e i venti incerti, e l'onde
Qual Nume lor, con certe legge affrene.
Poi quando addute in porto havrà le care
Sue merci, ove le vele altri raccoglie,
E il tranquillo de Amor goda ſicuro;
Te non pur nuovo Tifi, o Palinuro,
Ma ſuo Poluce appelli, e in riva al mare
Appenda al Nume tuo votive ſpoglie.

He tambem digna de apreço pela clareza, pela elegancia, e pela harmonia do eſtylo, a do celebre Voltaire n'uma das ſuas Poeſias, lançada nos verſos ſeguintes:

Le bonheur eſt le port, où tendent les humains.
Les écueils ſont fréquents; les vents ſont incertains.
Le Ciel, pour aborder cete rive étrangére,
Accorde à tout mortel une barque legére,
Ainſi que les ſecours, les dangers ſont égaux;
Qu'importe, quand l'orage a ſoulevé les eaux,
Que ta poupe ſoit peinte, et que ton mât déploye
Une voile de pourpre, et des cables de ſoie,
L'art du Pilote eſt tout; et pour dompter les vents,
Il faut la main du ſage, et non des ornemens.

He notavel, he digna de toda a eſtimaçaõ a bella allegoria, em que nos noſſos tempos o Poeta Garçaõ debaixo do emblema de hum Galeaõ repreſentou huma Academia Litteraria; eſta he certamente a mais conſideravel de todas âs allegorias deſte genero, que ſe encontraõ no noſſo Idioma; a elegancia do eſtylo cheio de força, movimento, e harmonia, fará eſte Poema eternamente recommendavel; mas tem hum defeito notavel, que he, occultar os termos principaes da allegoria, de maneira, que nem pelo texto, nem por circumſtancia alguma ſe

póde conhecer o aſſumpto, que ſe encobre debaixo do ſeu jeroglyfico (*); e ſe esta falta naõ foſſe ſupprida pelo titulo, que póde muito bem ſer de maõ estranha, ou deixaria de ſer allegoria, ou fôra certamente hum enigma:

Porém a mais famoſa de todas as allegorias deste genero em toda a Litteratura, he a da Republica Romana, deſenhada debaixo do ſymbolo de huma Náo na bella Ode XIV. do Liv. I. de Horacio, cujo contheudo he o que ſe exprime na verſaõ ſeguinte, metrificada em estrofes regulares conforme o original:

Novas ondas vorazes,
Atrevido Baixel, ao mar te levaõ:
Oh vê bem o que fazes:
Olha que as tempeſtades já ſe elevaõ:
A' vela naõ te faças:
Vê que nua de remos te eſpedaças.

Já teus maſtos aballaõ
C'os impulſos do vento furioſo.
As entenas eſtallaõ;
E as Náos em mar tumente, e temeroſo
De enxarcias deſprovidas
Ficarem, he jazerem ſubmergidas.

Rotas as brancas velas,
Opprimido de mal, Deozes naõ tens,
Nem amigas Eſtrellas,
Por quem chamando eſperes já mil bens;
Nem ſer te val, ou preſta
Pinho illuſtre da Pontica floreſta.

(*) O Author he aqui injuſto com o Poeta Garçaõ: ou pelo menos naõ devia ſer taõ benigno com Horacio, cuja Ode XIV. do Liv. I. elle trata neſte meſmo lugar pe'a mais famoſa de todas as allegorias d'eſte genero em toda a Litteratura, a pezar de ter a meſma falta, de que a Ode de Garçaõ he accuſada: ao meſmo paſſo, que toda a peſſoa, que tiver conhecimento do eſtabelecimento da noſſa Arcadia Luſitana, ao ler o verſo do Garçaõ:

E com louros no Menalo cortados

facilmente percebe, que a Arcadia he o objecto da allegoria na ſua Ode, em tanto que todo o conhecimento da Republica Romana naõ baſta para entender da Ode de Horacio, que ella he com effeito o objecto ſimbolizado na allegoria da Náo.

Em

Em vaõ te jactarás,
De nome inutil, geraçaõ de vento,
Se outras provas naõ dás,
Mais que da poppa o futil ornamento;
Isso na tempestade
Para o Piloto timido he vaidade.

E se naõ queres ser
Ludibrio vil do vento, evita os mares:
Naõ queiras receber
Entre as Cycladas funebres desares,
Tu por quem do odio ardente
Esquecido me faz o amor presente.

Mas como he possivel, que este Poema de Horacio; seja a mais notavel, e insigne de todas as imitações deste genero, que se podem achar em toda a Poesia antiga, e moderna, e que ninguem se lembre da que vem no Cap. 27. de Ezequiel, onde se vê Tyro representada debaixo do emblema de huma Náo, composiçaõ que nunca vî allegada, nem mesmo no artigo *Allegorie* da Encyclopedia Methodica, onde este assumpto se vê tratado com tanta particularidade, que parece estar inteiramente esgotado? Faz-se taõ recommendavel a Poesia Sagrada pela vivacidade do enthusiasmo, pela audacia, e movimento da expressaõ, especialmente nos Profetas, que com mais razaõ ainda que a Poesia profana póde dizer: *Est Deus in nobis.* A quem deveu o Tansillo, o Tasso, e o Sannazzaro a maior parte das bellezas de seus Poemas, senaõ á liçaõ dos Profetas, e de todas as Poesias consignadas nas Sagradas Letras? A melhor obra do admiravel Racine he a Athalia, prodigio de composiçaõ Tragica; e naõ he ella hum aggregado das maiores bellezas, que tanto resplendecem nas Poesias Santas dos Profetas? Ora vejamos como o espirito daquella sublime composiçaõ se exprime pela primeira vez na Lingoa Portugueza, na seguinte traducçaõ feita em metros livres assim como o Original: digo pela primeira vez, porque naõ ha memoria, que existisse jámais no nosso Idioma versaõ alguma, parafrase, ou imitaçaõ, ou verso deste

bel-

bello Poema; porque as que vêmos nas duas traducções em prosa, naõ podem dar huma completa idea do seu artificio, da sua norma de pensar, nem do nexo occulto das idéas, de que se compoem, qualidade commua naõ só a todos os Profetas Sagrados, mas até mesmo aos Poetas Gregos, e Latinos, o que mais se patenteia em Pyndaro, e Horacio: e bellezas consignadas em producções filhas do mais vivo enthusiasmo só o Genio combinado com as luzes as póde analysar, e fazer sentir pela analogia, e sentimento interior, que em semelhante materia he quem unicamente póde calcular o mechanismo, e movimentos da fantasia humana em taes operações, que de nenhum modo podem apparecer na seccura de huma traducçaõ Litteral, a que naõ presidio o conhecimento das Lingoas Orientaes, nem o Genio, nem a Fliosofia fundada na frequente liçaõ dos escritos da antiguidade. Entre as singularidades deste Poema faz-se digno de attençaõ vermos nelle unidas a brevidade de Pyndaro, e a extensaõ de Homero: a primeira expressada na maior parte do Cantico, a segunda na enumeraçaõ, que faz das mercadorias, que formavaõ a totalidade do Commercio de Tyro descripta desde o número 12 até número 24; de sorte, que naõ he precisa muita fadiga a quem ler o enumeramento das Náos, e tropas, que a Grecia mandou ao cerco de Troia no Liv. II. da Iliada, e o das Troyanas no fim do mesmo Livro, para conhecer a conformidade de Homero com a Escritura, naõ só nas ditas enumerações comparadas com esta do Cantico de Ezequiel, e com as que vemos no IV. Livro do Pentateuco, onde se verá, que a natureza da expressaõ daquella idade era a mesma naõ só na Grecia, e na Asia, mas em outros muitos lugares, que pela brevidade deste escrito escuzo indicar. A dita enumeraçaõ distribuida em doze ramos neste Cantico, como se compoem de idéas particulares, resumi em proposições collectivas, e universaes para dar mais nexo ao mencionado Poema, e ficar de mais facil digestaõ. Além de que, eu tenho para mim, que os ditos doze ramos naõ fazem corpo do Cantico, e podem ser considerados como huma especie de glosa marginal, ou interlineal feita pelo mesmo Profeta, ou

por

por algum Author da Lei para provar, e facilitar a intelligencia do texto, onde ficáraõ incorporados talvez por descuido de copista, a que o tempo foi dando approvaçaõ por naõ ser cousa muito essencial.

Canto funebre de Ezechiel, Capitulo 27.

Oh Tyro, Náo soberba, e poderosa,
Que tanto te jactavas
De perfeita, e bellissima estructura!
Tu, que tecida das mais duras faias,
Tu, para cujo masto produzio
O Libano frondente
O cedro mais gentil, que o mundo vío;
Tu, que audaz, e potente
No coraçaõ das ondas te ostentavas
Cheia de gloria usana, e dominavas
Em toda a vastidaõ do mar profundo.

Dos carvalhos fortissimos de Bassan
Se pulíraõ teus remos vigorosos.
Nos bancos dos remeiros valerosos;
Na tua poppa, oh Náo, resplendecia
Lucido esmalte de Indico marfim.
D'aurea antena pendia a vela immensa,
Que Egypcio linho candido tecia.
A bandeira de purpura luzente
Soberba scintillava,
Ornada, e guarnecida
De rica bordadura, onde brilhava
Do vermelho Jacintho
A flamma refulgente.

Os ricos habitantes
Da regiaõ Sydonia te serviaõ
De remeiros possantes.
Os velhos, e os prudentes de Gibal
Te fornecêraõ destros marinheiros,
E nautico apparelho.
A sabios de prudencia, e de conselho

Foi;

Foi, oh Tyro, teu leme confiado.
Mil póvos do Oriente
Com animo valente
Defendiaõ teu bordo, onde se viaõ
Capacetes, escudos pendurados,
Fero apparato, bellico ornamento
Prompto para qualquer hostil intento.

Quantos póvos abrange o mundo inteiro
Trato comtigo tinhaõ:
De toda a parte vinhaõ
Em teu seio vastissimo esconder
As producções immensas, que criavaõ
As regiões diversas, que habitavaõ.
Tu com tua opulencia alegre, e ufana
Hias cortando o mar com largas velas;
Mas hum vento cruel, e furioso
Deu de encontro comtigo n'um rochedo:
Cheia de espanto, e medo
Alli despedaçada,
Num momento te viste sepultada
Nos abismos dos mares. Teus thesouros
Tuas mercadorias, e riquezas,
Tuas altas emprezas,
Teus triunfos, e glorias, e teus louros;
Teus fortes marinheiros,
Teus Pilotos, teus inclytos guerreiros
Com toda a multidaõ de povo immenso,
Tudo foi, ... que desgraça! confundido,
E no seio das ondas submergido.

O triste som dos miseros clamores,
Que ao Ceo mandava a tua aflicta gente,
Diffundio negro espanto: mil horrores
D'outros baixeis ao longe se apossáraõ:
Cheios de medo, e dor seus navegantes
Precipitaõ-se em terra:
E em tanta confusaõ de fatal guerra
No duro chaõ prostrados,
Com prantos dessolados

Teu

Teu caso miserando lamentárão,
E cinza, e pó funesto derramárão
Sobre as miseras frontes;
Seus cabellos cortárão,
E cingidos de asperrimo cilicio
No mais intenso excesso do seu mal;
Da sua dór fatal,
Inundados de lagrimas sem conto,
Sobre a tua funesta desventura
Flebil canto entoárão de amargura.

» *Houve jámais Cidade tão brilhante*
» *Outra, dizião, outra igual a Tyro?*
» *Ah! Tyro! Aonde estás? Responde, oh Tyro?*
Tu no meio do mar emudeceste?
No meio desse mar, onde Leis deste?
Tu, que com teu commercio immenso e grande
Tantos póvos, e Reis enriqueceste,
He possivel, que estejas submergida
Nos seios horrorosos
Dos mares tempestuosos
Com todas as Nações, que dominavas!
E que tuas riquezas infinitas
Em ti por tanto tempo accumuladas
Fossem das bravas ondas devoradas!

Parece-me que naõ haverá Leitor dotado de bom Gosto, que naõ ache o Cantico Sagrado digno por todos os respeitos de se preferir á Ode profana de Horacio, e que naõ sinta quanto a inspiraçaõ verdadeira do Espirito de Deos he superior á inspiraçaõ fingida de Apollo, e das Musas.

(1) Começar por hum imperfeito do indicativo naõ deixa de ter artificio; porque suppõe em acçaõ a composiçaõ, que por isso fica tendo mais agitaçaõ, mais movimento, e por consequencia mais belleza, o que naõ deixa de ser proprio deste lugar. Deste modo começa a Eneida, deste a Lusiada, e a Jerusalem de Tasso. *Luso Imperio*, eis-aquí o primeiro signal caracteristico, que faz, com que a configuraçaõ allegorica deixe de ser enigma.

O adjectivo *Luso* tem o mesmo significado, que *Lusitano*. Foi aquelle adjectivo patrio incorporado na Lingoa Portugueza pelo Camões, por quem foi inventado: elle he a modificaçaõ da generalidade da idéa incluída no termo *Imperio*, cuja combinaçaõ de vozes constitue especie. O epitheto *glorioso* he hum predicamento com muita razaõ adoptado ao sujeito *Imperio*; porque a fundaçaõ do Imperio Portuguez, a sua primeira regeneraçaõ em o Senhor Rei D. Joaõ I., os descobrimentos, a fundaçaõ do Dominio Portuguez na Asia, na Africa, e na America, onde aquelles se fizeraõ, fórmaõ a parte mais brilhante da Historia do genero humano, e que nenhuma analogia tem com a Historia anterior; ultimamente a segunda regeneraçaõ do Imperio Portuguez operada pelo Senhor Rei D. Joaõ IV., e a sanguinolenta, e porfiada guerra, que se lhe segũio pelo longo espaço de 28 annos em todas as quatro partes do mundo, saõ certamente factos, que por extraordinarios, e pasmosos conciliaõ á Naçaõ Portugueza hum genero de gloria taõ sublime, taõ fóra do commum, que nunca ha de deixar de existir na memoria dos homens.

(2) *Baixel*, nome generico, que se costuma adoptar a todo o genero de embarcaçaõ. Este termo tambem existe na Lingoa Castelhana, e he o Latino *Phaselum*, *i*.

(3) *Galerno* he mais que vento em poppa, como assevera o sábio Manoel de Faria e Sousa na exposiçaõ da Estança 67. do Liv. II. da Lusiada. Este adjectivo, que algumas vezes se toma como substantivo, assim como neste lugar, vem do Grego γαληρὸς, α, ον que significa cousa serena, e este vem de γαλήνη, ης tranquillidade do mar.

(4) *Estrella*: este he o emblema, no qual se representa a Rainha Nossa Senhora.

(5) O epitheto *benéfico*, assim como os antecedentes saõ proprissimos do sugeito Estrella, geroglyfo de Sua Magestade neste Poema. He certo, que o seu Reinado tem sido pela mansidaõ, e pela beneficencia de huma taõ amavel Rainha as delicias de todos os seus póvos, que na sua infeliz molestia tem dado provas nada equivocas do amor, que lhe consagraõ.

(6)

(6) *Porto da Ventura* : esta elegancia he semelhante ao seguinte lugar do Psalmo 106. : *Et laetati sunt quia quieverunt, et deduxisti eos in portum voluntatis suae*, que em Portuguez diz o seguinte :

Penetrárão-se então d'alta alegria,
Porque o termo já vião
Do seu trabalho, e misera agonia:
E da sua vontade ao porto amado
Os conduzio teu braço sublimado.

A Poesia Sagrada he fonte de infinitas graças, e com razaõ; porque o enthusiasmo Divino, que sempre ha de ser o enthusiasmo da razaõ, he capaz de produzir maiores fenomenos na Poesia, do que o furor profano, que excedendo muitas vezes os limites do bom senso, degenera em delirios, como vêmos a cada passo.

(7) *Syrtes e Acroceraunios*, saõ termos symbolicos; porque naõ significaõ neste lugar huns baixos, e vortices assim denominados no mar Mediterraneo, mas sim todo o genero de perigos. Tudo isto he vulgar na Odysséa de Homero, especialmente no Liv. XII. em cuja Poesia nascêraõ estas formulas taõ usadas de todos os grandes Poetas; mas como os Latinos nos saõ mais familiares, e por naõ cançar com a leitura de Originaes Gregos, transcreverei os lugares daquelles, donde teve nascimento esta imitaçaõ. Virgilio no Liv. I. da Eneida, vers. 204.

Vos et Scyllaeam rabiem, penitusque sonantes
Accestis scopulos . . . .

Vós a raiva de Scylla exprimentastes,
E aos sonantes rochedos vos chegastes.

O mesmo no Liv. III. da Eneida, vers. 420.

Dextrum Scylla latus, laevum implacata Charybdis
Obsidet, atque imo barathri ter gurgite vastos
Sorbet in abruptum fluctus, rursusque sub auras
Erigit alternos, et sidera verberat unda.

Ao dextro lado Scylla se appresenta,
E do esquerdo Charybdis implacavel,
Na profunda voragem violenta
Tres vezes sorve as ondas formidavel;
E outras tantas com furia turbulenta
As arremessa férvida, e indomavel
Com força tanta aos ares transparentes,
Que as estrellas açoita resulgentes.

No Liv. VII. verf. 302.

Quid Syrtes, aut Scylla mihi, quid vasta Charybdis
Profuit . . . .

Que tirei de vencer duros perigos
De Scylla, e de Charybdis inimigos?

Horacio na Ode III. do Liv. I.

Qui vidit mare turgidum, et
Infames scopulos Acroceraunia.

Quem pôde vêr jámais sem susto ou medo
Os mares levantados,
Do horrendo Acroceraunio
Os infames rochedos fulminados.

Eſtes termos *Syrtes*, e *Acroceraunios* commummente ſaõ tomados por quaeſquer baixos, ou lugares tormentoſos; porque ſendo *Syrtes* huns baixos vizinhos á Coſta de Africa, póde-ſe igualmente chamar *Syrtes* quaeſquer baixos ſejaõ em que parte for do mar. Aſſim como ſe explicaõ as Letras Sagradas no Cap. 27. dos Actos dos Apoſtolos, narrando o perigo, em que ſe achou a náo, que tranſportava S. Paulo a Roma, que miraculoſamente ſe ſalvou de huma *Syrte*, iſto he de hum baixo, onde eſteve quaſi fazendo naufragio, a que allude Camóes no ſeguinte lugar na Eſtança 81. do Canto VI. da Luſiada.

Divina guarda, Angelica, e Celeſte,
. . . .
. . . .
Tu que livraſte a Paulo, e defendeſte
Das Syrtes arenoſas, e ondas feias . . . . .

O qual logo adiante na Eſtança 82. ſe ſerve das meſmas formulas de expreſſar, de que uſei, por modo ſummamente elegante, e poetico a ſaber:

Se tenho novos medos perigosos
De outro Scylla, e Charybdis já passados
Outras Syrtes, e baixos arenosos
Outros Acroceraunios infamados.

E neste quadro estaõ todas as bellezas, que apparecem na passagem dos Poetas Latinos, que allegamos.

(8) O verbo *fuzilar* significa propriamente a emissaõ instantanea do fogo de pederneira no choque do fuzil, donde este verbo procede, cujo significado se applica ao relampago do raio, ao da artilheria no acto de disparar, e ao da espingarda, que tambem ficou conservando a denominaçaõ de *fuzil*: e como este fogo he trémulo, e vibratorio, por isso se applicou o verbo *fuzilar* ao termo insignia, isto he bandeira, como se dissesse: *ondéa a sacra bandeira.* Esta expressaõ pinta a illusaõ optica, que ao longe faz huma bandeira arvorada no tope do masto de huma náo, especialmente quando he agitada de vento rijo, que parece huma especie de flamula de quando em quando agitada, e de flamma veio flamula. Julgo que já o Garçaõ usou deste verbo no mesmo sentido. O epitheto *sacra* convem por todas as razões á bandeira Portugueza: a historia, e a tradiçaõ tem feito isto taõ conhecido de grandes, e pequenos, que escuso demorar-me neste ponto.

(9) *Taõ clara, e celebrada*: a gloria da Naçaõ Portugueza, que isto quer dizer *Sacra insignia*, está consignada em monumentos da primeira ordem. A Historia composta pelo antigo Fernaõ Lopes, pelo grande Barros, e seu continuador Couto, por Fernaõ Lopes de Castanheda; a immortal Lusiada de Camões, e outros muitos escritos naõ deixaõ nesta parte a menor dúvida, antes saõ verdadeiros testemunhos da sua gloria, que por elles ha de ter eterna duraçaõ.

(10) O adiectivo *furibundo* foi introduzido na nossa Lingoa pelo Camões, que o tirou da Latina, onde verdadeiramente he hum participio de *furio*, *is*, verbo anomalo. Elle tem grandissima energia no nosso Idioma, e significa furioso em gráo superlativo: póde ter significaçaõ futura, e significaçaõ presente; porque de ambos os modos he usado dos nossos Escritores.

(11)

(11) *Aureo timaõ*: deſigna leme, que na Lingoa antiga, tanto Portugueza, como Caſtelhana era *governalho*, termo Francez, ou Latino *gubernaculo*.

(12) O verbo *fulgurar* faz neſte lugar o meſmo effeito, que maſſa de tinta forte n'um quadro para dar maior expreſſaõ á pintura.

(13) Neſta esrrofe começa o Canto das Nereidas, ou Nynfas do Oceano, ſem preparatorio algum, operaçaõ propria da vehemencia do genero ſublime. Deſte artificio fizeraõ uſo frequente todos os antigos. Tal he aquelle com que o Lyrico Latino introduz a fallar o Filoſofo Archyta na bella Ode, que compoz á morte deſte Filoſofo no Liv. I. Da meſma ſorte vêmos, que uſou na compoſiçaõ da II. do Liv. III. O meſmo lance ſe obſerva na Ode III. do meſmo Livro, onde introduz Juno a fallar no Concilio dos Deoſes; Atilio Regulo na V., e em outras. O meſmo ſe vê praticado no Salmiſta. Tambem eſta norma de compoſiçaõ naõ eſqueceu aos modernos, de que baſtará que aponte hum notavel exemplo de Camões por ſer mais conhecido de nós, e de artificio igual ao que ſe obſerva neſta paſſagem da Ode IV. onde introduz Safo prompta a deſpenhar-ſe no mar dizendo de improviſo, e ſem preparatorio as palavras ſeguintes:

» *Tomaime bravos mares*,
» *Tomaime vos, pois outrem me deixou*,
E aſſim dos altos ares
Pendendo, com furor ſe arremeſſou.

Eſta pintura, com a que ſe lhe ſegue, he hum dos lances mais notaveis e brilhantes da Lyrica Portugueza.

(14) *Ovante*, quer dizer *triunfante*: he propriamente o Latino *ovans* participio preſente do verbo *ovo* tranſportado pelo Camões para o noſſo Idioma. He mui ſignificante, e ſonoro.

(15) O meſmo ſe deve dizer da palavra *tumente* participio do verbo *tumeo*, que o meſmo Poeta trouxe do Latim para o Portuguez. Tambem he de muita força e harmonia: ſignifica inchado, ſoberbo &c.

(16) *Aſſim o dicta a boa Filoſofia.* Parece moralmente impoſſivel, que Leis ſábias deixem de ſer humanas. O eſpirito de humanidade, que ſe tem diffundido por toda a Eu-

a Europa , e tanto honra eſte ſeculo , he huma verdadeira , e legitima emanaçaõ da mais ſublime Filoſofia , ſem as luzes da qual tudo he cegueira , tudo he erro , tudo infelicidade.

(17) A gloria das armas já naõ hè conſiderada como noutros tempos a mais ſolida , a naõ ſer em defeza propria. Nenhuma Naçaõ tem mais de que ſe gloriar a eſte reſpeito , do que a Portugueza ; porque quaſi todas as ſuas guerras tem ſido em defeza da Patria , e por iſſo alcançou os maiores, e mais eſclarecidos triunfos , quaes os dos Senhores Reis D. Affonſo Henriques , D. Sancho I. , D. Diniz , D. Affonſo IV. , D. Joaõ I. , que pelo ſeu valor , e amabilidade foi para Portugal o meſmo que Henrique IV. foi para França ; e ultimamente os do Senhor Rei D. Joaõ IV. , e D. Affonſo VI. A paz ſerá ſempre o eſtado natural do homem em ſociedade : com a paz vem todos os bens ; aſſim como da guerra procedem todos os males.

(18) He certo , e por todos os reſpeitos evidente , que a cultura das Sciencias faz aperfeiçoar as Artes , onde a induſtria acha o ſeu verdadeiro alimento. Da feliz aſſociaçaõ de humas , e outras procede a melhoria dos coſtumes , que ſe vaõ aperfeiçoando á proporçaõ dos conhecimentos , que o eſpirito vai adquirindo pela applicaçaõ das Artes uteis : daquí ſe vê , que quanto mais induſtria tem os póvos , e mais occupados ſaõ , melhores inclinações tem , e mais virtudes nelles reſplendecem. Por iſſo vêmos ainda meſmo no trato commum , que nos dias de ſemana , em que ha mais occupaçaõ , e menos diſtracções , ha mais ſocego , e naõ ſaõ taõ frequentes as deſordens. Os póvos da Suiſſa , e eſpecialmente os de Genebra , ſaõ os mais quietos , pelo muito que ſe applicaõ ao trabalho. A agricultura , (que ſem ella naõ ha nada) a relogiaria , a tanoagem , e outras artes neceſſarias , ſaõ as ſuas eternas occupações. Eſtas ſaõ as verdadeiras fontes da riqueza , e felicidade pública.

(19) As producções das Artes de Genio , ſendo mais de deleite , e de ornamento , que de utilidade , naõ deixaõ de contribuir com o maior explendor á gloria de huma Naçaõ. As victorias , os triunfos dos Gregos , e dos Roma-

manos naõ lhes adquirírao certamente maior gloria, nem fama mais perduravel do que os grandes monumentos, que deixárao consignados em tantos escritos immortaes. O exercicio levado ao mais sublime ponto de perfeiçaõ na Poesia, na Eloquencia, na Pintura, na Escultura, na Musica, &c. he a base onde a verdadeira gloria eternamente descança; como se affirma nos versos, que se seguem.

(20) Este verso falla das riquezas, que a Naçaõ Portugueza tira da Asia por via do Commercio.

(21) Neste se indica os immensos proveitos, que a industria Nacional tira da America, já pela Agricultura, já pela excavaçaõ das preciosissimas Minas, que excitaõ a industria, e fazem florecer a Navegaçaõ, e o Commercio.

(22) Canto das Nynfas do Oceano, symbolo, ou allegoria, pela qual se representaõ as honras, e os applausos, com que a Fama coroa o merecimento; assim como disse Camões na Estança 89. do Canto IX. da Lusiada.

Que as Nynfas do Oceano taõ formosas,
Thetis, ea Ilha angelica pintada,
Outra cousa naõ he que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada.

(23) Aqui apparece nova scena em tudo diversa da que até aquí tem feito parte do Poema, a qual por isso fórma a essencia do contraste ideal, e harmonico de todo o quadro, artificio muito necessario nas artes imitativas, como a Pintura, e a Poesia, onde se exprime a força do claro escuro, que produz a variedade, donde procede o deleite, que depois da utilidade, he o primario fim da Poesia. Deste modo á amenidade da pintura antecedente succede a terribilidade da que se segue.

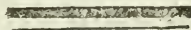
(24) Este verso he todo allegorico: monstros saõ males fysicos e moraes, que affligem a triste humanidade, o que os antigos representárao com altissima Filosofia na boceta de Pandora. O termo *parocismo* he todo Grego παροξυσμὸς e neste lugar significa enfermidade, assim como no original: este vocabulo foi introduzido no nosso Idioma pelos Escritores do Seculo passado; e alguns do nosso tempo, especialmente os Arcades, que se tinhaõ

por

por Arbitros ſoberanos em Bellas Letras o reprovavaõ como impuro, e inchado; como ſe naõ valeſſe mais que as ſuas decisões a authoridade do Orador Vieira, que no Sermaõ do Santiſſimo Sacramento do Tom. VII. pag. 117 uſou delle pela maneira ſeguinte: » E quando finalmente » chegar ſeu fim, a falta, ou a rotura deſta uniaõ ſerá » o ultimo *parociſmo*, de que ha de morrer o mundo. » Gabriel Pereira de Caſtro, Joaõ Franco Barreto, e outros uſáraõ delle. He imitaçaõ de Virgilio no verſ. 215. Liv. III.

Peſtis et ira Deum ſtygiis ſe ſe extulit undis.

Peſte, ira dos Deoſes, fero eſtrago,
Que do abiſmo ſe ergueu do Eſtygio Lago.

(25) *Enferma noite*; iſto he: *enferma eſcuridade.* Audacia de expreſſaõ permittida com eſpecialidade na Poeſia deſte genero; eſta formula he uſada da Poeſia antiga.

ODE VIII.

AO CASAMENTO DO SENHOR THOMAZ MARCHE, NEGOCIANTE INGLEZ.

De innocentes prazeres rodeado
Vem, alegre Hymineo,
E ao generoſo Marche afortunado,
A quem benigno o Ceo
Mil dotes concedeo,
Traze a gentil Eſpoſa,
Com que a vida lhe ſeja venturoſa.

Tu accendes a flamma da virtude
Nas almas dos amantes,
A quem torpeza vil naõ cega, e illude:
Os chôros inceſſantes,
Mil dôres penetrantes,
Paixões, e tyrannias
Lhes convertes em goſtos, e alegrias.

Tu preſides aos votos innocentes
Dos corações, que ſe amaõ.
Tu és prazer da vida, e amor das gentes.
Por ti contino clamaõ,
E lagrimas derramaõ
Os triſtes, que padecem
As cruezas de Amor, que n'alma crecem.

Já vejo ao longe as fachas rutilantes,
    E os cantos de alegria
Chegaõ té ás eſtrellas radiantes.
    Com doce melodia
    A alegre companhia
    Das Graças, dos Amores
Vem de Martha cantando mil louvores.

O Ceo quando naſceſte te dotou,
    Martha gentil, e bella,
De inextimaveis dons, e te adornou,
    Qual reluzente eſtrella,
    Do reſplendor daquella
    Luz perennal, e eterna
Da candida Virtude alta, e ſuperna.

O rubicundo pejo, que em teu geſto
    Fórma as purpureas roſas,
He a todos indicio manifeſto
    D'altas, e precioſas
    Condições generoſas,
    Que habitaõ no teu peito,
Bons dezejos, e amor caſto, e perfeito.

Em premio das virtudes, que exercitas,
    O Ceo te entrega agora
Ao bom Marche, a quem n'alma eſtaõ eſcritas
    Tantas graças, que adora
    Em ti, gentil Senhora,
    Por quem tanto ſuſpira,
Por quem cheio de amor quaſi delira.

Elle ſó era digno de gozar
Teu geſto, e formoſura,
A gentileza tua ſingular,
Elle, cuja alma pura
Anciofa procura
Ser ſublime theſouro
De dons de mais valor, que prata, ou ouro

Liberal condição, e genio affavel,
Alma ſerena, e bella
O farão a teus olhos ſempre amavel.
Aſſim t'o affirma, e aſſella
Do ſeu ſemblante aquella
Mais que viril belleza,
Indicio de benigna natureza.

Olha como as virtudes mais perfeitas
Seu thalamo rodeião!
Allí em prizões doces, mas eſtreitas,
Que os ſentidos recreião,
E eternamente enleião
Dois ternos corações,
Ah! ſentirás de Amor as illusões.

Largo vos ſeja o Ceo com ſeus favores,
Oh felices Eſpoſos,
E de voſſos puriſſimos amores
Tenhaes fructos ditoſos,
Gentís, e generoſos,
Que com ſaber profundo
Os vejaes Cidadões de todo o mundo.

ODE IX.

AO SENHOR ROBERTO NUNES DA COSTA,

PROFESSOR REGIO DE GRAMMATICA.

Assim com maõ benigna
A poderoſa Deoſa dos Amores
Te eleve ao throno excelſo
D'alguma Galatéa branca, e pura,
Ou Filis de olhos bellos, e divinos,
Adornada de candidos coſtumes.

Adonde gozar poſſas
A ſumma quinta eſſencia do ſeu nectar;
Continuo contemplando
Em ſeu coraçaõ puro a sã virtude,
Que em ti tem ſeu aſſento, e tanto prezas
Mais que immenſas riquezas, largos mandos.

Aſſim as claras Muſas
Te inſpirem novos canticos, diverſos
Dos que até gora ouvia
O ſacro Tejo lá nas freſcas grutas,
A cujo ſom detenha as curvas ondas;
E ſobre ellas as Tagides te eſcutem.

Nos cantes, bom Roberto,
Suaves Cantos mil, ſublimes Odes
Em grande, e raro eſtylo,
Qual do conciſo Pyndaro fervendo
Nos Olympicos jogos, qual de Horacio;
Sereno hora correndo, hora empollado.

Aquelle que impellido
De divino furor cantou primeiro
Em numeroſo verſo
Ao ſom da curva Lyra altiſonante
A Virtude ſantiſſima, as acções
Dos valeroſos peitos immortaes:

Eſſe foi animado
Com o bafo de Deos Omnipotente,
A cujo leve aceno
As procellas nos mares ſe levantaõ,
E lá nas regiões do Ceo profundo
Mil, e mil mundos vagaõ, Soes luzentes.

Naõ foi, profanos, eſte
Do voſſo ajuntamento vicioſo:
Alto tanto voou,
Que entre os Deozes do Olympo ſoberano,
Onde do mundo jaz o regimento,
Ficou eternamente relatado.

Entaõ ſe vio no mundo
A vez primeira a vagabunda Fama,
Que andando pela terra
Eſconde lá no Ceo ſublime a fronte,
E vai com ferrea voz de hum polo a outro
Apregoando os feitos glorioſos.

Eſte Varaõ Celeſte
Quem ſeria? Em que plaga vio da terra
O ſeu primeiro dia?
Se o engenho me aſſopraſſe o roixo Febo,
Vós, Muſas, m'o dirieis, vós a quem
Os arcanos reconditos ſe moſtraõ.

Immen-

Immenfa multidaõ
De gente vaga , e errante ao longe vejo:
Diante a vai guiando
Hum velho de femblante venerando ,
Candida a longa barba, hirfuto o peito,
Leva na maõ miraculofa vara.

Já d'uma, e de outra parte
Sufpenfas vejo as Eritréas ondas.
Seguro avante paffa
A pé enxuto o perfeguido povo.
Eis nos fundos abifmos fubmergidos
Tanto cavallo, tanto Cavalleiro.

Já o gelido peito
A poetica furia accende, e move,
Já penetra as esferas
O Cantico immortal a Deos potente,
Como fubito fai Vulcanea flamma,
E envolta em pó fulfureo ao Ceo fe eleva.

Ao Solio refulgente,
Onde a gloria de Deos fe oftenta, e moftra,
Chegaõ as vozes timidas
Das puras virgens, dos devotos velhos,
Em coros alternados rodeando
As Sacras Aras nos excelfos montes.

Depois correndo o tempo
Cantáraõ-fe as batalhas fanguinofas,
E Tytiro, e Sileno
Fizeraõ repetir á felva umbrofa
O nome de Amaryllis delicada,
E os trabalhos dos Aftros luminofos

Nos

Nos braços de Amor puro
A Muſa Anacreontica ſuave,
Coroada de roſas,
A' ſombra dos mirtetos celebrou
Os brincos amoroſos, os banquetes,
O férvido liquor do alegre Bacho.

Mas o tempo, que muda
Todo qualquer coſtume honeſto, e puro
Em outro depravado,
Fez que tambem o vicio horrendo, e feio
Cingiſſe a immaculada veſtidura
Da bella Poeſia conſagrada.

Aſſim adorna a fronte
Immunda meretriz, venal amante,
De pudibundas roſas,
Caſto adorno das candidas Donzellas,
Cujo ſemblante angelico
He gloria, e reſplendor da humana gente.

Vós, oh rabidos ventos,
Que revolveis as Syrtes arenoſas,
Aos aridos dezertos
Levai as vozes languidas, immundas
Dos inſanos, que em ſeus verſos profanaõ
O ſempre amavel dom das Muſas ſantas.

Suas vozes horriſſonas
Naõ perturbem a muſica ſuave
Dos Cyſnes immortaes,
Que ao longo das ribeiras cryſtallinas,
Que do Parnaſo monte ſe deſpenhaõ,
Cantos dignos de Apollo ao Ceo levantaõ.

Naõ

Naõ Cante a Fama delles
Em tempo algum, ſeu nome, e patria amada
Eternamente ſejaõ
Em negro eſquecimento ſubmergidos:
Seus inſepultos oſſos eſpalhados
Fiquem ſem gloria na dezerta areia.

ODE X.

AO SENHOR DOUTOR DOMINGOS BOTADO GALVAÕ.

Por mais, e mais que pelas Muſas chame,
Pelo benigno Apollo, alma do Pindo,
Caro Botado meu, naõ ouvem, naõ
Os meus ſupplices rogos.

De vento hum furioſo remoinho
Para contraria parte os move, e leva,
E eſperando ouvir muſica ſuave,
Horrivel ſom retumba.

Abre-ſe a terra, luridos eſpectros
Horrendos, e medonhos, envolvidos
Em negros globos, turbidos de fumo,
A meus olhos ſe moſtraõ.

Ondeia a rubra flamma, os ares bramaõ,
E n'um momento de hum a outro polo,
Fendendo os groſſos ares, tudo aſſombraõ
Os ſubitos relampagos.

O rouco ſom das ondas furioſas
Nos rochedos batendo, ao longe eſcuto;
Horrenda confuſaõ, triſte alarido
Me confunde os ſentidos.

Que vejo oh Ceos! Triſte de mim, que vejo!
Que horror! eu tremo: o ſangue ſe me gela:
Embaraça-ſe a falla na garganta:
Suſpenſo, e immoto fico!

Hum

Hum monſtro horrendo ao ar ſe eleva, e ſobe,
Que inda que voz de ferro, e de bombarda
De meu peito ſahira, em vaõ tentára,
Em vaõ o deſcrevêra.

» Eu ſou aquelle que do Tejo ao Ganges
» Do tumido Uraguay, ao frio Tanaes
» O vaſto mundo todo ſenhoreio,
» De todos adorado.

» Por mim no ſeio da ſagaz induſtria
» O engenhoſo China lida, e ſua:
» De ſangue tepido o pompoſo Perſa
« O largo campo inunda.

» Abrem-ſe as eſtridentes fechaduras
» Do theſouro de ferro tresdobrado,
» A cujo ſom gentís Georgianas
» Nos Serralhos ſe eſcondem.

» Faço callar as Leis da Natureza,
» E o meu preſtigio magico enfeitiça
» Qualquer peito inclinado ao recto, e juſto,
Couſa rara na terra.

» Meu Throno he todo o mundo; aqui me adoraõ
» Londres, Pekim, Byſancio, e a vaſta Roma,
» Populoſa Pariz, ſoberba, e grande,
» Renovada Lisboa.

» Allí o nobre, o rico, o Sacerdote,
» A caprichoſa Dama, noites, dias
» As horas, os momentos ſacrifica,
» E incenſos me tributa.

» Naõ amo o vil tugurio, onde ſe eſcondem
» Candidas Filis, innocentes Tytiros,
» Cantando ao ſom dos rios, e das fontes
» Ruſticas cantilenas.

» Innumeravel he o meu exercito;
» Os de Seſoſtris, Xerxes, Gengiſcan,
» Que os rios eſgotavaõ, nada fôraõ,
» Se c'os meus ſe comparaõ.

» Os meus Heroes ſaõ Nero, e o fero Sylla;
» Frouxo Sardanapalo, horrendo Borgia:
» Eſtes eternamente viviráõ
» Na memoria dos homens.

» Tudo em fim contrafaço: eu fui, eu fui
» Quem fez rodar em férvida carroça
» Tumido Frade, que deſcalço, e humilde
» Profeſſou caminhar.

» Taes ha, que com mais pompa nunca fôraõ
» Os Emilios, os Ceſares, Pompeos,
» Ao rico Capitolio, triunfando
» Nos braços da Victoria.

» Com larga cópia de eloquencia vã
» Nas cadeiras, nos pulpitos ſe tem
» Contra mim declamado ſem proveito:
» Eu ſempre triunfante.

» Aſſim por muito, e muito, que batendo
» C'os rijos malhos vá nocturno artifice
» Nas ſonantes incudes, nunca faz
» A mais ligeira moça.

» Eu

» Eu ſou o Vicio em fim, a mim invoca,
» E ſó celebra, e canta o meu poder,
» Alto poder, que pela redondeza
» Largamente ſe eſtende.

» Deixa de invocar Muſas, novo Apollo,
» Que Apollo, e Muſas saõ ſombras fantaſticas,
» Alado Pegaſo, e Parnazo umbroſo
» Sonhados contos vãos.

» Que premio tens ganhado, que louvor
» Em cantar a Virtude, que ſe eſconde
» No peito apenas de hum Botado, ou Filis
» D'angelico ſemblante?

» Olha como acabáraõ triſtemente
» Cataõ, Lucrecia, Belizario, e Regulo,
» Que atraz correndo de huma ſombra vã
» N'um abiſmo cahíraõ.

» Canta pois os prazeres deſenvoltos,
» Meus fieis companheiros, meus cuidados,
« Por iſſo eterna fama ganhará
» Teu nome eſclarecido.

» De que te ſerve andar com voz doente
» Envolta em choros triſtes, e amargoſos,
» Cantando pelos campos ſolitarios
» A tua amada Filis.

» Que importa, que da candida innocencia
» Seja ſua alma pura reveſtida?
» Que da gentil modeſtia em ſeu ſemblante
» O retrato ſe leia?

» Por

» Por ella tens andado louco, e cego
» Desde a tua mais tenra mocidade;
» Meus favores, meu Reino desprezando
» Teu duro coraçaõ.

» Por ella desprezaste mil riquezas,
» E pozeste n'um longo esquecimento
» As largas esperanças, que a Fortuna
» De longe te guardava.

» Louco, que em vaõ te canças, em vaõ suas,
» Em vaõ por ella gastas noites, dias,
» Chorando tristemente, e derramando
» Mil ardentes suspiros.

» Naõ vês, que submergido em vil pobreza,
» Naõ he digna de ti; que a formosura
» Sem riqueza he qual arvore sem folha,
» Sem sombra deleitosa?

» O meu conselho segue, quando naõ
» No seio austero do trabalho duro,
» Por amor dessa Filis gemerás.
» Isto te pronostíco.

» Jámais conhecerás os meus feitiços,
» Meus suaves prazeres, largos bens,
» Com que premeio quem me segue, e adora,
» Quem segue minha insignia.

Estas, e outras taes horridas blasfemias
Com voz horrenda, rustica, e nefanda
Do peito immundo o cruel monstro exhalla:
Em fim desapparece.

Vê

Vê tu pois, caro amigo, como poſſo
Livremente cantar juſta Virtude,
Puros amores, que de ti naſcêraõ,
Amavel Filis minha.

Filis ah! dos meus olhos, por quem morro,
Em quanto eu vir a luz do Sol luzente,
Eterna vivirás neſt'alma minha
A pezar do deſtino.

ODE XI.

AO SOMNO.

Abre-me, oh Musa, os teus ricos thesouros;
E faze o meu espirito abundante
De sentenças idoneas ao assumpto,
Que celebrar intento.

Inspira-me hum som lugubre, e sombrio;
Hum novo estylo, hum novo modular;
E sôe a minha Lyra surda, e piana,
Mas doce, e mui suave.

Guia-me, oh sabia Deosa, e tu modèra
Os meus furores férvidos, e irosos;
Que mal posso o meu genio refrear
Indomito, e soberbo.

Já sinto a tua amavel influencia:
Vamos pé, ante pé, entrando vamos
Pelo sagrado bosque, aonde habita
O placido Soccego.

Já lá por entre a languida espessura,
Onde nunca brincou suave Zefiro,
Diviso a soporifera caverna
Morada do Silencio.

Já pizo a praia, adonde mole, e languida
A corrente lethargica se estende
Do fatigado Lethes, e ouço apenas
O som das turvas ondas.

Com

Com voz humilde, e tacita te invoco,
Placidiſſimo Somno, Rei potente,
Ouve meu canto triſte, e melancolico,
Que de cá te dirijo.

Do negro e molle thalamo, onde jazes,
Naõ levantes a gravida cabeça,
Que ſem que o teu repouzo te afugente
Ouvirás o meu Canto.

Aquelle que formou o Ceo, e a terra,
O mar tumente, as nitidas eſtrellas,
Por conſolar o laſſo peito humano
Hum dom lhe concedeu.

Divino dom, recreio dos viventes!
Que ſeria dos miſeros humanos
Entre tantas fadigas, e canceiras
Acerbas, e enojoſas?

A' tua ſombra, como a ſacro aſylo,
Se accolhe o pobre aborrecido quaſi
Da moleſta, e cançada vida ſua:
Jaz ſem triſtes cuidados.

C'os membros deſatados ſobre a dura
Terra goza dos teus doces encantos;
Naõ lhe lembraõ deſgoſtos, nem pezares,
Que abreviaõ a vida.

Voa ás vezes Morfeu co' as azas d'ouro,
E pinta-lhe na vaga fantaſia
Riquezas, mandos, Sceptros, e Corôas,
E magnificas pompas.

O que nunca acordado possuhio,
Dormindo senhoreia, aperta, e toca:
Acorda, e como dantes pobre fica;
Torna á sua fadiga.

Convertêraõ-se em fumo os seus prazeres.
Assim passaõ as cousas desta vida;
Glorias, e gostos, tudo apaga, e some
O tempo gastador.

Foi-lhe em somno a fortuna favoravel:
Mas que mais he que somno a vida humana?
He sombra aéria, e vã o resplendor
Dos mandos, das riquezas.

Soberbos edificios alevanta
O rico, donde vê largas herdades;
Fidalguias procura, e valimentos,
E titulos pomposos.

Vem hum vento contrario da Fortuna,
Jaz por terra desfeita em cinza, e pó
Toda a máquina vã de seus intentos,
Tudo desapparece.

Outras vezes lhe traz ao pensamento
O rosto de huma Cloris alva, e loura,
Mas naõ de coraçaõ soberbo, e duro,
Affavel, e amorosa.

Tal depois de mil lagrimas àmargas,
Mil soluços, e mil sentidos ais,
Em sonhos me apparece aquelle gesto,
Aquelle amavel gesto,

Ima-

Imagem do ſereno Paraiſo,
Que o meu ſolto alvedrio me prendeu,
Por quem trabalhos aſperos, e duros
Me ſeriaõ goſtoſos.

Tú allí me affiguras a preſença,
Formoſa mais que o Sol, o branco peito,
Os olhos formoſiſſimos, brilhantes
Como as claras eſtrellas.

As alvas mãos de neve toco, e bejo,
As faces rubicundas, tranças d'ouro,
O tranſparente collo; e lhes tributo
Mil, e mil rendimentos.

Com geſto puro e ſanto attende, e eſcuta
As namoradas magoas, que lhe conto;
Mas rouba-m'a dos braços a Fortuna
Iniqua, fera, e injuſta.

Vai-ſe a ſombra gentil ao Ceo ſubindo,
E ſahe dos olhos meus acerbo pranto,
Mais que a meſma triſteza triſte fico,
Envolto em choro, e gritos.

Qual ao Filho d'Anchizes piedoſo,
A gentil Erycina ſua Mãi
N'uma candida nuvem ſe eſcondia
A ſeus cançados olhos.

Em vaõ eſtendo os braços, clamo, e grito,
Oh Nynfa, minha gloria, naõ me fujas,
Naõ me deixes aſſim deſerto, e triſte
Sem vêr teu lindo geſto.

Naõ me deixes, oh Nynfa, naõ me fujas;
Aſſim nunca te fuja a formoſura
Do teu ſemblante angelico, e divino,
Por quem me he doce a vida.

Detem-te hum pouco, ouve o meu triſte pranto,
Eſcuta as minhas queixas, minhas magoas,
Volve o geſto ſereno ao infeliz,
Naõ fujas de quem te ama.

Com pranto eterno aquí fico regando
As hervas, que de mim moſtraõ doer-ſe;
E tu de mim te apartas? Mal conheces
O meu ardente amor.

Mais gloria em bem querer-te alcanço, e tenho,
Do que o Conquiſtador de Imperios grandes,
Depois de muitos póvos debellados
Em férvidas batalhas . . . . .

Abaixa, Lyra, a voz, de tom naõ mudes,
Naõ movas os belligeros arnezes,
Que podes acordar o doce Somno,
Suaviſſimo Somno.

ODE

ODE XII.

O Tejo.

Perigrino, que estás da excelsa poppa,
Attonito, e confuso contemplando
Quanto póde formar o engenho, e arte
De mais perfeito, e raro:

Esta he do grande Rei José primeiro
A Augusta Effigie, illustre monumento,
Que ás sublimes virtudes do seu peito
Levanta o Luso povo.

Naõ por vastas conquistas alcançou
Eterno nome, e fama em todo o mundo,
Instigado dos férvidos estimulos
De hydropica Ambiçaõ.

Naõ foi, oh Lusitanos, porque o visseis
Armado do furor da mesma morte,
Nos mavorticos campos destruindo
Formidaveis exercitos.

Que se o monstro da Guerra levantasse
A tumida cabeça, ameaçando
Tristes males, tristissimos destinos
Aos Portuguezes póvos;

Fogosos esquadrões, ferreas falanges
Naõ soffreriaõ vêr com rosto inteiro,
O mageftoso aspecto enfurecido
Do Rei sublime, e grande.

Rotos, e fulminados jazeriaõ
Pela força de ſeu potente braço
Firmiſſimos, cerrados batalhões
Sem gloria pelo campo.

Mas outras glorias mais avantajadas,
Mais dignas de louvor, e eterna fama,
Outras virtudes mais eſclarecidas,
Outros mais altos feitos,

Te fizeraõ no mundo illuſtre; e grande,
Sublime Rei, amado dos teus póvos,
E das Nações eſtranhas reſpeitado
N'um, e noutro emisferio.

Maiores inimigos debellaſte,
Perſeguidores mais crueis, e injuſtos,
Do que eſſes, que nos férvidos combates
Se oſtentaõ furioſos.

As mundanas paixões, as denſas trevas
Da pezada ignorancia tenebroſa,
Eſtes, eſtes, os fortes inimigos,
Que invencivel domaſte.

Na verde flor dos annos, quando mais
A's ſuas illusões, e vãos preſtigios
Jaz o eſpirito humano expoſto, e inerme,
Patente a ſeus aſſaltos;

Com força ſumma lá do Regio Solio
Contra ellas os teus raios fulminaſte:
Jazem no fundo abiſmo ſubmergidas
Do Tartaro profundo.

Rei

Rei pacifico, e justo, Rei clemente,
Das Artes, das Sciencias protector
Te acclamaráõ os seculos vindouros,
A longa eternidade.

Serás modello tu de grandes Reis,
Aprenderáõ de ti a moderar
Seus póvos com prudencia, e paz profunda,
Com Leis justas, e santas.

Santas Leis, bons costumes, paz serena,
Sciencias, Artes uteis, e agradaveis,
Co' as azas d'ouro os ares vem cortando,
Já rodeiaõ teu Throno.

Tu lhes estendes teu potente braço,
Tu as tiras do abismo do desprezo,
E novo Augusto altas grandezas, e honras
Liberal lhes concedes.

A boa Poesia já levanta
Pela minha ribeira a voz divina,
Com que suspende as ondas apressadas,
Que ao salso mar envio.

Vaõ-se elevando mil suaves Cysnes,
Renovando os Cantares excellentes
Dos bons passados, que famoso, e illustre
Aos astros me leváraõ.

Taes ha que já na vasta fantasia
Cantos meditaõ de alto, e nobre assumpto;
Movei-lhes, Musas, placidos semblantes,
Prosperai seus intentos.

Nel-

Nelles ſerás tambem cantado, oh Rei,
Que no Templo da Fama a-par te vejas
C'os Enéas; c'os férvidos Achilles
Iſto te affirmo, e aſſello.

Teu nome voará pelo Univerſo;
Ouvillo-ha o Nilo, e o claro Ganges,
Que já vio os triunfos, e troféos
Dos claros teus Avós.

Naõ os perturbará o rouco canto
Dos negros Corvos, ávidas harpias,
Que intentáraõ manchar as tuas mezas,
Uivar triſtes agouros.

Deſſes que ſe jactavaõ ſer naſcidos
Para cantar a Deos celeſtes Hymnos,
A' ſombra dos ſagrados arvoredos,
Ao ſom dos brandos Orgãos.

Eu vejo, oh Ceos, nos ares levantado
Da turbida Diſcordia o horrendo aſpecto;
De triſtes guerras, de iras, de traições
A fronte rodeada.

De horridas furias, infernaes flagellos;
De aſperos males, e de acerbos damnos
O temeroſo exercito a ſeu mando
Prompto ſe oſtenta, e moſtra.

Vós do profundo Averno a concitaſtes,
Em vaõ, impios, em vaõ, negros hypocritas,
Dos Regios dias a dourada tela
Tentaſtes diſſolver.

Já

Já sôa a furiosa tempestade:
Já quasi que naufraga a Regia vida...
Genios Celestes, que dos justos Reis
    Guardais as grandes almas;

Descei do Ceo em seu favor, e amparo:
Protegei os seus dias preciosos.
Já vos vejo, Celestes esquadrões,...
    Fugí monstros infames.

Já sobre o Throno qual luzente Estrella
Coroado de gloria resplendece
O justo Rei, dos Ceos favorecido
    Para audaces emprezas.

Eis por terra abatida a audacia estolida,
Com que o mundo, tyrannos, insultaveis,
Atado ao vosso carro vencedor,
    Ultrajado, e rendido.

Por longo espaço de estendidos seculos
Mil invictos Heroes em vaõ tentáraõ
Aniquilar a máquina infernal
    De tantos vís intentos.

Hydra Tartarea, parto abominavel
Do tremebundo Averno, já diante
Tens o possante Alcides, que em si traz
    O teu extremo fado.

Já por ares, e ventos compellidos
Voaõ teus odiosos torpes membros;
Já nos vorazes vortices da morte
    Submergida te vejo.

Aſſim como do fumo arrebátado
Pelo férvido vento nunca fica
O minimo ſinal, veſtigio, ou ſombra
Da fórma, ou ſer, que teve:

Tal de todo ſe apague a fama, e nome,
As infames acções, os impios feitos,
A funeſta exiſtencia, o ſer, a hiſtoria
De taes peſtes do mundo.

E ſe voa por toda a redondeza
Ulyſſéas gentís edificadas,
Vaſtas Nações ornadas, e pulidas
Com artes, e ſciencias:

Muito mais ás eſtrellas ſe remonta
A fama excelſa deſte illuſtre feito:
Já ſoa nas esferas mais diſtantes,
Joſé, invicto Rei.

Inclyto Rei, magnanimo, elevado
Pelas tuas virtudes já te vejo,
Onde alçar-ſe naõ póde a minha Muſa
Pobre d'arte, e de engenho.

Venhaõ do mundo todas as Nações,
Junto ao teu ſimulacro te celebrem,
Em todo o tempo, em todas as idades
Aos aſtros te levantem.

O D E XIII.

A EXCELLENTISSIMA SENHORA D. ISABEL GALDINA PIMENTEL,

Em nome de huma menina por ella educada.

Se a minha tenra infancia permittíra,
Que eu dirigisse ao Ceo votos ardentes,
Naõ lhe pedíra rara gentileza,
Nem pompas, nem riqueza.
Mas só com vivas supplicas ferventes
Implorára virtudes a milhares,
Alto saber, talentos singulares.

E se os rios da placida eloquencia,
Que Apollo inspira aos genios illustrados,
De meus labios manasse largamente,
Cantára docemente
As virtudes, e os dotes extremados,
Que se inflammaõ com inclyto conceito
Da nobre Pimentel no illustre peito.

Mil vezes invocára as santas Musas,
Para cantar na cithara dourada,
A sua perigrina formosura,
Su'alma nobre, e pura,
A liberalidade sublimada,
Por quem Deosa se faz do Ceo propicio,
Digna de templo, altar, e sacrificio.

Cantára a Deosa amavel estendendo
A dextra liberal, e compassiva
Ao misero indigente, combatido
Do golpe enfurecido
Da desgraça cruel, e sorte esquiva:
Celebrára com inclyta harmonia
Seu puro agrado, e nobre cortezia.

Mostrára em fim, que a gloria verdadeira
Com que tanto se illustra hum gentil peito,
Naõ tem sómente illustre fundamento
No claro nascimento,
Mas nas virtudes de inclyto respeito,
Quaes as que hum quadro egregio nos exprime
Da nobre Pimentel n'alma sublime.

Mas já que erguer naõ posso a voz de Cysne
Para cantar taõ nobres qualidades,
Rogos ao Ceo farei vivos, e puros,
Porque os fados escuros
Jámais turbem com feras tempestades
Da amavel Pimentel os aureos dias,
No seio das serenas alegrias.

Que no abrigo da placida ventura
Lhe envie venturosos natalicios,
Illustrados da Aurora matutina
Da luz sacra, e divina
Dos celestes beneficos auspicios,
Que adornem a sua alma pura, e amavel,
Onde as Virtudes tem throno adoravel.

QUARTETOS

QUE ACOMPANHAVAÕ A ODE ANTECEDENTE.

VENDO acaſo a negra Inveja
Da minina Marianna
A belleza mais que humana,
Arde, freme, e deſatina.

No ſeu peito ſe enfurece
Flamma hoſtil de odio cruento,
De vêr nella hum tal portento
De belleza ſingular.

E naõ podendo ſoffrer
Tanta força de pezar,
Foi ſeu mal manifeſtar
A' Vingança, Furia horrenda.

Entre huns aſperos rochedos
N'um valle cheio de eſpanto,
Onde ſoa eterno pranto,
E o furor das tempeſtades:

N'uma cova muito eſcura
Achou a Furia implacavel,
Envolta em ſangue execravel,
Voz em grito, olhos em fogo.

Junto della allí habitaõ
Muitas Furias odioſas,
Negras peſtes horroroſas
Das Virtudes inimigas.

Tanto, que ouve as triſtes queixas,
Dallí logo ſem detença
Manda a pallida Doença
A's ordens da negra Inveja.

Contra a rara gentileza
Da adoravel Marianna
Cheia de cólera inſana
Se arma o monſtro horrido, e infame.

Da garganta venenoſa
Mortal halito evapora:
D'improvizo ſe deſcora
O carmim das bellas faces.

Aquelle fogo brilhante
De ſeus olhos taõ formoſos
Em vapores tenebroſos
Ficou logo amortecido.

A graça do riſo ameno,
Aurora da gentileza
Em as ſombras da triſteza
Logo foi precipitada.

Frouxo o collo de alabaſtro
Jazia a gentil menina,
Como candida bonina
Cortada do duro arado.

Naõ ſoffreu taõ vivo inſulto
A Virtude, que no peito
Habita em alto conceito
Da formoſa Pimentel.

De

De improvizo os raios vibra
Contra o monſtro abominavel,
Que com bramido execravel
Foge para o negro Averno.

Já no geſto delicado
Da minina bella, e pura
Reſplendece a formoſura
De mil graças adornada.

Já fulgura o bello riſo
Da pupilla venturoſa,
Entre os braços da formoſa,
Da adoravel Pimentel.

Sobre ti, Nynfa gentil,
Dotes mil, mil excellencias,
E mil ſantas influencias
Largamente o Ceo derrame.

Para ti ſe eſmalte o campo
De boninas de mil côres;
Para ti cantem Paſtores,
E murmurem freſcas fontes.

Para ti alegremente
Cantem doces paſſarinhos
Pendurados nos raminhos
Do almo Zefiro agitados.

Para ti teçaõ grinaldas
De mil perolas luzentes
Junto ás agoas tranſparentes
As Nynfas do Tejo, e Ganges.

As Virtudes enobreçaõ
Tu'alma, Nynfa ditoſa,
Para gloria da formoſa,
Da adoravel Pimentel.

CANTOS.

CANTOS.

CANTO

De desafio antes de se romper a famosa batalha de Aljubarrota.

Hum Soldado. A' Lerta, oh Portuguezes,
Eilos lá vem, álerta álerta estai.
Exercito. Sem temermos revezes,
Álerta estamos já promptos: andai,
Oh lá vinde, e vereis como arrojados
Os nossos golpes saõ, como pezados!

Soldado. Já descem furiosos
Os nossos inimigos. Como estendem
Soberbos, e vaidosos,
Seus esquadrões, que em vaõ lançar pertendem;
Armados do furor da iniquidade,
Duros grilhões á nossa liberdade!

Exercito. Assim a grossa enchente,
Quando dos altos montes se despenha
Horrisona, e potente,
Tudo arraza, naõ ha quem a sustenha,
Sómente os edificios d'alto muro
De fundamento solido, e seguro.

Soldado. Tendes razaõ, amigos,
Que se vêdes os campos inundados,
Cubertos de inimigos,
Naõ os temais; seraõ desbaratados:
Pois vosso esforço tanto se sublima,
Que o seu poder immenso em nada estima.

Exercito. Em pouco, ou nada temos
A ſua multidaõ horrenda, e féra.
Vinde, oh! Vinde, e veremos
Quem mais com força indomita, e ſevera
Seu direito defende: em nós audacia
Achareis contra a voſſa contumacia.

Soldado. Álerta, oh gente, álerta,
Que elles já chegaõ; prompto o ferro eſteja.
Exercito. Com mente audace, e eſperta
Promptos eſtamos já, venha a peleja,
Venha, que ou nós havemos de vencer, (1)
Ou ás mãos do inimigo aqui morrer.

Soldado. Quaõ doce, e illuſtre couſa
He morrer pela Patria! Avante, amigos,
Tanto erguer-ſe naõ ouſa
Huma alma fraca, e vil. Venhaõ perigos,
Venhaõ mortes, que em nada ſe conſterna
Quem quer alcançar nome, e fama eterna.

Exercito. A noſſa cauſa he juſta;
He juſto o noſſo Rei: he valeroſo:
Nada em fim nos aſſuſta:
Deos he por nós: com impeto horroroſo
Venha todo o poder do mundo inteiro,
Vêr-ſe-ha por nós no extremo derradeiro.

Soldado. Quem tem taes penſamentos
Ha de por força ſer ſua a victoria;
Claros, nobres intentos!
Aſſim ſe alcança illuſtre nome, e gloria
Pela Patria arriſcando a cara vida,
E pela liberdade appetecida.

Exer-

Exercito. Que naõ fará quem ama
A cara Patria, e a doce liberdade?
Se aſſim ſe alcança fama,
Inda que ſomos pouca quantidade;
Ou havemos vencer, ou acabar
Raro exemplo de esforſo ſingular.

Eſſes temaõ a morte
A quem huma alma inerte ao ocio entrega,
Que os caſos de Mavorte
Naõ ſaõ para quem mais ſe illude, e cega
C'o frivolo attractivo dos deſcanços,
Dos momentos pacificos, e manſos.

Soldado. Sentido, oh companheiros,
Que a batalha começaõ ſanguinoſa.
Sede audazes guerreiros.....
Porém que eſtrondo horrendo, e voz iroſa (2)
Nos ares ſe diffunde! Animo, amigos,
Naõ temamos deſaſtres, nem perigos.

Exercito. Em nós naõ entra medo,
Nem frio ſuſto noſſo esforço abate.
Nós aqui a pé quedo
Eſperamos a furia do combate;
Em noſſas mãos, noſſos remedios temos:
Seus máos eſtratagemas naõ tememos.

Soldado. Com vãos ardiz intentaõ
Alterar voſſos peitos valeroſos.
Exercito. Aſſim naõ ſe amedrentaõ
Os corações de fama cubiçoſos,
Que a Patria haõ de livrar de iniqua ſorte
A pezar da fortuna, fado, e morte.

Aqui

Aquí com nofco temos
O mui valente Nuno, e o noffo Rei.
Cedo nós moftraremos,
Que da fanguinea guerra, a forte, e a Lei
Eftá nas noffas mãos, que alta victoria
Nos haõ de dar de grande fama, e gloria

Soldado. Sigamos todos já
O noffo Rei, que aos inimigos corre.
Exercito. Sim, oh Rei, jazerá
A Hifpanica fòberba, que difcorre
Ufana, e audaz por toda a Lufitania:
Será por nós desfeita a fera infania.

Verá o mundo entaõ,
Que naõ ha Rei mais digno de mandar
A taõ leal Naçaõ,
Nem Póvos de valor mais fingular,
Nem mais promptos a dar o fangue, e a vida
Por feu Rei, pela Patria amortecida.

Nós todos affirmamos,
Seja-nos teftemunha o Ceo, e a terra;
Pela Patria o juramos,
Pelo valor, e fé, que em nós fe encerra,
Pelejando a teu lado venceremos,
Ou nefte campo mortos jazeremos.

---

(1) Efta repetiçaõ he mui propria do animo Portuguez quando eftá irado.

(2) Com o eftrondo de huma peça de artilheria, que fe difparou do Campo Caftelhano, e matou dois Portuguezes, ficáraõ eftes duvidofos por fer coufa nunca por elles vifta até áquelle tempo.

CANTO

De Victoria depois da famosa batalha de Aljubarrota.

Soldado. Em fim, oh companheiros;
Temos vencido; he já noſſa a victoria:
Fortiſſimos guerreiros,
S'alcançámos agora inclyta gloria,
Fazendo no inimigo alto deſtroço;
Mais foi a maõ de Deos, que o poder noſſo.

Exercito. Dizes mui bem, amigo,
Que ao immenſo vigor, que em nós ſentimos;
Quando no inimigo
Com valor mais que intrepido ferimos;
Claro vimos, que o braço omnipotente
Era em favor de nós, e noſſa gente.

Soldado. Ora pois levantemos
Mil louvores a Deos puros, e dignos;
Alegres lhe entoemos
Hymnos Celeſtes, Canticos Divinos;
Pois que nos deu triunfos, e victorias
De noſſos inimigos taõ notorias.

Exercito. Seu nome eternamente
Seja bendito em toda a redondeza;
Conheça o mundo, e a gente
Seu immenſo poder, ſua grandeza;
Qnando contra os ſoberbos poderoſos
Levanta os abatidos deſditoſos.

Soldado. Senhor, nós te adoramos.
Graças mil te rendemos, mil louvores
A ti, Senhor, mandamos
Por taes misericordias, e favores:
Das inimigas mãos nos libertaste;
Tu das portas da morte nos salvaste.

Exercito. Nós eramos mui poucos,
E mal armados contra tanta gente:
Tiveraõ-nos por loucos
Quando com peito intrepido, e valente
Nos viraõ commetter cruel batalha
Mais fiados em Ti, que em peito, ou malha.

Soldado. Cegos naõ conheciaõ,
Que hum taõ immenso esforço de Ti vinha,
Que audazes commettiaõ!
Nem arte, ou força seu furor detinha;
E com o teu favor alto, e profundo
Hum só bastára contra todo o mundo.

Exercito. Sem ti, Senhor, quem póde
Mover hum braço, ou dedo? Se a tormenta
Horrisona sacode
As tenebrosas azas, se amedrenta,
E apaga a vida, e nome dos malvados,
Tu lhe infundes furores indignados.

Soldado. Amante illuminaste
Do nosso Rei o invicto coraçaõ:
Em nós depositaste
O flagello da Tua indignaçaõ
Contra os impios tyrannos, que intentavaõ
Soppear nossa Patria, que assolavaõ.

Exer-

Exercito. Como ufanos desciaõ
Confiados no seu poder immenso:
Campos, montes cobriaõ.
O colerico fogo d'odio intenso,
Mortes, vinganças, iras fulminantes,
Tudo vinha pintado em seus semblantes.

Soldado. Pompa, fausto, e riqueza,
A soberba inherente ao peito Hispano,
Magestade, e grandeza
Acompanhavaõ com furor insano,
Sem que temessem bellicas fadigas,
As Hispanicas turmas inimigas.

Exercito. Que sería de nós
Aos ardores do Sol hum dia inteiro
Em campo aberto sós?
Que dizemos! No trance derradeiro
Naõ tinha-mos, Senhor, vossa assistencia?
Quem contra nós teria resistencia?

Soldado. As trombetas soavaõ
Chamaõ pela peleja os inimigos:
No meio nos cercavaõ,
Sem de nós temer damnos, nem perigos;
Mil affrontas nos dizem, mil dicterios,
Opprobrios mil, infames vituperios.

Mas eis que o valor vosso
Rompe com furia horrenda, e temerosa....
Amigos, eu naõ posso,
Eu naõ tenho eloquencia poderosa
Para pintar com vivida energia (1)
As proezas da vossa valentia.

Exercito. Tu és de Deos amado,
Que de dons ſoberanos te adornou
O engenho ſublimado;
Emprega-o em louvar quem derramou
Sobre nós os influxos da concordia,
E as enchentes da ſua miſericordia.

Soldado. Eu devo dedicar
A Deos, pois delle vem, os meus talentos:
E tambem celebrar
A cara Patria, e altos penſamentos
Da Naçaõ minha, quando em dura guerra
Obraõ acções, que eſpantaõ toda a terra.

Exercito. Deos nos deu boa ſorte,
E nas pontas das noſſas lanças poz
O medo, o eſpanto, e a morte:
Elle os animos firmes nos diſpoz
A vencermos os noſſos inimigos,
E a deſprezar da morte os vãos perigos.

Soldado. Pelejámos; vencemos;
Todos fôraõ diſperſos n'um momento;
A pezar dos extremos, (2)
Que de valor fizeraõ: qual do vento
O ſecco feno, ou palha he compellida,
Tal ſe vio ſua audacia deſtruida.

Exercito. Onde eſtaõ as ſoberbas,
As feroces razões? Onde as injurias
Taõ aſperas, e acerbas?
Convertêraõ-ſe em fumo as voſſas furias?
Onde eſtaõ os deſprezos, e as jactancias?
Onde as affrontas? Onde as arrogancias?

Que

Que he de tantos inventos? (3)
Tantas infernaes máquinas de effeitos
Crueis, ſanguinolentos?
Que he de tanto valor de heroicos peitos?
Que foi dos bellicoſos eſquadrões
D'aço armados, terror dos corações?

Soldado. Tudo cedeu ao pezo
Do voſſo braço, e do invencivel Nuno,
Nuno, que em fogo accezo
De gloria, vence o indomito, e importuno
Furor da adverſidade; cujo nome
Impoſſivel ſerá que o tempo o dome.

Exercito. Nós outros que diremos,
Sublime Rei, de teus heroicos feitos?
Saõ grandes, naõ podemos
Taõ altamente erguer noſſos conceitos:
Venhaõ mais elevadas fantaſias,
Que celebrem as tuas valentias.

Póvos de Portugal,
Exemplo em nós tomai para o futuro;
Se hum dia em caſo igual
Vos achardes, com animo ſeguro
Correi, Póvos, ás armas, defendei
A voſſa liberdade, a Patria, e o Rei.

Nunca em tanto perigo,
Qual eſte, em que nos vimos, vos vereis:
E ſe o fado inimigo
Vos opprimir com ſuas duras leis,
Morrei com gloria, e esforço invicto, e bravo,
Que mais vale morrer, que ſer eſcravo.

Amai a Patria terra,
E concebei por ella altos furores:
Os desaſtres da guerra
Naõ receeis, nem ſeus crueis horrores;
Naõ temais morte, oh peitos bem naſcidos;
Vencedores ſereis, nunca vencidos.

NO-

NOTAS.

(1) *Energia* poderá parecer termo improprio da boa Poesia Lusitana, por ser termo grammatical; mas muito bem se deve saber, que todo o termo he proprio da gravidade da Poesia, se he com destreza posto em seu lugar: he termo usado dos nossos antigos do Seculo de quinhentos. Duarte Nunes de Leaõ *Orig. da Ling. Port.* Cap. 22. *apud Sever. de Far.* Disc. II. pag. 84. » Naõ ha para » que se negue a facilidade, e suavidade da Lingoa Por- » tugueza, que para tudo tem graça, e *energia* » Vieira Tom. III. pag. 492. §. 597. » *Job* já tinha declarado a » força deste seu argumento nas palavras antecedentes » com *energia* para Deos muito forte. » O mesmo Tom. II. pag. 9. §. 3. num. 13. » Ainda o diz com maior *energia* o » Apostolo. »

La Facezia, *e l'Argúzia*, *e* l'Energia. Diz o Cavalheiro Marino na Estança 123. do Canto V. do *Adonis*.

(2) Jorge Ferreira, Scena 7.ª do Acto 2.º da Eufrosina fol. 94. vers. tem quasi a mesma formula; diz pois: » E outros muitos de grande *extremo* nesta virtude. »

(3) Os nossos antigos humas vezes escreviaõ *que he*, outras *qué*; he esta huma formula de fallar propria do nosso Idioma, como se dissesse por abreviatura: *que he feito disto*, *ou daquillo*. Francisco Rodrigues Lobo na Floresta VI. da Primavera.

Se aqui me despojou
Aquella formosura sobre humana
Do ser, *e liberdade*, *que antes tinha*,
Que he *de quem me roubou.*

CANTO

DE DESAFIO

Na famosa Batalha das Linhas d'Elvas.

Hum Granadeiro. SAHI feroz milicia ao raso campo;
Deixai vallos, deixai grossas trincheiras,
E a peito descuberto
Desenvolvei vossas Reaes Bandeiras.
Quem he na guerra esperto, (1)
E quem de valor alto se enobrece,
Em campo ao seu contrario se offerece.

Exercito. Se ao furor da soberba, que exhalaes, (2)
Corresponde o valor dos vossos peitos,
Tendes occasiaõ
De executar agora heroicos feitos.
Sahí com promptidaõ:
Vinde vencer-nos em campal batalha,
Sem ser munidos de trincheira, ou malha.

Gran. Quem nascido de Heroes, de Heroe se jacta (3)
Nunca deve esperar duro combate
No forte alojamento,
Que he desar, que o valor humilha, e abate.
Ora pois, se alto intento
Tendes de conquistar a illustre terra,
Vinde aquí; como Heroes fazei a guerra.

Naõ,

Naõ tereis de ſaltar foſſos profundos,
Nem de expugnar fortificados muros;
Encontrareis ſómente
Robuſtos peitos, e animos ſeguros
De valeroſa gente,
Pelo Rei, pela Patria offerecida
A vencer, ou perder no campo a vida.

Exercito. Elles naõ vem, naõ querem, naõ ſe atrevem
A combater comnoſco peito, a peito;
Oh illuſtres Varões,
Que julgaes ſer o mundo campo eſtreito
Para as voſſas acções,
Naõ vos dome o valor, que a gente acclama,
Pobre, biſonho exercito ſem fama. (4)

Granadeiro. Tanto naõ nos receiaõ, que daõ vozes
De tumida jactancia, em vil deſprezo
Da gente pouca noſſa;
Confiados na força, e vaſto pezo
Da immenſa tropa, e groſſa
Artilheria horrenda, que fulmina
Os fortes peitos com fatal ruina.

Exercito. Como ſe enganaõ! Gente, oh gente invicta,
A ſubjugar Nações acoſtumada,
Mandai dez vezes tantos;
Mandai de toda a Heſperia dilatada
Os Varões todos, quantos
Podem ſanguineo ferro manejar;
Que vencidos por nós haõ de ficar.

Do Ceo a noſſa cauſa he protegida:
Elle nos infundio nobre ouſadia, (5)
    Para n'um ſó momento (6)
Quebrar da voſſa horrivel tyrannia (7)
    O jugo violento;
E levantar com gloria ao Throno Auguſto
Rei da noſſa Naçaõ, Rei bom, Rei juſto.

No Throno dos ſeus inclytos Avós, (8)
Doces memorias dos bons Reis paſſados,
    Hemos de ſuſtentallo,
A pezar dos impulſos agitados,
    Do furioſo aballo
Das tempeſtades horridas, que ergueis
Contra nós-outros, contra noſſos Reis.

Nós ſomos verdadeiros deſcendentes
Dos famoſos Varões, que tantas vezes
    Em campo vos vencêraõ:
Claros Heroes, invictos Portuguezes!
    Inda naõ ſe eſcondêraõ
Seus nomes para nós na immenſidade
Do vortice voraz da longa idade.

O Sacro nome de hum primeiro Affonſo,
Padre do Luſo Imperio, o nome invicto
    De hum Sancho, e de hum Diniz,
De hum bravo Affonſo, temos n'alma eſcrito.
    As proezas gentís
Do Heroe Joanne, e Nuno alto, e eſtupendo,
Nos fazem deſprezar Mavorte horrendo. (9)

Lo-

Logo de que vos val a furia horrivel
Do cavo bronze, que vomita a morte? (10)
    Esquadrões bellicosos,
E multidaõ de gente audaz, e forte?
    Haõ de dos valerosos
Braços nossos aquí jazer vencidos,
Nas voragens da morte confundidos.

Que já vós sabereis dos bravos peitos
Que defendido tem d'Elvas os muros,
    Quanto seraõ possantes,
Quaõ pezados, quaõ férvidos, e duros
    Os golpes fulminantes
Da nossa espada, que sem susto, ou damno
Nos fará triunfar do ferro Hispano.

Quereis já vêr ó nobre Cantanhede,
Ó valeroso, e impavido Albuquerque,
    Ganhar clara victoria?
Quereis que o vosso nome o mundo cerque
    Com fama alta, e notoria?
Mandai accommetter, que n'um momento,
Nas nossas mãos vereis o vencimento.

NOTAS.

A Maior afflicçaõ, em que se vio a Monarchia Portugueza, depois da entrada do exercito de Castella em Portugal no principio do Reinado do grande Rei D. Joaõ IV., foi quando vio Elvas, chave do Reino, sitiada por hum poderoso exercito no anno de 1658. Achava-se a este tempo extincta a flor da milicia de Portugal com a peste, que lhe sobreveio no sitio de Badajoz, a qual se diffundio com taõ horroroso estrago por todo o Reino, que naõ houve Aldeia, por pequena que fosse, que naõ padecesse os funestos effeitos de hum taõ mortal contagio. Via além disso a Provincia d'Entre Douro e Minho occupada ao mesmo tempo por outro exercito poderoso, que depois de haver rendido Lapella, intentava a conquista de Monçaõ, que conseguio. Via mais, que constando a guarniçaõ d'Elvas no principio do sitio de 11$000 homens pagos, e auxiliares, se achava tristemente reduzida por causa da peste a pouco mais de mil homens capazes de pegar em armas, o que punha em manifesto perigo aquella Praça, a qual perdida, com ella se perdia toda a Provincia de Além-Téjo, Lisboa, e por consequencia o Reino todo. Em cujo aperto nomeou a Rainha D. Luiza de Gusmaõ o Conde de Cantanhede General do exercito, que se havia de formar para o soccorro d'Elvas. Este Fidalgo nunca havia militado, mas o Reino nelle poz toda a sua esperança, confiado no seu grande coraçaõ, juizo, e prudencia, acompanhada de hum vehementissimo zelo, e amor da Patria, que em todo o tempo mostrára; mas a pezar de todas as diligencias deste grande homem, quando sahio de Estremoz para soccorrer Elvas, apenas passava o nosso exercito de onze mil homens, entre Cavallaria, e Infantaria, e destes só quatro mil homens eraõ pagos, dos quaes menos de ametade era tropa veterana, todo o mais resto do exercito, que eraõ sete mil, e tantos homens, era tropa auxiliar, sem disciplina, tumultuariamente levantada; mas suppria a todos estes defeitos o prodigioso valor da Naçaõ Portugueza, e a grande pericia militar dos Officiaes experimentados em muitos annos de guerra, e dotados de eximio valor.

As

As composições Lyricas pedem por sua natureza estylo conciso, assim o usáraõ os Mestres da antiguidade, e assim manda a razaõ, que deve ser o norte de quem escreve; porque sendo a maior parte dos Poemas Lyricos de curta extensaõ, necessario será, que os pensamentos sejaõ contheudos em mais estreito ambito de palavras, para assim poder ter principio, meio, e fim, sem exceder o termo da extensaõ, que deve ter; esse o motivo, porque as Odes de Horacio se vem organizadas de periodos curtos, cujos membros, e incisos saõ taõ breves, que muitas vezes os constitue huma só palavra, sendo o nexo destas partes do periodo muitas vezes imperceptivel de modo, que he preciso supprir-lho a imaginaçaõ do Leitor sábio, e communicando-se as delicadezas do estylo, e da sentença, deu isso motivo a dizer-se, que huma bella desordem era a indole verdadeira da Ode, quando a desordem nunca póde constituir belleza nos artefactos da imaginaçaõ guiada pela boa razaõ. Posto que neste Poema naõ falle o Poeta, com tudo eu revesti os pensamentos do exercito Portuguez composto de gente indouta, e rustica, do mais racional artificio poetico, que pude, naõ julgando alheia da fervorosa imaginaçaõ de Soldados valerosos vehementissimamente possuidos do amor da sua patria toda a magestade de expressaõ, e toda a vehemencia de hum verdadeiro enthusiasmo; no que supponho naõ excedi os limites da Natureza.

(1) *Experto*: este termo póde significar experimentado, e tambem sagaz, vivo, sutíl &c. Na primeira significaçaõ he o participio do preterito do verbo Latino *experior*, e he significado primario, e o segundo procede do mesmo, mas translativamente; e em ambos estes sentidos se póde entender o dito termo neste lugar.

(2) Notorio he a todos, que a Naçaõ Castelhana na sua colera he mui palavrosa, e hyperbolica, o que talvez proceda menos de vaidade, do que do grande coraçaõ, de que he dotada, o que faz mais gloriosos os triunfos, que della temos alcançado.

(3) Tambem a todos he patente o grande apreço, que a mesma Naçaõ faz dos seus Heroes passados, e o quanto se abona da nobreza, que delles procede, e com razaõ,

pois tem havido nella mui grandes, e efclarecidos Varões tanto em letras como em armas, dignos de immortal memoria.

(4) Por iſſo meſmo que era biſonho, eſtava até áquella hora privado de gloria militar, e por conſequencia ſem fama.

(5) *Elle nos infundio*: deſconfio da pureza deſta fraſe: o uſo commum de fallar aſſim diz, mas a razaõ differa: *Elle em nós infundio*: em quanto examino eſte ponto com mais attençaõ naõ alterarei náda na dita fraſe, e ſe antes diſſo vier eſte Poema a ſer lido de algum douto, humildemente lhe rogo, me communique as ſuas luzes a eſte reſpeito. Eſte verbo *infundir* na ſua fonte ſempre tem depois de ſi ablativo. Veremos que uſo fazem delle os noſſos Meſtres.

(6) Naõ he exageraçaõ. Em o 1.° de Dezembro de 1640 apenas deu o relogio da *Sé* nove horas ſe principiou a grande empreza da reſtauraçaõ de Portugal, e ás dez para as onze horas andavaõ as regateiras vendendo pelas ruas com tanto ſocego, como ſe eſtiveſſe Portugal na mais profunda paz. Todo o Reino ſeguio o exemplo da Metropole ſem a menor contradicçaõ. Arrancar hum Imperio taõ vaſto, e de poſſeſſões taõ diſtantes do poder de huma Naçaõ taõ poderoſa, como era naquelle tempo a Caſtelhana, ſem effuſaõ de ſangue, e ao depois ſupportar 28 annos de guerra, em que ſe ganháraõ ſete, ou oito batalhas campaes na Europa, e na America, ſem que nunca ſe perdeſſe neſte eſpaço de tempo batalha alguma, fóra outros muitos acontecimentos notaveis por mar, e por terra nos ſeus Dominios nas quatro partes do Orbe, iſto ſó he para a Naçaõ Portugueza, Naçaõ verdadeiramente de Heroes, digna de occupar o primeiro lugar entre todas as Nações mais illuſtres do mundo.

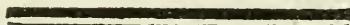
(7) Os exceſſos, e atrocidade da Naçaõ Caſtelhana na Europa, e na America, ſaõ patentes ainda a peſſoas de mediana inſtrucçaõ.

(8) Nenhuma Naçaõ ſe gloreia de ter huma ſerie de Reis quaſi todos Heroes, como a Portugueza.

(9) A gloſa deſte verſo he aſſim: A memoria das proezas dos Reis de Portugal, que triunfáraõ de Caſtella nos obriga a naõ recear os horrores da guerra.

(10)

(10) Verſo pictoreſco, que exprime o ſom que imita: Os noſſos antigos ainda até ao principio do Seculo 17. differaõ *bronzo*, como na Lingoa Italiana. Mr. Thomaz no Canto IV. do Poema de Jumonville tem outro verſo como eſte, mas certamente naõ he taõ poetico pelo naõ ajudar a Lingoa Franceza

De ces bouches d'airain, qui vomiſſent la mort.

TRADUCÇAÕ

Do Cantico de Moyſés. Exodo Cap. XV.

CANTEMOS ao Senhor;
Que em grande Mageſtade ſe ſublima
De gloria, e reſplendor:
Que as ſoberbas dos máos em nada eſtima;
E com rigor inteiro
Lançou no mar cavallo, e cavalleiro.

O meu remedio he Deos,
Deos foi meu protector, minha defeza.
Neſtes Canticos meus
Soará ſeu poder, ſua grandeza:
Exaltarei cantando
O Deos de meus Avós benigno, e brando.

Seu nome Omnipotente
Enche todo o Univerſo, e ſua gloria
A' mais remota gente
Se moſtra aſſaz viſivel, e notoria:
Elle a guerra domina;
He Senhor da victoria, e paz divina.

Lançou no mar profundo
As carroças hoſtís de Faraó;
Terrivel, e iracundo
Converteu ſeus exercitos em pó;
Seus Capitães ſubidos
Fôraõ no mar vermelho ſubmergidos.

Sepultados ſe víraõ
Nos abiſmos dos mares, e as areas
Para ſempre os cubríraõ;
E taes ſe nos retrataõ nas ideas
Bem como immenſa mole,
Que cahindo no mar o mar a engole.

Voſſa Maõ poderoſa
Tanto ergueu voſſa excelſa fortaleza,
Que em gloria mageſtoſa
Vôou por toda a vaſta redondeza:
Senhor, a Dextra voſſa
O inimigo cruel fere, e deſtroça.

E teus máos adverſarios
Com tua immenſa gloria anniquilaſte:
Soberbos, temerarios!
Tua ira contr'elles fulminaſte,
Que a nada os reduzio;
Qual leve palha em breve os conſumio.

As ondas ſe elevàraõ
Com o ſôpro do teu juſto furor:
E immotas ſe ficáraõ
Como hum monte de ſolido vigor,
Viraõ-ſe endurecidas
Sobre os fundos abiſmos eſtendidas.

Diſſe o fero inimigo:
» Eu o perſeguirei; captivo, e prezo
» Sem ſuſto, e ſem perigo
» A ferro o paſſarei, em ira accezo
» Seu deſpojo ſobejo
» Repartirei, fartando o meu deſejo.

Sopraste tu, Senhor,
Horrendamente os mares se empoláraõ
Cheios d'ira, e furor;
Todos as cruas ondas devoráraõ,
E fôraõ submergidos,
Qual pezo enorme em mares revolvidos.

Quem ha entre os Celestes
Espiritos potentes semelhante
A ti, Senhor, que déstes
De tua santidade alta, e prestante
Magnificos signaes?
Por taes milagres louvem-te os mortaes.

Tua Maõ estendeste,
E n'um momento a terra os devorou;
Guia a teu povo déste,
Tua misericordia nos salvou:
Levou-nos tua Maõ
Da tua Gloria á Santa Habitaçaõ.

Oh Pay, quando o souberem
Os póvos, que de ti naõ saõ amados,
Que cultos te naõ derem,
Oh quanto bramaráõ féros, e irados!
Os impios Filisteos
Em dores passaráõ os dias seus.

Em confusa inclemencia
Os Principes de Edon impios, e féros
Veráõ sua potencia;
E de Moab os Capitães austeros,
E os Cananeos entaõ
Traspassados de medo jazeráõ:

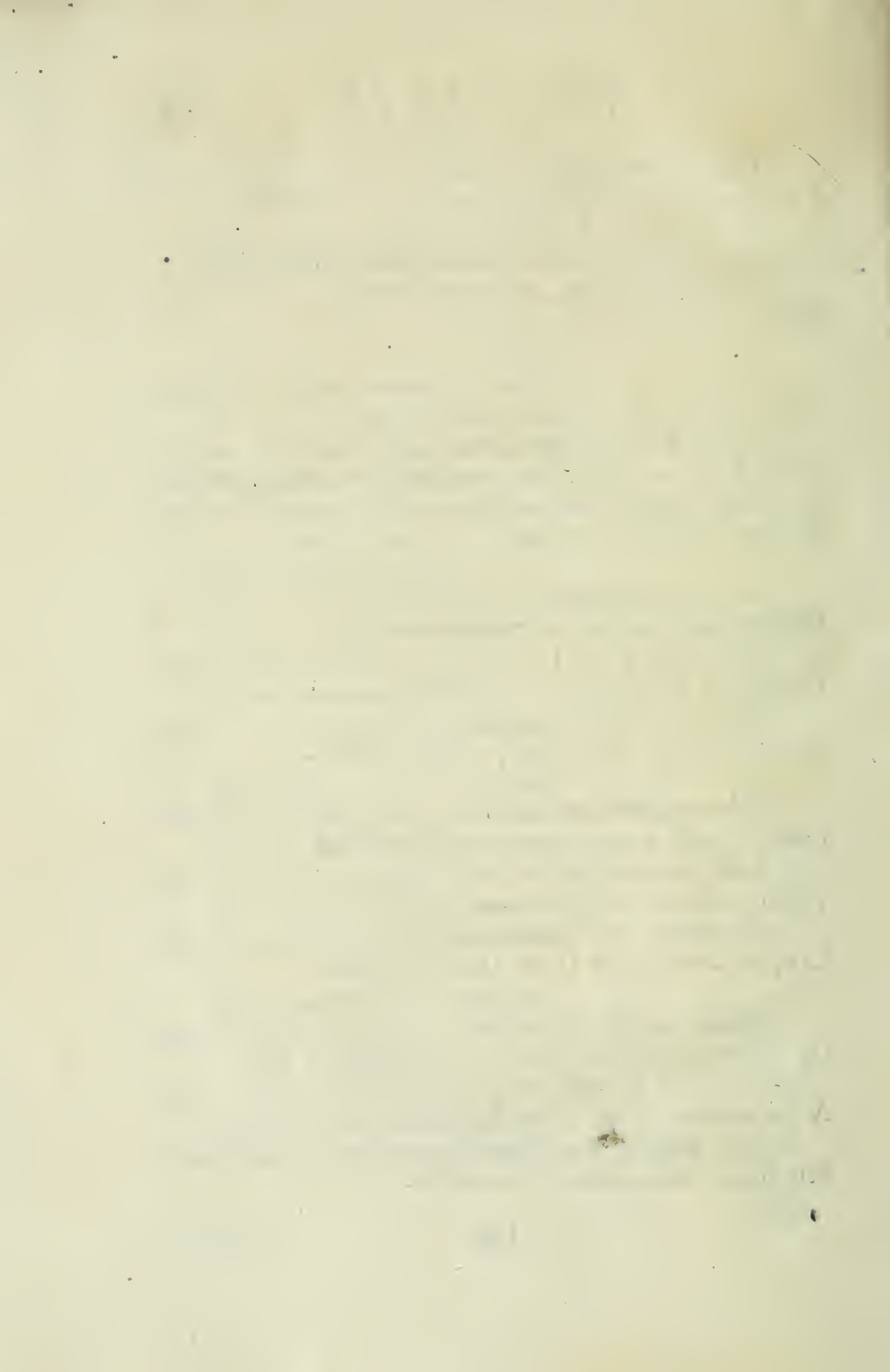
Caia

Caia sobre elles, caia
Com impeto tremendo, o medo, o espanto;
Já seu furor desmaia:
Immoveis fiquem como hum monte, em quanto
Passar, Senhor, teu povo
Este teu povo, que amparaes de novo.

Vós o introduzireis,
E no monte da Sacra Herança vossa
Vós, Senhor, o poreis,
Onde hum templo, que oppôr-se ao tempo possa
Nos deixes por memoria,
Por vós, Senhor, erguido á vossa gloria.

O Senhor reinará
Eternamente além da eternidade:
Elle nos livrará
Das mãos da dura, e fera iniquidade:
Eia pois naõ temamos
As obras mas dos máos, avante vamos.

Pelos mares entrando
Faraó, com seus carros, e esquadrões
Indo avante passando,
Todo o pezo das ondas em tufões
Bramindo horrendamente
Lançou sobre elles Deos Omnipotente.

Porém os perseguidos,
Os Filhos de Israel sem medo avante
Seguros, e munidos
A pé enxuto fôraõ n'um instante.
Seja sempre louvado
Seu nome eternamente levantado.

ERRATAS.

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
26	31	96 - - - - - - - - - -	95
27	26	Hracio - - - - - - -	Horacio
32	11	ſet - - - - - - - -	ſer
35	36	conſtitituida - - - -	conſtituida
38	41	convinha - - - - - -	convinhaõ
39	17	Poeta. - - - - - - -	Poeta
42	9	lhe - - - - - - - - -	lhes
57	15	tornarmos , - - - - - -	tornarmos.
58	27	contamentos - - - -	contentamentos
66	13	Deſpertar - - - - - -	Deſprezar
82	37	*Iette* - - - - - - - - -	*Jette*
131	18	Genoroſo - - - - - -	Generoſo
132	14	vez - - - - - - - - -	vês
139	39	ellaboratorio - - - -	elaboratorio
143	2	Encida - - - - - - -	Eneida
146	17	Aquillo - - - - - - -	Aquilo
189	4	*e nubiloſi* - - - - - -	*e i nubiloſi*
190	37	ar ſeguintes - - - -	as ſeguintes
205	39	*oh alma , ſoccego* - - -	*alma , o ſocego*
211	ultim.	ſenaõ - - - - - - -	ſe naõ
234	25	(20) - - - - - - - - -	(10)
256	21	Scytha - - - - - - -	Scythia
306	38	*Huma* - - - - - - -	*Hũa*
321	17	hira - - - - - - - - -	irá
330	20	As mudanças - - - -	A's mudanças
Ibid.	23	do titulo - - - - - -	o titulo
336	20	Italaina - - - - - - -	Italiana
340	40	Detyrambos - - - -	Dythyrambos
353	6	*e luchan* - - - - - -	*y luchan*
Ibid.	7	*Cança mi* - - - - - -	*Cança yà mi*
379	7	Tanaes - - - - - - -	Tânais

Todos os mais erros e faltas de ponctuaçaõ , e de accentos , poderaõ ſer facilmente ſuppridos pelo Leitor.